



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

MANUEL PEDRO FIALHO FERREIRA CHAVES

Volume I

VIDA E OBRA DO ARQUITECTO

JORGE FERREIRA CHAVES (1920-1981)

CRONOLOGIA

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITECTURA

Orientador Científico: Prof.^a Doutora **MADALENA CUNHA MATOS**

Co-orientador: Prof.^a Doutora **MARIETA DÁ MESQUITA**

Presidente do Júri: Prof. Doutor **JOSÉ AGUIAR**

Arguente: Prof. Doutor **MICHEL TOUSSAINT ALVES PEREIRA**

Arguente: Prof. Doutor **FRANCISCO DA SILVA DIAS**

Lisboa, FAUTL, Fevereiro, 2012

CAPA: MAQUETE DO PROJECTO DO CASINO DE SAGRES. 1962.

Título da dissertação: **Vida e Obra do Arquitecto Jorge Ferreira Chaves (1920-1981): Cronologia**

Autor: Manuel Pedro Fialho Ferreira Chaves

Orientador científico: Prof.^a Doutora Madalena Cunha Matos

Co-orientador: Prof.^a Doutora Marieta Dá Mesquita

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, FAUTL, Fevereiro, 2012

Resumo

Visa o presente trabalho documentar o percurso profissional de Jorge Ferreira Chaves, um arquitecto português, activo profissionalmente entre 1941 e 1981, cuja obra está escassamente publicada e estudada, tanto quanto, na opinião de alguns críticos e historiadores, o seu conhecimento é fundamental. Propõe-se investigar e expôr o seu percurso académico, o seu contexto familiar e as suas actividades de âmbito associativo e cívico a que esteve ligado, para que, numa aproximação ao seu modo de pensar e agir, se possa melhor analisar e enquadrar os resultados da sua actividade como projectista.

Pode encontrar-se no conteúdo desta monografia uma revisão crítica da bibliografia existente sobre a sua vida e as suas obras.

Frequentou a EBAL, onde, simultâneamente com uma postura crítica em relação à pedagogia vigente, atingiu excelentes resultados escolares.

Em associações como a ICAT (Iniciativas Culturais Artísticas e Técnicas) ou o Sindicato Nacional dos Arquitectos, onde iniciou actividade antes da sua admissão oficial e a cujos corpos gerentes pertenceu, contribuiu activamente na elevação do grau de exigência na relação entre os arquitectos e o regime e também dos arquitectos para com o próprio sindicato, com vista à dignificação da profissão. Assinando várias representações, apoiou iniciativas cívicas, que contestaram o poder do Estado Novo.

Para além do seu contributo a montante, nos acontecimentos que criaram condições para a fixação do Movimento Moderno em Portugal, constata-se que sua contribuição, na vanguarda do fenómeno identificado como *revisão crítica do Movimento Moderno*, nas várias vertentes, é o aspecto de maior relevância na sua obra. Na transição entre estes dois momentos e a par com a obra produzida em nome próprio, foi a figura central de um acontecimento importante - a concretização do projecto do Hotel Ritz de Lisboa, no atelier de Porfírio Pardal Monteiro.

Através da história da vida e da extensa obra de Jorge Ferreira Chaves, é possível ler a história dos acontecimentos mais relevantes da Arquitectura Portuguesa nas décadas centrais do século passado.

Palavras-chave

JORGE FERREIRA CHAVES;

ARQUITECTURA MODERNA;

REVISÃO CRÍTICA MOVIMENTO MODERNO;

ORGANICISMO;

EXPRESSIONISMO;

REGIONALISMO CRÍTICO

Title: **Life and Work of Architect Jorge Ferreira Chaves (1920-1981): Chronology**

Author: Manuel Pedro Fialho Ferreira Chaves

Scientific supervisor: Prof.^a Doutora Madalena Cunha Matos

Co-supervisor: Prof.^a Doutora Marieta Dá Mesquita

Mestrado Integrado em Arquitectura

Lisboa, FAUTL, Fevereiro, 2012

Abstract

This study aims at documenting the career of Jorge Ferreira Chaves, a Portuguese architect professionally active between 1941 and 1981, whose work has been barely published and studied, although, in the opinion of some critics and historians, his is a key *opus* in the history of Portugal modern architecture. It investigates and exposes his academic record, his family background and the civic/associative activities to which he was connected, so that, in such an approach to his way of thinking and acting, we can better analyze and understand the results of his activity as an architect.

A critical review of the existing bibliography about his life and his works can be found in the content of this monograph

He obtained the architecture degree at the Lisbon School of Fine Arts, where, simultaneously with a critical attitude towards the existing pedagogy, he has reached excellent results.

In associations such as the ICAT or the National Architects Trade Union (SNA), where he started activity prior to his official acceptance as a member, and in whose management core he was a member, he contributed actively to raise the level of exigency of architects with the regime and also with the Trade Union itself, in order to achieve a higher level of dignity for the profession. By signing petitions, he supported several civic initiatives which challenged the regime.

In addition to his prior contribution to the events that created conditions for the establishment of the modern movement in Portugal, we notice that his central contribution, at the forefront of the phenomenon identified as the *critical revision of the modern movement*, is the most important aspect of his work. In the transition between these two historical moments, simultaneously with his own projects, he was a very important character in an event of great importance to this period, the design of the Lisbon Hotel Ritz, in the office of Porfírio Pardal Monteiro.

One can read the history of relevant events of Portuguese architecture in last century's central decades, through the history of the life and work of Jorge Ferreira Chaves.

Key-words

JORGE FERREIRA CHAVES;

MODERN ARCHITECTURE;

MODERN MOVEMENT CRITICAL REVISION;

ORGANICISM;

EXPRESSIONISM;

CRITICAL REGIONALISM

Agradecimentos

Dedico este trabalho, por motivos que são óbvios, ao meu pai, mas também às três pessoas que me são mais próximas, a Teresa Ferreira Chaves, a Paula Hespanha e a Clara Sofia Hespanha Ferreira Chaves, a quem agradeço a paciência e a inspiração.

Igualmente o dedico à Prof.^a Doutora Marieta Dá Mesquita, que desde o início acreditou neste projecto e que, muito lamento, não tenha chegado a conhecer o seu resultado final, o qual entendo como uma homenagem.

Agradeço à Prof.^a Doutora Madalena Cunha Matos por todo o interesse demonstrado e pela elevada competência e eficácia na orientação científica.

Também a todos aqueles que, ao longo destes anos, me dispensaram o seu tempo para conversar sobre o assunto desta dissertação e que, com o seu retorno, de algum modo me incentivaram a levar a cabo este trabalho; destes, um agradecimento especial aos que, também ao longo destes anos, me deram apoio em algumas tarefas práticas ou forneceram preciosas pistas:

Arq.^a Ana Isabel Moniz, Arq. Vitor Correia, Paula Hespanha, Marta Ferreira Chaves,
Arq. Marco Paulo Ferreira Chaves, Dr. João Guilherme Ferreira Chaves,
Prof. Doutor António Manuel Hespanha, Prof. Doutor Michel Toussaint, Dr.^a Joana Brites,
Arq. Ricardo Agarez, Matilde Lobo Nunes, Luis Pintassilgo, Arq.^a Leonor Venâncio,
Mariana Viegas, Arq. Paulo Florêncio Pedro, Arq. Pedro Sol, Arq. Nuno da Silva,
Arq. José Paulo Felício, Arq. Nuno Arenga, Arq. Rafael Barreiros Calado,
Arq.^a Maria da Conceição Barreiros Calado, Arq. Luis Serra, Arq. Miguel Veríssimo,
Arq. Gustavo Marcão, José Barahona, Rita Melo e Sá, Filipe Louraço,
Arq.^a Raquel Castanheira, Dr.^a Sofia Rodrigues, Dr. António Barrento, Dr. Pedro Ornelas,
Dr. Fernando Sá Fialho de Oliveira, Arq.^a Maria Clara Ribeiro Berger,
Ten. Cor. Eng.^o José Paulo Ribeiro Berger, Miguel Nuno Ferreira Chaves,
Prof. Doutor Carlos Lameiro (filho), Arq. Luís Trigueiros, Arq. Luis Patrício Costa,
Arq. Carlos Valles, Arq. João Palla Reinas Martins, Arq. Luis Freire,
Arq.^a Leonor Pereira, Arq. Tiago Oliveira, Arq. Filipe Coutinho, Arq. José Nuno Beirão,
Prof. Doutor Nuno Portas, Prof.^a Doutora Ana Vaz Milheiro, Prof.^a Doutora Dulce Loução,
Arq. Fernando Bagulho, Prof. Doutor João Vieira Caldas, Francisco Hipólito Raposo,
Prof. Doutor José Manuel Fernandes, Prof. Doutor Francisco Gentil Berger,
Arq.^a Teresa Nunes da Ponte.

Aos que se dispuseram a partilhar comigo as suas memórias e/ou o seu saber, e me deram o imenso prazer de os conhecer; em alguns casos, de os tornar a encontrar:

Arq. Francisco Castro Rodrigues, Arq. Eduardo Goulartt de Medeiros, Arq. Jorge de Herédia;
Prof. Doutor Francisco Silva Dias, Arq. Manuel Alzina de Menezes,
Doutor Arq. Nuno Teotónio Pereira, Arq. Carlos Manuel Oliveira Ramos,
Arq. António Pinto de Freitas e Ana de Freitas, Prof. Doutor Amâncio Miranda Guedes,
Arq. Fernando Rafael Máximo Miranda, Prof. Doutor Manuel Tainha, Mestre Vasco de Lucena,
Arq. João Vasconcelos Esteves, Prof. Doutor Daciano Costa, Arq. Duarte Nuno Simões,
Mestre Querubim Lapa, Helen Petersen Silva, Joana Sá Reis, Isabel Mateus, Isabel Oliveira Santos, Arq. João Navas Cândido, Joaquim Moita Brites, Maria José Chaves da Costa Dias, Dr. Luis Augusto Chaves da Costa Dias, Dr.^a Maria Antónia Ferreira Chaves da Fonte Baptista, Dr. Hugo Silva, Dr. Manuel Mozos (ANIM - Arquivo Nacional de Imagens em Movimento).

Aos coordenadores e colaboradores dos arquivos e bibliotecas onde efectuei pesquisa, cujo profissionalismo reconheço:

Dr.^a Fátima Coelho e Isabel Canário (Biblioteca da SRS da Ordem dos Arquitectos);
Dr.^a Eugénia Ribeiro da Costa e Arq.^a Teresa Deus Ferreira (Arquivo do Forte de Sacavém);
Dr. Zacarias Dias e sua equipa (Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos);
Dr.^a Ana Margarida Martins (Biblioteca da Casa da Cerca);
Patrícia Carmelo e equipa da Secretaria da Escola Secundária de Pedro Nunes;
Madalena Ferreira Carlos e equipa dos Serviços Académicos da FAUTL;
Susana Cardoso (Arquivo Intermédio da CML);
Nelson Tavares (arquivista da Ordem dos Arquitectos Portugueses);
Maria de Lurdes Simões (Biblioteca do Exército);
Maria Luisa Sousa Machado (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra);
Dr.^a Isabel Nunes, Dr.^a Teresa Sabido (FBAUL - Museu Virtual da Academia de Belas Artes);
Arquivo Nacional Torre do Tombo;
Biblioteca Nacional;
Wikipédia.

Agradeço ainda à Direcção da FAUTL, ao Conselho Directivo da Ordem dos Arquitectos Portugueses e à Direcção da Escola Secundária de Pedro Nunes por me facultarem o acesso aos respectivos arquivos.

Nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida ou distribuída por qualquer meio, incluindo a fotocópia ou a cópia digital, sem autorização escrita do seu autor.

Índice geral

Resumo	III
Palavras-chave	III
Abstract.....	IV
Key-words.....	IV
Agradecimentos.....	V
Índice geral	VII
Índice de imagens.....	X
Lista de abreviaturas	XIII
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Objecto do trabalho	1
1.2. Enquadramento do tema.....	3
1.3. Estrutura da organização do documento.....	3
1.4. Objectivos; justificação do tema.....	4
1.4.1. Relação do autor com o objecto de estudo.....	6
1.4.2. Antecedentes.....	7
1.5. Metodologia.....	9
2. ESTADO DA ARTE.....	13
2.1. Em publicações.....	14
2.1.1. No seu tempo	14
Na imprensa da especialidade	14
Na imprensa fora da especialidade	16
Na imprensa internacional.....	17
2.1.2. Após 1993	17

Na imprensa da especialidade	17
Na imprensa fora da especialidade	26
2.1.3. Na literatura	27
2.2. Em arquivos.....	28
2.3. Em trabalhos académicos.....	28
2.3.1. Em projectos de investigação em curso.....	29
3. PERCURSO ACADÉMICO E CONTEXTO FAMILIAR.....	31
3.1. Infância e juventude: período escolar pré-académico	31
3.2. Preparação para o exame de admissão à Escola de Belas Artes de Lisboa.....	38
3.3. Ingresso na Escola de Belas Artes de Lisboa: Curso Especial de Arquitectura	39
3.4. Interrupção do curso durante a Segunda Guerra Mundial. Serviço militar	44
3.5. Reingresso na EBAL. Curso Superior de Arquitectura.....	46
3.6. Frequência do Curso Especial de Escultura.....	59
3.7. Actividades desportivas.....	60
3.8. Dados sobre a vida pessoal de Jorge Ferreira Chaves, após 1940.....	60
4. ACTIVIDADES DE ÂMBITO ASSOCIATIVO E CÍVICO.....	63
4.1. <i>Jornal Horizonte</i>	63
4.2. Sociedade Nacional de Belas Artes	64
4.3. Participação nas Exposições Gerais de Artes Plásticas (EGAP)	65
4.4. Grupo ICAT e revista <i>Arquitectura</i>	66
4.5. Viagem ao Porto. Encontro Nacional de Arquitectos.....	69
4.6. Carta de arquitectos de Lisboa endereçada a Artur Andrade.....	71
4.6.1. Interferência de serviços do estado, sobre projectos de Jorge Ferreira Chaves.....	72
Caso do projecto para um edifício na R. Braancamp em Lisboa	72
Caso do projecto para a Agência da CGD de Serpa.....	73
4.7. “Concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio”	75
4.8. Participação no I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948	75
4.9. III Congresso da União Internacional dos Arquitectos (UIA) em Lisboa, 1953	77
4.10. Petição “Artistas Plásticos Portugueses”	78
4.11. Actividade no Sindicato Nacional dos Arquitectos.....	79
4.11.1. Assembleia Geral do SNA, comissões e grupos de trabalho.....	80
4.11.2. Cargos exercidos nos Corpos Gerentes do SNA.....	87
4.12. Apoio a acções políticas; consequências na sua actividade profissional	88
4.12.1. Quatro representações que subscreveu	88
4.12.2. Informações nos boletins do processo pessoal de JFC na PIDE	91
4.12.3. Caso do projecto da Agência da Caixa Geral de Depósitos de Cascais	91
5. ACTIVIDADE PROFISSIONAL	93
5.1. Nota introdutória	93
5.2. Os ateliers e os projectos	95

5.2.1.	Actividade profissional enquanto estudante e até ao CODA	95
5.2.2.	CODA - Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto em 1953.....	105
5.2.3.	Colaboração com Porfírio Pardal Monteiro, Hotel Ritz	107
5.2.4.	Actividade como profissional liberal após 1953	125
5.2.5.	Actividade na DGEMN do Ministério das Obras Públicas e na empresa Tregar...	133
5.3.	Algumas obras de Jorge Ferreira Chaves e os textos da crítica.....	135
6.	CONCLUSÃO	149
7.	BIBLIOGRAFIA.....	151
7.1.	Documentos impressos	151
7.2.	Websites	160
7.3.	Documentos manuscritos e dactiloscritos inéditos	163
7.3.1.	Correspondência particular e profissional de Jorge Ferreira Chaves.....	163
7.3.2.	Agenda Profissional de Jorge Ferreira Chaves	164
7.3.3.	Documentos de identificação de Jorge Ferreira Chaves	164
7.3.4.	Processos da PIDE – processos de Jorge Ferreira Chaves.....	164
7.3.5.	Arquivo do Sindicato Nacional dos Arquitectos	164
	Livros de registos do SNA	164
	Processos de sócios do Sindicato Nacional dos Arquitectos.....	164
	Correspondência relativa ao concurso para a sede da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné	165
7.3.6.	Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos	165
	Caso da CGD de Serpa.....	165
	Caso da CGD de Cascais	166
7.3.7.	Processos camarários relativos a projectos.....	166
7.3.8.	Processos de alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa	166
7.3.9.	Cadastro de alunos Liceu Normal de Pedro Nunes.....	166

Índice de imagens

- Fig. 1 Arquivo Jorge Ferreira Chaves A) Vivendas projectadas por Raúl Pires Ferreira Chaves, em construção com o “Sistema e material MURUS” B) Exemplo de edifício construído com o “Sistema e material MURUS” C) Raúl Pires Ferreira Chaves em assistência a uma obra D) Maquete em tamanho natural de um dos blocos do “Sistema e material MURUS”. 31
- Fig. 2 Aula de *Desenho de figura do antigo, cabeça e torso* (3ª cadeira, I parte) na EBAL, em 1935/1936. JFC está ao centro da imagem. Arquivo JFC. 40
- Fig. 3 Jorge Ferreira Chaves; trabalhos de desenho; ano lectivo de 1938/1939: A) *Desenho de figura do antigo* (3ª cadeira, II parte), *Estátua*. B) *Desenho de modelo vivo* (3ª cadeira, III parte). Arquivo JFC. 41
- Fig. 4 Jorge Ferreira Chaves; EBAL: trabalhos de *Estilização, composição ornamental*. Ano lectivo de 1939/1940. Arquivo JFC. 44
- Fig. 5 Jorge Ferreira Chaves em S. Miguel durante a mobilização como expedicionário, em 1942/1944: A) Em campanha. B) Envergando o uniforme de enfermeiro. Arquivo JFC. 45
- Fig. 6 No pátio da EBAL em 1948 (data estimada). Da esquerda para a direita: Frederico George, Nuno Teotónio Pereira, Francisco Conceição Silva, Luís Cristino da Silva, Cândido Palma de Melo, Luís Mateus Júnior, Luís Coelho Borges e JFC. Arquivo JFC. 47
- Fig. 7 A) Na sala de aula. B) No pátio da EBAL. C) No pátio da EBAL. Arquivo JFC. 48
- Fig. 8 Cacilhas 31 de Julho de 1945. Comemorando a finalização do Curso Especial de Arquitectura [Doc. A 10] [Fig. A 9]. 48
- Fig. 9 A) Trabalho de *Composição de Arquitectura*; a imagem é um pormenor da foto da Fig. 9 B. Tratamento digital Manuel Pedro Ferreira Chaves. B) 1945. JFC na sala de sua casa. Nas paredes estão expostos trabalhos realizados na EBAL. Arquivo JFC. 52
- Fig. 10 JFC, 1946. Observatório astronómico na Serra da Estrela. Trabalho de *Composição de Arquitectura*. Arquivo JFC. 53
- Fig. 11 JFC: trabalhos da cadeira de *Anatomia*. Ano lectivo de 1946/1947. Arquivo JFC. 59
- Fig. 12 A) Trabalho da cadeira de *Escultura*: busto de João Salomão. B) JFC com um grupo de colegas do Curso de Escultura no ano lectivo de 1946/1947. Da direita para a esquerda: JFC, Margarida Schimnelpfennig e não identificados. Arquivo JFC. 59
- Fig. 13 A) Doca de Sto. Amaro, em Alcântara onde JFC praticou remo, na Associação Naval de Lisboa. B) Luis Coelho Borges e JFC durante um jogo de futebol. Arquivo JFC. 60
- Fig. 14 Trabalho de JFC exposto na primeira edição das EGAP, em 1946. Projecto para um pavilhão de exposições na Guiné Portuguesa. Arquivo JFC. 65

- Fig. 15 Fotografia do grupo de arquitectos reunidos no Porto em Agosto de 1947. JFC é o quinto, a contar da direita, dos que estão sentados na fila da frente. Arquivo JFC. 70
- Fig. 16 Projectos de JFC para a R. Braancamp em Lisboa. Ambos indeferidos pela CML. A) 1ª versão. B) 2ª versão. Arquivo JFC. 73
- Fig. 17 Agência da CGD de Serpa: A) Projecto de JFC; alçado principal. Arquivo Histórico da CGD. B) Estado actual; Fachada lateral. Foto Gustavo Marcão. 74
- Fig. 18 JFC em uma das sessões do Congresso Nacional de Arquitectura em 1948. Atrás de Francisco Keil do Amaral (de pé, ao centro da imagem), imediatamente à esquerda deste (Magalhães, 1989, p. 74.). 76
- Fig. 19 JFC no seu atelier, no final dos anos 60. Victor Sousa Figueiredo (à esq.) Mário Xavier Antunes (à dir) e desenhadores. Arquivo JFC. 93
- Fig. 20 Pastelaria Mexicana: dois dos objectos concebidos por JFC: A) Lavatório em pedra. 1993. Foto MPFC. B) Coluna escultórica. Anos 60. Foto António Santos Almeida. 94
- Fig. 21 A) JFC no seu primeiro atelier. Nas paredes: estudos para o Pavilhão de exposições na Guiné, depósitos de água e fábrica Cibra. Arquivo JFC. B) Um projecto dessa época: abrigo secundário da estação ferroviária de Caxias. Arquivo JFC. 98
- Fig. 22 Projecto para a Estação de Tratamento de Águas de Luanda. Perspectiva (pormenor). Arquivo JFC. 99
- Fig. 23 A) Edifício dos Laboratórios Cannobio, na R. Damasceno Monteiro em Lisboa. Foto MPFC, 1995. B) Maquete de uma das versões do projecto para a R. Braancamp de Lisboa. Arquivo JFC. 100
- Fig. 24 Câmara de Comércio de Bissau: 1ª versão. 1º lugar em concurso. Arquivo JFC. 101
- Fig. 25 Três projectos de JFC e Álvaro Petersen: A) Imóvel habitacional em V. Franca de Xira. B) Fábrica de discos Ibéria. C) Imóvel habitacional em Castelo Branco. Arquivo JFC. 102
- Fig. 26 Câmara de Comércio de Bissau: 2ª versão. Versão apresentada no CODA, a qual veio a ser construída. Arquivo JFC. 106
- Fig. 27 JFC com Anselmo Fernandez Rodriguez no atelier de Porfírio Pardal Monteiro, no Chiado. 1952 ou 1953 (data estimada). Arquivo JFC. 107
- Fig. 28 JFC no atelier de Porfírio Pardal Monteiro, trabalhando na execução de uma perspectiva. Arquivo JFC. 108
- Fig. 29 Perspectiva do edifício Sorel de Porfírio Pardal Monteiro. Desenho provavelmente executado por JFC. Imagem publicada no livro *Pardal Monteiro* (Tostões; Vieira, 2009, p. 170). 109
- Fig. 30 JFC (à direita) durante uma das visitas à obra do Hotel Ritz. A 5ª pessoa, a contar da direita, é Manuel Queirós Pereira. Arquivo JFC. 110
- Fig. 31 Jorge Ferreira Chaves com Porfírio Pardal Monteiro durante uma das viagens que realizaram. Arquivo JFC. 112
- Fig. 32 No atelier de obra do Hotel Ritz. Arquivo JFC. A) Da esquerda para a direita: Carlos Duarte, Mário Xavier Antunes, Eduardo Goulartt de Medeiros e JFC. B) JFC dentro do atelier. 114
- Fig. 33 Câmara de Comércio de Bissau. Arquivo JFC. 118
- Fig. 34 Câmara de Comércio de Bissau. Interiores: A) B) Mobiliário em acordo ao projecto de 1953. Arquivo JFC. C) Idem. Arquivo Científico Tropical Digital Repository (ACTD). D) Idem. ACTD. E) 118

Perspectiva incluída no projecto de 1953. AJFC. F) G) Mobiliário introduzido por Luís Possolo [ver também fotografia do Doc. A 45]. Arquivo JFC.	120
Fig. 35 A) Interior da loja Palissy Galvani no Chiado, em Lisboa. Foto Marta Ferreira Chaves, 1995. B) Moradia Luiz Costa Dias em Albarraque. Arquivo JFC.	125
Fig. 36 Hotel Garbe: Perspectiva. Arquivo JFC.	126
Fig. 37 Hotel Garbe: A) Maquete da fase de Esboceto. Arquivo JFC. B) Posto de abastecimento de combustível. Arquivo JFC.	127
Fig. 38 Estalagem 4 estradas. Perspectiva do salão. Arquivo JFC. B) Vista do exterior. Foto MPFC, 2009.	128
Fig. 39 A) Imóvel Habitacional da R. da Ilha do Príncipe. Foto (1995) e tratamento digital MPFC. B) Imóvel Habitacional da R. da Penha de França. Lisboa. Perspectiva da fase de Esboceto. Arquivo JFC.	128
Fig. 40 A) Hotel do Vau, na Praia do Vau. Maquete. Arquivo JFC. B) Hotel Globo, em Portimão. Foto MPFC, 2009.	129
Fig. 41 Imóveis habitacionais em Olivais Sul: A) Lote 19. Arquivo JFC. B) Lote 20. Foto MPFC (2006).	130
Fig. 42 A) Quinta das Palmeiras, Lisboa: Hotel. Maquete. Arquivo JFC. B) Imóvel Habitacional na Av. Gago Coutinho, Lisboa. Maquete. Foto José Manuel Costa Alves. Arquivo JFC. C) Urbanização Ribasor, Benavente. Maquete. Arquivo JFC. D) Hotel de S. João, Funchal. Maquete. Arquivo JFC. E) Hotel Garbe: ampliação. Maquete. Arquivo JFC. F) Hotel da Baleeira: Ampliação. Foto Marta Ferreira Chaves (2005).	132
Fig. 43 Estudo de Ampliação da Pousada de S. Bento da Caniçada. Planta. Arquivo SIPA.	134
Fig. 44 Imóvel habitacional na R. da Penha de França. Corpo de lojas. Arquivo Fotográfico de Lisboa.	136
Fig. 45 Projectos de JFC, dos anos 50: A) e B) Moradia Eduardo Costa Dias, em Almoçageme. C) Casa de Repouso dos Alfaiates, em Albarraque. D) Câmara de Comércio de Bissau. E) Loja Palissy Galvani, no Chiado, em Lisboa. Arquivo JFC.	136
Fig. 46 Pastelaria Mexicana. Foto António Santos Almeida (anos 60).	137
Fig. 47 Perspectiva da agência da CGD de S. Pedro do Sul. Desenho de JFC. Arquivo JFC.	139
Fig. 48 Agência da CGD de S. Pedro do Sul, nos anos 60. Arquivo JFC.	141
Fig. 49 Hotel da Baleeira em Sagres: A) Pormenor da zona de entrada do hotel. B) Ala poente. Durante a obra. C) Maquete. Arquivo JFC.	143
Fig. 50 Hotel Garbe: A) Zona da entrada principal. B) Um dos alçados sobre a rua. Arquivo JFC.	144
Fig. 51 Hotel Garbe: A) Vista de Nascente. B) Entrada do hotel. Tratamento digital MPFC. C) Salão. Arquivo JFC.	147
Fig. 52 Casino de Sagres. Maquete. Arquivo JFC.	148

Lista de abreviaturas

ACIAG - Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné
CGD - Caixa Geral de Depósitos
CIAM - Congrès International d' Architecture Moderne
CML - Câmara Municipal de Lisboa
CODA - Curso para Obtenção do Diploma de Arquitecto
DGEMN - Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DOCOMOMO - Documentation and Conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the Modern Movement
EBAL - Escola de Belas-Artes de Lisboa
EBAP - Escola de Belas-Artes do Porto
EGAP - Exposição Geral de Artes Plásticas
ESBAL - Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
FAUTL - Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
FBAUL - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
FCG - Fundação Calouste Gulbenkian
GTH - Gabinete Técnico de Habitação da CML
ICAT - Iniciativas Culturais Arte e Técnica
IST - Instituto Superior Técnico
JFC - Jorge Ferreira Chaves
MC - Ministério das Corporações
MEN - Ministério da Educação Nacional
MOP - Ministério das Obras Públicas
MPFC – Manuel Pedro Ferreira Chaves
MUD - Movimento de Unidade Democrática
OA - Ordem dos Arquitectos Portugueses
ODAM - Organização dos Arquitectos Modernos
PIDE - Polícia Internacional de Defesa do Estado
SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local
SCML - Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
SNA - Sindicato Nacional dos Arquitectos
SNBA - Sociedade Nacional de Belas-Artes
SNI - Secretariado Nacional de Informação
SODIM - Sociedade de Investimentos Imobiliários
SPN - Secretariado de Propaganda Nacional

UIA - União Internacional dos Arquitectos (Union Internationale des Architectes)

1. INTRODUÇÃO

1.1. Objecto do trabalho

O presente trabalho propõe-se estudar a vida e obra de **Jorge Ferreira Chaves** (1920-1981), um arquitecto português activo profissionalmente entre 1941 e 1981.

Este arquitecto realizou, em atelier próprio desde 1946, várias dezenas de projectos, para Portugal continental, Madeira, Guiné e Angola, dos quais se destacam: a Pastelaria Mexicana, a loja Palissi Galvani, o edifício dos antigos Laboratórios Cannobio, edifícios de habitação em Olivais Sul, na R. Ilha do Príncipe, e na R. da Penha de França e o Hotel Florida, em Lisboa, o Hotel Garbe, Hotel da Baleeira e Hotel Globo, no Algarve, a Câmara de Comércio de Bissau, as agências da CGD de S. Pedro do Sul e de Serpa e também alguns projectos não construídos, como o Casino de Sagres, o Hotel do Vau, algumas moradias e edifícios de habitação colectiva.

Também exerceu a profissão nos ateliers de arquitectura de Joaquim Ferreira, de Miguel Jacobetty Rosa e de Porfírio Pardal Monteiro, de quem foi o principal colaborador no projecto do Hotel Ritz.

Colaborou ainda, pontualmente, com Filipe Nobre de Figueiredo, Eduardo Read Teixeira e Alberto Soeiro no atelier de Carlos Ramos.

Alguns dos seus principais projectos contêm obras plásticas conceptualmente integradas, parte das quais de sua autoria. Convidou a intervir nas suas obras os artistas Jorge Vieira, José Escada, Martins Correia, Paulo Guilherme d'Eça Leal, Sena da Silva, Hein Semke, Querubim Lapa, Mário Costa, António Alfredo e João Câmara Leme.

Acompanharam-no durante a sua carreira, em alguns dos projectos de que foi autor, vários arquitectos, estagiários e estudantes de arquitectura: Luís Coelho Borges, José Francisco de Melo Raposo, Álvaro Valladas Petersen, Anselmo Fernandez Rodriguez, Eduardo Goulard Medeiros, Artur Pires Martins, Cândido Palma de Melo e ainda Fernando Sá Reis, Jorge de Herédia, Mário Xavier Antunes, Frederico Sant'ana, Marco Paulo Ferreira Chaves e Vítor Sousa Figueiredo.

Actua ainda à escala do urbanismo e tem também um papel relevante no desenvolvimento do Design em Portugal. Para equipamento das suas obras, Jorge Ferreira Chaves projecta quase sempre mobiliário original. Em alternativa escolhe, principalmente, objectos de designers portugueses, produzidos na indústria nacional; são exemplos a experiência (a única registada) de instalação dos "Blocos Pronto" (bungalows pré-fabricados) de Eduardo Anahory na ampliação do Hotel da Meia Praia ou a escolha de cadeiras de José Espinho para a Pastelaria Mexicana.

A produção teórica deste arquitecto encontra-se, sobretudo, na correspondência e memórias descritivas dos projectos, subliminarmente carregadas com o ideário do Movimento Moderno.

Deu resposta projectual a vários programas pouco experimentados, como os primeiros hotéis modernos do país ou os seus edifícios da "Ibéria" e dos "Laboratórios Cannóbio" que foram, respectivamente, uma das duas primeiras fábricas, em Portugal, de discos de vinil¹ e a primeira de medicamentos em comprimido.

Contestou, sistematicamente, o sistema de ensino da arquitectura na EBAL - que frequentou não continuamente entre 1935 e 1953 - e integrou um grupo de trabalho do Sindicato Nacional dos Arquitectos, encarregue de elaborar um projecto para a sua reforma, em 1959.

Foi um membro muito activo do SNA. Integrou várias comissões de trabalho, tendo iniciado actividade nesse âmbito antes mesmo da sua admissão oficial em 1953. Foi assíduo e participativo nas sessões da Assembleia Geral, especialmente durante a década de 50 e princípio de 60. De 1960 a 1965 pertenceu aos Corpos Gerentes.

Apoiou várias iniciativas que contestaram o poder do Estado Novo.

Exerceu ainda actividade profissional na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Ministério das Obras Públicas entre 1978 e 1981.

Faleceu em 22 de Agosto de 1981, em Lisboa.

Esta dissertação elenca e analisa ordenadamente os tópicos da vida e obra deste arquitecto, cujo resumo foi acima enunciado.

¹ Segundo o historiador Hugo Silva, a primeira foi a Fábrica de Discos Rádio-Triunfo, no Porto, fundada em 1947. (Depoimento em 2011).

1.2. Enquadramento do tema

O tema enquadra-se na problemática geral do estudo da arte e arquitectura no século XX e, em particular, no contexto português. Isso envolve aspectos como o próprio ensino da arquitectura ou o estudo sobre os movimentos associativos que estão na base de acontecimentos relacionados com a problemática referida.

Segundo Michel Toussaint, Jorge Ferreira Chaves é um dos “arquitectos surgidos na segunda metade dos anos 40, responsáveis pela fixação do Movimento Moderno em Portugal”.² Segundo o mesmo e outros autores, a sua obra compreende aspectos relacionados com expressionismo, organicismo e regionalismo crítico, o que o situa dentro da problemática particular da revisão do movimento moderno em Portugal.

1.3. Estrutura da organização do documento

O **volume I** do presente trabalho é constituído por:

- **introdução** em que são focados aspectos relacionados com objectivos, justificação e enquadramento do tema; relação do autor com o objecto de estudo; antecedentes e metodologia adoptada;
- um capítulo dedicado ao **estado da arte**, em que se analisam e discutem os documentos que se consideram relevantes para o estudo do tema escolhido;
- o **desenvolvimento**. Este está organizado, por uma questão de sistematização e de encadeamento dos acontecimentos sobre os quais versa, em três capítulos. Cada um destes incide em diferentes vertentes da actividade de Jorge Ferreira Chaves; a saber: Percurso académico e contexto familiar; Actividades de âmbito associativo e cívico; Actividade profissional;³
- **bibliografia** citada. Incluindo documentos inéditos e websites;
- **conclusão**;

O **volume II** contém informação complementar como:

- excertos de textos de crítica sobre o trabalho do arquitecto;

² TOUSSAINT, 1994, p. 20.

³ A temática associada a cada um está organizada cronologicamente sempre que isso é possível. Esta divisão não corresponde a fases que se sucedem cronologicamente, existindo por vezes, sobreposições temporais entre acontecimentos descritos nos diferentes capítulos. Estabelecer relações entre eles ficará por conta do leitor embora, por vezes, algumas sejam explicitadas.

- listagem exaustiva de bibliografia específica onde ocorre menção ao arquitecto ou às suas obras, com várias entradas que, por não serem citadas no corpo da dissertação, não figuram na bibliografia do volume I;
- fotobiografia de Jorge Ferreira Chaves;
- conjunto de notas biográficas de personalidades referidas no desenvolvimento da monografia;
- lista dos resultados académicos de Jorge Ferreira Chaves, os seus professores da EBAL e excertos de textos sobre o ensino das belas artes em Portugal;
- levantamento das intervenções, registadas em acta, de Jorge Ferreira Chaves na Assembleia Geral do SNA e outros registos da relação do arquitecto com o sindicato;
- lista de viagens efectuadas pelo arquitecto;
- tabela cronológica com registos do período académico de Jorge Ferreira Chaves, dos seus colaboradores e dos arquitectos com quem colaborou;
- lista ilustrada de projectos e obras do arquitecto, com informação de datas, colaborações e dono de obra inicial;
- catálogo de obras plásticas integradas nos projectos do arquitecto;
- caderno com documentos *fac-simile* usados como fonte no desenvolvimento da monografia.

1.4. Objectivos; justificação do tema

“(…) só as inesperadas emergências do recalcado (afinal, o que outrora foi conhecido) põem em causa a textura criada pela retrospectiva (...)”⁴

O objectivo desta dissertação é assinalar a existência de um arquitecto português cuja obra está escassamente publicada e estudada, com a convicção de ser este um contributo importante para História do tempo em que viveu.

A importância de Jorge Ferreira Chaves na História da Arquitectura Portuguesa, na opinião de alguns críticos e historiadores, está sugestivamente documentada em textos a que faremos referência no capítulo “Estado da Arte” e ao longo do desenvolvimento da dissertação, nomeadamente na secção “Algumas obras de Jorge Ferreira Chaves e os textos da crítica”. A *vida e obra*, contudo, nunca foi compilada de modo a poder fazer-se uma avaliação da sua relevância⁵ através de uma leitura extensiva.

⁴ CATROGA, 2009, p. 25.

⁵ Nuno Teotónio Pereira declarou lamentar “com amargura” não poder contribuir com detalhes, por a sua memória já não o permitir, mas afirma lembra-se o suficiente para afirmar que a obra de Jorge Ferreira Chaves não pode ficar apagada da história da arquitectura portuguesa e julga ser da maior pertinência a realização do presente trabalho. (Conversa telefónica entre Nuno Teotónio Pereira e o autor desta dissertação, em 23 de Novembro de 2011).

Será o que tentaremos fazer, conscientes de que na voragem da multiplicação de fontes que inevitavelmente se vão desvendando quando se investiga sistematicamente, alguns factos e leituras importantes se nos escaparão nesta primeira abordagem. Também “conscientes de que, hoje, o cientista não pode sustentar uma visão definitiva e simples do universo” e que “esta é cada vez mais assumida como parcial e provisória, e de fronteiras imprecisas e móveis”⁶. Cientes, portanto, de que abriremos o caminho para que posteriormente se possa pegar nas pontas soltas e, com outras “visões”, chegar mais longe estabelecendo mais intrincadas relações.⁷

Reiterando: não se pretenderá fazer a análise da sua obra, mas tão só tornar incontornáveis alguns aspectos do seu percurso pessoal e profissional; do seu modo de ver, pensar e fazer.

Jorge Ferreira Chaves, que doravante será abreviadamente designado por **JFC**, esteve afastado do ensino da arquitectura⁸ e também da divulgação da sua produção através de publicações. Absorvido por um trabalho muito pessoal, de intenso envolvimento nas obras e no atelier, como se pretenderá demonstrar, a contribuição que o seu trabalho deu para a cultura arquitectónica portuguesa, da sua e da nossa época, manifestou-se quase exclusivamente em obra construída. A sua documentação manteve-se na retaguarda do circuito, de acesso restrito, da tramitação processual inerente ao percurso administrativo a que estavam sujeitos os projectos de arquitectura (e no que teve de útil para o bom termo das obras) logo fora do alcance da maior parte dos colegas, críticos, estudantes de arquitectura e do grande público. Será também um objectivo fazer uma aproximação ao seu modo de pensar através da apresentação de alguns excertos significativos de textos extraídos da sua correspondência, memórias descritivas, agendas ou apontamentos e outros documentos que também o possam ilustrar, uma vez que, com excepção de um excerto da memória descritiva do projecto do Hotel Garbe, nunca foi publicado qualquer texto seu.

O autor desta dissertação, que se referirá a si, abreviadamente como **o autor**, pretende dar continuidade a um trabalho que vem a desenvolver desde 1993, apresentando agora resultados de um modo sistemático e fundamentado, produzindo um documento de consulta pública que possa constituir fonte bibliográfica para futuras referências ao tema em outros contextos, nomeadamente que seja um contributo inserido no desenvolvimento do projecto de investigação *“Coluna Polar: projecto de estudo e publicação da obra lisboeta do arquitecto*

⁶ CATROGA, 2005, p. 38.

⁷ Daciano Costa referiu ser extremamente importante que se estude a obra de Jorge Ferreira Chaves, e que isso seria tarefa para a “próxima geração de investigadores”. (Conversa telefónica com o autor desta dissertação, em 2004).

⁸ Embora o ensino da arquitectura fosse uma das suas preocupações, como veremos; tendo, por exemplo, participado em 1957 na definição do novo programa do curso da ESBAL.

Jorge Ferreira Chaves”, coordenado pela Professora Doutora Architecta Madalena Cunha Matos.⁹

Pretende-se também realizar um pré-inventário de projectos e obras realizadas que possa servir de base a um inventário inserido num futuro tratamento do arquivo de JFC que venha a ocorrer quando estiverem reunidas condições.

Far-se-á o enquadramento histórico na cultura arquitectónica nacional, procurando simultaneamente uma caracterização pessoal e profissional do Architecto em estudo, tentando retratá-lo no contexto da sua origem familiar, relacionamentos pessoais e profissionais e outros acontecimentos que possam ter sido referências marcantes na sua personalidade e na sua acção. E, porque a arquitectura poucas vezes é uma actividade solitária, procurar-se-á deixar algumas referências sobre aqueles que, ao longo da sua carreira, trabalharam com ele - arquitectos, arquitectos estagiários, estudantes de arquitectura, desenhadores, engenheiros e artistas plásticos.

1.4.1. Relação do autor com o objecto de estudo

Sendo filho¹⁰, o autor nunca interagiu profissionalmente com Jorge Ferreira Chaves devido à grande diferença etária (47 anos) e ao seu falecimento, precoce relativamente aos colegas da sua “geração”. Tendo, na sua companhia, frequentado algumas das suas obras como a Pastelaria Mexicana ou os hotéis do Algarve, possui algumas memórias; úteis para o efeito. Ao longo dos anos registou algumas opiniões, transmitidas por outros, sobre o architecto e sobre a pessoa, mantendo parte significativa do seu arquivo desde o fecho definitivo do atelier em 1981.

⁹ (MATOS, 2007, p. 4). No texto da proposta do projecto, é referido que a obra de JFC “encontra-se insuficientemente reportada na historiografia portuguesa da arquitectura e do design. A ausência até à data de um qualquer estudo monográfico publicado sobre a mesma contribui para o desconhecimento e propicia actos de menosprezo pela integridade dos projectos construídos. Também a identidade dos sítios - nomeadamente da cidade de Lisboa, e da região algarvia, por exemplo, fica diminuída pelo descaso de um dos maiores projectistas dos anos 40, 50 e 60.”

¹⁰ Não é inédita a existência de trabalhos desta índole realizados por descendentes dos arquitectos que são objecto de estudo. Referem-se aqueles de que temos conhecimento; são eles as dissertações de Mestrado sobre: Arte Nova em Portugal e a obra de Francisco Augusto da Silva Rocha, da autoria da sua bisneta Maria João Fernandes; sobre Victor Palla, de autoria de seu neto João Palla Reinas Martins; sobre Victor Palla e Bento de Almeida de autoria de Patrícia Bento de Almeida, neta deste último; sobre Porfírio Pardal Monteiro de autoria de sua sobrinha-neta Ana Isabel Arez de Magalhães; catálogo de exposição sobre Francisco da Conceição Silva organizado pelos dois filhos João Pedro e Francisco Manuel da Conceição Silva e, em produção, um livro sobre Porfírio Pardal Monteiro do sobrinho-neto João Pardal Monteiro.

Desenvolveu percurso escolar¹¹ e profissional¹² na área da Arquitectura, fazendo inicialmente, por uma questão de independência intelectual, um exercício de abstracção evitando o contacto com a obra em causa, criando o distanciamento que viria a ser necessário à persecução dos objectivos do presente trabalho.

Adquiriu, nesse percurso, um grau de compreensão do contexto em que se situa a obra em causa, através do estudo da arquitectura portuguesa no contexto da arquitectura internacional que a licenciatura e também a actividade profissional proporcionaram, simultaneamente constatando a quase inexistência, nas publicações estudadas, de referências à obra daquele arquitecto.

Não lhe teria, no entanto, sido possível uma total abstracção, também devido ao interesse demonstrado por alguns colegas e professores, críticos e historiadores que têm incentivado a levar a cabo este trabalho.

1.4.2. Antecedentes

No ano final da licenciatura, em 1993, propôs elaborar o trabalho final da disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, leccionada pela Professora Historiadora Marieta Dá Mesquita, sobre uma obra de Jorge Ferreira Chaves - a Pastelaria Mexicana.

Durante a fase inicial do desenvolvimento desse trabalho foi constatada a iminência da demolição total do objecto de estudo. O autor acabou por se ocupar do objecto de uma outra forma que foi chamar a atenção das entidades competentes nessa matéria e da opinião pública para essa iminência, tendo em conjunto com o arquitecto Michel Toussaint elaborado uma proposta para a sua Classificação como Imóvel de Interesse Público que deu entrada no IPPAR (actual IGESPAR).

Uma pesquisa, desenvolvida num curto espaço de tempo, sobre a Mexicana e os projectos de JFC, serviu de base ao texto, de autoria do arquitecto Michel Toussaint, de fundamentação da proposta de classificação. Esse texto sobre a Mexicana, que foi também publicado, como artigo, no *J-A Jornal Arquitectos* [Doc. A 89], saiu acompanhado de outro artigo intitulado “Projectos de autoria e colaboração de Jorge Ferreira Chaves” [Doc. A 90], com uma lista de obras de Jorge Ferreira Chaves elaborada pelo autor desta dissertação, que embora contivesse informação relevante ficou, pelo curtíssimo tempo disponível para investigação, muito incompleta, facto agravado por alguns erros na passagem à impressão (inclusivamente o artigo principal, de Michel Toussaint, saíu truncado na parte final).

¹¹ Primeiro no curso de Equipamento e Interiores da Escola Secundária António Arroio e subsequentemente no curso de Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (que concluiu em 1993).

¹² Em vários ateliers de arquitectura e por conta própria. Também uma passagem pelo ensino de Artes Visuais.

Completar esse trabalho será um dos objectivos desta dissertação, uma vez detectado que a referida lista tem sido usada como bibliografia em artigos da especialidade.

O ponto de partida para a elaboração dessa lista, foi um rascunho [Doc. A 1] de Jorge Ferreira Chaves para um seu Curriculum Vitae elaborado por ocasião da sua candidatura, em 1978, a uma vaga para arquitecto no Ministério das Obras Públicas. Dele constava uma relação dos projectos e obras que tinha de memória, sendo de referir que tal coincidiu com o rescaldo de uma sucessão de acidentes vasculares cerebrais que o afectaram alguns anos antes, além do facto de se encontrar impedido de aceder ao seu arquivo.

Este rascunho continha apenas menção a 28 projectos e obras, sem qualquer informação adicional, como indicação de datas.

“Projectos de autoria e colaboração do Arquitecto Jorge Chaves”, o artigo publicado pelo autor desta dissertação (com colaboração de Nuno da Silva), nas páginas 30 e 31 do *J-A Jornal Arquitectos* de Fevereiro de 1994, continha imagens de algumas obras e a referida lista que contemplava então 49 projectos e obras [Doc. A 90].

Em 2003, elaborou o texto da nota curricular do arquitecto Jorge Ferreira Chaves incluída no livro *Cadeiras Portuguesas Contemporâneas* das Edições Asa¹³, figurando o nome do autor na lista de agradecimentos. Forneceu também, para um guia de Arquitectura Moderna Portuguesa, da mesma editora, de que não chegou a ter notícia, uma lista de projectos que já contemplava 59 entradas.

Teve início em 2004, em conjunto com a Prof.^a Doutora Arquitecta Madalena Cunha Matos, um processo sistemático de observação e análise de projectos contidos no arquivo. A descoberta da obra motivou o surgimento do projecto de investigação, já referido, coordenado por esta Professora, cuja equipa integra o autor da presente dissertação, denominado ***Coluna Polar - projecto de estudo e publicação da obra lisboeta do arquitecto Jorge Ferreira Chaves***.

Este projecto, em curso desde 2008, apoiado pelo Instituto das Artes e Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, permitiu a passagem ao formato digital de uma quantidade significativa de desenhos. Ao projecto, o autor cedeu, inicialmente, um dossier contendo tópicos para uma biografia, uma lista de bibliografia específica e um documento ilustrado que incluía já 67 entradas relativas a projectos e obras.

Conseguiu então, até ao momento da redacção da proposta para esta dissertação, por diversas vias, (uma vez que o arquivo do atelier ficou incompleto na sequência de actos de

¹³ NEVES, 2003, p. 162.

vandalismo), apurar a existência de 81 projectos e determinar com mais ou menos rigor a sua datação. Estes números excluem os projectos de colaboração como assalariado de outros arquitectos bem como trabalhos realizados no âmbito do Curso de Arquitectura da EBAL.

Na referida proposta, o autor admitiu como hipótese, este número vir a crescer no decurso da pesquisa inerente a este trabalho; o que se verificou. O elenco de projectos realizados contém actualmente 91 entradas.

Em suma: o autor levou então a cabo, desde 1993, um levantamento e pesquisa sobre a vida e obra do arquitecto, cujo arquivo tem vindo a organizar, recuperar e conservar, proporcionando apoio a outros investigadores sobre o tema.¹⁴

Com vista à possibilidade do delinear de um percurso de carreira, tem procedido ao tratamento digital de iconografia e outros documentos, ao registo fotográfico da obra existente e à recolha de bibliografia específica, testemunhos de diversas individualidades e documentação dispersa.

1.5. Metodologia

Foi efectuado o pré-inventário de projectos e obras realizadas, buscando informação nos processos relativos aos projectos no arquivo de JFC, mas também investigando no arquivo referências a projectos de que já não conste o respectivo processo, em dossiers administrativos ou na agenda profissional de JFC.¹⁵

Foram visitadas 26 obras e realizados registos fotográficos das mesmas.

O tema foi contextualizado historicamente tendo por base fontes secundárias, coligindo dados pesquisados em bibliografia específica, onde ocorre referência ao tema, com dados pesquisados na bibliografia de enquadramento¹⁶.

Foi feita pesquisa de informação factual em fontes secundárias (bibliografia específica), e cruzada com informações recolhidas em fontes primárias como o arquivo do arquitecto e depoimentos pessoais¹⁷. A principal fonte foi a esposa de JFC, Teresa Ferreira Chaves¹⁸, que acompanhou de perto a sua actividade profissional¹⁹ e de quem tivemos oportunidade de

¹⁴ Neste âmbito publicou, em 2010 na Wikipédia e na Wikipédia Lusófona (sob o nome de código *Quiiiiz*), o verbete “Jorge Ferreira Chaves” bem como algumas páginas afluentes (verbetes contendo hiperligações para a página mencionada).

¹⁵ A existência de dois projectos, de que não existiam no arquivo quaisquer elementos, foi revelada pelos investigadores Joana Brites (historiadora) e Ricardo Agarez (arquitecto), que tinham deles conhecimento em resultado das suas investigações.

¹⁶ Listada na proposta para esta dissertação.

¹⁷ Alguns depoimentos haviam sido recolhidos anteriormente, mas a parte mais significativa foi recolhida durante a pesquisa inerente ao presente trabalho.

¹⁸ Maria Creelminda Teresa de Sá Fialho de Oliveira Ferreira Chaves (n. 1927). Mãe do autor do presente trabalho.

¹⁹ Teresa Ferreira Chaves tomou a seu cargo, durante os anos 70, alguns assuntos do atelier, tendo para esse efeito estudado alguns dos processos relativos a projectos de JFC.

recolher diversos depoimentos que forneceram preciosas pistas para a busca e interpretação de documentação encontrada nos vários arquivos pesquisados; sobretudo úteis para aceder a outras pistas.

Os restantes depoimentos foram recolhidos de individualidades que, também pela proximidade com o próprio objecto de estudo ou por terem veiculado reflexão sobre o mesmo ou sobre o contexto histórico em que este se insere, puderam proporcionar uma visão de suporte dos factos que são evidenciados na presente monografia.²⁰

Foram, no decurso do presente trabalho, consultadas as seguintes **bibliotecas e arquivos**²¹, onde se obteve bibliografia específica, documentação variada e iconografia complementar:

- Biblioteca particular de Jorge Ferreira Chaves;
- Biblioteca da Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea;
- Biblioteca da Ordem dos Arquitectos;
- Biblioteca da FAUTL;
- Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian;
- Biblioteca Nacional;
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra;
- Biblioteca da Direcção de História e Cultura Militar - Palácio do Lavradio;
- Biblioteca do Exército;
- Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa;
- Loja do Museu do Ar;
- Biblioteca particular do Prof. Doutor Arquitecto Francisco Silva Dias;
- Arquivo de Jorge Ferreira Chaves - Residência do autor;
- Arquivo da PIDE - Arquivo Nacional da Torre do Tombo;
- Arquivo Intermédio da Câmara Municipal de Lisboa²²;

²⁰ As transcrições apresentadas ao longo deste trabalho são excertos das conversas havidas entre o autor e essas individualidades, onde se procurou manter a fidelidade ao espírito e à letra das conversas. Poucas foram objecto de registo sonoro pois foi dada preferência a uma espontaneidade que poderia, nesse caso, ser comprometida. A idade avançada de algumas dessas individualidades pesou também na decisão de não proceder a esse registo.

²¹ Havia ainda a intenção de consultar o Arquivo Histórico do SNI/DGT, os Arquivos das Câmaras Municipais de Sintra, Vila Franca de Xira, Portimão, Albufeira, Vila do Bispo, Lagoa, e o Arquivo Geral do Exército; tal não foi possível devido a constrangimentos de tempo e logística.

²² Esta consulta permitiu precisar algumas questões de autoria. Dos processos consultados, uma parte revelou-se corresponder a obras de JFC.

- Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos;
- Arquivo Administrativo da EBAL - Secretaria da FAUTL;
- Arquivo Administrativo do Liceu Normal de Pedro Nunes;
- Arquivo do Sindicato Nacional dos Arquitectos - Biblioteca da SRS/OA, sede da SRS/OA;
- Arquivo da ex-DGEMN integrado no Arquivo SIPA, Forte de Sacavém;
- Museu Virtual da Academia Nacional de Belas Artes;
- Arquivo Administrativo da EBAL - Secretaria da FBAUL;
- Arquivo Nacional de Imagens em Movimento (ANIM);
- Arquivo virtual da Casa Fernando Pessoa, online;
- Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, online;
- Arquivo Científico Tropical - Digital Repository (ACTD), Instituto de Investigação Científica Tropical, Arquivo Histórico Ultramarino;
- Arquivo SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, online;
- Arquivo iAP XX, online.

Foram consultadas, no decurso do presente trabalho, as seguintes **individualidades**:

Familiares do Arquitecto Jorge Ferreira Chaves:

- Maria Creelminda Teresa de Sá Fialho de Oliveira Ferreira Chaves (n. 1927) (esposa);
- Marco Paulo Fialho Ferreira Chaves (n. 1951) (filho);
- Luís Augusto Chaves da Costa Dias (sobrinho, filho de Maria Helena Ferreira Chaves da Costa Dias);
- Maria José Chaves da Costa Dias (sobrinha, filha de Maria Helena Ferreira Chaves da Costa Dias);
- Maria Antónia Ferreira Chaves da Fonte Baptista (n. 1940) (sobrinha, filha de Alexandre Ribeiro Ferreira Chaves);
- José Paulo Ribeiro Berger (primo, neto de Maria Alexandrina Ferreira Chaves Berger).

Arquitectos e artistas plásticos contemporâneos de JFC:

- Arquitecto Francisco Castro Rodrigues (n. 1920);
- Arquitecto Manuel Alzina de Menezes (n. 1920);
- Doutor Arquitecto Nuno Teotónio Pereira (n. 1922);
- Prof. Doutor Arquitecto Manuel Tainha (n. 1922);
- Arquitecto Carlos Manuel Oliveira Ramos (n. 1922);
- Arquitecto João Vasconcelos Esteves (n. 1924);
- Arquitecto António Pinto Freitas (n. 1925);
- Prof. Doutor Arquitecto Pancho Guedes (n. 1925);

- Arquitecto Fernando Rafael Máximo Miranda (n. 1928) (antigo colaborador de Miguel Jacobetty Rosa);
- Prof. Doutor Arquitecto Francisco Silva Dias (n. 1930);

Antigos colaboradores de JFC:

- Arquitecto Jorge Herédia;
- Arquitecto Eduardo Goulartt de Medeiros;
- Prof. Doutor Arquitecto Francisco Gentil Berger;
- Joaquim Moita Brites (Desenhador).

Outros:

- Helen Petersen Silva (irmã de Álvaro Valladas Petersen);
- Joana Sá Reis (viúva de Fernando Sá Reis);
- Arquitecta Isabel Mateus (filha de Luís Mateus Júnior).

Donos de obra:

- Isabel Oliveira Santos (antiga proprietária do Hotel Garbe).

Críticos e historiadores:

- Prof. Doutor Arquitecto Michel Toussaint;
- Prof.^a Doutora Arquitecta Madalena Cunha Matos;
- Arquitecto Ricardo Agarez;
- Prof. Doutor Arquitecto João Vieira Caldas;
- Prof.^a Doutora Arquitecta Ana Vaz Milheiro;
- Arquitecto Duarte Nuno Simões;
- Dr.^a Joana Brites (Historiadora);
- Prof.^a Doutora Marieta Dá Mesquita (Historiadora);
- Dr. Manuel Mozos (Arquivo Nacional de Imagens em Movimento);
- Dr. Hugo Silva (Historiador) (projecto *A Indústria Fonográfica em Portugal no Século XX*).

2. ESTADO DA ARTE

“A diversidade de posições sociais e espaciais dos sujeitos condicionam o “olhar” de cada um, e os seus critérios ditam, consciente ou inconscientemente, escolhas e selecções, mas também geram surdez e cegueira em relação a silêncios e exclusões de problemas e acontecimentos dignos de serem historiados.”²³

Neste capítulo far-se-á uma análise e verificação da informação mais relevante já publicada sobre o arquitecto Jorge Ferreira Chaves e as suas obras, procedendo a uma recensão crítica em que serão destacadas as partes dessas publicações que sejam pertinentes para o presente estudo.

Existem diversas ocorrências do seu nome²⁴ em livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento; várias delas cuja leitura é relevante para o estudo deste tema, mas também algumas das quais veiculam imprecisões²⁵. Mesmo tratando-se de obras de referência que, inclusivamente, usámos para fundamentar certos aspectos do trabalho, não poderemos deixar de fazer uma leitura crítica à luz dos factos que são evidenciados nesta monografia, fazendo as devidas observações.

Existem também alusões a obras suas sem que a autoria seja mencionada, mas sobretudo verifica-se a inexistência de referência em publicações onde se afigura que seria óbvio existir algum registo, como por exemplo no *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*, de 1987, ou no *Dicionário dos Arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade* de José Manuel Pedreirinho²⁶.

Sucede também a ocorrência de referências demasiado sumárias (tendo em conta a importância que alguns autores lhe atribuem) como nos textos dos catálogos das exposições *Anos 60-anos de ruptura* ou *Arquitectura do século XX: Portugal*²⁷.

Dos documentos relevantes para o estudo, bem como, de omissões ou imprecisões mais ou menos graves que se vão replicando, tentaremos dar conta no presente capítulo e ao longo do trabalho, tão exaustivamente quanto seja possível e pertinente.

²³ CATROGA, 2005, p. 35.

²⁴ Jorge Ferreira Chaves é referido por alguns autores como “Jorge Chaves” ou apenas “Chaves”.

²⁵ Imprecisões de diversos graus, sendo de destacar que chegamos a encontrar, nos documentos pesquisados, a sua pessoa referida pelos seguintes nomes: Jorge Matos Chaves (FERNANDES, 2000b, p. 103), Jorge Gonçalves, João Chaves (iapXX, 2006, p. 168), Manuel Chaves (SANTOS, 2003, p. 62), Jorge Ramos Chaves (FERNANDES; JANEIRO, 2005, pp. 112, 146); e ainda o nome do seu pai, Raúl Pires Ferreira Chaves, referido como engº Rual Pires Vieira Chaves (MORAIS, 2010, p. 121).

²⁶ PEDREIRINHO, 1994.

²⁷ BECKER; TOSTÕES; WANG (org.) , 1998.

2.1. Em publicações

Na pesquisa bibliográfica efectuada até à data, foi recolhida uma certa quantidade de publicações e documentos, dentro e fora da especialidade, que referem o arquitecto Jorge Ferreira Chaves ou obras suas (listadas exaustivamente em **Bibliografia Específica** - Vol. II, cap. 3), na sua grande maioria posteriores a 1993, marcando esta data um recrudescimento do interesse pelo seu trabalho motivado pelo caso da eminência do desaparecimento da Pastelaria Mexicana, tal como era conhecida, e a possibilidade da sua Classificação como Imóvel de Interesse Público.

As referências ao Hotel Garbe e à Pastelaria Mexicana são as mais frequentes. Frequente é também a alusão à sua colaboração com o arquitecto Porfírio Pardal Monteiro no projecto e obra do Hotel Ritz de Lisboa, porém, quase nunca²⁸ é indicado que foi, nessa colaboração, o único arquitecto diplomado, e a referência ao seu nome vem habitualmente indiferenciada com os nomes de estudantes de arquitectura que também participaram na realização do projecto mas que só posteriormente acabaram os respectivos cursos, sem que isso seja explicitamente informado²⁹.

2.1.1. No seu tempo

Na imprensa da especialidade

No seu tempo apenas uma das suas obras foi publicada em detalhe: o **Hotel Garbe** surge na revista *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* nº 83, de Setembro 1964, que lhe dedica um artigo de doze páginas com várias fotografias e partes do projecto incluindo um excerto da memória descritiva, e uma crítica de **Rui Mendes Paula** (1924-1996). Não são indicadas datas, quer de projecto, quer de inauguração³⁰. Verifica-se que este artigo tem sido, na historiografia recente, frequentemente usado como referência bibliográfica.

O mesmo hotel é mencionado por **Nuno Portas** no texto “A evolução da Arquitectura Moderna: uma interpretação”, publicado na edição de 1973, da Arcádia, de *História da Arquitectura Moderna* de Bruno Zevi.

²⁸ Excepto em (GALLO, 1962); (FERNANDES, 1994); (FERNANDES, 1997); (FERNANDES, 2002); (LAMEIRO, 2000a); (LAMEIRO, 2000b); (MATOS, 2007); (AGAREZ, 2010); (AGAREZ, 2012).

²⁹ A creditação de estudantes de arquitectura em fichas técnicas de projectos é, hoje em dia, relativamente comum, porém absolutamente excepcional em relação aos projectos daquela época.

³⁰ A única data, mencionada no artigo, que pode referenciar vagamente a produção daquele objecto é o ano do falecimento de Frederico Sant’Ana (que participou até ao ante-projecto) que, todavia está errado, sendo referido a ano de 1961 quando o ano correcto é 1960.

Sobre os três imóveis habitacionais que projectou em **Olivaís Sul** (lotes 4, 19 e 20), surgem algumas páginas nos números 30/33 de 1976/1977 e 50/51 de 1986, do *Boletim do GTH*. Na publicação *Olivaís-Sul*, também do GTH da CML [sem data], a página 31 é dedicada ao conjunto composto pelos lotes 19 e 20 da R. Cidade da Beira, sendo publicada uma imagem da maquete e uma planta de um dos edifícios [Doc. A 87].

Referida a participação de JFC, nas I, V, IX e X **Exposições Gerais de Artes Plásticas** (EGAP) nos respectivos catálogos, com os títulos dos projectos que foram expostos. Também no nº 35 da *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, no artigo sobre a V edição das EGAP, é referida a sua participação nessa edição da exposição.³¹

Existe uma página com o seu projecto para o concurso “**Uma casa de férias no Alto do Rodízio**”, no nº 23/24 de Maio/Junho de 1948 da *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* que publicou os resultados [Doc. A 87].

Na obra de referência de **José-Augusto França**, *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*,³² a única menção a JFC surge numa nota na p. 570, apenas registando a sua participação naquele concurso, não referindo neste “inquérito” qualquer das obras mais relevantes, tampouco o seu papel no projecto do Hotel Ritz, obra que, na página 255, é classificada como “mais infeliz” quando comparada ao Hotel Tivoli e ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil³³. Apesar de afirmar, no prefácio da 2ª edição, que:

(...) De modo algum, porém, estas incursões na década de 60 representam uma pesquisa nela conduzida. Voluntariamente se afastou tal diligência, não por estarem perto de mais esses anos, ou não só por essa razão cronológica, mas porque neles se esboçam situações e problemas que só o futuro destrinçará, dando-lhe sentido. Uma adenda à cronologia (essa sim actualizada na presente 2ª edição), no fim do volume, fornecerá elementos para o pesquisador que vier a operar mais tarde.(...)³⁴,

verifica-se nessa cronologia também não existirem quaisquer menções a obras do arquitecto JFC, o que faz com que ganhe um tom de alguma ironia a seguinte passagem, também do mesmo prefácio:

(...) Um pormenor de somenos importância mas que não deixará de ser notado: o autor fez-se figurar no inquérito que vai ler-se, mencionando acções e intervenções suas e citando textos publicados, como se tratasse de uma terceira pessoa. Não o fez, porém, inadvertidamente, embora não hesitasse em fazê-lo. Com efeito, ele não poderia escamotear uma presença, ou uma «persona dramatis» de relativa importância, fosse a dele próprio ou de outrem, no quadro traçado. Que se diria dele, por exemplo, se eliminasse do mesmo

³¹ FREITAS; PALMA, 1950, p. 20.

³² FRANÇA, [1974] 1984.

³³ Obras coevas, também do atelier de Porfírio Pardal Monteiro.

³⁴ FRANÇA, [1974] 1984, p. 12.

quadro Fulano, Cicrano ou Beltrano? É evidente que a falta de um elemento de informação não fica na própria falta, mas altera as relações estabelecidas, e que sobretudo importam.³⁵

Ainda na mesma obra, na página 461, afirma que: “em 1963, Conceição Silva realizaria o Hotel do Mar, em Sesimbra, primeiro hotel português excelentemente integrado no local - e primeiro hotel português projectado na sua totalidade”, ignorando o Hotel Garbe de JFC, inaugurado também em 1963 e que, segundo alguns autores, corresponde igualmente às qualidades atribuídas por este autor ao referido Hotel quanto à integração no local e “totalidade”³⁶ do seu projecto.

Na imprensa fora da especialidade

Em matéria de imprensa fora da especialidade, tem-se conhecimento de uma alusão no quinzenário *Concelho de Rio Maior*, em 1948, ao trabalho que JFC iria realizar para aquela cidade [Doc. A 81].

Em Janeiro de 1955 saem vários artigos em jornais sobre a aprovação do projecto **Hotel Ritz** e em 1959 sobre a sua inauguração. No artigo “Opulento de grandeza, o Hotel Ritz”, publicado no jornal *O Século*³⁷, existem duas referências a JFC [Doc. A 45].

Em 1964, vários jornais dão a notícia de uma exposição no SNI sobre hotelaria: o *Diário de Lisboa*³⁸ num artigo [Doc. A 84, 85] intitulado “A «batalha do turismo» documentada no S.N.I. numa exposição de maquetas do novo equipamento hoteleiro” publica uma fotografia do **Hotel do Vau**, e um outro jornal [Doc. A 86], do qual apenas obtivemos um recorte sem identificação do título, publica uma fotografia em que se pode observar Jorge Ferreira Chaves a apresentar a referida maquete do seu projecto, a um grupo em que foram identificados vários elementos ligados ao SNI³⁹. Esse momento foi também retratado no jornal de actualidades que, no antigo Cinema Roma, antecedeu a projecção do filme em exibição.⁴⁰

³⁵ FRANÇA, [1974] 1984, p. 15.

³⁶ Interpretamos “totalidade” como referência ao facto de o projecto se estender à concepção da arquitectura de interiores e mobiliário.

³⁷ *O Século*, 25 Novembro 1959, pp. 13-15.

³⁸ Segunda-Feira, 17 de Agosto de 1964.

³⁹ O Dr. Paulo Rodrigues (Director do SNI), o Engº José Carlos Arantes e Oliveira (Director da SODIM) e o arquitecto Carlos Lameiro, arquitecto ligado ao SNI que, nesse âmbito, participou nos trabalhos dos acabamentos do Hotel Ritz. [Doc. A 86].

⁴⁰ Segundo Teresa Ferreira Chaves.

Também se podem encontrar alusões à **Câmara de Comércio de Bissau** no livro de 1964 *Guiné Minha Terra* de Armando de Aguiar, nos catálogos das V, IX e X Exposições Gerais de Artes Plásticas e nas revistas *Brotéria*⁴¹ e *Panorama*⁴².

Na imprensa internacional

Na imprensa internacional encontrámos um artigo de Mary Leatherbee na revista **Life** de Outubro de 1964 [Doc. A 83], sobre férias no Algarve, intitulado “Europe's best travel bargain”, em que, numa curiosa comparação, refere o Hotel Garbe como sendo conhecido por «o Ritz do Algarve» publicando uma imagem do hotel, com a seguinte legenda:

Breakfast is served on a cliffside terrace to guests at the **Hotel do Garbe** (below), which is known as the Ritz of the Algarve and overlooks the Armacao de Pera beach.⁴³

Fernández Gallo, em 1962, no artigo “Sagres, bahia del silencio” na revista **España Hostelera** refere o Hotel da Baleeira como sendo:

(...) De primera clase, construído con el apoyo del estado por uno de los más competentes arquitectos portugueses, Jorge Chaves, que participó en la construcción del Ritz de Lisboa; de primera clase, repito, y para el turismo, para el gran turismo (...)⁴⁴

Mais à frente fala nos projectos que nesse ano estavam em curso, para o Casino de Sagres e um motel (também de JFC, mas que não chegaram a ser construídos). Publica três imagens do hotel [Doc. A 82].

Adrienne Keith Cohen, em 1968, no artigo “Turn left at Sagres”, publicado no **The Guardian**, refere o Hotel Garbe nos seguintes termos:

(...) a personal choice for quieter holidays (...) terraced down to the beach, rooms crisply whitewashed and furnished in Algarve style.⁴⁵

2.1.2. Após 1993

Na imprensa da especialidade

Posteriormente ao ano de 1993, foram publicadas com algum detalhe, três das suas obras: a Pastelaria Mexicana e os imóveis habitacionais da Rua da Ilha do Príncipe e da Rua da Penha de França em Lisboa.

⁴¹ TRIGUEIROS, 1955, p. 91.

⁴² VALADÃO, 1956, p. “Secção Registo das Artes”.

⁴³ LEATHERBEE, 1964, p. 65.

⁴⁴ GALLO, 1962, p. 20.

⁴⁵ COHEN, 1968, p. 5. Referido em AGAREZ, 2012, p. 189.

A Pastelaria **Mexicana** surge em diversos artigos, dos quais o mais detalhado e relevante para o estudo deste objecto, mas também do arquitecto que o produziu, é o já referido “A Mexicana e o lado Expressionista da Arquitectura Moderna”, de autoria de **Michel Toussaint** no *J-A: Jornal Arquitectos* nº 132, de Fevereiro de 1994⁴⁶, complementado pelo texto curto, do mesmo autor, contido no *Guia de Arquitectura Lisboa 94*.⁴⁷

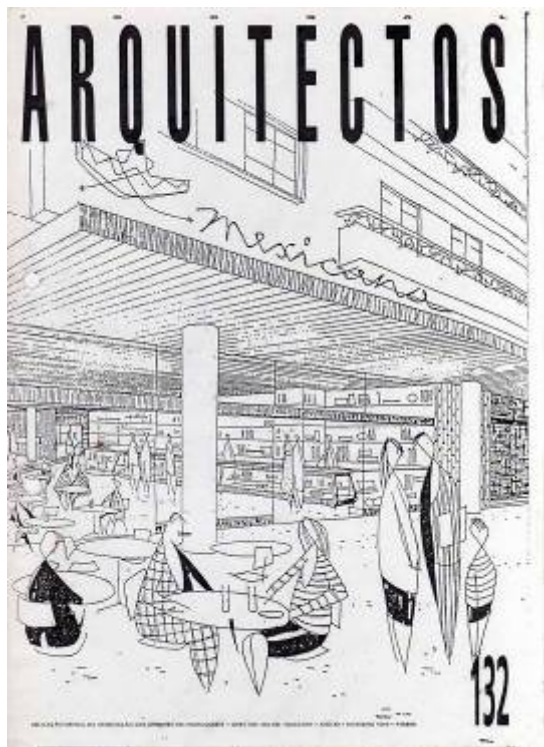


Fig. 0 Capa do nº 132 da revista *Jornal Arquitectos*, onde foi publicado o artigo “A Mexicana e o lado Expressionista da Arquitectura Moderna”, de Michel Toussaint e “Projectos de autoria e colaboração de Jorge Ferreira Chaves”, do autor desta dissertação. A imagem que serve de fundo é um desenho de JFC, de uma das fases do projecto da Pastelaria Mexicana.

Relevante pela descrição e valoração da obra mas sobretudo no modo como contextualiza o arquitecto que a produziu, nas tendências da produção arquitectónica nacional e internacional. Introduz o assunto das “tendências expressionistas” na História da Arquitectura Ocidental do século XX, que “têm sido alvo da crítica racionalista que nunca conseguiu fazê-las desaparecer” e interroga se será possível manter aquele “exemplo maior do Expressionismo Moderno em Portugal”; questão que até hoje subsiste.

Também nos livros *Cadeiras Portuguesas Contemporâneas*, de 2003 e *Arquitectura do Movimento Moderno: inventário Docomomo ibérico: 1925/1965*, de 1997, se podem encontrar

⁴⁶ TOUSSAINT, 1994a, pp. 20-29.

⁴⁷ TOUSSAINT, 1994b, pp. 330-331.

textos sobre a **Mexicana**, respectivamente, de **Rui Afonso Santos** e de **José Manuel Fernandes**.

O primeiro, na página 62 do capítulo “A cadeira contemporânea em Portugal; Os anos 60 e 70: a cadeira perante a utopia do design industrial”, classifica a obra da Mexicana como excelente, referindo o gosto expressionista que presidiu à sua concepção. Também contextualiza o arquitecto na produção do design nacional afirmando que “prosseguiu nos anos 60 a sua requintada prática de designer”. Na página 63 publica um registo fotográfico de 1993, do autor desta dissertação, que foi cedido àquela publicação, não estando creditado.

O segundo tem a virtude de publicar uma obra de JFC numa edição do DOCOMOMO com distribuição internacional. Informa que existe um processo de classificação oficial desde 1994 e faz uma descrição sucinta da obra, em que alude ao tratamento dos espaços públicos daquele estabelecimento, não fazendo referência à complexa obra de construção que foi a criação de uma sub-cave no edifício existente ou a criação de uma pala em consola sobre a esplanada com um balanço de cerca de oito metros. Contém uma constatação sobre os interiores, na alusão ao tom escuro e neutro dos seus elementos “apenas contrariado pelas peças cerâmicas, de grande intensidade cromática”, importante por se tratar de um valor plástico que já não existe desde que, na última intervenção, em 1996, foram substituídos os tampos de fórmica preta e os estofos das cadeiras em napa castanha por outros, com tons retirados da paleta de cores das tais peças cerâmicas, anulando o referido contraste.

A terceira fotografia que acompanha o artigo, que ilustra a segunda intervenção de JFC, no fim dos anos 70, está invertida e a datação atribuída ao projecto (1959-1961) não é exacta, sendo 1961-1962, as datas correctas.

Os imóveis habitacionais da **Rua da Penha de França** e **Rua da Ilha do Príncipe** em Lisboa, são publicados com algum detalhe, por **Ricardo Agarez**⁴⁸ para quem este último caso:

“(…) constitui um objecto absolutamente incomum no universo da habitação multifamiliar em Lisboa e compete para o lugar de mais qualificado representante dessa categoria na arquitectura dos anos 60 na cidade. Trata-se da melhor realização da Comissão de Obras da SCML, do ponto de vista arquitectónico, e o seu carácter excepcional reside nas qualidades de desenho, por um lado, e no entendimento inovador e experimental que faz do programa de prédio para habitação de rendimento, por outro.”

Aqui, o autor em causa enquadra os edifícios numa justa e informada caracterização do arquitecto e da sua produção, fazendo alusão a outras das suas obras como o Hotel Garbe, a Pastelaria Mexicana, os edifícios em Olivais Sul, CGD de S. Pedro do Sul e a colaboração no Hotel Ritz, sendo estes textos, portanto, de extrema relevância para um estudo da obra de JFC.

⁴⁸ AGAREZ, 2010, pp. 83-95, 256-265.

O seu *paper* de 2012, “Local Inspiration for the Leisure of Travellers: Early Tourism Infrastructure in the Algarve (South Portugal), c. 1940-1965”,⁴⁹ é uma importante contribuição para uma correcta contextualização da realização do projecto e obra do **Hotel Garbe**. Analisa três das primeiras obras construídas para o turismo no Algarve, nos anos 40/60, tomando o referido hotel projectado por JFC como um dos objectos de estudo.

No âmbito do tema da “Arquitectura Hoteleira em Portugal”, **Madalena Cunha Matos** tem referido, como resultado da sua investigação, em alguns dos seus trabalhos publicados, os hotéis Garbe, Baleeira e **Globo** no Algarve, bem como a colaboração de JFC no projecto do Hotel Ritz de Lisboa.

Destaca-se, pela sua relevância, a comunicação no Congresso Docomomo Ibérico de 2003, intitulada “Face ao oceano: Arquitectura portuguesa nos hotéis atlânticos dos anos 50 e 60”,⁵⁰ em que demonstra ter sobre o projecto do Hotel Garbe um conhecimento avançado, fruto da sua investigação no Arquivo Histórico do SNI; mas sobretudo e fruto da aproximação que já teve ao tema do presente trabalho, o seu texto de fundamentação do já referido projecto de investigação, de 2007, ***Coluna Polar - projecto de estudo e publicação da obra lisboeta do arquitecto Jorge Ferreira Chaves*** é, sem dúvida, o documento de crítica mais relevante para o estudo do trabalho deste arquitecto. Nele, a autora propõe-se “aprofundar o conhecimento sobre a arquitectura portuguesa através de um dos seus agentes mais actuates nas décadas centrais do século XX”,⁵¹ esclarecer “sobre a sua actualidade e até mesmo o seu carácter premonitório”⁵² e “situá-lo num contexto actual, realçando o que na obra deste arquitecto é surpreendentemente contemporâneo”.⁵³

Os outros trabalhos seus que também referem obra de JFC são:

- o artigo “Hotel Architecture in Portugal” de 2007;
- o artigo “The First Moderns. Hotels overlooking the sea” de 2008;⁵⁴
- o capítulo “Contemporary Portuguese Architecture” de 2008.⁵⁵

O arquitecto **Carlos Lameiro** (pai), que interagiu profissionalmente com o arquitecto Jorge Ferreira Chaves na obra do Hotel Ritz, dedica-lhe, em 2000, algumas linhas nos seus livros de memórias⁵⁶, caracterizando-o como um dos mais perfeccionistas arquitectos portugueses,

⁴⁹ AGAREZ, 2012,

⁵⁰ MATOS, 2003, pp. 176-179.

⁵¹ MATOS, 2007, p. 2.

⁵² Idem, ibidem, p. 3.

⁵³ Idem, ibidem, p. 4.

⁵⁴ MATOS, 2008a.

⁵⁵ MATOS, 2008b, pp. 475, 477.

⁵⁶ LAMEIRO, 2000a, p. 22; 2000b, pp. 11, 15.

referindo, também, que à data da construção do **Hotel Ritz**, Jorge Ferreira Chaves chefiava o atelier do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, no terreno da obra.

João Vieira Caldas também faz algumas referências ao papel que JFC desempenhou em alguns dos projectos de Porfírio Pardal Monteiro. Na monografia que publicou sobre este arquitecto⁵⁷, na página 91, refere “a decisiva colaboração do arq. Jorge Chaves” na esquina de articulação do edifício da **Sorel**⁵⁸. Também refere, na publicação em causa, o seu papel no atelier de obra do **Hotel Ritz**.

José Manuel Fernandes é o autor que com maior frequência referiu, em artigos e livros de sua autoria, obras de JFC. Pela importância que assumem, importa realçar esses artigos embora discutindo algum conteúdo ou fazendo as devidas correcções.

- Além do já mencionado em epígrafe, destaca-se o artigo “Adeus Mexicana” na *Expresso Revista*, de 5 de Fevereiro de 1994⁵⁹, posteriormente publicado com algumas alterações, sob o título “Que viva a Mexicana! (ou A batalha da Mexicana)”, no seu livro *Lisboa em obra(s)*, de 1997. Para além da Pastelaria Mexicana, caracterizada na sua singularidade, pode ler-se sobre a Câmara de Comércio de Bissau, Caixa Geral de Depósitos de São Pedro do Sul (considerada por este autor como uma obra notável), os hotéis Garbe e Baleeira no Algarve, o Hotel Florida em Lisboa e o Hotel de São João no Funchal, referindo também a participação de JFC no projecto do Hotel Ritz; destaca ainda o imóvel habitacional da R. Ilha do Príncipe como “talvez a melhor intervenção urbana em Lisboa na década [de 60]”. É um artigo que aflora vários dos contextos que importará aprofundar sobre a vida e obra de JFC.

Em outros trabalhos seus, também refere o tema:

- O livro *Geração Africana: arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*⁶⁰ onde refere algumas das suas obras em Angola.

- A obra de 2010, *Património de origem portuguesa no mundo: Arquitectura e Urbanismo*, contém um registo da “Antiga Associação Comercial, Industrial e Agrícola ou Câmara de Comércio da Guiné-Bissau”.⁶¹ Refere que a informação sobre a sua autoria foi obtida num artigo de **Ana Vaz Milheiro**⁶² citado na bibliografia. Na mesma bibliografia, cita ainda, um

⁵⁷ CALDAS, 1997, pp. 91, 94, 117.

⁵⁸ No livro *Pardal Monteiro*, da colecção *Fotobiografias do Século XX* (TOSTÕES; VIEIRA, 2009, p. 170), é publicada uma perspectiva desenhada por JFC do referido gaveto [Fig. 29], em que é notória uma abordagem projectual aparentada com a de um seu projecto para a R. Braancamp que foi indeferido pela CML [Fig. 16].

⁵⁹ FERNANDES, 1994, pp. 78,79.

⁶⁰ FERNANDES, 2002a, p. 33.

⁶¹ FERNANDES, 2010, p. 340.

⁶² MILHEIRO; DIAS, 2009, pp. 106-107.

artigo do autor desta dissertação⁶³ que contém uma lista de obras de JFC, e que é anterior em quinze anos a esse outro texto. O que Ana Vaz Milheiro afirma no artigo citado, não referindo quem projectou a obra, mas que podia fornecer uma pista para a sua justa caracterização em termos de linguagem arquitectónica é que, na sua opinião “é provavelmente a mais qualificada realização em Bissau” do período colonial. Cita, por sua vez, um texto de 1964, que destaca o “arrojo da sua arquitectura” e descreve o edifício como sendo digno do “conjunto arquitectónico da nova capital do Brasil, se houvesse sido construído em Brasília”⁶⁴.

A par do equívoco da fonte utilizada para a identificação da autoria, do conteúdo do artigo de Ana Vaz Milheiro José Manuel Fernandes não transporta qualquer informação para o artigo em análise, que refere o edifício como possuindo uma “expressão arquitectónica na transição entre o gosto tradicionalista (com ampla cobertura de quatro águas e pórtico de pilares verticalista) e o desenho moderno (na proporção geral e na geometria dos elementos construtivos)”.

Parece-nos então oportuno discutir esta descrição, constatando que, por um lado, foram determinantes na opção de criar aquela cobertura em telhado, três factores: a necessidade de criar ensombramento sobre as fachadas, o que determinou os generosos balanços da lage de esteira; a necessidade de criar, sobre o edifício, uma caixa de ar ventilada; e a necessidade de protecção das chuvas (muito abundantes em determinado período do ano). Por outro lado o pórtico da fachada principal, que até é interrompido por uma longa varanda e uma longa pala perpendicular à fachada, não é propriamente um “pórtico de pilares”, mas sim uma sucessão de *brise-soleil*, dispostos na vertical, para ensombramento da fachada principal, que é constituída exclusivamente por um enorme envidraçado. Estes aspectos daquela obra remetem, não tanto para um “gosto tradicionalista”, mas talvez para uma atitude mais próxima de um “moderno em revisão” ou “regionalismo crítico”, ainda que precoce. A imagem do postal que figura no livro *Postais antigos da Guiné*⁶⁵, também na bibliografia daquele artigo, não será a melhor para uma justa análise do edifício em causa. [Fig. 26, 33, 34, 45 D) e Fig. A 75]

Num seu artigo anterior⁶⁶ José Manuel Fernandes, já tinha aludido ao edifício como a “modernizante Câmara de Comércio de Bissau, utilizando grelhas para ventilação, iludindo coberturas convencionais em telha, numa procura de abertura e espaço limpo”

- No livro *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*,⁶⁷ na página 112, descreve o Hotel Garbe como possuindo “escala acertada, volumetria imaginativa e procurando uma integração local, e com um desenho moderno sem concessões ao ‘típico’,

⁶³ CHAVES; SILVA, 1994, pp. 30, 31. Apenas é citado o artigo; não é citado o nome do autor.

⁶⁴ AGUIAR, 1964, p. 80.

⁶⁵ LOUREIRO, 2000, p. 59.

⁶⁶ FERNANDES, 1994, pp. 78,79.

⁶⁷ FERNANDES; JANEIRO, 2005, pp. 110, 112, 146, 148.

ao ‘folclórico’, ou ao ‘decorativo’”, referindo como sendo “na mesma linha” o Hotel da Baleeira, embora não identificando o autor deste último e atribuindo o Hotel Garbe a “Jorge Ramos Chaves”, o que se repete na página 146. Na página 148, volta a referir o Hotel da Baleeira, ainda sem reportar a autoria e com datação inexacta (1950-1960), sendo estes dois hotéis praticamente contemporâneos⁶⁸. O nome Jorge Ferreira Chaves, nunca chega a aparecer neste livro. Também é de notar a ausência de qualquer referência ao Hotel Globo, que é um objecto bem característico de Portimão.

- Em *Arquitectos do Século XX: da tradição à modernidade*⁶⁹ desenvolve uma importante interpretação do conjunto de Imóveis Habitacionais da R. da Ilha do Príncipe e R. da Penha de França em Lisboa, de JFC, num artigo sobre Cândido Palma de Melo, não tendo em conta que este apenas participou num destes projectos,⁷⁰ e apenas a partir da fase de licenciamento camarário.⁷¹

São objecto de menção, na “Cronologia 1950-2000”, do livro de 2006, *Francisco Silva Dias: 50 anos de Arquitectura e Urbanismo em Portugal*, coordenado por **Ana Isabel Ribeiro**, a Pastelaria Mexicana bem como a participação de JFC nas V, IX e X edições das EGAP.⁷²

Já na colectânea *Um Tempo e Um Lugar, dos Anos Quarenta aos Anos Sessenta: Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas*, editado pelo **Museu do Neo-Realismo** em 2005, que é um estudo de fundo sobre aquele assunto, JFC quase passa despercebido, pela omissão da sua participação nas I e V edições daquela exposição, numa lista em ordem alfabética que inclui todos os participantes. Figura apenas na página 22 como tendo participado nas IX e X edições, em que expôs um projecto que teve colaboração de Álvaro Petersen, sendo ali, o seu nome precedido pelo nome deste, não figurando portanto, na secção da letra “J”.

Esta obra contém ainda uma secção com páginas dedicadas aos artistas plásticos que participaram nas EGAP, em que são detalhadas as suas carreiras; nas páginas dedicadas a Jorge Vieira e a Querubim Lapa não há qualquer menção aos trabalhos que realizaram para

⁶⁸ O projecto deste hotel começou um pouco depois do Hotel Garbe, e foi concluído um pouco antes. 1960-1962 será o correcto.

⁶⁹ FERNANDES, 2006, p. 148.

⁷⁰ Apenas no do imóvel da R. da Penha de França e, como referido, apenas a partir da fase de licenciamento camarário. A sua participação no processo do imóvel da R. da Ilha do Príncipe ocorre apenas no Projecto de Águas e Esgotos. Fontes: Processos relativos aos projectos; arquivo JFC. Também referido em AGAREZ, 2010, pp. 84, 85.

⁷¹ Nesta altura já tinham sido tomadas, na fase de Esboceto, as principais opções quanto ao partido a adoptar.

No artigo, estes projectos são tomados como exemplo esclarecedor sobre “a capacidade inventiva, o universo formal e a vocação para uma arquitectura afirmativa, expressiva e forte” que atribui a Cândido Palma de Melo.

Este arquitecto veio a ser responsável pelas intervenções dos anos 80 e 90 nos Hotéis Garbe e Baleeira, nos quais não tinha tido qualquer participação quando foram projectados por JFC.

⁷² RIBEIRO; CANELAS, 2006, pp. “Cronologia”, anos de 1950, 1955, 1956 e 1960.

obras de JFC, apesar de serem mencionados vários arquitectos com quem estes artistas colaboraram.

Em **monografias sobre artistas plásticos**, o mesmo fenómeno também é observável. Embora não tenhamos efectuado uma busca exaustiva, deixamos aqui alguns exemplos.

Em *Jorge Vieira: O escultor solar*⁷³ de Luísa Soares de Oliveira existe uma fotografia da escultura/anúncio da Loja Palissi Galvani do Chiado, identificada como tal e com data correcta, porém não há qualquer referência a JFC, tanto no texto como na cronologia que, naquela data apenas indica uma sua colaboração com Conceição Silva. Também não há qualquer referência à sua obra que integrou, originalmente, a decoração do Hotel Ritz.

No livro *Hein Semke 1899-1995*⁷⁴ são referidas as suas obras integradas nos hotéis Garbe e Baleeira sem referir o arquitecto que as encomendou.

No arquivo **SIPA** (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico) estão registadas onze obras de JFC: Câmara de Comércio de Bissau (GW910301000021), Imóvel Habitacional na R. da Ilha do Príncipe (PT031106061633), Pastelaria Mexicana (PT031106430319), Agência da CGD de S. Pedro do Sul (PT021816140154), Agência da CGD de Serpa (PT040213050057), Hotel Garbe (PT050813030061), Hotel Globo (PT050811030056), Hotel da Baleeira (PT050815040036), Estalagem 4 estradas (Estalagem de São Jorge) (PT050813040073), Hotel Flórida (PT031106141649) e Estação Ferroviária de Caxias (PT031110110126).

O autor coopera actualmente com o SIPA, na actualização da informação contida nestas fichas, e na elaboração de novas fichas relativas a outras obras de JFC.

Em *iap XX: Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*,⁷⁵ que é uma publicação em livro de parte substancial de um levantamento efectuado no âmbito de um inquérito homónimo realizado em 2003-2005 pela Ordem dos Arquitectos, é referido, na página 31 da introdução assinada por Ana Tostões, o Hotel Garbe e nas páginas 157 e 168 são publicadas as fichas do levantamento relativas respectivamente à Pastelaria Mexicana (L200429) e Hotel da Baleeira (S200686). Na ficha relativa a este último objecto, o nome do autor está escrito incorretamente pelo que esse edifício não figura como obra de JFC no índice de autores.

Na versão online⁷⁶, do levantamento, encontram-se inventariadas mais algumas das suas obras:

⁷³ OLIVEIRA, 2007, [p. 38, imagem 10].

⁷⁴ HENRIQUES, 1997, pp. 175-176.

⁷⁵ AA.VV. - *IAP XX: Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Ordem dos Arquitectos Portugueses; 2006.

⁷⁶ Website IAP XX.

- Laboratórios Cannobio (L200316) (Outros, Lisboa);
- Bloco habitacional (R. Ilha do Príncipe) (L200325) (Habitação, Lisboa);
- Agência da CGD de S. Pedro do Sul (C100489) (Equipamento público);
- Edifício de habitação com bloco de lojas anexo (R. da Penha de França) (L2000327) (Equipamentos comerciais, Lisboa);
- Edifício de habitação com bloco de lojas anexo (R. da Penha de França) (L2000327) (Habitação, Lisboa);
- Hotel Garbe (S200426) (Equipamento turístico).

Ana Tostões tem referido, com frequência, o Hotel Garbe nos seus numerosos trabalhos que, no conjunto, têm conseguido dar uma panorâmica bastante completa da produção de arquitectura do período moderno e contemporâneo em Portugal.

Aquela obra de JFC, no entanto, tem-se mantido ao longo do tempo, como o único objecto criado pelo arquitecto a ser referido pela autora, que nunca faz referência a um conjunto de obras que outros autores têm como muito importantes.

- A título de exemplo, refira-se que, já na sua dissertação de mestrado de 1994 publicada em livro em 1997⁷⁷, em que destaca o Hotel Garbe na produção em Portugal do início da década de 60, não inclui a Pastelaria Mexicana na categoria das “mais interessantes propostas de cafés e restaurantes da cidade”⁷⁸ de Lisboa.

- Num outro trabalho da mesma época reeditado em 2008, *O final de 50 e o anúncio dos anos 60, tendência e obra de autor*⁷⁹, continua a fazer justiça à qualidade da obra do hotel escrevendo que este articula “com notável sensibilidade a construção na falésia de Armação de Pêra”; mas quando afirma, na mesma frase, que “parecia indiciar um interessante começo na realização de estruturas hoteleiras no Algarve”, faz esquecer que aquele hotel é precisamente uma de várias estruturas hoteleiras no Algarve que o arquitecto projectou ao longo de vários anos para aquela província e das quais uma parte significativa se encontra entre as primeiras desta primeira fase de expansão moderna dos empreendimentos turísticos no país, caso do Hotel da Baleeira⁸⁰, Estalagem de S. Jorge e ainda, também durante os anos 60, o Hotel Globo. Dessa época, são ainda assinaláveis os não construídos Hotel do Vau⁸¹ e Casino de Sagres.

⁷⁷ TOSTÕES, [1994] 1997, p. 120.

⁷⁸ “Talentosos e criativos, Victor Palla/Bento de Almeida desenvolveram durante perto de uma década as mais interessantes propostas de cafés e restaurantes da cidade (...)” (TOSTÕES, [1994] 1997, p. 122).

⁷⁹ TOSTÕES, [Reimpressão da 1ª edição em 3 volumes, de 1995/1997] 2008a, (volume X, p. 40).

⁸⁰ CHAVES, SILVA, 1994, pp. 30,31.

⁸¹ O Hotel do Vau não chegou a ser construído, porém a sua maquete esteve na exposição do SNI, em 1964.

- No livro *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*,⁸² da mesma autora, que foi editado pelo IPAAR em 2004, também não se encontra qualquer menção à Mexicana apesar de essa obra se encontrar em Vias de Classificação por aquele Instituto.

Existe nesse livro, uma pequena menção ao Hotel Garbe⁸³, do qual se publica também uma fotografia. Na legenda dessa fotografia é atribuída à obra apenas a data de 1959 (que é o ano do primeiro estudo), sendo a única fonte indicada um artigo incluído no nº 81⁸⁴ da *Arquitectura, revista de arte e construção* (já referido em epígrafe neste capítulo). Este, apesar de nunca mencionar qualquer data quanto ao projecto ou quanto à inauguração da obra⁸⁵, informa no cabeçalho que um dos autores, por ter falecido em 1961,⁸⁶ só acompanha o processo até à fase de ante-projecto, nunca podendo a obra, por esse motivo, ser anterior a essa data (a qual, em todo o caso está incorrecta, conforme já foi referido).

O mesmo artigo, por coincidência na mesma página, publica uma imagem da maqueta do Hotel Ritz em cuja legenda apenas refere o arquitecto Porfírio Pardal Monteiro; teria permitido estabelecer relações relevantes entre aquelas duas obras, caso fosse explícito que JFC interveio em ambas.

- O catálogo da exposição *Arquitectura do século XX: Portugal*⁸⁷, embora não no artigo desta autora, continha, em 1998, a menção à colaboração de JFC no projecto do Hotel Ritz.

- No texto “Sob o Signo do Inquérito”⁸⁸ de 2006, faz apenas uma breve menção ao Hotel Garbe e ao enunciar exemplos de “verdadeiras experiências de design global em Portugal”, dentro da tipologia loja, não refere a Pastelaria Mexicana.

- No livro *Arquitectura portuguesa contemporânea*, de 2008⁸⁹, já não refere o Hotel Garbe.

Na imprensa fora da especialidade

Em matéria de imprensa fora da especialidade, tem-se conhecimento de um grande número de notícias nos principais diários e semanários portugueses, entre 1993 e 1996, sobre a possível classificação como Imóvel de Interesse Público e as alterações que, durante esse processo, foram introduzidas na Pastelaria **Mexicana**.

⁸² TOSTÕES, 2004.

⁸³ TOSTÕES, 2004, pp. 147-149.

⁸⁴ Terá que ser o nº 83, pois o nº 81 da *Arquitectura* que é indicado como fonte, não contém qualquer referência àquela obra.

⁸⁵ A inauguração do Hotel Garbe, efectivamente, só ocorreu em 1963. Apesar de não ser correcto, é corrente em várias outras publicações atribuir-se, como data de inauguração do hotel, o ano de 1962.

⁸⁶ Com efeito, Frederico Sant’Ana faleceu em 17 de Julho de 1960 e não em 1961 como consta do cabeçalho do artigo da revista *Arquitectura* que serviu de fonte para o artigo em causa. Fonte: Processo de sócio do SNA nº 348 - (nº 30007).

⁸⁷ BECKER; TOSTÕES; WANG, 1998, p. 209.

⁸⁸ TOSTÕES, 2006, p. 31.

⁸⁹ TOSTÕES, 2008b.

São exemplos os artigos: “Mexicana em perigo”⁹⁰, sem autor; “Abaixo assinado contra obras na Mexicana”,⁹¹ de João Dias Miguel; “Ordem para avançar com obras na Mexicana: IPPAR desbloqueia impasse”,⁹² de Cristina Ferreira; “Cuidado com ela”,⁹³ de Dionilde Lourenço ou o artigo anónimo “Mexicana renasce com obra de 100 mil contos”⁹⁴.

No artigo “Pode ser que já seja irremediável salvar-se a Pastelaria Mexicana de uma intervenção pouco feliz”, de Francisco Hipólito Raposo,⁹⁵ podem também ser encontradas algumas menções a outros trabalhos de JFC, como o Hotel Florida, a remodelação da Estação do Rossio em Lisboa, o Plano de Urbanização Ribasor em Benavente, a Câmara de Comércio de Bissau, as lojas Palissi Galvani do Chiado e Casa Londres, em Lisboa.

De publicação mais recente, encontrámos dois artigos que referem o **Hotel Garbe**:

“Conta-me como era o Algarve...: Algarve yé-yé”, de Rosa Ruela,⁹⁶ que relata a vivência no Algarve turístico dos anos 60 e “Memórias de voo: A mulher-falcão”, de Ana Pago,⁹⁷ em que é entrevistada Margarida Oliveira Santos, a antiga proprietária do hotel, que recorda quando, com o marido Francisco Oliveira Santos, encomendaram o projecto a JFC:

(...) “Foi aí que surgiu a ideia de construirmos um hotel em Armação de Pera, onde passámos férias durante três anos. O facto de não haver turismo na zona ajudou imenso”.

Ajudou e eles aproveitaram a oportunidade. Construíram o Hotel Garbe a partir do projecto do arquitecto Jorge Chaves (...).

Em 1976 Chico morreu (...), Margarida engoliu a saudade, ergueu a cabeça e tomou em mãos a direcção do Garbe, que acabaria por vender a Kassam, um indiano. (...)

2.1.3. Na literatura

Na literatura encontram-se também algumas referências, como nas novelas *Imitação da felicidade* de **Urbano Tavares Rodrigues** de 1966⁹⁸ e *Alibi* de **Robert Kroetsch**, de 1984⁹⁹. Em ambos, os autores narram situações em que determinada personagem passou ou planeia passar uma temporada no Hotel Garbe.

⁹⁰ Jornal *Expresso*, 16/7/94.

⁹¹ Jornal *Público*, Quarta-feira 27/7/94, p. 46. [Doc. A 92]

⁹² Jornal *Público*, Quarta-feira 29/11/95, p. 46. [Doc. A 93]

⁹³ Jornal *O Independente*, 22/12/1995, p. 43. [Doc. A 95]

⁹⁴ Jornal *Correio da Manhã*, 7/5/96, p. 10. [Doc. A 96]

⁹⁵ *Vida: Revista do semanário O Independente*, 18/2/1994, pp. 36-37. [Doc. A 91].

⁹⁶ Revista *Visão*; nº 906, Julho 2010, p. 101.

⁹⁷ *Notícias Magazine*; 27 Março 2005, p. 56.

⁹⁸ “(...) mas, cá está, tenciono gastar com a Arlette, que é a mais fabulosa manicure da Baixa, os últimos francos do meu consórcio Brigitte-Nadia. Um fim de semana no Hotel do Garbe, provavelmente. (...)”

⁹⁹ “(...) We found a hotel in Armacao de Pera, a fishing village on the largest beach on the Algarve shore. It was the Hotel Garbe. At sundown the birds came back to the trees, to the looming trees we could see from the balcony of our suite. (...)”

A obra de **Augusto da Costa Dias** *Literatura e Luta de Classes: Soeiro Pereira Gomes* é dedicada, na página 15, a JFC.¹⁰⁰

2.2. Em arquivos

Muitos documentos não impressos, importantes para o conhecimento do tema desta dissertação, encontram-se espalhados por diversos arquivos. Poder-se-á encontrar informação relevante para o estudo do tema nos arquivos de entidades que condicionaram de alguma forma a aprovação dos projectos de JFC: Câmaras Municipais, CGD, GTH, SNI ou outros como o Arquivo Histórico Ultramarino, e também nos arquivos dos ateliers onde JFC trabalhou nos primeiros anos do seu percurso profissional.

Relativamente aos projectos de arquitectura desenvolvidos, o arquivo onde existe a maior concentração de documentos relevantes será o arquivo de Jorge Ferreira Chaves, que se encontra ao cuidado do autor desta dissertação,¹⁰¹ e que tem sido franqueado a investigadores que mostraram interesse.

No arquivo do arquitecto Cândido Palma de Melo, que foi doado à Câmara Municipal de Setúbal, poderão existir documentos que deveriam estar no arquivo de JFC¹⁰², bem como outros relativos a projectos que fizeram quando associados. No arquivo de Anselmo Fernandez Rodriguez, doado à OA, também existe possibilidade de se encontrarem elementos de um projecto que realizaram em conjunto.

Informação relevante de outra espécie poderá ser encontrada nos arquivos dos estabelecimentos de ensino que frequentou, nos arquivos do exército, do SNA e no da PIDE.

2.3. Em trabalhos académicos

Ana Magalhães na sua dissertação de mestrado de 2000, *Intemporalidade, Continuidade e Presença dos Valores do Movimento Moderno: O Caso do Hotel Ritz no Contexto da Arquitectura Portuguesa do Século XX*¹⁰³ e **Ana Assis Pacheco** na sua dissertação de mestrado de 1998, *Porfírio Pardal Monteiro, 1897-1957: A Obra do Arquitecto*¹⁰⁴, fazem breves referências a JFC no contexto do processo do Hotel Ritz. [vol. I cap. 5.2.3.]

¹⁰⁰ DIAS, 1975, [Dedicatória p. 15].

¹⁰¹ O que é de conhecimento público. FERNANDES, 1994, p. 78; CHAVES, SILVA, 1994, pp. 30, 31.

¹⁰² Algum tempo antes de falecer, avisou Teresa Ferreira Chaves de que tinha um caixote com material de JFC. Este material não chegou a ser recuperado pois o arquitecto faleceu e o seu arquivo foi doado à Câmara Municipal de Setúbal.

¹⁰³ MAGALHÃES, 2000, Vol. I, p. 75; Vol. II, p. 76.

¹⁰⁴ PACHECO, 1998, Vol. I, pp. 175, 184, 221; Vol. II, pp. 79, 82.

Na tese de doutoramento de **Michel Toussaint**, de 2009, *Da arquitectura à teoria e o universo da teoria da arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX*, apesar de lateral ao tema, também existe uma breve referência a JFC no contexto do processo do Hotel Ritz.¹⁰⁵

2.3.1. Em projectos de investigação em curso

MATOS, Madalena Cunha - *Coluna Polar: projecto de estudo e publicação da obra lisboeta do arquitecto Jorge Ferreira Chaves*.

Essencialmente focado no projecto da Pastelaria Mexicana, propõe-se dar conta dos projectos e obras de JFC realizadas na área de Lisboa.

MATOS, Madalena Cunha (coord.) - *Arquitectura Hoteleira em Portugal / Hotel Architecture in Portugal*. Projecto FCT POCI/AUR/61470/2004, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa - FA/UTL.

São referidos os projectos de JFC dessa área de intervenção.

AGAREZ, Ricardo - *Modern architecture, building tradition and context in southern Portugal*.

The Bartlett School of Architecture - University College London: [tese de doutoramento em fase de conclusão] **2012**. Orientada por Adrian Forty.

É referido detalhadamente o Hotel Garbe, e de passagem outras obras de JFC no Algarve.

BRITES, Joana - *Filiais e agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência durante o Estado Novo (1929-1970)*. Coimbra: [tese de doutoramento em fase de conclusão] **2012**. Orientada por Maria de Lurdes Craveiro e Nuno Rosmaninho Rolo (co-orientador).

São referidos os edifícios da CGD projectados por JFC.

CASTELO-BRANCO, Salwa (coord.) - *A Indústria Fonográfica em Portugal no Século XX*. [em fase de conclusão] **2012**.

Serão referidos os projectos para os Estúdios e Fábrica de discos Ibéria.¹⁰⁶

TOUSSAINT, Michel (coord.); **ALMEIDA**, Patrícia Bento de - *Guia de Arquitectura de Lisboa*. [No prelo, a editar pela Livraria A+A em **2012**].

Serão referidos os edifícios Laboratórios Cannobio, a Pastelaria Mexicana, os imóveis habitacionais de Olivais Sul e os da R. da Penha de França e da R. Ilha do Príncipe.¹⁰⁷

¹⁰⁵ TOUSSAINT, 2000, p. 299.

¹⁰⁶ Segundo o historiador Hugo Silva.

¹⁰⁷ Segundo Michel Toussaint.

3. PERCURSO ACADÉMICO E CONTEXTO FAMILIAR

3.1. Infância e juventude: período escolar pré-académico

JORGE RIBEIRO FERREIRA CHAVES nasce às 10 horas do dia 22 de Fevereiro de 1920, em Vila da Ponta do Sol (Ribeira Grande), sede do Concelho da Ilha de Santo Antão em Cabo Verde, filho de Raúl Pires Ferreira Chaves, Engenheiro Civil de profissão, e de Elvira da Conceição Ribeiro Ferreira Chaves.¹⁰⁸

O seu pai, Raúl Pires Ferreira Chaves¹⁰⁹ (1889-1967), foi um engenheiro civil e inventor diplomado pelo Instituto Superior Técnico, que viveu e exerceu a sua actividade profissional em Portugal, em Cabo Verde e na Guiné Portuguesa (actual Guiné-Bissau).

Para além de diversos cargos que desempenhou, foi Director das Obras Públicas de Cabo Verde (de 1936 a 1939) e da Guiné Portuguesa (de 1926 a 1932) onde, posteriormente, foi Presidente da Associação Industrial, Comercial e Agrícola.



Fig. 1 Arquivo Jorge Ferreira Chaves A) Vivendas projectadas por Raúl Pires Ferreira Chaves, em construção com o “Sistema e material MURUS” B) Exemplo de edifício construído com o “Sistema e material MURUS” C) Raúl Pires Ferreira Chaves em assistência a uma obra D) Maquete em tamanho natural de um dos blocos do “Sistema e material MURUS”.

Em 1936, inventou e patenteou¹¹⁰ o “Sistema e material MURUS”,¹¹¹ para edificação de alvenarias autoportantes, precursor dos actuais sistemas de construção com blocos modulares. Com este material construiu muitas das obras por si projectadas - edifícios,

¹⁰⁸ Certidão de nascimento registada no livro de emolumentos sob o nº 13348, ficha nº 12367, emitida pela 5ª Conservatória do registo civil do Concelho de Lisboa, em 21 de Setembro de 1935, relativa ao registo nº 1313 do livro de registos de nascimento nº 71, referente ao ano de 1931, folha 172.

Fonte: Processo individual de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. EBAL; Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53. Arquivo da FAUTL.

¹⁰⁹ A informação apresentada sobre Raúl Pires Ferreira Chaves baseia-se em documentação que na sua maioria estava na posse de JFC. [vol. II, cap. 5.1.].

¹¹⁰ Patente nº 18 539.

¹¹¹ S/A - “Um invento português”. Jornal *A Verdade* de 31 de Outubro de 1936. p. 1.

monumentos, infra-estruturas, como poços, aquedutos, canais de irrigação, cisternas e até pontes. O seu trabalho carece de estudo e publicação.

Da família materna de JFC, pouco se conseguiu apurar.

Da família paterna¹¹², que era originária de Faro e de Tavira, vários membros atingiram algum grau de notoriedade. O avô de JFC, Joaquim Manuel Ferreira Chaves, casado com Maria Antónia Pires Ferreira Chaves, era farmacêutico e esteve ligado à fundação da fábrica de cerveja “Germânia”¹¹³ em Lisboa. O seu irmão Agostinho Ferreira Chaves, tio-avô de JFC, era também farmacêutico e foi o director e proprietário do almanaque quinzenário *A Rir: Album de Anecdotas e Bons Ditos coleccionados por Agostinho Ferreira Chaves*, distribuído no Algarve entre 15 de Janeiro de 1891 e 30 de Maio de 1893.¹¹⁴

Dos irmãos do pai de JFC, são de referir:

- Maria Alexandrina Pires Ferreira Chaves (Faro, 1892-1979), pintora formada na EBAL,¹¹⁵ casada com Rogério Paletti Berger (Lagos, 1899-1965), escultor formado em 1923 na EBAL, professor de *Desenho e Modelação*¹¹⁶ - artistas plásticos com quem convivia com alguma frequência e que provavelmente terão tido alguma influência na profissão escolhida por JFC;
- Olímpio Pires Ferreira Chaves, major de Infantaria, que integrou o primeiro grupo de treze pilotos da aviação militar portuguesa¹¹⁷; publicou, em 1918, o primeiro manual em português de instrução de pilotagem e mecânica de aeronaves;¹¹⁸
- João Carlos Pires Ferreira Chaves (Tavira, 1882-1942) que, quando faleceu, no posto de general, desempenhava as funções de director da Arma de Infantaria. Foi autor de vários livros de temática militar¹¹⁹, entre os quais, *Processo da viagem de curso do Estado Maior na região do Algarve* em 5 volumes [Doc. A 4] com algumas ilustrações realizadas por Jorge Ferreira Chaves¹²⁰ quando tinha 16 anos. A sua filha Maria Amélia Sousa Ferreira Chaves Almeida Fernandes (n. 1911) foi a primeira engenheira civil formada pelo Instituto Superior Técnico¹²¹ e nessa especialidade participou em alguns dos projectos de JFC.

112 No Capítulo 5 do Volume II poder-se-á encontrar informação mais detalhada sobre estes e outros familiares de JFC. Vários encontram-se no universo dos seus clientes de projectos de arquitectura.

113 A fábrica de cerveja “Germânia” (que é actualmente a Portugália) resultou da fusão da Fábrica de Cerveja Leão com a Companhia Portuguesa de Cervejas, no início do século XX.

114 Website *A Imprensa Regional Algarvia - Concelho de Faro*, p. 7. (acesso em 17-11-2011). JFC possuía alguns fascículos.

115 *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXIX (apêndice), p. 27.

116 *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXIX (apêndice), p. 27.

117 MATEUS, Henrique Henriques - *Os Primórdios da Aviação em Portugal*.

118 “Novos Livros: Noções elementares de aviação”. In *A Capital* nº 2910; 9º ano. Lisboa: Domingo, 27 de Outubro de 1918. p. 1.

119 *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XI, p. 185.

120 CHAVES, 1936, [ilustrações]. [Doc. A 3].

121 PARRADO, Marta - “Maria Amélia Chaves, a primeira engenheira portuguesa”. In *Ingenium*, Novembro/Dezembro 2006.

Os pais de JFC tinham casado em 1914, durante o período conturbado dos primeiros anos da República. Raúl Pires Ferreira Chaves (1889-1967) participara, em 1912, na campanha militar de Cabeceiras de Basto, contra a insurreição monárquica de Paiva Couceiro, como Cabo Miliciano de Infantaria integrando, junto com os irmãos Olímpio e Tomás, o Regimento de Infantaria 5.¹²²

Vários dos seus irmãos seguiram a carreira militar, mas ele, findo o serviço militar e devido à escassez de trabalho na Metrópole, interrompeu o Curso de Engenharia indo em 1915, por sugestão de um irmão¹²³ que trabalhava em Angola, viver para Cabo Verde com a sua mulher. Aí desempenhou vários cargos e prestou diversos serviços ao Estado, alguns relacionados com as suas habilitações, mas também cargos administrativos. Foi, respectivamente, professor, agrimensor, chefe interino da Repartição de Agrimensura e Cadastro, chefe da Secção de Obras Públicas de Santo Antão, chefe da Secção de Obras Públicas de São Vicente e também Administrador do Concelho de Santo Antão, Presidente da Junta Administrativa da Ilha do Maio, Presidente das Comissões de Abastecimentos e de Assistência de Santo Antão, Chefe do Registo Civil do Maio, Conservador do Registo Civil de Santo Antão.

Jorge Ferreira Chaves foi o terceiro dos filhos do casal nascidos nas ilhas.

No início da década de 20, passaram algum tempo em Lisboa. Neste período, Raúl Pires Ferreira Chaves finalizou o Curso de Engenharia no Instituto Superior Técnico enquanto desempenhava as funções de Secretário do Ministro das Colónias e do Ministério do Trabalho tendo desempenhado também, funções na Repartição de Estudos Económicos do Ministério das Colónias.

Dois irmãos mais novos de Jorge Ferreira Chaves, já nascidos após este regresso a Lisboa, morrem, ainda bebés, de pneumonia.

Na sequência destes acontecimentos, a família regressa a Cabo Verde.

Raúl Pires Ferreira Chaves é agora Delegado do Director de Obras Públicas em São Vicente, cargo que foi extinto em 1926. É então, em 30 de Janeiro desse ano, colocado na Guiné portuguesa como Director de Obras Públicas, cargo que desempenhou até 1932 acumulando com os de Vice-presidente do Conselho do Governo (em 1927) e de Engenheiro das Câmaras Municipais de Bissau e de Bolama (1926-1927). Já depois de 1930 foi Engenheiro das Comissões Urbanas.

¹²² "Ainda a defesa da Pátria". In *Ilustração Portuguesa* nº 336, Lisboa, 29 de Julho de 1912. p.142.

¹²³ Joaquim Pires Ferreira Chaves, Chefe dos Correios em Luanda. Pai de Manuel Paiva Chaves, agente técnico de Engenharia, responsável técnico de uma obra de JFC em Faro, e do médico ortopedista Dr. Joaquim Paiva Chaves, que encomendou dois projectos a JFC.

O clima da Guiné era muito rigoroso, havendo elevado risco de contrair doenças. Por isso manteve a residência em São Vicente onde permaneceram a mulher e os filhos, viajando constantemente entre os dois territórios.

Em 1927 foi nomeado para o cargo de Director dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de S. Vicente, repartição recentemente criada e da qual foi o primeiro director¹²⁴.

Acumulava ainda, o lugar de professor do Liceu de S. Vicente,¹²⁵ onde deu aulas ao seu filho Alexandre, o mais velho, até ao 5º ano.

Sendo a escolaridade dos filhos uma preocupação crescente, agora com JFC também com idade de entrar para o liceu, a família regressa definitivamente a Lisboa em 1931, ficando Raúl Pires Ferreira Chaves a viver em África.

A família morou na Rua de São Bernardo S.E.E. r/c, mudando-se para o 132, 1º andar, da mesma rua, em 1932.

Em 1933 mudaram-se para casa de Maria Antónia Pires Ferreira Chaves (m. 1935), avó paterna de JFC, que morava na R. de São Bento 297, 3º andar, num prédio em que vários andares eram habitados por familiares.

Nesse prédio morava também uma professora de música, Eugénia Rodrigues de Almeida, que deu aulas de piano a JFC e a todas as crianças da família.¹²⁶

O piano e o interesse pela música acompanharam-no sempre.¹²⁷ Contemporâneos seus na EBAL, recordam-no a cantar alto trechos de ópera, enquanto os professores não chegavam.¹²⁸

Talvez por isso, entrou ainda na década de 1930, para a Sociedade Coral Duarte Lobo fundada e dirigida pelo maestro Ivo Cruz¹²⁹. Integrando o coro, participou em vários concertos no Teatro Nacional de São Carlos e no Coliseu dos Recreios¹³⁰.

124 *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento da Cidade do Mindelo*. Cabo Verde, Praia: Edição do Fundo de Desenvolvimento Nacional - Ministério da Economia e das Finanças, publicação do Ministério da Habitação e Obras Públicas, 1980. (p. 78).

125 “Professores do Liceu Central Infante D. Henrique”. In website: *Na esquina do tempo; magazine cultural online*. (acesso 29-7-2011).

126 Segundo Maria Antónia Ferreira Chaves da Fonte Baptista (sobrinha de JFC; n. 1940), JFC era aquele que mais se interessava pelo piano, compondo até, pequenas peças musicais.

127 O autor recorda-se de o ouvir em casa, nos anos 70, a interpretar a Bagatela para piano Für Elise.

128 Manuel Tainha recorda-se, em particular, de o ouvir a cantar passagens da Aida. (Depoimento de Manuel Tainha em 2011).

129 Manuel Ivo Cruz (pai) (1901-1985) “O seu interesse pela música portuguesa pré-clássica manifesta-se desde cedo, quer nas suas composições, quer na fundação da Sociedade Coral Duarte Lobo, em 1931, sendo em grande parte graças aos seus esforços que este repertório se torna conhecido do grande público.”

Fonte: “Cruz, Ivo”. Website do *Centro de Investigação & informação da Música Portuguesa*. (acesso 11-12-2011).

130 Encontram-se na biblioteca de Jorge Ferreira Chaves registos da sua participação nas seguintes apresentações, nos respectivos libretos:

- “Festival Russo”, obras de Rimsky Korsakoff, Moussorgsky, Glazounoff, Tchaikowsky e Borodine. Sociedade Coral Duarte Lobo e Orquestra Filarmónica de Lisboa. Maestro Director Ivo Cruz. No Coliseu dos Recreios em 1 de Maio de 1939. [Doc. A 97].

- “Festival Coral”, obras de Carlos de Seixas, D. João IV, Boccherini, Händel, Grieg e Tchaikowsky. Sociedade Coral Duarte Lobo e Orquestra Filarmónica de Lisboa. Maestro Director Ivo Cruz. No Teatro Nacional de S. Carlos em 17 e 18 de Fevereiro de 1941.

Frequentou o Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes), entre o anos lectivos de 1931-1932 e 1934-1935 [Doc. A 2], respectivamente da 1ª à 4ª Classe do liceu¹³¹. É aí que se torna amigo de Francisco Oliveira Santos, que lhe irá encomendar, no final dos anos 50, o projecto do Hotel Garbe.

O seu irmão Alexandre frequentava também esse liceu, tendo completado na mesma época os dois anos finais do Curso dos Liceus, antes de ingressar no IST em 1933. Moraram, como já foi referido, em casa da avó paterna na R. de São Bento 297, 3º andar, até ao seu falecimento em 1935. Nessa altura mudaram para uma casa na Avenida Rovisco Pais, escolhida pela sua localização próxima do IST, que Alexandre frequentou até à sua formatura em 1938.

A prestação de JFC na 1ª classe do liceu foi muito boa, obtendo a classificação final de treze valores (bastante elevada no contexto daquele estabelecimento de ensino). Nos anos subsequentes, os resultados finais vão piorando¹³² até que, na 4ª classe, não obtém notas para transitar para o ano seguinte.

As suas notas na cadeira de Trabalhos Manuais vão, pelo contrário, sendo em cada ano mais altas, sendo classificado com 17 valores no último ano que frequentou o liceu. Assinalável também a nota de 14 valores na cadeira de Desenho.¹³³

Estes resultados pesaram, obviamente, na escolha do Curso de Arquitectura.

De acordo com o testemunho recolhido de Carlos Manuel Oliveira Ramos¹³⁴, que frequentou aquele liceu na mesma época, a cadeira de Trabalhos Manuais era leccionada pelo professor Fernando Lobo D'Ávila Lima¹³⁵, director dos Cursos de Trabalhos Manuais do Liceu de Pedro Nunes, na oficina de madeiras; o programa dessa cadeira consistia na construção de objectos a partir de desenhos técnicos fornecidos pelo professor e também alguns de criação livre.

- "A Paixão Segundo S. João", de Bach. Sociedade Coral Duarte Lobo, Orquestra Filarmónica de Lisboa e Coro de crianças do Liceu do Carmo. Maestro Director Ivo Cruz. No Teatro Nacional de S. Carlos em 19 e 20 de Maio de 1941.

131 Era essa a designação, na época, daqueles níveis do ensino liceal.

132 Um grave problema ocorrido em 1932, no contexto familiar, terá muito provavelmente tido influência naquela baixa de rendimento escolar.

133 Fichas de JFC, nos *Cadastros dos alunos* do Liceu Normal de Lisboa (Liceu Pedro Nunes). [Doc. A 2].

134 Depoimento em 2011.

135 Fernando Lobo D'Ávila Lima: Estudante de Medicina. Irmão do Lente Cathedrático da Universidade de Coimbra Dr. José Lobo D'Ávila Lima, preso quando dos acontecimentos de outubro de 1913 e posto em liberdade por efeito do decreto de 21 de fevereiro de 1914. Foi o introdutor, em Portugal, dos trabalhos manuais (processo pedagógico) que aprendeu à sua custa na escola sueca de Nais e que ensinou gratuitamente no Lyceu Pedro Nunes. Fonte: Website *Centenário da Republica*. (acesso 30-10-2011).

Fernando Lobo D'Ávila Lima que era, em 1931, membro da Junta de Educação Nacional, foi o introdutor, no ensino em Portugal, dos trabalhos manuais como processo pedagógico abrangente¹³⁶.

Dados a entrega e o interesse que JFC demonstrou por esta disciplina, transcevem-se alguns excertos, na grafia original, de um texto escrito pelo professor, que nos parece fornecer algumas pistas para uma característica importante do *modus operandi* de JFC, quando caracterizado como arquitecto perfeccionista. Para Lobo d'Ávila, tudo estava em criar hábitos que desenvolvessem o sentido da precisão e o aliassem ao sentido de utilidade; o aluno devia ser iniciado no espírito científico, habituando-o a treinar persistentemente o rigor de execução do trabalho, criando rotinas que aumentassem a perfeição da obra e rotinassem a sua execução, tornando-a mais fácil e mais eficaz. Trabalhando sobre objectos de utilidade corrente, os alunos desenvolviam rotinas de trabalho voltadas para o rigor e a eficácia:

"(...) Estamos habituados a dar tempo ao tempo, e cada um pode julgar se assim é, se dissermos que há precisamente vinte anos, e neste mesmo Liceu, fizemos a primeira tentativa de introdução no Ensino Oficial do trabalho manual educativo.

Hesitantes foram os nossos primeiros passos. Estas coisas, aparentemente simples, requerem uma longa elaboração mental, e não se abordam sem uma regular cultura filosófica. Volvidos vinte anos, dos quais dez de prática intensiva, e, acentuemos, absolutamente desinteressada, no ensino livre, a questão aparece hoje ao nosso espírito mais clara e desenhando com nitidez o caminho a seguir. (...)

(...) Tratamos da execução de modelos de aplicação na Escola, tais como sólidos geométricos, suportes para tubos de ensaio, réguas e esquadros de desenho, suportes para termómetros, tabuleiros e peças para jogos de damas e de xadrez, aparelhos de física, tais como o nível e plano inclinado de Galileu, ponto de partida para uma nova série que desenvolveremos num futuro próximo, com auxílio e sob indicação dos professores da secção de ciências. Em tudo marcando quanto possível o sentimento de precisão, idéa base da iniciação científica, que ao ensino secundário incumbe fixar e desenvolver, de par com o sentido utilitário, ligando, como convém, o educando à escola e à vida prática através dos objectos do seu uso e experiência. (...)

Nos alunos da segunda classe, (...) é evidente a quem foi dado observar que no seu espírito entrou já a primeira noção da exatidão, sendo por vezes impressionante a forma como se concentram no trabalho, e a maneira como, a pouco e pouco, se aproximam da idéa directriz: - a precisão. Muitos há que, espontaneamente, e sem grande esforço de quem os dirige, reconhecem o seu modelo imperfeito e pedem autorização para o executar de novo.

Vem aqui logicamente a segunda parte.

COMO SE FEZ

Aproveitando o ensejo, assim tam de boamente e muitas vezes manifestado pelos alunos, incitámo-los a repetir, isto é, a persistir numa execução mais cuidada. É então que o educador bem orientado e convicto da sua idéa, tem largo campo para provar das próprias faculdades, procurando a forma, de preferência suave, raras vezes de leve autoridade, para, devagar, delicadamente, fazer ver as razões, acordar o sentimento da

¹³⁶ Fernando Lobo D'Ávila Lima é co-autor com Clementino Moniz de Sousa, do livro *O trabalho manual pedagógico*, de 1944. Clementino Moniz de Sousa é autor de diversos compêndios escolares de ciências naturais, biologia, geologia e botânica.

perfeição, disciplinando os movimentos, tornando o trabalho fácil, incitando, animando pela palavra, mas sobretudo pelo exemplo, pela atitude.

Torna-se sedutor êste trabalho de ortopedia do espírito, pouco habituado a querer, e de grande, do maior significado educativo.

Os nossos modelos pouco dizem ao observador superficial. Para quem souber, e quiser ver, afirmo que dizem muito e fazem prever muito mais.

É notório o interesse com que os alunos vêem o seu trabalho, e intenso o entusiasmo com que actuam. Muitos dos nossos alunos entram na aula antes da hora marcada e pedem para trabalhar durante o tempo de recreio. (...)

(...) O trabalho manual ensina a observar, desenvolve o espírito prático e o espírito das realizações, a iniciativa e com ela a noção das realidades.

Desenvolve paralelamente o espírito e o físico, mantendo a harmonia, o equilíbrio das faculdades humanas.

A educação científica tendo um duplo fim de investigação e de utilidade; o trabalho manual firma o espírito científico, e desenvolve legítimas tendências utilitárias. (...)

(...) Cultiva a paciência e a persistência, a continuidade no esforço, sem a qual as energias se perdem.”¹³⁷

Para além deste professor, Teresa Ferreira Chaves recorda-se que JFC referia também a influência de Rómulo de Carvalho¹³⁸ (1906-1997) como marcante na sua formação. Durante dois anos Rómulo de Carvalho estagiou no Liceu Normal de Pedro Nunes; foi nesse período que JFC teve oportunidade de ser seu aluno.

Entre valores que transmitia destaca-se, sobretudo, uma influência que facilmente se pode identificar no texto de JFC, o valor que atribuía à qualidade da redacção e à clareza da escrita.¹³⁹

137 LIMA, Fernando Lobo D'Ávila - "Trabalhos Manuais". (31 de Janeiro de 1932). *Pel' A Escola, Separata do Boletim do Liceu Normal de Lisboa* [Pedro Nunes] nº 4. 1932

138 Rómulo Vasco da Gama de Carvalho. Em 1928 matricula-se em Ciências Físico-Químicas, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Em 1930 colabora no semanário *Liberdade*, órgão republicano académico. Em 1931 termina o curso de Ciências Físico-Químicas e inicia estágio no Liceu Normal Pedro Nunes. Em 1932 conclui o curso de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1933 termina o estágio no Liceu Pedro Nunes. Começa a ensinar, actividade que exerce até 1974. Em 1934 faz o Exame de Estado e é colocado no Liceu Camões.

Fonte: RÊGO, Manuela; LOPES, Fátima - "António é o meu nome - Rómulo de Carvalho". Website: *Biblioteca Nacional*. (acesso 18-9-2011).

139 Rómulo de Carvalho foi uma personalidade tão multifacetada, tão interveniente e tão produtiva que os estudos e comentários sobre a sua vida se têm desdobrado em vertentes muito diversas.(...) Fala-se, finalmente, da sua docência e destaca-se o seu extraordinário exemplo de professor. Os seus antigos alunos, que são muitos, e alguns em posições destacadas na vida científica e cultural portuguesa, lembram elogiosamente o seu magistério. (...) Mas Rómulo de Carvalho foi um mestre de professores. Um mestre pelo exemplo e também pelo pensamento. (...) Alto, apumado, sempre cuidadosamente vestido, cordato mas de aparência um pouco distante, era um homem exigente consigo e com os outros. Destacava-se pelo seu profissionalismo reservado e pela sua cultura superior, que transpareciam nas mais simples conversas. (...) [Duas antigas estagiárias] recordariam entre as «marcas indeléveis» que o contacto com este pedagogo deixou no seu espírito, a «sua enorme preocupação com a elegância da linguagem oral e escrita, no mais estrito respeito pelas regras da língua portuguesa». Fonte: CRATO, Nuno - "Rómulo de Carvalho, pedagogo. Cronologia de Rómulo de Carvalho". 2006. Website: *Biblioteca Nacional*. (acesso 18-9-2011).

Exigente, comunicador por excelência, para Rómulo de Carvalho ensinar era uma paixão. Tal como afirmava sem hesitar: “ser Professor tem de ser uma paixão - pode ser uma paixão fria mas tem de ser uma paixão. Uma dedicação.”¹⁴⁰

3.2. Preparação para o exame de admissão à Escola de Belas Artes de Lisboa

Decidiu então não completar o Curso dos Liceus e estudar arquitectura.

O ingresso na EBAL fazia-se então mediante um exame de admissão; os candidatos com habilitação oficial (Curso dos Liceus ou Escola Técnica) realizavam apenas duas provas de Desenho: *desenho do antigo cabeça e torso*, e *desenho ornamental (cópia do gesso)*. Aqueles, como era o caso de JFC, sem habilitação completa, tinham de realizar sete provas que, além das duas já mencionadas, incluíam: *desenho geométrico e elementos de projecções; elementos de física, química e ciências histórico-naturais; Portuguez e Francez; aritmética, algebra elementar, e geometria plana e no espaço; geografia geral, história pátria, e elementos de história universal* [Doc. A 5].

A sua preparação para esses exames constou de aulas particulares de Geometria e Desenho¹⁴¹, a cargo do Pintor Armando Figueiredo de Lucena¹⁴² (1886-1975), e de Matemática e Ciências com o seu pai, que viveu em Lisboa entre 1933 e 1936 - data em que regressará a Cabo Verde.

Raúl Pires Ferreira Chaves e Armando Figueiredo de Lucena ter-se-ão provavelmente conhecido, não excluindo a possibilidade de outro grau de conhecimento, por ocasião da

¹⁴⁰ “António é o meu nome. Rómulo de Carvalho - António Gedeão - Professor, pedagogo, poeta, investigador, historiador, escritor...” . Fonte: Website *Rómulo de Carvalho* (desenvolvido por Ana Carolina Cassoni © 2007).

¹⁴¹ Dado fornecido por Vasco de Lucena, filho de Armando Figueiredo de Lucena, numa conversa com o autor, em 1987, que ocorreu na Escola António Arroio, que o autor frequentava nessa época e onde conheceu o primeiro que, embora reformado, desenvolvia ainda o seu trabalho pessoal numa oficina cedida por aquela instituição.

¹⁴² Armando Figueiredo de Lucena (Sernancelhe, 23 de Setembro de 1886 - Lisboa, 25 de Abril de 1975), chamado de “O último pintor romântico”, foi um professor, cronista do Diário de Notícias, historiador de arte, publicista e pintor português.

Tirou o Curso de Pintura de Paisagem na EBAL e o Curso Normal para o Ensino de Desenho tendo sido professor do Ensino Técnico. Foi professor de pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa no período compreendido entre 1952 e 1956.

(...) Decorou a Sala da Agricultura do Pavilhão de Portugal na Exposição de Sevilha de 1929, tendo ganho uma medalha de ouro no mesmo certame.

Foi vogal da Academia Nacional de Belas Artes, presidente do Conselho Superior da Sociedade Nacional de Belas-Artes, vice-presidente da Assembleia Geral e presidente da Direcção desse mesmo organismo.

Publicou em 1942 três volumes sobre *Arte Popular, Usos e Costumes Portugueses* bem como diversos livros sobre Estética e História da Arte. Tem profusa e valiosa colaboração espalhada em muitos jornais e revista, sobre temas de Arte e de Estética.

Desde 1937 realizou periodicamente palestras de divulgação cultural e artística na Emissora Nacional.

Fontes: *Grande Enciclopédia Universal*, vol. 12; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XV (p. 552);

Website: *Segurança e higiene industrial*; “Pintura”. (acesso 17-11-2011); LOPES, Irina Alexandra - “Novo contributo para o estudo da Obra de Armando Figueiredo de Lucena”. Website CM Mafra *Boletim Cultural* 2006. (p. 362-401). (acesso 28-3-2011).

Armando de Lucena havia sido já, professor particular de pintura de Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) durante a sua adolescência, em 1919/1920. Fonte: “Vieira da Silva”. Website: *Artelection* (acesso 17-11-2011).

Exposição Ibéro Americana de Sevilha em 1929/1930 em que ambos obtiveram medalhas de ouro - o engenheiro pelo trabalho que expôs, e o pintor pela decoração da Sala da Agricultura do Pavilhão de Portugal da exposição.

Acordaram em preparar os filhos de ambos - JFC, a sua irmã Maria Helena¹⁴³ e Vasco de Lucena¹⁴⁴ (1913-2001), que constituíram num grupo a quem, alternadamente, davam aulas - para aquele objectivo comum: o ingresso na EBAL.

Em 14 de Setembro de 1935, “considerando-se devidamente habilitado”, JFC requer autorização para realizar o exame de admissão ao Curso Especial de Arquitectura da EBAL.

O requerimento [Doc. A 11] teve deferimento em 20 de Setembro de 1935.¹⁴⁵

Tendo concluído com aprovação os referidos exames, que decorreram entre 30 de Setembro e 15 de Outubro, requer matrícula no 1º ano daquele curso, em 16 de Outubro de 1935.¹⁴⁶

3.3. Ingresso na Escola de Belas Artes de Lisboa: Curso Especial de Arquitectura

Em 1935, com apenas 15 anos, JFC ingressa no Curso Especial de Arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa.¹⁴⁷

O decreto nº 21 662 de Setembro de 1932 que, no ano lectivo de 1935/1936 regulamentava o plano de estudos do Curso Especial de Arquitectura, definia já como habilitação mínima o 7º ano do Curso dos Liceus¹⁴⁸, no entanto, segundo Manuel Alzina de Menezes¹⁴⁹, ainda ingressavam muitos estudantes sem essa habilitação, como foi também o seu próprio caso, mediante aprovação em exame de admissão.

143 Maria Helena Ferreira Chaves (1917-1999) também ingressa em 1935 no Curso Especial de Arquitectura do qual frequentou apenas o 1º ano, ingressando posteriormente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde foi colaboradora do Jornal cultural *Horizonte*. Casou em 1944 com Augusto da Costa Dias (pai) (1919-1976), escritor e investigador de literatura e cultura portuguesa, em cujos trabalhos colaborou.

Teve também assídua actividade como tradutora e escreveu um livro de contos intitulado *Animais, esses desconhecidos*, em que o personagem Dr. Virgulino de vários desses contos, era inspirado em seu pai (Raúl Pires Ferreira Chaves).

Os projectos de JFC, das duas moradias de Almoçageme, foram encomendadas por irmãos de Augusto da Costa Dias.

144 Vasco de Lucena matriculou-se no Curso Especial de Pintura da EBAL em 1935, com prévio exame de admissão, realizado nesse ano. Concluiu o Curso Superior de Pintura na EBAP no ano de 1943. Foi, inicialmente, professor na Escola Industrial Machado de Castro. Fonte: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XV (p. 554).

“(…) foi durante incontáveis anos um professor apaixonado de História de Arte num liceu em Lisboa (Escola de Artes Decorativas António Arroio). Aos 69 anos reformou-se e construiu incríveis máquinas cinéticas de luz que manipulou em solidão, realizando esporadicamente pequenas sessões para a família e amigos. Estas performances eram filmadas e comentadas pelo autor de forma a direccionar o olhar em visões poéticas ou instruir sobre a estrutura dos efeitos e reflexos produzidos.”

Fonte: ESTRELA, Alexandre - “Vasco Lucena”. website: *Márgenes*. (acesso 17-11-2011).

145 Fonte: Processo individual de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. EBAL; Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53. Arquivo da FAUTL.

146 Ibidem.

147 Ibidem.

148 LISBOA, 2007, p. 511.

149 Depoimento de Manuel Alzina de Menezes, em 2011.



Fig. 2 Aula de *Desenho de figura do antigo, cabeça e torso* (3º cadeira, I parte) na EBAL, em 1935/1936. JFC está ao centro da imagem. Arquivo JFC.

Vejamos uma descrição de como funcionavam os cursos de Arquitectura das escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto.

A organização dos estudos, (...), era decalcada da Escola de Belas Artes de Paris: “Curso Especial” de quatro anos com disciplinas teóricas, teórico-práticas e práticas, preenchendo o horário normal de 6 horas, incluindo sábados, em regime de presença obrigatória, com faltas, classificações por notas em cada cadeira (três períodos escolares + exame final só na 1ª época); e “Curso Superior” subordinado ao sistema de “concursos de emulação” (quatro por ano para Arquitectura - Grande Composição; dois para Arquitectura-Esboceto; e um, respectivamente, para Construção, Arqueologia Artística e Composição Decorativa), com as notas convertidas em pontos que, em cada cadeira teriam de atingir determinada soma. Os concursos de Arqueologia Artística eram antecedidos pela frequência (e exame) da respectiva cadeira teórica - a única desse curso superior. Nesta fase curricular a frequência das aulas era facultativa. Depois de obtidas as pontuações obrigatórias, seguia-se um período de estágio, de pelo menos dois anos, e só depois é que se podia requerer - mas não havia coragem para o fazer de imediato - a prova do Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto, na qual o candidato tinha de apresentar um projecto (não efectivado) completo, tal como se fosse para construir, com toda a parte técnica complementar; e defendê-lo em sessão pública perante um júri presidido pelo Director da Escola e tendo, como arguentes, dois professores.¹⁵⁰

Segundo Celestino de Castro¹⁵¹, contrariamente ao curso da EBAP em que a frequência das aulas era facultativa durante o Curso Superior, os trabalhos de Arquitectura das cadeiras ministradas por Cristino da Silva¹⁵² eram obrigatoriamente desenvolvidos na escola.

Na ausência de relatos, podemos apenas tentar uma aproximação a uma reconstituição do seu percurso na fase inicial do curso, que será forçosamente lacónica, baseada quase exclusivamente em elementos que constam do seu processo de aluno¹⁵³ e algumas imagens.

¹⁵⁰ FILGUEIRAS, 1986, [p.8].

¹⁵¹ NUNES, 2007, p. 11. [Depoimento do arquitecto Celestino de Castro em 2007].

¹⁵² Luís Cristino da Silva (1896-1976) formou-se em Arquitectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa. No ano de 1918, partiu para Roma, onde fez investigação arqueológica, e em 1920 foi para Paris com uma bolsa para estudar nos ateliers de Léon Azéma e Laloux (antigo mestre de Ventura Terra), em 1895.

¹⁵³ Processo individual de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. EBAL; Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53. Arquivo da FAUTL.

Da observação de alguns desses elementos, depreende-se que a adaptação, nos dois primeiros anos, terá sido difícil. Passada essa fase, constata-se a obtenção de resultados muito bons em várias cadeiras, nomeadamente em Arquitectura/Composição, Desenho de Figura do Antigo/Estátua, Estilização/Composição Ornamental, História da Arte na Antiguidade e em Geometria Descritiva/Esteriotomia.¹⁵⁴



Fig. 3 Jorge Ferreira Chaves; trabalhos de desenho; ano lectivo de 1938/1939: A) *Desenho de figura do antigo* (3ª cadeira, II parte), *Estátua*. B) *Desenho de modelo vivo* (3ª cadeira, III parte). Arquivo JFC.

Apresenta-se de seguida a descrição detalhada, em matéria curricular e com as respectivas classificações finais, do seu percurso nesta fase, aludindo à designação completa das cadeiras que constituíam então o curriculum do Curso Especial de Arquitectura. Para esse efeito foram consultados os requerimentos de inscrição e os dois Certificados de Habilitações, emitidos em 15 de Outubro de 1941 e em 26 de Junho de 1943, que existem no seu processo de aluno bem como os livros com os registos de avaliação. É observável que, regra geral, as classificações obtidas nos exames de frequência eram superiores às obtidas nos exames finais [vol. II, cap. 7.1.] [Doc. A 6].

No ano lectivo de 1935/1936 frequentou o 1º ano, composto por 6 cadeiras das quais apenas obteve aprovação em:

Estilos ornamentais, ornamentação do natural estudo comparado desenho e modelação
(2ª cadeira, I parte): 11 valores;

¹⁵⁴ Embora não se apresentem elementos comparativos para fundamentar a afirmação de que os resultados obtidos em avaliação eram muito bons, tem-se em conta, além da qualidade evidente nos exemplos de trabalhos que apresentamos, o facto de lhe ter sido atribuído o Prémio José Luiz Monteiro que, como se verá mais à frente, distinguia a excelência do percurso académico.

Desenho de figura do antigo, cabeça e torso (3º cadeira, I parte): 10 valores.

No ano lectivo de 1936/1937 requer a inscrição nas cadeiras do 1º ano em que não tinha obtido aprovação, não a obtendo, igualmente, nesse ano lectivo.

Em 1937/1938 existe novo requerimento para inscrição nas mesmas cadeiras, que então concluiu com aproveitamento:

Elementos de Geometria Descritiva, perspectiva, teoria das sombras (1ª cadeira, I parte): 11 valores;

Ordens e trechos architectónicos, desenho a traço e aquarelado (8ª cadeira, I parte): 11 valores;

Álgebra, geometria analítica, trigonometria plana (13ª cadeira, I parte): 12 valores;

História, geografia histórica, etnografia (11ª cadeira, I parte): 11 valores.

No ano lectivo de 1938/1939 encontra-se um requerimento para inscrição nas cinco cadeiras do 2º ano. Obteve as seguintes classificações:

Geometria descritiva, estereotomia (1ª cadeira, II parte): 14 valores;

Desenho de figura do antigo, Estátua (3ª cadeira, II parte): 15 valores;

Desenho de modelo vivo (3ª cadeira, III parte): 13 valores;

Arquitectura, edifícios e monumentos na antiguidade, desenho a traço e aquarelado (4ª cadeira, I parte): 13 valores.

Não tendo obtido aproveitamento em *Matemática (Elementos de cálculo integral diferencial, mecânica)* e dado que a falta dessa cadeira o impossibilitaria de no ano seguinte completar o 3º ano, em requerimento de 8 de Agosto de 1939, requer ao Ministério da Educação Nacional que lhe seja feito novo exame na época de exames de Outubro [Doc. A 12]. Argumenta que é nessa época que se realizam os exames de admissão à Escola e que alunos antigos, desejando transitar para o curso moderno, costumam, também nessa época, prestar as suas provas; que o júri estava já nomeado e que era considerado um bom aluno, tendo chegado a ir a exame final. Apela, por fim, à “equidade e justiça de espírito” do Ministro.

Este enviou o requerimento à escola para emissão de parecer. No ofício nº 918, de 6 de Setembro de 1939, o Director da escola dá um parecer negativo invocando, “A Bem da Nação”, que “o regulamento da escola não alude a exames de 2ª época” e que “seria da maior inconveniência para o ensino que se abrisse esse precedente” uma vez que apesar de esse exame ser de índole teórica, “outros havia que eram realizados durante dois meses e que poderiam ser requeridos também”.¹⁵⁵

No ano lectivo de 1939/1940 faz requerimento para inscrição nas 4 cadeiras que compunham o 3º ano e naquela do 2º ano que estava em falta, tendo obtido as seguintes classificações:

Elementos de cálculo integral diferencial, mecânica (13ª cadeira, II parte) [do 2º ano]: 10 valores;

Estilização, composição ornamental (2ª cadeira, II parte): 14 valores;

História da Arte na antiguidade (9ª cadeira, I parte): 14 valores;

Arquitectura, pequenas composições (4ª cadeira, II parte): 10 valores;

Topografia (14ª cadeira, III parte): 10 valores.

¹⁵⁵ Fonte: Processo individual de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. EBAL; Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53. Arquivo da FAUTL.

No ano lectivo de 1940/1941 faz requerimento para inscrição na cadeira do 3º ano que não pôde frequentar no ano anterior devido àquela questão de precedência:

Estática Gráfica, resistência de materiais; estabilidade, aplicação ao ferro, à pedra e à madeira (14ª cadeira, I parte) [do 3º ano]: 10 valores.

Do 4º ano¹⁵⁶, inscreve-se em apenas duas cadeiras:

Arquitectura composição (4ª cadeira, III parte): 14 valores;

História das Artes medieval e moderna (9ª cadeira, II parte): 10 valores.

Durante este ano lectivo, no início do qual terá decidido deixar duas cadeiras para o ano seguinte para poder ter disponibilidade para trabalhar num atelier de arquitectura, colaborou no atelier do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, em 1941¹⁵⁷. Interrompida pela obrigação do serviço militar, terá sido esta a sua primeira experiência de prática profissional.

Em 15 de Outubro de 1941, requer, para efeitos militares, o primeiro certificado de habilitações a que já fizemos referência; nele pode ler-se que lhe faltam apenas duas cadeiras para concluir o Curso Especial de Arquitectura¹⁵⁸.

Anselmo Fernandez Rodriguez (1918-2000), Raul Chorão Ramalho (1914-2001), Manuel Alzina de Menezes (n. 1920), Celestino de Castro (1920-2007), Eduardo Read Teixeira, João Afonso Garizo do Carmo, João de Castilho e Francisco Blasco Gonçalves foram os colegas, desse período do Curso de Arquitectura, que conseguimos identificar.

Apurámos que as cadeiras de Desenho eram ministradas por Leopoldo de Almeida (1898-1975) em aulas comuns com os alunos de Pintura e de Escultura. Também funcionavam nesse regime em comum com os outros cursos, as cadeiras *Estilos ornamentais; ornamentação do natural; estudo comparado (desenho e modelação)* do 1º ano e *Estilização, composição ornamental* do 3º ano, ministradas por João António Piloto (1880-1956) e *Elementos de Geometria Descritiva, perspectiva, teoria das sombras* pelo professor Victor Manuel Piloto (sobrinho de João António Piloto). *Resistência dos Materiais* era ministrada pelo engenheiro Virgílio de Lemos e as cadeiras de *Matemática* por João de Lemos. Luís Cristino da Silva era professor de todas as cadeiras de *Composição de Arquitectura*.¹⁵⁹

156 (...) No fim do 4º ano éramos obrigados a fazer uma prova, tanto em "Grande Composição de Arquitectura" como no concurso de "Construção", que consistia numa prova prévia de doze horas em sala fechada (cada um na sua sala) onde tínhamos de entrar às oito horas da manhã, de seguida davam-nos o programa e depois fazíamos o Esboceto daquilo que se iria executar.(...)
(NUNES, 2007, p. 11. [Depoimento do arquitecto Celestino de Castro em 2007]).

157 Nota curricular de JFC enviado à CML, em 1951, juntamente com Álvaro Petersen e Julio N. Cascais. [Doc. A 41].

158 O qual apenas constituía habilitação suficiente para aceder ao curso superior de arquitectura.

159 MONIZ, 2011, pp. 383-385.



Fig. 4 Jorge Ferreira Chaves; EBAL: trabalhos de *Estilização, composição ornamental*. Ano lectivo de 1939/1940. Arquivo JFC.

3.4. Interrupção do curso durante a Segunda Guerra Mundial. Serviço militar

Em 1941 interrompe o curso para cumprir o serviço militar, que durou praticamente três anos, durante a Segunda Guerra Mundial. Desse tempo, esteve mobilizado durante 22 meses como expedicionário em São Miguel, nos Açores¹⁶⁰, de onde só regressará definitivamente em 1944.¹⁶¹

Alistou-se em 1 de Agosto de 1940 sendo incorporado em 21 de Março de 1941.

Por não ter completado o Curso dos Liceus não consegue ser incorporado na Escola de Oficiais¹⁶².

Um requerimento, que foi deferido, para frequentar o Curso de Sargentos Milicianos de Engenharia faz adiar a sua apresentação para Agosto, o que permitiu terminar o ano lectivo na EBAL.

- Apresentou-se na Escola Prática de Engenharia em Tancos para frequentar o Curso de Sargentos Milicianos de Engenharia em 23 de Agosto de 1941.
- Pronto da Escola de Recrutas em 26 de Outubro de 1941.
- Período em Tavira no Regimento de Infantaria.
- Período em Lisboa integrado na 3ª Companhia de Sargentos.
- Formação em Enfermagem no Hospital Militar de Lisboa.

¹⁶⁰ Para defender o território do arquipélago dos Açores, são para lá enviados fortes contingentes expedicionários militares que incluem milhares de soldados e a quase totalidade da aviação de combate portuguesa.

¹⁶¹ Fontes: Processo individual de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. EBAL; Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53. Arquivo da FAUTL; Certificado militar [Doc. A 9].

¹⁶² Depoimento de Manuel Alzina de Menezes em 2011.

- Promovido a Furriel-miliciano em 23 de Junho de 1942.
- Partiu para os Açores em Junho de 1942, ocupando o posto de Furriel Miliciano Enfermeiro no Batalhão de Sapadores Mineiros de Engenharia.¹⁶³

O seu irmão Alexandre também cumpriu o serviço militar durante o mesmo período, em Cabo Verde.

Dois colegas de curso fizeram parte do serviço militar ao mesmo tempo que JFC; foram eles Manuel Alzina de Menezes, que esteve em Tancos, Tavira e Hospital Militar de Lisboa, e Francisco Blasco Gonçalves, que esteve em Tancos. João Salomão¹⁶⁴, do Curso de Escultura da EBAL, que também esteve em alguns daqueles quartéis, foi mobilizado para S. Miguel.

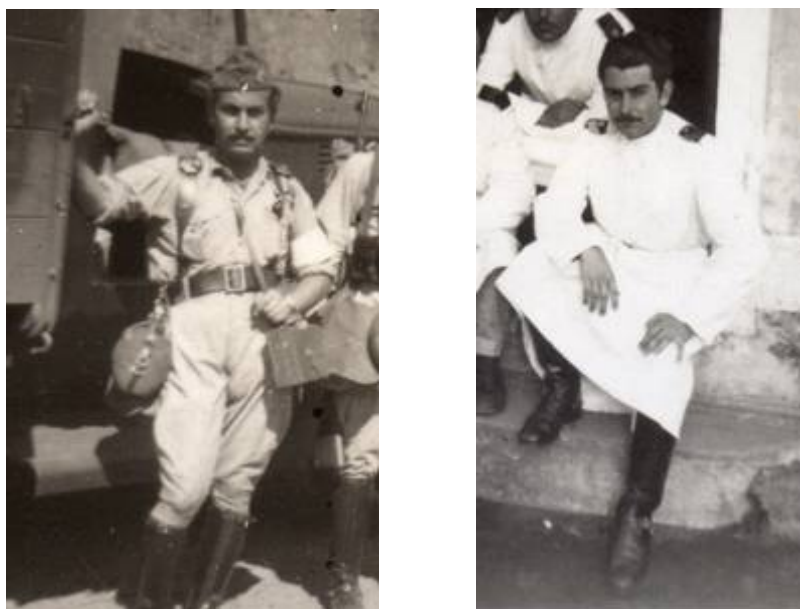


Fig. 5 Jorge Ferreira Chaves em S. Miguel durante a mobilização como expedicionário, em 1942/1944: A) Em campanha. B) Envergando o uniforme de enfermeiro. Arquivo JFC.

Podemos depreender pela resposta da mãe, Elvira Ferreira Chaves, numa carta de 22 de Janeiro de 1943, à sua anterior carta, como o adiamento da finalização do curso lhe estaria a causar apreensão:

¹⁶³ Fonte: Certificado militar [Doc. A 9]. Que refere ainda: Promovido a 2º Sargento Miliciano em 31 de Dezembro de 1948. Tropas licenciadas em 31 de Dezembro de 1955. Baixa de serviço em 1 de Janeiro de 1966: termina toda a obrigação de serviço militar.

¹⁶⁴ João Hermínio Salomão de Oliveira (1920-2000), também foi mobilizado para os Açores sendo uma das principais amizades de JFC durante aquele período. Já em Lisboa, entre 1946 e 1948, dividiram espaço de atelier. Como veremos mais à frente, JFC também frequentou durante um ano o Curso Especial de Escultura. Foi padrinho do primeiro filho de JFC. Dedicou-se ao professorado na Casa Pia de Lisboa e à dança na companhia da coreógrafa e bailarina Margarida de Abreu (1915-2006), com quem casou.

“(…) Deixa lá o tempo que passa, pois sabes bem que o mundo marcha, e ninguém o pode fazer parar. És ainda bastante novo e por isso acabarás o teu curso ainda muito a tempo. É pena realmente que haja outros rapazes que cá estão sossegados tirando os cursos, e também militares como tu. Que se há-de fazer ? (...)”

Receias não saber já pegar nos lápis, para fazer projectos e desenhos? Não te convenças disso não. Vais vêr! O prazer que terás em pegar de novo nos lápis é tanto que te esqueces até que estiveste tantos dias sem desenhar. (...)”

Quando vieres tens muita coisa para vêr. Os terrenos do Parque, do lado da António Augusto de Aguiar, já têm uns poucos de prédios novos, em construção já se sabe, pois são muito grandes. Para a rua há dois do Pardo Monteiro. Nas traseiras destes, e voltados para o Pavilhão das festas há também prédios. Agora não têm feito muitos. Como há falta de materiais de construção está tudo mais ou menos parado. (...)”¹⁶⁵

Numa carta de 8 de Fevereiro de 1943 enviada pela mãe, fala-se na hipótese de uma vinda ao continente durante o tempo de licença, que não conseguimos confirmar.

Passou à disponibilidade em 7 de Maio de 1944, regressando a Lisboa.¹⁶⁶

3.5. Reingresso na EBAL. Curso Superior de Arquitectura

Reingressa na Escola de Belas Artes de Lisboa no ano lectivo de 1944/1945.

Vai terminar o Curso Especial nesse ano lectivo e ingressar no Curso Superior no ano lectivo seguinte [Doc. A 13] com um conjunto de colegas, em geral ligeiramente mais novos, que ingressaram por volta de 1940, dos quais alguns trabalharam no atelier de Carlos Ramos, como Nuno Teotónio Pereira e Manuel Tainha¹⁶⁷.

É difícil determinar com exactidão como são absorvidas, por JFC e pela sua geração, as influências do Movimento Moderno; vários autores¹⁶⁸ apontam como tendo sido fulcral a edição, de 1943, do livro/catálogo relativo à exposição em Nova Iorque *Brazil Builds; Architecture New and Old* de Philip Goodwin com fotos de Kidder-Smith e também o acesso aos livros e revistas raras ou inexistentes em Portugal que Carlos Ramos adquiria nas suas frequentes viagens e partilhava com os seus alunos da EBAP e com os numerosos estudantes, tirocinantes e jovens arquitectos que trabalhavam no seu atelier de Lisboa.

O reingresso de JFC na EBAL, em 1944, acontece durante o período de influência daquela publicação. Trabalhou, logo nesse ano, no atelier de Carlos Ramos, a colaborar directamente com Alberto Soeiro¹⁶⁹ e com Joaquim Ferreira que, apesar de ter atelier próprio, também realizou um projecto supervisionado por Carlos Ramos¹⁷⁰.

¹⁶⁵ Carta de Elvira Ferreira Chaves, endereçada a JFC em 22 de Janeiro de 1943.

¹⁶⁶ Certificado militar [Doc. A 9].

¹⁶⁷ RAMOS, 1986.

¹⁶⁸ Por exemplo: MATOS; RAMOS, [2005] 2007.

¹⁶⁹ Ficha da agenda profissional de JFC [Doc. A 28].

¹⁷⁰ Depoimento de Carlos Manuel Ramos em 2011.

JFC também teve contacto com Carlos Ramos, ainda durante o curso, no período coincidente com a sua vinda para a EBAL, em Abril de 1946, quando ocupa o posto de professor de Urbanologia (16ª cadeira) até Janeiro de 1947¹⁷¹; sendo este o momento em que frequentou a cadeira.

Numa carta de 5 de Dezembro de 1942 [Doc. A 29], quando estava ainda mobilizado, a irmã de JFC pergunta-lhe se está interessado em adquirir uma edição espanhola do livro *A arte de projectar em arquitectura* de Ernst Neufert. Existe também, na biblioteca de JFC, um exemplar de *A arquitectura e a vida* de Francisco Keil do Amaral, adquirido em Abril de 1942, recém publicado, que JFC terá levado para os Açores.



Fig. 6 No pátio da EBAL em 1948 (data estimada). Da esquerda para a direita: Frederico George, Nuno Teotónio Pereira, Francisco Conceição Silva, Luís Cristino da Silva, Cândido Palma de Melo, Luís Mateus Júnior, Luís Coelho Borges e JFC. Arquivo JFC.

Em fotografias tiradas no pátio da EBAL e dentro da sala de aula,¹⁷² podemos identificar, com ajuda das individualidades de quem recolhemos depoimento, alguns dos seus colegas desta fase do curso. Num dos grupos [Fig. 6] [Fig. A 16; A 17] estão, além de JFC, Frederico George

¹⁷¹ FILGUEIRAS, 1986, [p. 10,12].

(1915-1994), Nuno Teotónio Pereira (n. 1922), Francisco Conceição Silva (1922-1982), Cândido Palma de Melo (1922-2003), Luís Coelho Borges (1922-?) e Luís Mateus Júnior (1913-1994)¹⁷³ com o professor Luís Cristino da Silva.

Em outro grupo [Fig. 7 C)] [Fig. A 14; A 15] foram identificados, Álvaro Valladas Petersen (1925-1961), Manuel Tainha (n. 1922), Manuel Alzina de Menezes (n. 1920), Luis Soares Branco (1919-1997), Maria de Jesus Pancada, Fernando Gomes e Manolo Gonzalez Potier (1922-?) entre outros.



Fig. 7 A) Na sala de aula. B) No pátio da EBAL. C) No pátio da EBAL. Arquivo JFC.



Fig. 8 Cacilhas 31 de Julho de 1945. Comemorando a finalização do Curso Especial de Arquitectura [Doc. A 10] [Fig. A 9].

Em pé (esq./dir): JFC, Manuel Alzina de Menezes, Francisco Conceição Silva, Manuel Tainha, Frederico George;

Sentados (esq./dir): Fernando Gomes, Cândido Palma de Melo, José Francisco Melo Raposo e Luís Coelho Borges. Arquivo JFC.

172 Em datas estimadas entre 1946 e 1948.

173 Luis Mateus Júnior Trabalhou como desenhador-decorador na Câmara Municipal de Lisboa a partir de 1944. Foi cineclubista e cineasta amador e fez parte do “Belcine”, um clube de cineastas amadores criado na Parede em 1943, onde realizou os filmes *O Portal do Mundo Estranho* e *Medo*. Foi também membro do Cine-Clube Imagem nos anos cinquenta. Realizou vários filmes para a CML entre os anos 40 e 60, incluindo um jornal de actualidades.

Fonte: Website: *Cinemateca Portuguesa-Museu Do Cinema. Legado Arquitecto Mateus Júnior*. (acesso 24-11-2011).

Colaborou, em 1946, num projecto de JFC.

Nesse ano lectivo requer inscrição nas duas cadeiras que lhe faltavam para concluir o Curso Especial:

Práctica de construções estudos parciais, pequenos projectos de conjunto (8ª cadeira, II parte): 13 valores;

Construções metálicas e Beton armado (14ª cadeira, II parte): 10 valores.

O arquitecto Luís Alexandre da Cunha (1893-1971), professor daquelas cadeiras de Construções, era então também Director da EBAL. Ficou conhecido como “Cunha Bruto”; pertencia à Legião Portuguesa e mantinha ligações à PIDE frequentemente denunciando alunos¹⁷⁴. Adoptava “uma postura prepotente e déspota pautando as avaliações por critérios parciais, discriminava os alunos consoante provinham dos liceus ou das escolas técnicas (António Arroio e Casa Pia), não reconhecia às mulheres capacidade para o Curso de Architectura e aprovava ou reprovava segundo as simpatias pessoais.”¹⁷⁵

Parece pertinente citar Francisco Castro Rodrigues que no seu depoimento¹⁷⁶ relatou dois aspectos que importará ter em conta nesta tentativa de visualização do que terá sido a passagem de JFC pelo Curso de Architectura da EBAL: “lembro-me muito bem do Jorge Ferreira Chaves e das nossas lutas contra o Cunha Bruto” e “não era propriamente um activista, mas assinava todos as listas do MUD Juvenil que lhe propus assinar; era sem dúvida um democrata”.

Em Julho de 1945, conclui o Curso Especial e em 19 de Setembro de 1945 requer a matrícula no **Curso Superior** [Doc. A 13].

O Curso Superior funcionava por pontos, onde era necessário perfazer 6 pontos na cadeira de “Grande Composição” com o professor Luís Cristino da Silva, 2 pontos na cadeira de “Construções” com o professor Luís Cunha “Bruto” e 1 ponto na cadeira de “Arqueologia”. Na cadeira de “Esboçeto”, também leccionada pelo professor Luís Cristino da Silva e que se inseria na cadeira de “Grande Composição” seriam precisos 3 pontos (pelo menos) (...).¹⁷⁷

As classificações em valores na escala de 20 eram convertidos em *pontos*, sendo que para cada concurso existia uma relação específica entre os valores e os pontos [Doc. A 7].

Durante os anos lectivos de 1945/1946 e 1946/1947, realizou todos os concursos regulamentares, nos quais obteve as seguintes classificações:

Concurso de projecto de grande composição:

20 valores (3 pontos), **17** valores (2 pontos), **14** valores (1 ponto);

Concurso de esboçeto de grande composição:

16 valores (1 ponto), **12** valores (1/2 ponto), **12** valores (1/2 ponto), **16** valores (1 ponto);

Concurso de projecto de construção geral: **18** valores (2 pontos), **18** valores (2 pontos);

Concurso de projecto de composição decorativa: **14** valores (1 ponto);

¹⁷⁴ RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009.

¹⁷⁵ NUNES, 2007, p. 10. [Depoimento do arquitecto Celestino de Castro em 2007].

¹⁷⁶ Conversa entre o autor e a Professora Madalena Cunha Matos com Francisco Castro Rodrigues em 2006.

¹⁷⁷ NUNES, 2007, p. 11. [Depoimento do arquitecto Celestino de Castro em 2007].

Concurso de arqueologia: 12 valores (1/2 ponto), 16 valores (1 ponto), 16 valores (1 ponto).

O ponto de um dos concursos de Grande Composição que realizou era o projecto de um Hotel para o Estoril.¹⁷⁸

No ano lectivo de 1945/1946, em 6 de Abril, JFC entrega um requerimento para inscrição em **Urbanismo** (15ª e 16ª cadeira) [Doc. A 15] [Doc. A 8].

Não se inscreveu na época normal de matrículas por não ter ainda 3 pontos no Concurso de projecto de grande composição. Requer nesta data, por entretanto já ter esses 3 pontos (vinte valores). Argumenta também que essas cadeiras ainda não tinham começado a funcionar. Deve ter sido indeferido, porque no ano lectivo seguinte fez novo requerimento para o mesmo fim.

No fim desse ano lectivo de 1945/1946, concorreu ao **Prémio de Arquitectura José Luíz Monteiro**¹⁷⁹, um prémio que tinha sido instituído “com o fim de galardoar o aluno que mais se destinga durante os anos do Curso de Arquitectura Civil”¹⁸⁰.

Como veremos mais à frente, o prémio foi atribuído num contexto de alguma controvérsia pois, segundo Francisco Castro Rodrigues¹⁸¹, foi o conjunto de todos os professores que pressionou o mestre Cristino da Silva que, contrariado, concordou com a sua atribuição a JFC.

Só ao fim de alguns meses lhe foi oficialmente comunicada a decisão do júri.

178 Esta informação foi obtida por decifração de um manuscrito quase ilegível do ponto daquele concurso. (Arquivo JFC).

179 A instituição do prémio foi proposta em 12 de Dezembro de 1924 pelo arquitecto Tertuliano Marques, numa iniciativa da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, destinada aos estudantes do Curso Especial de Arquitectura Civil da Escola de Belas Artes de Lisboa. O título do prémio constituía simultaneamente uma homenagem a José Luíz Monteiro (1849-1942) que não tinha outra ligação ao concurso que não essa.

As bases do concurso foram elaboradas em 1927 por Tertuliano Marques, estando já reunida a quantia de 5000\$00 que tinha sido obtida através de subscrições feitas entre os arquitectos da Sociedade, entre outros Cassiano Branco, Carlos Rebello de Andrade, Guilherme Rebello de Andrade e Jorge Segurado. Em 1929 foi enviado ao Conselho Escolar da Escola de Belas Artes de Lisboa um esboço do regulamento juntamente com um Bilhete do Tesouro.

“Os vários estudos do regulamento de que há registo, mostram que este prémio se destinava a ser administrado pela Escola, prevendo-se a sua concessão anual no mês de Abril, a partir desse mesmo ano lectivo (1929-1930).

Tal iniciativa viria, no entanto, a perder-se no tempo.” (FERREIRA, 1990, pp. 73-75.)

180 *Relatório do Conselho Director da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, 1929-1930* (p. 2).

«O primeiro concurso deste prémio, aberto de acordo com o programa elaborado pela Sociedade dos Arquitectos Portugueses e ligeiramente alterado por proposta da Escola de Belas-Artes, realizou-se em 1930. “O ponto deste primeiro concurso foi: Um Arco de Triunfo, tendo-se inscrito vários alunos do curso de Arquitectura, sendo classificado o projecto do aluno do 4º ano, Snr. António de Brito Macieira Lino”, in *Relatório do Conselho Director da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, 1930-1931* [manusc.] p. 2. O Decreto nº 18.411, *Diário da República*, I série, de 2.Jun.1930, publicou o regulamento do mesmo.» (RIBEIRO, 2002, pp. 89, 106,107).

181 Depoimento de Francisco Castro Rodrigues em 2011.

Ano lectivo de 1946/1947: novo requerimento, desta vez deferido, para inscrição em Urbanismo (15ª e 16ª cadeira), em 18 de Setembro de 1946, argumentando que teve mais de 3 pontos nos concursos de Grande Composição. Foi então aluno de Carlos Ramos até Janeiro de 1947, quando este deixou o cargo.

Requer, ainda para o mesmo ano lectivo, em 20 de Setembro de 1946, matrícula em duas cadeiras do **Curso Especial de Escultura** [Doc. A 14].

Em 3 de Fevereiro de 1947, faz uma petição ao Ministério da Educação Nacional, para revisão da prova do **Concurso de Arqueologia** (realizado durante dez dias do mês de Janeiro de 1947) respeitante à cadeira ministrada por Joaquim Mário de Macedo Mendes [Doc. A 16] [Doc. A 17]. JFC foi classificado com meio ponto, enquanto todos os colegas obtiveram um ponto, tendo isso acarretado a impossibilidade de terminar o curso nesse ano. Da leitura desse documento, em que JFC relata as trocas de impressões que teve com o professor sobre a proposta de trabalho para aquele concurso, podemos perceber que pôs em causa a orientação pedagógica dada àquela cadeira, cujo título de *Arqueologia artística* é, de si, insólito.

De notar que Luiz Cristino da Silva tinha grande influência sobre esta cadeira.¹⁸²

Francisco Castro Rodrigues caracterizou o curso como sendo uma “mentira”¹⁸³ e João Vasconcelos Esteves recordou a postura de JFC que, pelos meios possíveis, fazendo-se valer da qualidade dos seus trabalhos e da sua argumentação, sistematicamente criticou os métodos de ensino da arquitectura vigentes, tomando posições de alguma coragem, sobretudo nas cadeiras de Luiz Cristino da Silva¹⁸⁴. Defendeu soluções projectuais influenciadas pelo conhecimento que possuía da arquitectura moderna. Uma evidência disso é encontrada neste documento em que, segundo se pode ainda ler, Luís Cristino da Silva terá dito “com ou sem razão”¹⁸⁵ que JFC é o “Le Corbusier português”. A imagem do projecto escolar da fig. 9 A) apresenta um alçado ostentando uma linguagem nitidamente não clássica constituindo-se como outra evidência dessa postura.¹⁸⁶

¹⁸² MONIZ, 2011, p. 389.

¹⁸³ RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009, p. 59.

¹⁸⁴ Depoimento de João Vasconcelos Esteves em 2002.

¹⁸⁵ O documento em causa é uma transcrição do requerimento de JFC, elaborada pela Secretaria da EBAL, que apresenta uma pequena, mas importante, diferença em relação ao respectivo dactiloscrito de JFC encontrado no seu arquivo: no primeiro pode lêr-se “e com razão” enquanto que no dactiloscrito se lê “com ou sem razão”. [Doc. A 16] [Doc. A 17].

¹⁸⁶ A imagem foi digitalizada do plano de fundo de uma fotografia de pequena dimensão; a parte em causa tem menos de 1 cm, daí a sua má qualidade mas, para o efeito, é bem perceptível o tipo de linguagem arquitectónica utilizada.

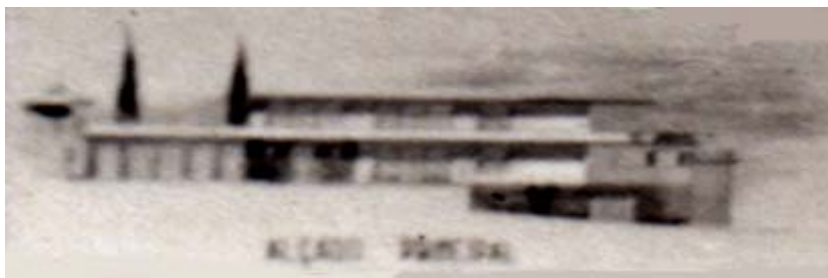


Fig. 9 A) Trabalho de *Composição de Arquitectura*; a imagem é um pormenor da foto da Fig. 9 B. Tratamento digital Manuel Pedro Ferreira Chaves. B) 1945. JFC na sala de sua casa. Nas paredes estão expostos trabalhos realizados na EBAL. Arquivo JFC.

Sofreu algumas represálias durante o curso, sendo esta uma dessas ocasiões. Apesar de correr riscos, tenta, com frontalidade, fazer valer os seus direitos, enquanto simultaneamente tece críticas à pedagogia vigente na escola naquela época.

Constava então o Concurso de Arqueologia, da “reconstituição dos vãos do pizo térreo do Palácio Ludovice, em São Pedro de Alcântara”, para a qual JFC chamou a atenção para o facto de não haver elementos de estudo que servissem de base, como gravuras da época ou outros elementos descritivos, tendo levado o professor a concordar que não seria possível fazer-se uma “reconstituição”.

Lançou ainda o conceito de que só seria possível reconstituir um alçado de um edifício em função do estudo da respectiva planta; que é não mais que uma inferência de um postulado do Movimento Moderno.

“(…) O professor Snr. Dr. Macedo Mendes concordou que só seria possível - à míngua de fontes de estudo - dar-se uma sugestão para solução do problema. Afirmei que tanto eu como os meus actuais colegas achavamos o trabalho muito interessante mas que lamentávamos não ter tempo nem possibilidades para se fazer um estudo sério. E acrescentei que preferíamos um trabalho que, embora menos interessante, pudesse ser por nós conscienciosamente estudado.(…)”

“(…) Asseguro a V.Exa que não encontrámos, através do nosso estudo, quaisquer elementos que nos forcem a considerar as outras soluções apresentadas mais ou menos prováveis que a minha. Numa memória descritiva que fazia parte deste trabalho, cheguei mesmo a defender o meu ponto de vista, estabelecendo um paralelo entre este palácio e outros tantos espalhados pelo País. Peço a V.Exa um momento de atenção para tão flagrante falta de critério (classificação) e até de consideração para quem se acha digno dela. Se de facto houvesse possibilidade de estudar o problema, seria lícito atribuir-se a minha solução a falta de estudo. Mas se não há elementos de estudo, como estudar? (...)”

Argumenta ainda a respeito do prejuízo de ter interrompido o curso por prestar serviço militar, mobilizado durante três anos, tendo agora de perder mais um ano devido a um concurso que “por todos é considerado de importância secundaríssima” e faz lembrar que durante todo o curso não terá sido um estudante negligente, (“se é lícito julgar-se isto pelas classificações

obtidas”)¹⁸⁷, tendo até sido classificado com vinte valores no primeiro concurso de Grande Composição e que, além de todos os trabalhos que lhe foram exigidos, ainda concorreu para a obtenção do Prémio José Luiz Monteiro tendo recentemente obtido esse prémio.

Este requerimento foi então enviado pelo Ministro ao júri de classificação das provas, constituído pelo professor da cadeira e pelos professores Cristino da Silva, Varela Aldemira e José Simões de Almeida (1880-1956) os quais, em 10 de Fevereiro, sem justificativa, confirmaram a classificação dada. O subdirector em exercício, arquitecto Paulino Montez (1897-1988), ignorando toda a argumentação apresentada por JFC, em 3 de Março propõe indeferir o requerimento acrescentando, no ponto três da sua alegação, que:

“(...) 3) - os concursos de arqueologia são de emulação e as respectivas provas não podem deixar de ser consideradas do ponto de vista artístico, independentemente do melhor ou peor critério arqueológico que haja presidido à elaboração das mesmas provas; e do valor dos elementos de estudo que possam fundamentar as diferentes soluções.”

Ao mesmo tempo defendendo aquilo que se pretendia que fosse a prática e era preconizado por aquele sistema de ensino - “uma arquitectura de fachada”.

Sem emitir qualquer parecer, em 13 de Março, o Ministro indeferiu a petição.

Não parece abusiva a leitura de que, admitir uma postura daquelas por parte de um aluno seria abrir um precedente que implicaria fazer grandes alterações no sistema; assim foi transmitida a ideia de que a contestação pode ser prejudicial a quem a pratica.



Fig. 10 JFC, 1946. Observatório astronómico na Serra da Estrela. Trabalho de *Composição de Arquitectura*. Arquivo JFC.

187 Citações do documento em análise.

José Manuel Fernandes¹⁸⁸, citando Nuno Teotónio Pereira¹⁸⁹, estabelece um quadro que ilustra o foi aquela fase seguinte à reforma da EBAL, em 1932 e até 1957, quando se afirma o professorado de Luís Cristino da Silva:

(...) Luís Cristino da Silva (que, depois de vencer - por alegada "experiência com o clássico" - o concurso com Carlos Ramos, Cassiano Branco e Paulino Montez, tomou posse em 6/1/1934). Serão as décadas "duras" de 1930-1940 e parte da de 1950: em vez de introduzir, gradual ou bruscamente, novos métodos e linguagens, a escola vai "fechar-se" ainda mais num ensino tradicionalista, de pendor repressivo, e assente na norma clássica e académica. O testemunho de Nuno Teotónio Pereira, que cursou arquitectura em Lisboa entre 1939 e 1945, é bastante claro sobre este ambiente e tipo de ensino:

"Mestre Cristino, como era então tratado pelos alunos, marcou com a sua forte personalidade sucessivas gerações de arquitectos. Alto, impulsivo, voluntarioso, a sua passagem pelos estiradores no velho Convento de São Francisco constituía o momento crucial em que o 'partido' adoptado por cada um dos estudantes podia ser paternalmente acalentado ou chumbado sem remissão.(...) Fortemente influenciado pelas Beaux Arts da Escola de Paris (...) o seu sentido da arquitectura era indissociável da chamada 'grande composição'. Por isso ignorava os pequenos programas de uma estação de correios ou de habitação, da escola de bairro ou da intervenção urbana de escala mais modesta. Isso, para Cristino, não chegava para fazer arquitectura. Os trabalhos escolares de que me lembro foram o arranjo monumental do grande espaço ajardinado à ilharga do palácio de São Bento - cujo projecto é da sua autoria - e um gigantesco observatório astronómico no cume da serra da Estrela.

A grande dimensão dos programas apelava à monumentalidade e à grandiloquência, atributos que Mestre Cristino considerava serem o apanágio da verdadeira arquitectura. Adequação às necessidades, aspectos de funcionalidade ou conforto, concepção dos espaços interiores, técnicas de construção - tudo isto ficava de fora ou era visto de raspão. Por isso ficávamos com a sensação de que a Arquitectura se resumia ao jogo de volumes e à composição das fachadas. A arquitectura exigia rasgo e este só se podia revelar com a grande escala." (in *Luís Cristino da Silva Arquitecto*, pág.139)

É neste quadro desmoralizador que, mesmo assim, os alunos mais conscientes tentavam singrar, como se depreende deste testemunho de Nuno Teotónio Pereira:

"Foi neste contexto que o curso de que fiz parte¹⁹⁰, entre o início da II Guerra Mundial, em 1939, e o imediato pós-guerra, procurou abrir caminho para a modernidade, rompendo as trevas à sua volta. Manuel Taíinha, Coutinho Raposo, Victor Palla, Carlos Manuel Ramos, Costa Martins, Blasco Gonçalves, Alzina de Meneses, Garizo do Carmo e mais alguns outros, dispúnhamos de poucos instrumentos para suportar os nossos anseios e argumentar com o Mestre [Cristino da Silva]. Por causa da guerra, as revistas de arquitectura escasseavam." (in *Luís Cristino da Silva Arquitecto*, pág. 139).

188 "A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40: Do 'Modernismo' ao 'Estado Novo': Heranças, Conflitos, Contextos". V *Congreso DOCOMOMO*. Barcelona: 2005. pp. 63, 64.

189 Depoimento de Nuno Teotónio Pereira contido em FERNANDES, 1998.

190 Manuel Alzina de Menezes refere que a expressão "o meu curso" ou "o curso de que fiz parte" não corresponde a um conceito exacto pois era natural alguém atrasar-se por chumbar alguma cadeira ou passar a ter como colega alguém que pelo mesmo motivo se atrasou; e vários transferiram-se para o Porto - "na realidade o 'nosso curso' incluía colegas de anos diferentes. Eu e alguns colegas de quem me tornei muito amigo atribuímos, posteriormente, o título de 'fotografia de curso' a uma fotografia tirada durante uma aula, num dos anos iniciais, em que por acaso estávamos todos; mas isso é praticamente uma ficção." (Depoimento em 2011)

Na verdade, a geração moderna de Lisboa teve de afirmar-se fora e/ou contra a Escola, ao contrário do que sucedeu no Porto, como se verá.

Na Escola de Belas Artes do Porto, embora com constrangimentos diversos, o professorado de Carlos Ramos na mesma época foi mais aberto e democratizado, e portanto haveria de provocar efeitos mais positivos e contemporâneos.

JFC estava certamente entre os “mais alguns outros” referidos por Nuno Teotónio Pereira no excerto em epígrafe, pois como estamos a verificar, argumentou sistematicamente com o mestre Cristino da Silva e em determinados momentos, apesar do risco inerente, tentou fazer valer os seus direitos.

Em 28 de Abril de 1947, envia um requerimento à Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes do Ministério da Educação Nacional pedindo que mande cumprir com o regulamento do Concurso¹⁹¹ relativo ao **Prémio de Arquitectura José Luiz Monteiro** que, como já foi referido, lhe fora atribuído [Doc. A 20] [Doc. A 21]. Pretendia entregar-se-lhe apenas uma parte do prémio monetário que deveria estar acumulado por não ter sido atribuído durante muitos anos. Nessa exposição invoca o art.º 209¹⁹² do respectivo Regulamento o qual “reza” que: “Se em qualquer ano não poder realizar-se este concurso ou o prémio não for por qualquer razão atribuído a nenhum dos concorrentes, será a respectiva importância englobada no prémio do ano seguinte”; e expõe a situação:

Senhor Ministro: Encontrando-se aberto um concurso para o qual existe um regulamento, cada qual concorre ou deixa de concorrer consoante as condições desse concurso lhe são ou não interessantes. Ora o regulamento para o concurso aberto no ano lectivo findo, referia-se a um prémio provavelmente superior a 4.000\$00 e não a um prémio de cerca de 500\$00 que é a importância que se pretende atribuir sem que se tome na devida conta os muitos anos em que este prémio não foi conferido.

Em 2 de Maio, o Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes¹⁹³ do Ministério da Educação Nacional envia este requerimento ao Director da EBAL para que preste a sua informação o que, como veremos mais à frente, só ocorreu mais de um ano depois.

No ano lectivo de 1947/1948, em 23 de Setembro de 1947, requer ainda a sua manutenção na frequência de Urbanismo (15ª e 16ª cadeira).

Em Junho de 1948 termina a parte escolar do curso.

¹⁹¹ Este caso, com interesse para a História daquela instituição, mereceria nesse contexto uma investigação mais aprofundada, cruzando os documentos em anexo [Doc. A 20] [Doc. A 21] com outros documentos a que é feita referência durante as trocas de informações que por este motivo ocorreram entre aquela Direcção Geral e a Direcção da Escola, que tinha na época, como já vimos, o arquitecto Paulino Montês como Subdirector em Exercício, formalmente a dirigir a escola.

¹⁹² *Diário do Governo* de 12 de Setembro de 1932.

¹⁹³ Dias Costa.

Em 9 de Junho de 1948, por ter concluído o Curso de Arquitectura, requer certificado de habilitações “para que conste no Cartão de Identidade”, e no dia 17 do mesmo mês, uma semana depois de ter concluído o curso e já na posse do respectivo Certificado de Habilitações, supondo estar a salvo de retaliações, dirige um novo requerimento¹⁹⁴ ao Ministério da Educação Nacional sobre o caso do concurso relativo ao Prémio de Arquitectura José Luíz Monteiro. Neste, chama a atenção para o facto de o seu requerimento estar há mais de um ano na Secretaria da escola à espera de ser informado, acrescentando que ali lhe foi afirmado categoricamente que “isto era um caso perdido pois nada havia a fazer, por muita razão que ele tivesse”. Foi-lhe dito também que as importâncias dos prémios não atribuídos “havam já sido depositadas” com o conhecimento do Ministério.

Interroga então: “É possível alterar-se o regulamento publicado no D.G. de 12 de Setembro de 1932, tão somente porque o Ministério tem disso conhecimento?”

A explicação para o sucedido estará em parte na resposta de Paulino Montês que, em 25 de Junho de 1948, tem “a honra de informar”:

Em virtude das circunstâncias expostas a V.Exa no meu ofício nº681, de 7 de Março de 1946, foi esta Escola autorizada no ofício de V.Exa, Lº 27, nº 316, de 17 de Junho de 1946 a incluir no capital do premio de Arquitectura José Luiz Monteiro, do título de Renda Perpétua nº 2420, a importância de 1010\$98 (mil e dez escudos e noventa e oito centavos) dos prémios não adjudicados anteriormente.

Por isso o requerente recebeu a única importância que lhe podia ser paga, constituída pelo rendimento de um ano, como estava no orçamento de receitas próprias também aprovado superiormente.

O que, mesmo assim, não explica o paradeiro da diferença para os cerca de 4000\$00 que o regulamento dava a expectativa de receber, tampouco porque recebeu efectivamente apenas 600\$00 mais 12\$00.

O Ministério acaba por dar cobertura ao caso (como se poderá constatar nos documentos em anexo [Doc. A 20] mandando arquivar o processo; à semelhança do que tinha já ocorrido no caso do Concurso de Arqueologia - sem qualquer justificativa.

O despacho ministerial é assinado por Leite Pinto e pelo Director Geral Mário de Andrade.

Transcreve-se em seguida uma exposição que JFC escreveu¹⁹⁵ antes de terminar o curso mas que, aparentemente não terá enviado pois não consta do processo, e da qual a anteriormente referida é uma versão mais curta. Contém esta, uma narrativa bastante detalhada dos acontecimentos:

(...) e tendo sabido que desde dia 2 de Maio este seu requerimento se encontra naquela escola aguardando a necessária informação, vem por esta forma manifestar a sua estranheza por semelhante demora e aproveita a oportunidade para relatar certos factos ocorridos à margem deste prémio:

1º - A demora de quasi um ano desde que o meu trabalho foi classificado pelo juri até que oficialmente me foi dado conhecimento da sua decisão.

194 Fonte: Processo individual de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. EBAL; Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53. Arquivo da FAUTL.

195 [Doc. A 21]. Do arquivo de JFC.

2º - que uma vez dada oficialmente esta informação dirigi-me à Secretaria da Escola com o intuito de receber a importância a que me julgava com direito.

Nesta altura fui informado de que o prémio pecuniário era de 600\$00. Perante objecções que puz por me achar com direito ao cumprimento do regulamento estabelecido, “esclareceram-me” de que “com o conhecimento do ministério”, os prémios atrasados vinham sendo depositados com o intuito de se aumentar o capital inicial, à semelhança do que se fazia com o prémio Malhã.

(Note V.Ex.cia que neste ponto os regulamentos são perfeitamente opostos. Um pretende aumentar o capital inicial. O outro deseja que anualmente o prémio possa englobar os prémios atrasados, o que aliás é lógico uma vez que a importância do primeiro é muito superior ao segundo.)

Perante a minha estranheza de que fosse suficiente o conhecimento do Ministério para se modificar um regulamento feito à base de disposições testamentárias, o funcionário da Secretaria recusou-se continuar a dar-me esclarecimentos dizendo que a questão não era com ele mas sim com o Tezoureiro da Escola e que embora se pudesse admitir que eu tivesse razão na minha reclamação não havia nada a fazer uma vez que a importância em questão havia sido já depositada. (?) [sic]

Nesta altura ventilei que estava disposto a fazer uma exposição para esse Ministério.

3º - No dia imediato fui procurado durante o funcionamento de uma aula pelo dito funcionário da Secretaria que me disse saber que eu estava disposto a fazer um protesto mas que me aconselhava a que não fizesse porque certamente eu iria ficar mal.

E acrescentou que “mal parecia” que tendo-me sido atribuído por favor aquele prémio eu viesse reclamar os prémios atrasados quando na verdade eu me devia dar por satisfeito com a importância que me havia sido concedida.

Disse-lhe então que desconhecia em absoluto “este favor” do júri; ao que ele me respondeu que efectivamente alguns dias antes o senhor professor Luiz Cristino da Silva lhe havia contado este facto e que “mal parecia que eu aparecesse agora a fazer semelhante reclamação”.

Senhor Ministro.

Este procedimento parece-me muito estranho.

O senhor professor Luiz Cristino da Silva disse-me alguns dias após a classificação deste meu trabalho que “o próprio Mestre Monteiro, se fizesse parte do Júri não teria dúvidas em conceder-me o prémio”.

E eu agora pergunto:

1º - Porquê semelhante atitude daquele funcionário?

2º - Porque razão ao fim de muito instado a ir à Secretaria levantar a importância de 600\$00 que esta estava disposta a oferecer-me, importância esta que eu há muito me recusava a aceitar uma vez que o meu requerimento havia já dado entrada nesse ministério, recebi efectivamente essa importância pela qual passei um recibo datado de Dezembro de 1946?

3º - Porque razão no dia imediato fui procurado por aquele funcionário que me disse ter-se enganado nas contas e que eu devia ter recebido somente 505\$00?

4º - Porque razão apoz eu ter dito a outro funcionário da Secretaria que o juro do capital depositado há tantos anos deveria ser superior a 5\$00, fui chamado a receber no dia imediato mais 12\$00?

5º - Porque razão este meu prémio e muitos outros são quasi sempre “tirados a ferros”, quando na verdade eles foram instituídos para estimular os estudantes no cumprimento dos seus deveres e que até me parece justo (não que isso me interesse especialmente) que esses prémios fossem entregues numa cerimónia mais ou menos solene e não por um funcionário duma secretaria contando notas ao balcão como se de um negócio se tratasse?

6º - Porque razão desde Maio de 1947 aguarda V.Ex.cia uma informação que me parece tão simples?

Quero crer que bastaria repetir a V.Ex.cia o que a mim me foi dito:

“Que os prémios atrasados foram depositados com o conhecimento do ministério e nada há a fazer.”

Tudo indica que o pecúnio destinado ao prémio tenha tido outro destino e esta terá sido muito provavelmente, a última vez que foi atribuído.

Segundo memória de Teresa Ferreira Chaves, embora aparentemente não haja disso, nos documentos apresentados, indício evidente, JFC sabia que por trás deste incidente estaria também Luiz Alexandre da Cunha. Esse facto terá sido um dos factores que levou a que JFC, receando represálias por ter levantado aquela questão relativa ao prémio, não concorresse à obtenção do diploma de Arquitecto senão cinco anos mais tarde, em 1953.

Durante o ano lectivo de 1952/1953, decorreu um processo disciplinar contra Luiz Alexandre da Cunha que esteve suspenso durante esse processo, até Agosto de 1953.¹⁹⁶

Embora se tenha mantido como professor, Cunha deixou em 1949, o cargo de Director e foi substituído por Paulino Montês¹⁹⁷ o qual, como vimos, tinha estado nos tempos mais recentes como Subdirector em exercício.

Em 1953, ainda enquanto durava aquele processo disciplinar, estando enfraquecida a posição de Luiz Alexandre da Cunha mas também de Luís Cristino da Silva, terá sido o momento oportuno para concorrer à obtenção do diploma. Fê-lo com o projecto que estava a desenvolver para o edifício da Câmara de Comércio de Bissau em resultado de um concurso no qual foi classificado em primeiro lugar.

A carga profissional resultante das várias encomendas de projectos que teve nessa época, aliada à responsabilidade dos cargos que desempenhou nos ateliers dos arquitectos Miguel Jacobetty Rosa, onde trabalhou durante cerca de quatro anos, e de Porfírio Pardal Monteiro desde o início de 1952, também poderão ter concorrido na decisão de adiar o CODA.¹⁹⁸

Serão também de ter em conta na análise deste período alguns factos da sua vida pessoal, como a morte da sua mãe em 1947, o casamento em 1948 e o nascimento do primeiro filho em 1951.

Em 28 de Julho de 1953, requer a passagem do Diploma, em cujo Concurso (CODA) obteve a classificação de 19 Valores.

O diploma é o nº 150, com data de 12 de Agosto de 1953.

¹⁹⁶ MONIZ, 2011, p. 385.

¹⁹⁷ RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009, pp. 58,59.

¹⁹⁸ Estes projectos bem como o período em que se manteve na categoria de Arquitecto Tirocinante serão objecto de uma abordagem com mais detalhe no capítulo dedicado à actividade profissional [vol. I, cap. 5].

3.6. Frequência do Curso Especial de Escultura



Fig. 11 JFC: trabalhos da cadeira de *Anatomia*. Ano lectivo de 1946/1947. Arquivo JFC.

Ainda no ano lectivo de 1946/1947, requer em 20 de Setembro de 1946, matrícula em Escultura (7^a cadeira, I parte) e Anatomia (12^a cadeira, I parte) do **Curso Especial de Escultura**, “por desejar obter conhecimentos desta especialidade”. [Doc. A 14].

O escultor José Simões de Almeida (sobrinho) (1880-1956) era o professor da 7^a cadeira e João Jaures Ramos Dias, o professor da 12^a cadeira.

No seu atelier dessa época, a cozinha estava adaptada para atelier de escultura.

Foi identificada nas fotografias do grupo do Curso de Escultura, Margarida Schimmelpfennig¹⁹⁹.



Fig. 12 A) Trabalho da cadeira de *Escultura*: busto de João Salomão. B) JFC com um grupo de colegas do Curso de Escultura no ano lectivo de 1946/1947. Da direita para a esquerda: JFC, Margarida Schimmelpfennig e não identificados. Arquivo JFC.

¹⁹⁹ Margarida Maria Emmy Schimmelpfennig (n. 1925) viria a casar com o escultor Ein Semke, que colaborou com JFC em duas das suas obras e na decoração do Hotel Ritz.

3.7. Actividades desportivas

Na época do final do curso, juntamente com João Salomão, praticou remo na Associação Naval de Lisboa²⁰⁰, cuja Secção de Remo e Canoagem funciona, desde 1930, num pavilhão localizado na Doca de Sto. Amaro, em Alcântara²⁰¹.

Também nessa mesma época praticou futebol juntamente com Luis Coelho Borges. Em fotografias pode observar-se que envergam um equipamento, sendo portanto uma equipa regular, não se tendo, no entanto, identificado qual era o contexto.

JFC não era adepto do futebol, enquanto fenómeno de massas, que, como comentava, foi utilizado no tempo do regime de Salazar como instrumento de alienação de massas. Apreciava, no entanto, o desporto em si como algo de salutar desde que despido daquela carga.²⁰²



Fig. 13 A) Doca de Sto. Amaro, em Alcântara onde JFC praticou remo, na Associação Naval de Lisboa. B) Luis Coelho Borges e JFC durante um jogo de futebol. Arquivo JFC.

3.8. Dados sobre a vida pessoal de Jorge Ferreira Chaves, após 1940

Os dois irmãos de JFC casaram no início da década de 40.

Desde que regressou a Lisboa, após o termo do serviço militar, viveu só com a mãe numa casa na Av. Marquês de Tomar e posteriormente na Av. João Crisóstomo 134, R/C Esq.

Em 1947 faleceu a mãe, Elvira da Conceição Ribeiro Ferreira Chaves.

²⁰⁰ Conseguimos identificar o local através da comparação de imagens actuais com imagens da época, de JFC naquele contexto, onde se consegue reconhecer, em segundo plano, o edifício da refinaria do açúcar de Alcântara e a capela do Alto de S. Amaro.

²⁰¹ Website: *Associação Naval de Lisboa*. (acesso 24-11-2011).

²⁰² Corroborado por Marco Paulo Ferreira Chaves (filho de JFC).

Em 22 de Agosto de 1948, casou com Maria Creelminda Teresa de Sá Fialho de Oliveira. Esta é proprietária da “Quinta do Pego”, perto de Caldas da Rainha. A casa da quinta, fundada no século XVIII, é de construção pombalina e possui uma capela decorada segundo um dos arquitectos descendentes de João Frederico Ludovice²⁰³. JFC tomou a seu cargo a sua manutenção, especialmente a partir dos anos 60, tendo chegado a fazer o seu levantamento e um estudo para uma pequena ampliação.

Depois de casado foi residir para a Av. Guerra Junqueiro 19, 5º Esq. em Lisboa, onde passou a ter o atelier. Em 1950, o casal muda provisoriamente para uma casa na Av. de Paris 22, 3º Esq. e ainda nesse ano passa para uma outra casa na Av. de Paris 14, 5º Dto, onde JFC viveu até à data do seu falecimento em 1981. Manteve o atelier em parte da residência até 1957.

O casal teve três filhos, dos quais dois são arquitectos. A 3 de Abril de 1951 nasce o seu primeiro filho, Marco Paulo Fialho Ferreira Chaves²⁰⁴, a 30 de Janeiro de 1954 o segundo, João Guilherme Fialho Ferreira Chaves²⁰⁵ e a 6 de Agosto de 1967 o terceiro filho, Manuel Pedro Fialho Ferreira Chaves²⁰⁶.

Em 8 de Agosto de 1967 faleceu o seu pai, Raúl Pires Ferreira Chaves.



Fig. 13.a A) JFC com Teresa Ferreira Chaves, em 1948. B) JFC com Teresa Ferreira Chaves e os dois primeiros filhos, em 1962. O automóvel é um BMW 600. Arquivo JFC.

203 João Frederico Ludovice, o arquitecto do Convento de Mafra.

204 Arquitecto.

205 Economista. Falecido em 1997.

206 Arquitecto. Autor do presente trabalho.

4. ACTIVIDADES DE ÂMBITO ASSOCIATIVO E CÍVICO

Novamente invocando, por ser pertinente na presente secção, a declaração de Francisco Castro Rodrigues que no seu depoimento²⁰⁷ caracterizou Jorge Ferreira Chaves como “um democrata”, apesar de não ser “própriamente um activista”²⁰⁸, aproximamo-nos do que terá sido a sua postura como cidadão e arquitecto para além do campo estritamente profissional. Madalena da Cunha Matos caracterizou-o como “um opositor cívico do antigo regime”²⁰⁹ e Ricardo Agarez observa:

“(…) Jorge Chaves nunca deixaria de verbalizar o seu apurado sentido crítico e auto-crítico, a sua ética profissional e o seu entendimento do papel do arquitecto perante o cliente e a sociedade, também deste modo partilhando da militância característica de muitos dos seus colegas activos nas décadas de 1950 e 1960.”²¹⁰

4.1. Jornal *Horizonte*

Verificamos que terá existido por parte de JFC um contacto precoce com o contexto e a problemática da arte moderna em Portugal através de uma ligação indirecta ao jornal cultural ***Horizonte***, do qual, a sua irmã Maria Helena Ferreira Chaves era colaboradora²¹¹ e onde publicava textos regularmente.²¹² Este jornal foi editado pela associação de estudantes da Faculdade de Letras, entre 1942 e 1944, sob a direcção de Joel Serrão (1919-2008)²¹³ e publicava escritos de autores ligados ao Neorealismo. Por exemplo, Júlio Pomar (n. 1926)

207 Conversa entre o autor e Madalena Cunha Matos com Arq. Francisco Castro Rodrigues em 2006.

208 Ibidem. “(...) não era, mas assinava todos as listas [do MUD Juvenil - criado em 1946] que lhe propus assinar(...)”.

Este facto não consta das fichas de JFC na PIDE, a que tivemos acesso, e Francisco Castro Rodrigues não possui qualquer exemplar das referidas Listas.

209 MATOS, 2007, p. 2.

210 AGAREZ, 2010, p. 94.

211 Numa carta enviada a JFC quando estava nos Açores, a irmã pergunta-lhe se tem lá feito propaganda do jornal, lembrando-lhe que contavam com muito poucos assinantes nas ilhas.

212 Segundo Luis Augusto Costa Dias (sobrinho de JFC).

213 Em 1942, Joel Serrão era, juntamente com Rui Grácio (1921-1991), director do jornal cultural *Horizonte* - editado pela Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa - que teve um período de vida relativamente curto pois aquela Faculdade, assim como outras, estavam sujeitas a vigilância constante por parte da PIDE e Joel Serrão era próximo do grupo anti-fascista, como se dizia então, da Faculdade de Letras.

Fonte: SOARES, Mário - “O tempo e a memória: um incansável trabalhador”. *Textos de Mário Soares*; Fundação Mário Soares. 2008. Website: *Fundação Mário Soares* (acesso 6-10-2011).

publicou²¹⁴ em 1942, um artigo, "em tom de manifesto"²¹⁵, exigindo a "realização de uma verdadeira exposição de arte moderna"²¹⁶.

4.2. Sociedade Nacional de Belas Artes

JFC tornou-se Sócio Titular²¹⁷ da **Sociedade Nacional de Belas-Artes** em 7 Junho de 1946. Nessa data efectuou o pagamento da Jóia e dos Estatutos sendo o seu número de sócio o 746.²¹⁸

A sua entrada enquadra-se naquilo que Francisco Castro Rodrigues chamou a conquista legal e democrática da SNBA, organizada pela Comissão de Escritores, Jornalistas e Artistas do MUD. Pretendia-se encontrar um espaço para a exposição de obras de arte que não fosse controlado pelo regime; que pudesse ser uma alternativa às exposições do SNI, através das quais António Ferro²¹⁹ cativara "os grandes pintores do tempo, não políticos, é claro".

Deu-se então uma entrada maciça de novos sócios, entre eles muitos estudantes de arquitectura e de artes plásticas da EBAL, que apoiaram uma lista encabeçada pelos Mestres António Conceição Silva (sócio nº 1 da SNBA) e Constâncio Gabriel da Silva, a qual venceu as eleições para os órgãos directivos em 1946. "E a partir daí as Belas Artes nunca mais deixaram de ser dirigidas por direcções de predominância antifascista".

Tentaram represtigiar a Sociedade fazendo cumprir os estatutos que em vários pontos não vinham sendo cumpridos. Recriaram as secções de Pintura, Escultura, Arquitectura²²⁰, Música, Teatro e introduziram a de Cinema; também alteraram o funcionamento dos Salões Oficiais.

Começaram por fazer exposições individuais dos sócios mais antigos, entre as quais uma de Constantino Fernandes que Francisco Castro Rodrigues considerou extraordinária, tendo sido "para a juventude uma descoberta, este artista".²²¹

Ainda em 1946 lançaram a primeira edição das **Exposições Gerais de Artes Plásticas** (EGAP) cuja novidade foi ter reunido arquitectos e artistas plásticos a expor os seus trabalhos no mesmo evento.

214 POMAR, Júlio da Silva - "Da necessidade duma Exposição de Arte Moderna". In *Horizonte*. Lisboa; Ano I, nº 8, 2ª série, 13/6/1942. p. 3.

215 SANTOS, David - "O sentido da hora e o amor do mundo: Júlio Pomar e a promessa humanista do neo-realismo".

Fonte: Website: *Câmara Municipal de Vila Franca de Xira* (acesso em 26-12-2011).

216 Idem, ibidem.

217 Eram sócios titulares aqueles que não possuíam ainda diploma do respectivo curso.

218 Recibos de pagamento da Jóia e dos Estatutos. [Doc. A 68].

219 António Joaquim Tavares Ferro (1895-1956), director do SNI, que sucedeu ao SPN (Secretariado de Propaganda Nacional), entre 1933 e 1949. Chefe da propaganda e responsável pela política cultural do Estado Novo.

220 Francisco Keil do Amaral passou a ser o Director dessa secção de Arquitectura.

221 RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009.

Os jurís eram eleitos e a regra nessa primeira edição foi: só exporem “artistas democratas que nunca se serviram do SNI, ou que passem a não se servir”.²²²

Da Comissão Técnica que procede à sua organização e montagem faziam parte, entre outros, Francisco Castro Rodrigues, Rolando Sá Nogueira, Arnaldo Louro de Almeida, Lima de Freitas e João Abel Manta.²²³

As reuniões para a sua organização decorriam em casas particulares, geralmente na de Francisco Keil do Amaral, ou no escritório do arquitecto João Simões.

Ainda segundo Francisco Castro Rodrigues, António Ferro “tremeu” pois as exposições mantinham-se, depois de inauguradas, durante vários dias seguidos com “multidões”. O Ministro do Interior²²⁴ e a PIDE tentaram, sem sucesso, acabar com o evento tendo inclusivamente, na segunda edição, apreendido várias obras.²²⁵

4.3. Participação nas Exposições Gerais de Artes Plásticas (EGAP)

JFC participa nessa primeira edição, em 1946, expondo um projecto para um pavilhão de exposições na Guiné²²⁶.



Fig. 14 Trabalho de JFC exposto na primeira edição das EGAP, em 1946. Projecto para um pavilhão de exposições na Guiné Portuguesa. Arquivo JFC.

Participou ainda, expondo também projectos de arquitectura, nas V, IX e X edições das Exposições Gerais de Artes Plásticas - **EGAP**, respectivamente em 1950, 1955 e 1956.²²⁷

²²² RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009, pp. 173-181.

²²³ COUTINHO, Júlia - “José Dias Coelho: breve cronologia pessoal e afluentes”. 2005. Fonte: Website *Estudos sobre o comunismo. Os movimentos radicais da esquerda e a oposição ao estado novo*. (acesso 30-1-2012).

²²⁴ Augusto Cancela de Abreu. Ministro do Interior de 1947 a 1950.

²²⁵ RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009.

²²⁶ “Obra 154 - Um pavilhão de Exposição”. Jorge Ferreira Chaves Av. João Crisóstomo 66, R/C Esqº.
Fonte: *Catálogo da I EGAP*.

²²⁷ Catálogos das I, V, IX e X edições das EGAP e revista *Arquitectura* nº 35.

Em 1950 expôs a primeira versão do projecto para o edifício da Câmara de Comércio de Bissau com que tinha recentemente ganho o respectivo concurso, e ainda dois projectos de moradias²²⁸.

Em 1955 expôs a versão definitiva do projecto para o edifício da Câmara de Comércio de Bissau no qual teve a colaboração de Álvaro Valadas Petersen²²⁹.

Em 1956, na última EGAP, expôs ainda o projecto para o edifício da Câmara de Comércio de Bissau porém, com um título diferente²³⁰. Não conseguimos apurar se se tratou do mesmo objecto expositivo ou de novos desenvolvimentos da construção do edifício pois, tendo a última edição sido uma retrospectiva, algumas das obras já tinham sido expostas em anteriores edições; a de JFC porém, ao contrário de algumas das outras, não tem a referência de “Já exposto” que várias ostentam no catálogo, o que aponta para que provavelmente tenha apresentado novos aspectos do edifício, cuja edificação já estaria, entretanto, mais adiantada.

4.4. Grupo ICAT e revista *Arquitectura*

O conjunto de arquitectos e estudantes que estiveram envolvidos no movimento gerado por toda aquela actividade à volta da “conquista democrática” da SNBA acabou por ser responsável por outros acontecimentos importantes que culminaram, como veremos mais à frente, na sucessão nos Corpos Gerentes do Sindicato Nacional dos Arquitectos, por parte desse colectivo.

Verificar-se-á que JFC acompanhou este movimento.

Ainda em 1946 este grupo de arquitectos funda, em Lisboa, a sociedade **ICAT** (Iniciativas Culturais Arte e Técnica Lda) que irá comprar e renovar a revista *Arquitectura* e promover “animados debates de atelier”²³¹ sobre o movimento moderno fora do âmbito do SNA²³² e da EBAL.

O colectivo, “contando com elementos activos na oposição ao Regime”, tinha como objectivo defender e divulgar pontos de vista profissionais relacionados com “os problemas do contexto social e económico da produção da arquitectura”.²³³ Nessa altura “começam a esboçar-se

228 “Obra 142 - Duas moradias nos arredores de Lisboa” - Desenho e Maquette e “Obra 143 - Sede de uma Associação para uma Colónia Portuguesa”. Jorge Ferreira Chaves Av. Paris 14, 5º Dtº. Fonte: *Catálogo da V EGAP*.

229 “Obra 81 - Câmara de Comércio de Bissau”. Álvaro Valadas Petersen e Jorge Ferreira Chaves Av. Paris 14, 5º Dtº. Fonte: *Catálogo da IX EGAP*.

230 “Obra 124 - Projecto para a nova sede da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné, a construir na Cidade de Bissau”. Álvaro V. Petersen R. Bulhão Pato 6, 1º Esqº e Jorge Ferreira Chaves Av. Paris 14, 5º Dtº. Fonte: *Catálogo da X EGAP*.

231 FRANÇA, [1974] 1984, p. 438.

232 LOBO; DIAS, 1988, p. 6.

233 PORTAS, 1973, pp. 733-736.

contactos profissionais entre Lisboa e o Porto que conduzirão a tomadas de posição colectivas realizadas à margem do sindicato”.²³⁴

Só a partir do nº 21, de Março de 1948, a revista *Arquitectura* refere na ficha técnica ser propriedade do ICAT.

O título completo era *Arquitectura, revista de arte e construção* passando a designação a ser apenas *Arquitectura*, sem o subtítulo, a partir do nº 25, de Julho de 1948.²³⁵ Este subtítulo viria a ser retomado posteriormente, durante os anos 50.

A divulgação de informação sobre arquitectura terá sido um dos aspectos mais importantes da existência deste movimento; Francisco Castro Rodrigues descreve o funcionamento da sede, que funcionava no atelier do arquitecto João Simões:

“A ICAT era como um carimbo que nós púnhamos na revista que mandávamos a editores de outras revistas para receber em troca as revistas deles.

Começamos a receber bons livros de arquitectura, porque começámos a mandar a revista para editoras estrangeiras. A certa altura, tínhamos tantos livros que pusemos um anúncio na revista a dizer que eles podiam ser consultados. E havia quem viesse para isso à sede da ICAT (...) na Rua Alexandre Braga (...).

No intervalo dos nossos trabalhos, (...) atendíamos os que queriam ir lá ver os livros de arquitectura que a revista recebia.”²³⁶

Seria interessante consultar o registo legal da sociedade para poder reconstituir o elenco daquele colectivo. Constatou-se o seguinte: por um lado, para formar legalmente aquela sociedade, foi necessária uma lista de 21 membros entre os quais não puderam constar alguns dos elementos mais activos, que eram também os mais conhecidos pela PIDE, por receio que isso pudesse inviabilizar a autorização para a sua formalização legal²³⁷; por outro lado, a partir do momento em que ficou formalmente legalizada, tornou-se no que se pode designar por "associação de facto"²³⁸ pois a sua exacta constituição era indefinida.

Podemos considerar como membros dessa associação, a qual acabou por ser, de facto, informal, os que constituíram a referida lista para legalização da sociedade, bem como aqueles que dinamizaram ou participaram em actividades ligadas àquela dinâmica e não figuraram nessa lista.

Tentámos, como contributo para a história das actividades deste grupo, construir uma lista de membros do ICAT que será, pelo que foi exposto acima, apenas uma aproximação e

²³⁴ TOSTÕES, [1994] 1997, p. 25.

²³⁵ MILHEIRO, Ana Vaz - “A produção arquitectónica da regiões ultramarinas nas revistas *Arquitectura* e *Binário*”. In MESQUITA, Marieta Dá (coord.) - *Revistas de Arquitectura: Arquivo(s) da Modernidade*. Casal de Cambra: Caleidoscópio; Maio 2011a. p.115.

²³⁶ RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009, p. 208.

²³⁷ NUNES, 2007, (p. 14). [Depoimento do arquitecto Celestino de Castro em 2007].

²³⁸ Depoimento de Francisco Silva Dias em 2011.

forçosamente incompleta. Para isso elaborámos uma lista composta por 13 nomes recordados por Francisco Castro Rodrigues²³⁹ a que acrescentámos 9 nomes que foram levantados nas fichas técnicas da *Arquitectura*, que incluem apenas a direcção e coordenação de cada número, não podendo as demais participações nas actividades da revista ser constatadas senão através de testemunhos. JFC colaborou, pelo menos, na angariação de publicidade.²⁴⁰ Esta lista foi revista por Manuel Tainha que confirmou quase todos os nomes, tendo referido também ter trabalhado em alguns números²⁴¹, pelo que, o próprio pode ser considerado como membro.

A acrescentar ainda à lista, os nomes de Jacobetty Rosa, Adelino Nunes e Raul Tojal que, segundo José-Augusto França, também faziam parte. Segundo este autor, este grupo integrava cerca de 30 arquitectos, na sua maioria jovens, mas também alguns entre os mais antigos.²⁴²

Podemos considerar como elementos confirmados do ICAT os seguintes 26 arquitectos:

Adelino Nunes, Alberto Pessoa, Cândido Palma de Melo, Celestino de Castro, Dário Vieira, Fernando Silva, Francisco Castro Rodrigues, Francisco da Conceição Silva, Francisco Keil do Amaral, Hernâni Gandra, Inácio Peres Fernandes, João Simões, João Faria da Costa, João Vasconcelos Esteves, Joaquim Bento de Almeida, Joaquim Ferreira, Jorge Ferreira Chaves, José Segurado, José Huertas Lobo, Manuel Arroyo Barreira, Manuel Tainha, Miguel Jacobetty Rosa, Paulo Cunha, Raúl Chorão Ramalho, Raul Tojal e Vitor Palla.

A questão deveria ser, no entanto, objecto de um estudo mais aprofundado, pois também constatámos que se reveste de alguma complexidade e haverá vários factos e opiniões a ter em conta. Por exemplo: Celestino de Castro refere ainda Veloso Reis Camelo e Sebastião Formosinho Sanches como membros²⁴³, mas Manuel Tainha considera altamente improvável que este último tenha participado em actividades do grupo²⁴⁴; segundo Francisco Castro Rodrigues, Joaquim Bento de Almeida e Vitor Palla não poderiam ter sido do ICAT²⁴⁵, mas é um facto, porém, que organizaram vários números da revista *Arquitectura*.

Nas próximas duas secções [vol I, cap. 4.5. e 4.6.] relatam-se dois acontecimentos de grande relevância, relacionados entre si como veremos, cuja organização pode ser atribuída a elementos do ICAT. Nestes estiveram envolvidos vários dos nomes listados mas também

²³⁹ Depoimento de Francisco Castro Rodrigues em 2011.

²⁴⁰ Segundo Teresa Ferreira Chaves.

²⁴¹ Depoimento de Manuel Tainha em 29 de Julho de 2011.

²⁴² FRANÇA, [1974] 1984, p. 589 [nota 366].

²⁴³ NUNES, 2007, p. 14. [Depoimento do arquitecto Celestino de Castro em 2007].

²⁴⁴ Depoimento em 2011.

²⁴⁵ RODRIGUES; DIONÍSIO, 2009, p. 209.

outros: no Encontro Nacional de Architectos no Porto [vol I, cap. 4.5.] participaram Luis Coelho Borges, João Castilho e Manuel Coutinho Raposo, que não figuram na lista apresentada em epígrafe; a carta a Artur Andrade [vol I, cap. 4.6.] foi subscrita por vários daqueles, mas também por António Varela, Filipe Nobre de Figueiredo, Artur Pires Martins, Amândio Funk do Amaral, Artur Simões da Fonseca, Ernâni Soares Nunes, Teixeira Bastos, Fernando Peres e ainda por Cottinelli Telmo e Pardal Monteiro, dois architectos que nunca são conotados com o movimento.

4.5. Viagem ao Porto. Encontro Nacional de Architectos

Nos primeiros dias de Agosto de 1947, JFC participou no “intercâmbio profissional”²⁴⁶ que ocorreu quando um grupo de architectos de Lisboa, ligados à dinâmica do ICAT, se deslocou ao Porto para se encontrar com o grupo de architectos daquela cidade que recentemente nesse ano tinha fundado, com objectivos semelhantes aos da ICAT, a Organização dos Architectos Modernos (ODAM).²⁴⁷

Constituíam esta organização, os architectos Acácio Couto Jorge, Adalberto Dias, Agostinho Ricca, Alfredo Ângelo de Magalhães, Alfredo Viana de Lima, António Matos Veloso, António Lobão Vital, António Corte Real, António Neves, Arménio Losa, Anselmo Gomes Teixeira, Artur Andrade, Cassiano Barbosa, Delfim Fernandes Amorim, Eduardo R. Matos, Eugénio Alves de Sousa, Fernando Campos, Fernando Eurico, Fernando Lanhas, Fernando Limpo de Faria, Fernando Távora, Fernando Tudela, João Archer de Carvalho, João Carlos Segurado, João José Tinoco, João de Mello Breyner Andresen, Joaquim Marques Araújo, José Carlos Loureiro, José Borrego, Luís José Oliveira Martins, Luís Praça, Pereira da Costa, Mário Bonito, Octávio Lixa Filgueiras, Ricardo Gil da Costa e Rui Pimentel.²⁴⁸

Esta primeira reunião de architectos portugueses “conseguiu congregar cinquenta profissionais”.²⁴⁹ Juntou o grupo de Lisboa, que Celestino de Castro refere terem sido “quinze ou dezasseis”,²⁵⁰ com o grupo do Porto²⁵¹.

O artigo de Inácio Peres Fernandes não refere (provavelmente por motivos de segurança, em relação à possível vigilância da PIDE) quem foram os architectos de Lisboa que integraram o

²⁴⁶ FERNANDES, Inácio Peres - “Porto: Intercâmbio profissional”. *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* nº 19, Janeiro 1948. pp. 5, 6.

²⁴⁷ ROSA, 2005, p. 43.

²⁴⁸ Idem, ibidem, p.49. A autora não indica a fonte para a constituição desta lista de membros.

²⁴⁹ Idem, ibidem. [nota 245].

²⁵⁰ NUNES, 2007, p. 15. [Depoimento do architecto Celestino de Castro em 2007].

²⁵¹ ROSA, 2005, p. 48. A autora refere, em diferentes momentos do texto, que a Odam integrava trinta e seis, e trinta e sete membros; esta hesitação poderá dever-se à inclusão ou não inclusão de Celestino de Castro que, na época, por estudar em Lisboa, estaria mais próximo do movimento lisboeta.

grupo; algumas individualidades contactadas no âmbito deste trabalho identificaram nas fotografias do evento, encontradas no arquivo de JFC, Alberto Pessoa, João Vasconcelos Esteves, Celestino de Castro, Francisco da Conceição Silva, Francisco Keil do Amaral, Hernâni Gandra, Inácio Peres Fernandes, Luis Coelho Borges, Cândido Palma de Melo, João Castilho, Raúl Chorão Ramalho, Paulo Cunha e Manuel Coutinho Raposo, para além de Jorge Ferreira Chaves.



Fig. 15 Fotografia do grupo de arquitectos reunidos no Porto em Agosto de 1947. JFC é o quinto, a contar da direita, dos que estão sentados na fila da frente. Arquivo JFC.

Num programa estabelecido pelo grupo anfitrião, visitam um conjunto de obras, recentes e em construção, no Porto, Póvoa do Varzim, Fão, Esposende e Viana do Castelo, nomeadamente obras de Cassiano Barbosa, Delfim Amorim, Luís José Oliveira Martins, Alfredo Magalhães, Artur Andrade, Viana de Lima e Arménio Losa.²⁵²

Mereceu, por parte do autor do artigo sobre o encontro, especial menção a visita à Associação Industrial do Porto, onde puderam “admirar o ante-projecto da Exposição Industrial a realizar no Parque do Palácio de Cristal em 1949, cuja concepção,” refere, “estamos certos, honrará o país e o seu autor”²⁵³.

²⁵² FERNANDES, Inácio Peres - “Porto: Intercâmbio profissional”. *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* nº 19, Janeiro 1948. pp. 5, 6.

²⁵³ Idem, Ibidem.

4.6. Carta de arquitectos de Lisboa endereçada a Artur Andrade

Aquela referência ao ante-projecto da Exposição Industrial no artigo “Porto: Intercâmbio profissional”²⁵⁴ é uma menção não explícita ao caso ocorrido alguns meses antes da publicação do artigo: um conjunto de arquitectos de Lisboa, no qual Jorge Ferreira Chaves estava incluído, enviou, em 12 de Agosto, logo na sequência do encontro de arquitectos, uma carta contendo uma “mensagem de aplauso e solidariedade” ao arquitecto Artur Andrade (1913-2005)²⁵⁵. Manifestam repúdio pela situação em que ficou aquele projecto que, “logo após ter sido divulgado, como vencedor por um júri constituído exclusivamente por arquitectos, é posteriormente rejeitado pela entidade oficial encomendadora do projecto que não viabiliza a sua construção.”²⁵⁶ Nessa carta, pode ainda ler-se:

(...) proporcionaria ao Porto e ao próprio país - tão pobre de grandes construções - a oportunidade de contar com um edifício capaz de representar um benéfico e relevante papel na vida nacional.

Tudo isto pareceu-nos, a nós arquitectos, de uma evidência flagrante. E custa-nos a compreender como foi possível pôr entraves à realização de uma tão útil e bela obra com argumentos tão frágeis como os que foram invocados.

Oxalá aqueles que contrariam a realização do seu trabalho possam ainda, melhor avisados, reconsiderar sobre as decisões tomadas. (...) ²⁵⁷

A relevância desta acção, por ser pioneira, é evidenciada por Edite Maria Figueiredo e Rosa:

“No contexto português do pós-guerra, há um projecto que toma especial relevância como semente de contestação e que justifica um empenho colectivo: o projecto de Artur de Andrade para a Exposição Industrial Portuguesa. Este projecto adquire uma importância singular, por se constituir como o primeiro protesto publicamente assinado por um colectivo de arquitectos que exigem a liberdade artística para o exercício da profissão, em manifesta oposição ao estilo imposto pelas entidades oficiais.”²⁵⁸

Os signatários da carta são maioritariamente os arquitectos ligados às actividades da ICAT, mas curiosamente é também assinada por elementos mais conotados com o regime como Cottinelli Telmo (1897-1948) e Porfírio Pardal Monteiro.

A revista *Arquitectura* publicou ainda sobre este caso no seu nº 21, de Março de 1948, a resposta de Artur Andrade, datada de 10 de Fevereiro de 1948, que reforça e clarifica o significado daquela acção:

(...) As palavras de amizade e encorajamento que aquela carta contém foram, por mero acaso, a mim dirigidas. Em rigor elas constituem uma manifestação de apoio e solidariedade a todos aqueles que aproveitando as grandes e as pequenas oportunidades lutam por uma coerente e digna prática da autêntica

254 FERNANDES, Inácio Peres - “Porto: Intercâmbio profissional”. *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* nº 19, Janeiro de 1948. pp. 5, 6.

255 AA. VV. - “Um caso digno de menção” [carta a Artur Andrade]. *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, 2.ª série, ano XX, n.º 17/18, Jul./Ago.1947. p. 6. [Doc. A 26].

256 ROSA, 2005, p. 63.

257 AA. VV. - “Um caso digno de menção” [carta a Artur Andrade]. *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, 2.ª série, ano XX, n.º 17/18, Jul./Ago.1947. p. 6. [Doc. A 26].

258 ROSA, 2005, p. 63.

moderna Arquitectura e que ao reivindicar uma imediata revisão e actualização do seu conceito têm apenas em vista o engrandecimento e o prestígio do nosso querido país.

Ao verdadeiro significado e objectivo dessa manifestação quero, pois, associar-me também.

(...) Pela seriedade dos nossos actos e pela responsabilidade da nossa missão é a nossa consciência e a nossa dignidade profissional quem fala primeiro. E depois o futuro.

4.6.1. Interferência de serviços do estado, sobre projectos de Jorge Ferreira Chaves

O caso anterior tem, no contexto do presente trabalho, um duplo interesse - por JFC ter estado envolvido e por ter ele próprio tido dois projectos que se enquadram nesta problemática.

Sobre a questão da censura sobre a arquitectura durante o Estado Novo, Francisco Silva Dias observa que:

Surge, de quando em quando, com frequência crescente de algum tempo a esta parte, a questão de saber se a liberdade de expressão no campo da arquitectura sofreu efeitos repressivos durante o Estado Novo e se o fazer moderno ou “português suave” era uma opção pessoal, uma questão de estilo, e se o desenho é politicamente neutro e que não houve censura e sobre tudo isto se estende o véu do branqueamento.²⁵⁹

O presente trabalho poderá acrescentar ao conhecimento sobre esta questão, os casos desses dois projectos de JFC.

Caso do projecto para um edifício na R. Braancamp em Lisboa

Este caso deverá ser objecto de um estudo mais aprofundado pois, para o presente trabalho não foi possível reunir toda a documentação que importaria apresentar. Os documentos ora apresentados são, no entanto, sugestivos.

No início do anos 50, JFC realizou um projecto para um edifício na R. Braancamp em Lisboa, que foi indeferido por o desenho das fachadas não se enquadrar no partido pretendido pela CML para aquela artéria da cidade. Podemos observar, num extracto do despacho relativo à apreciação da primeira versão do ante-projecto, que o deferiu, com algumas condicionantes ao desenvolvimento do projecto, uma advertência sobre o aspecto exterior do edifício:

“(…) que a composição dos alçados deve merecer do técnico autor cuidadosa atenção”²⁶⁰

JFC elaborou então uma segunda versão do ante-projecto em que alterou substancialmente a composição de fachadas. Na sua memória descritiva encontra-se uma alusão à condicionante imposta, quanto ao partido estético:

(...) Sentimos que a solução ideal em fachadas ainda não foi encontrada mas o projecto definitivo dar-nos-há essa oportunidade, assim a Câmara se digne aprovar este ante-projecto no «partido» agora adoptado.

JFC, 1 de Maio de 1950²⁶¹

²⁵⁹ DIAS, 2007, p. 8.

²⁶⁰ [CML] Despacho 31.206/50. Arquivo JFC. [Doc. A 32].

Esta segunda versão acabou também por ser indeferida. Na justificativa do despacho da 3ª Repartição de Arquitectura, assinada pelo arquitecto António Couto Martins, em 23 de Maio de 1953, entre aspectos que aparentemente seriam sanáveis, é novamente invocada a advertência anteriormente proferida quanto às “características” dos alçados que, na sua opinião, tinham sido mantidas:

“Analisado o presente projecto relativamente aos antecedentes, esta Repartição propõe que o processo seja arquivado, em virtude dos seguintes inconvenientes:

(...)

3º Os alçados, acerca dos quais foram feitas determinadas observações quando da apreciação do anteprojecto, mantêm as características iniciais. (...)”²⁶²



Fig. 16 Projectos de JFC para a R. Braancamp em Lisboa. Ambos indeferidos pela CML. A) 1ª versão. B) 2ª versão. Arquivo JFC.

Caso do projecto para a Agência da CGD de Serpa

A obra de JFC da Agência da Caixa Geral de Depósitos de Serpa foi alvo uma intervenção à revelia do seu autor, nos termos que podem ser observados em duas cartas, de 1962 e 1963, enviadas pelo Presidente da Câmara de Serpa à Administração da CGD e respectiva Comissão de Obras:

261 Memória Descritiva do “Ante-projecto de um edifício que a Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Industria de Cerâmica pretende construir no seu terreno sito na Rua Braancamp nº 5 tornejando para a Rua Mousinho da Silveira em Lisboa”. 1 de Maio de 1950. Arquivo JFC. [Doc. A 32].

262 Cópia do despacho da 3ª Repartição - Arquitectura, em 23 de Maio de 1953. Arquivo JFC. [Doc. A 32].

(...) a Câmara está empenhada em levar a cabo um arranjo urbanístico especial dentro das muralhas, para que a vila conserve a sua tradição, que lhe recorde o seu passado de grandeza. (...)

O único prédio que existe dentro das muralhas e no ponto principal da vila (Praça da República), em estilo modernista ou futurista, é o da vossa agência. Por este facto permitimonos solicitar a essa Dig.ma Administração o especial favor de mandar modificar a frontaria do aludido edifício (1º andar), no sentido de lhe ser dado um arranjo que se coadune com a época em que foram feitas as outras construções existentes na mesma praça.

Confiando no espírito criterioso e altamente Nacionalista de V.Ex^{as}. a Câmara espera ver deferida esta petição. (...) ²⁶³

Recebemos hoje com prazer a visita de dois Delegados dessa direcção, a fim de se concretizar certos pormenores do arranjo pretendido no alçado da Agência dessa Caixa, nesta localidade.

Resultou da troca de impressões, que esta Câmara tem razão em pretender que o aspecto discordante com o meio onde a Agência se situa, seja alterado ou eliminado.

(...)

Chegou-se ainda à conclusão que conviria introduzir novos elementos no estudo apresentado, principalmente na cimalha projectada, totalmente lisa, no pedido de a emoldurar, partindo de elementos semelhantes aos existentes no local.

Deste modo solicitamos a V.Ex^a esses estudos e agradecemos a apresentação de nova planação, a fim de as obras a efectuar correspondam aos desejos dos Municípes. ²⁶⁴

De facto, o edifício ostenta actualmente uma cimalha decorativa que não existia no Projecto de JFC. Não foi encontrado no processo qualquer documento elaborado pelo autor do projecto, donde se depreende como provável que as alterações impostas tenham sido, inclusivamente, introduzidas à sua revelia.

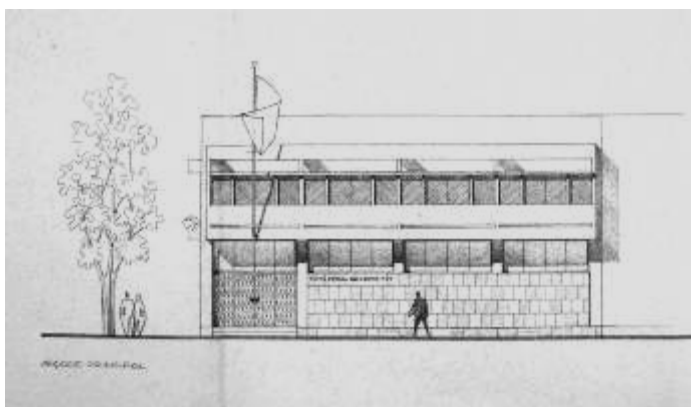


Fig. 17 Agência da CGD de Serpa: A) Projecto de JFC; alçado principal. Arquivo Histórico da CGD. B) Estado actual; Fachada lateral. Foto Gustavo Marcão.

263 Carta do Presidente da Câmara Municipal de Serpa endereçada à Administração da CGD. Serpa, 1 de Outubro de 1962. Arquivo Histórico CGD. [Doc. A 33].

264 Carta do Presidente da CMS endereçada ao Eng. Director da Comissão Administrativa das Obras da CGD. de 30 de Julho de 1963. Arquivo Histórico CGD. [Doc. A 34].

4.7. “Concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio”

Em 1948, JFC participou no “Concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio”²⁶⁵ promovido pela revista “Arquitectura” e pela empresa Construções Antero Ferreira. Apesar de pertencer ao campo da actividade profissional, esta participação é referida na presente secção por se tratar de um acto que se pode inserir na linha dos assuntos nesta focados.

Na primeira metade dessa década tinha ocorrido um único evento desta natureza; tratou-se do Concurso da Casa *Panorama*, cujo resultado foi apresentado em 1944 na revista *Panorama*. Segundo Michel Toussaint os três premiados “desenvolveram projectos respondendo ao programa solicitado e com os habituais signos nacionalistas derivados da divulgação da ‘casa portuguesa’”.²⁶⁶

Este concurso de 1948 “parece ter sido uma réplica moderna do anterior Concurso da Casa *Panorama* com um programa exactamente igual, salvo que neste caso havia um terreno e o júri, com Carlos Ramos (director da EBAP) e Pedro Cid (1925-1983) (ainda aluno da EBAL), a garantir essa modernidade”.²⁶⁷ Segundo José-Augusto França “contou com o entusiasmo dos jovens arquitectos e escolares que se sujeitavam a um júri em que Carlos Ramos, professor da Escola do Porto, garantia um novo entendimento de modernidade programática e formal”²⁶⁸.

Antero Ferreira - o promotor - e o arquitecto Paulo Cunha também integravam o júri.

As condições do concurso foram publicadas no nº 16 da *Arquitectura*, de Junho de 1947, tendo os resultados sido divulgados no nº 22 da revista. Os projectos foram publicados no nº 23-24 de Maio-Junho de 1948.

Carlos Ramos, que assina o relatório do júri, refere que foram apresentados 17 ante-projectos e realça a falta de experiência dos concorrentes neste género de competições preconizando, no entanto, os concursos de arquitectura como a melhor forma de lançar os arquitectos “no melhor caminho”.²⁶⁹

Em 1950 teve lugar uma iniciativa semelhante: o Concurso Lusalite, também aberto pela revista *Arquitectura*, em que JFC não participou.²⁷⁰

4.8. Participação no I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948

O I Congresso Nacional de Arquitectura realizou-se de 28 de Maio a 4 de Junho de 1948 coincidindo precisamente com o momento em que JFC estava a finalizar a parte escolar do

²⁶⁵ FRANÇA, [1974] 1984, pp. 260, 570 - nota 268.

²⁶⁶ TOUSSAINT, 1998, p. 133.

²⁶⁷ Idem, ibidem, p. 133.

²⁶⁸ FRANÇA, [1974] 1984, p. 260.

²⁶⁹ RAMOS, 1948, p. 3.

²⁷⁰ S/A - “Concurso Lusalite: resultados”. *Arquitectura*, 2.ª série, ano XXIV, n.º 38/39, Maio de 1951. p. 6-32.

curso²⁷¹. Provavelmente por esse motivo, terá sido um dos poucos arquitectos que não se inscreveu no evento. Porém, embora o seu nome não conste da lista de inscrições no congresso²⁷² nem na lista dos congressistas²⁷³, podemos identificá-lo numa fotografia do evento, publicada na *Revista Arquitectos*,²⁷⁴ incluída no artigo *Francisco Keil do Amaral (1910-1975)* de Ana Magalhães. Terá, portanto, conseguido encontrar oportunidade para, em pelo menos uma das sessões, acompanhar aquele acontecimento marcante.



Fig. 18 JFC em uma das sessões do Congresso Nacional de Arquitectura em 1948. Atrás de Francisco Keil do Amaral (de pé, ao centro da imagem), imediatamente à esquerda deste (Magalhães, 1989, p. 74.).

Segundo Nuno Teotónio Pereira tratou-se de um “momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos”.²⁷⁵

O artigo de Tiago Mota Saraiva escrito a partir de uma entrevista com Celestino de Castro, contendo um relato deste, sobre o congresso, é bastante ilustrativo:

(...) A abertura do regime, em virtude do fim da guerra, e apesar da difícil situação económica do país, produz uma intensa circulação e produção de informação. Os arquitectos, sobretudo as gerações mais novas, centradas em torno de duas organizações culturais ODAM (Porto) e ICAT (Lisboa), procuram pôr em causa aquilo que se entende como “casa portuguesa” ou “arquitectura de feição nacional” reivindicando que se faça um levantamento daquilo que é a arquitectura popular.

²⁷¹ Não determinámos o dia exacto em que terminou a actividade relacionada com o curso na EBAL, mas em 9 de Junho de 1948, “tendo concluído o Curso de Arquitectura”, requer um certificado de habilitações. [Doc. A 18].

Fonte: Processo individual de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. EBAL; Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53. Arquivo da FAUTL.

²⁷² Livro de contabilidade do 1º Congresso Nacional de Arquitectura. Arquivo do SNA.

²⁷³ S/A - 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio - Junho de 1948. Relatório da Comissão Executiva. Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos; 1948.

²⁷⁴ *Revista Arquitectos* nº 2, Maio/Junho 1989. p. 74.

²⁷⁵ PEREIRA, 1981.

(...) Chegados ao Congresso de 48 verifica-se que a classe está dividida entre aqueles que defendem “as exigências de um portuguesismo na Arquitectura” e aqueles que já absorveram o pensamento moderno e aspiram ao internacionalismo. Contudo aquilo que seria pouco provável no sistema em que se vivia sucedeu - as conclusões do Congresso são claramente favoráveis aos (maioritariamente jovens) arquitectos do pensamento moderno. Esta situação não é propriamente o resultado espontâneo de uma tendência expressa no local e dias do Congresso. Conforme refere, “as teses já estavam feitas”. Celestino entende que o momento determinante em que se define a forma e conteúdos resultantes do Congresso é a noite em que é votada, no então Sindicato Nacional dos Arquitectos, a Comissão Executiva.

“O grupo do ICAT conseguiu no sindicato (por um voto) que para Secretário-geral do Congresso fosse eleito um homem que não era do fascismo - o Paulo Cunha. (...) Era importante porque nessa altura [1948] o Sindicato dos Arquitectos estava na mão do Telmo... do Pardo Monteiro...”

Mais tarde no Congresso apenas se verificaria aquilo que já se sabia. Existia uma nova geração de arquitectos modernos tanto em Lisboa (em torno de Keil do Amaral e do ICAT) como no Porto (em torno de Carlos Ramos e do ODAM) atentos àquilo que se passava no resto do Mundo e de cariz marcadamente internacionalista.

De acordo com Celestino de Castro, a generalidade dos arquitectos que se constitui em torno do ideário moderno tinha uma conotação política de esquerda e, sobretudo no Porto, existia uma forte presença de comunistas. Tanto o ODAM como o ICAT serviriam em 1949 como estruturas de base para o MUD e apoio à candidatura do General Norton de Matos. (...) ²⁷⁶

A Comissão Executiva era constituída por José Ângelo Cottinelli Telmo (Presidente), Paulo de Carvalho Cunha (Secretário Geral), João Guilherme Faria da Costa (Tesoureiro), Porfírio Pardo Monteiro (1.º Vogal) e Miguel Jacobetty (2.º Vogal). ²⁷⁷

4.9. III Congresso da União Internacional dos Arquitectos (UIA) em Lisboa, 1953

Em 1946 diversos organismos internacionais de arquitectos, fundem-se num único organismo designado União Internacional de Arquitectos (UIA - Union Internationale des Architectes). ²⁷⁸

JFC participou no III Congresso da UIA que decorreu em Lisboa, de 20 a 27 de Setembro de 1953. ²⁷⁹

“Esta iniciativa de internacionalização da Arquitectura Portuguesa e da classe dos Arquitectos, que não teve paralelo em todo o século XX, foi também a segunda oportunidade de consolidar a orientação moderna da arquitectura portuguesa, (...)” ²⁸⁰

²⁷⁶ SARAIVA, 2007. p. 8. “Celestino de Castro (1920-2007)”.

²⁷⁷ S/A - 1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio - Junho de 1948. Relatório da Comissão Executiva. Teses, Conclusões e Votos do Congresso. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos; 1948.

²⁷⁸ LOBO; DIAS, 1988, p. 6.

²⁷⁹ S/A - Troisième Congrès de L'Union Internationale des Architectes: Rapport Final. Librairie Portugal, Lisbonne, UIA Portugal, 1953. p. 473.

Confirmada a sua participação também pela existência na biblioteca de JFC, de uma carta endereçada pela editora da revista *L'Architecture Française* com a oferta de um exemplar da revista para amostra promocional, em resultado de um contacto efectuado durante o congresso. Dentro da revista encontrámos essa carta.

Estavam inscritos cerca de 600 congressistas de 35 nacionalidades, dos quais cerca de 220, eram portugueses. Na esmagadora maioria eram arquitectos e estudantes de arquitectura mas, participaram também vários engenheiros e alguns elementos de diversas profissões relacionadas com a construção. Muitos congressistas estavam acompanhados das respectivas esposas.

Carlos Ramos, que presidiu ao congresso, foi responsável pelo relatório final juntamente com Jean-Pierre Vouga (1907-?). Catorze arquitectos portugueses tiveram atribuições específicas num Comité de Organização constituído por vinte e sete elementos.²⁸¹

Por parte da secção portuguesa da UIA apresentaram comunicações os arquitectos Porfírio Pardal Monteiro²⁸², Arménio Losa, João Andresen e Januário Godinho.²⁸³

4.10. Petição “Artistas Plásticos Portugueses”

Segundo Ricardo Agarez²⁸⁴, JFC foi um dos signatários de uma petição redigida em Outubro de 1953 e entregue à CML em Fevereiro de 1954, intitulada pela administração camarária “Artistas Plásticos Portugueses - Exposição pedindo à Câmara que os chame a colaborar com os Arquitectos na elaboração dos seus projectos de construções”.

Esta petição (...) constituiu mais uma tentativa de forçar a integração das artes plásticas na produção arquitectónica corrente, por iniciativa dos principais interessados nessa integração - pintores, escultores e arquitectos (...). Os responsáveis pela iniciativa foram inspirados pelas conclusões do Grupo de Trabalho nº 4 [“Síntese das Artes Plásticas”] do III Congresso da União Internacional dos Arquitectos (...) que transcrevem na íntegra. Naquelas conclusões, os arquitectos participantes no congresso convocavam pintores, escultores e outros artistas para uma colaboração estreita e em plano de igualdade, sem subordinações ou imposições, e informada de parte a parte. (...) O documento, congregando um tão grande número de assinaturas, foi dirigido ao Presidente da Câmara e acompanhado de cartas de recomendação da SNBA e do Sindicato Nacional dos Arquitectos cujas posições, de apoio incondicional à iniciativa, tinham sido ratificadas por unanimidade em assembleias gerais extraordinárias realizadas para o efeito.

(...) A ambicionada generalização do mesmo princípio ao domínio, vastíssimo, da construção privada, e que poderia realmente ter produzido efeitos muito perceptíveis, não chegará a concretizar-se. (...) ²⁸⁵

Importa realçar o facto de que todos os projectos de JFC, que integram obras plásticas, são de iniciativa privada. A existência destas obras resultou, em larga medida, da vontade do arquitecto pois apenas as obras públicas estavam obrigadas a incluir estes trabalhos.

²⁸⁰ MONIZ, 2011, p. 186.

²⁸¹ S/A - *Troisième Congrès de L'Union Internationale des Architectes: Rapport Final*. Librairie Portugal, Lisbonne, UIA Portugal, 1953.

²⁸² Este congresso decorreu durante o período em que JFC era colaborador de Porfírio Pardal Monteiro.

²⁸³ S/A - *Troisième Congrès de L'Union Internationale des Architectes: Rapport Final*. Librairie Portugal, Lisbonne, UIA Portugal, 1953. pp. 112-117, 173-176, 305-319, 356-360, 447-448.

²⁸⁴ AGAREZ, 2009, p. 209.

²⁸⁵ AGAREZ, 2009, pp. 208, 211.

4.11. Actividade no Sindicato Nacional dos Architectos

O Sindicato Nacional dos Architectos, criado em 1933, sucedeu a três organismos congéneres que se sucederam ao longo do tempo - à Sociedade dos Architectos que tinha sido criada em 1902, à Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses criada em 1872 e à Real Associação dos Architectos Civis criada em 1863.²⁸⁶

Existiu até 1974 quando foi substituído pela Associação dos Architectos que por sua vez deu lugar à Ordem dos Architectos (OA) em 1999.

Os corpos gerentes do sindicato passam a ser, a partir de 1942, eleitos por triénios²⁸⁷ e compostos por quatro órgãos:

Direcção - quatro elementos, sendo um deles o Presidente da Direcção;

Assembleia Geral - Presidente da Mesa, Primeiro Secretário e Segundo Secretário;

Comissão Revisora de Contas - três Vogais;

Conselho Disciplinar - três Vogais efectivos e dois Vogais suplentes.²⁸⁸

Em 1948, Francisco Keil do Amaral e um grupo de architectos “modernos”, ligados às actividades do grupo ICAT que temos vindo a descrever, entre os quais Inácio Peres Fernandes, Dário Viera e João Simões, são eleitos para os corpos gerentes do SNA.

Durante esse mandato são lançadas as bases para a realização do estudo da arquitectura regional portuguesa.

Keil do Amaral não chegou a tomar posse na direcção do Sindicato pois foi afastado, logo em 1949, por ordem do Secretário de Estado das Corporações,²⁸⁹ tendo Inácio Peres Fernandes assumido o cargo de presidente.

O SNA era tutelado pelo Ministério das Corporações que tinha poder para sancionar a constituição dos seus corpos gerentes; verificou-se, nas fichas de JFC no arquivo da PIDE, que isso podia estar dependente de informações fornecidas por aquela polícia política, coincidindo com cada eleição para os corpos gerentes uma informação pedida por aquele ministério. [Doc. A 56].

Jorge Ferreira Chaves foi um membro do SNA, bastante activo como se pode verificar nas actas das sessões da Assembleia Geral, que estão disponíveis para consulta na Biblioteca da

²⁸⁶ LOBO; DIAS, 1988, p. 4-6.

²⁸⁷ Website da OA: “Presidentes anteriores”. (acesso 11-8-2011).

²⁸⁸ *Livro de tomadas de posse* do SNA. Arquivo do SNA.

²⁸⁹ LOBO; DIAS, 1988, p. 7.

OA, e também na documentação constante no seu processo de membro do SNA actualmente integrado na base de dados da OA.

António Pinto Freitas, que praticamente só conviveu com JFC no âmbito das actividades do SNA, recorda-o como sendo “um elemento muito importante e respeitado”; no aspecto mais pessoal recorda-o como “contido, muito ponderado e afável”.²⁹⁰

Integrou várias comissões e grupos de trabalho, tendo iniciado actividade nesse âmbito antes mesmo da sua admissão oficial, pelo menos, na *Comissão de redacção dos deveres profissionais do Arquitecto* reunida em 24 de Abril de 1953²⁹¹.

É aprovado como sócio em sessão de 28 de Agosto de 1953 [Doc. A 72] com nº de inscrição 175 (nº de ordem 153)²⁹² tendo sido proposto pelos sócios Manuel Mendes Tainha²⁹³ e José Croft de Moura (1922-1997).²⁹⁴

Foi assíduo e participativo nas sessões da Assembleia Geral, especialmente durante a década de 50 e princípio da década de 60. De 1960 a 1965, pertenceu aos corpos gerentes do sindicato.

4.11.1. Assembleia Geral do SNA, comissões e grupos de trabalho

Procedemos ao levantamento da presença de JFC nas Assembleias Gerais do SNA transcrevendo todas as suas intervenções registadas nas respectivas actas [vol. II, cap. 8] que estão disponíveis para consulta, e registos nos livros de presenças.

Não pertencendo ao âmbito do presente trabalho uma devida contextualização dessas intervenções, vamos apenas divulgar as mesmas, pelo que tem de ilustrativo da contribuição do arquitecto em estudo para postura adoptada pelo colectivo em várias questões relativas à dignificação da profissão.

Em 1953, antes da sua admissão no sindicato, integrou a “**Comissão de redacção dos deveres profissionais do Arquitecto**”. Tomámos conhecimento deste contributo pela existência, no processo de JFC no SNA, de uma convocatória para uma reunião daquela comissão [Doc. A 70] e de um texto dactiloscrito, no arquivo de JFC, intitulado: “Alguns deveres para os quais convém chamar a atenção de todos os Arquitectos, tendentes à organização de uma atitude de moral profissional” [Doc. A 69]. Não foi possível determinar se

²⁹⁰ Depoimento de António Pinto de Freitas em 10 de Agosto de 2011.

²⁹¹ Convocatória de 20 de Abril de 1953 para reunião em 24 de Abril de 1953 da Comissão de redacção dos deveres profissionais do Arquitecto [Doc. A 70]. Única reunião dessa comissão da qual se encontrou registo.

Fonte: Processo individual de sócio do SNA de JFC.

²⁹² *Livro de Inscrição de Sócios* do SNA. Caixa 7. Arquivo do SNA.

²⁹³ “Recordo as intervenções do JFC, serenas, pausadas e muito ponderadas.” (Depoimento de Manuel Tainha em 2011).

²⁹⁴ Ficha de Proposta de Sócio nº 175 (nº 30088). No processo individual de sócio do SNA de JFC. [Doc. A 71].

se trata de uma sua proposta de redacção, ou do resultado do trabalho daquela comissão, cujos membros integrantes igualmente desconhecemos. De leitura assaz interessante, vamos citar alguns excertos deste documento:

(...) O arq. fará exame de consciencia pelo menos uma vez por dia, e dirá de si para consigo:

A miséria dos meus companheiros é a minha própria miséria.

(...) O arq. procurará com afã acompanhar o movimento perpétuo da técnica e da sua consequente expressão arquitectural. A estagnação em determinadas formulas, formas ou estilos, é contrária aos votos do 1º C.N.A..

(...) Cada novo arquitecto deverá ser considerado como um amigo que traz para o seio da classe a sua cultura nova e o seu entusiasmo. Deverá encontrar um ambiente acolhedor, franco e saudável.

(...) Um arquitecto em exercício franco da sua actividade, procurará para seus auxiliares - sempre que possível - os estudantes de arquitectura ou tirocinantes. O trabalho destes deverá ser remunerado segundo uma tabela que o Sindicato fixará.

(...) O arquitecto apresentará às suas visitas ou clientes os seus colegas colaboradores, não com o objectivo de engrandecer-se com o exibicionismo, mas revelando o apreço, o respeito e a estima que lhes dedica.

(...) Dado que o arquitecto não é um comerciante, não ambicionará lucros que não sejam compatíveis com a sua contribuição no trabalho. O seu lucro deverá aumentar somente na razão directa do aumento do seu trabalho e não na razão directa da exploração do trabalho alheio.

Uma vez abandonada a hipótese tentadora da exploração do trabalho alheio, o arquitecto ver-se-à obrigado a repartir o trabalho que lhe sobra.

(...) O arquitecto não esconderá a franca intervenção que porventura os seus colaboradores hajam tido nos seus projectos. (...)

Em 1954 integrou a Comissão de redacção de uma “Carta dos Arquitectos ao Ministro das Obras Públicas” contestando²⁹⁵ o regulamento do **Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique** no promontório de Sagres que decorreu entre 1954 e 1957. O momento da formação dessa comissão, constituída também por Carlos Ramos, Celestino de Castro (1920-2007) e Sebastião Formosinho Sanchez (1922-2004), pode observar-se no excerto seguinte:

(...) Fazem ainda algumas observações os arquitectos (...), após o que o arquitecto Jorge Chaves, considerando as bases inaceitáveis, sugere a suspensão da Assembleia por alguns dias, para que cada um possa fazer um estudo do assunto. (pp. 26-27)

(...)

O arquitecto Carlos Ramos declara então considerar o assunto já suficientemente ventilado para se tratar de organizar a Comissão alvitada pelo colega Alberto Azevedo Centeno, no que é aprovado pela assembleia.

Sobre a constituição daquela Comissão, (...) [foi proposto] que a comissão seja presidida pelo arquitecto Carlos Ramos, chamando a si os colegas que entender. Obtendo esta proposta a aprovação da assembleia, o arquitecto Carlos Ramos convida, então, os colegas Jorge Chaves, Celestino de Castro e Manuel Tainha.

Dado a impossibilidade deste último aceitar, o arquitecto Carlos Ramos rectifica, convidando o colega

295 ALMEIDA, 1986, [p. 44]

Formosinho Sanchez para substituir aquele. Posta, então, à votação da Assembleia esta última lista, formada pelos architectos Carlos Ramos, Jorge Chaves, Celestino de Castro e Formosinho Sanchez, foi aprovada por unanimidade, ficando assim constituída a Comissão incumbida de estudar pormenorizadamente o assunto e redigir a exposição a fazer a Sua excelência o Ministro das Obras Públicas. (...) (pp. 28-29)²⁹⁶

Na sequência dos dois anteriores concursos em 1933-1935 e 1936-1938, que não chegaram a dar lugar a obra construída, o sindicato estava empenhado em que a opinião dos architectos possa ter algum peso para que neste terceiro concurso não sucedesse, como acabou por suceder, o mesmo que nos primeiros. Este caso ocupou em exclusivo a ordem de trabalhos de sete reuniões da Assembleia Geral. Apresentam-se ainda alguns excertos do registo em acta, de posições tomadas por JFC, a respeito deste caso:

(...) O architecto Jorge Chaves manifestou o seu franco desacordo com a opinião do colega Inácio Peres Fernandes, porquanto, a seu ver, não deverá a Assembleia pôr simplesmente pedra sobre o assunto, porque as satisfações dadas à classe não a satisfizeram, o assunto não está, portanto, esgotado, e como tal não concorda com o encerramento da assembleia. (p. 50)

(...)

O architecto Jorge Chaves manifestou as suas dúvidas, perguntando se será só a Sua Excelência o Ministro que a classe deverá manifestar o seu desagrado e apreensão ou se, pelo contrário, deverá ir mais longe; e ainda, se não deverá o Sindicato ir até à posição extrema de não tomar parte no Juri. (p. 52)

(...)

O presidente da direcção²⁹⁷ sugere, por seu turno, um esboço duma informação, cuja redacção deverá ser confiada à Comissão de Redacção.

Com isto surgem dúvidas quanto à constituição dessa Comissão, da qual, os architectos Celestino de Castro e Jorge Chaves pedem a sua exclusão, o que, por sua vez, deu lugar a uma longa troca de pontos de vista entre os architectos Peres Fernandes, Filipe de Figueiredo, Celestino de Castro, Jorge Chaves, Formosinho Sanchez e Veloso Reis, em que foram focados os vários aspectos de se manter ou eleger nova Comissão, no fim da qual, o Presidente da Mesa põe à votação a manutenção da mesma Comissão, o que é aprovado por maioria. Porém, os architectos Celestino de Castro e Jorge Chaves mantêm as suas posições e declinam o convite.

O Architecto Veloso Reis propõe um **voto de louvor** à Comissão pela forma como se desempenhou da sua incumbência, o que foi aprovado.

O architecto Peres Fernandes propõe, então, que a Assembleia Geral delegue na Direcção a incumbência de reduzir a escrito o pensamento da Classe, proposta esta que, posta a votação, foi aprovada por unanimidade.

(...) (pp. 53-54)²⁹⁸

Em ambos os casos seria interessante coligir os documentos do arquivo de JFC com o que existir de documentação no espólio do SNA, sobre estes casos a que dizem respeito as referidas comissões.

296 Assembleia Geral do SNA, de 27-9-1954. Acta nº 97. Ordem da Noite: "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique".

297 Inácio Peres Fernandes (1910-1989). Presidente da Direcção do SNA, de 1949 a 1959 e da AAP, de 1978 a 1980.

298 Assembleia Geral do SNA, de 19-1-1955. Acta nº 102. Ordem da Noite: "Concurso de projectos para o Monumento ao Infante D. Henrique - continuação".

Em 1959 integrou um grupo de trabalho que se encarregou da elaboração da “**Programação para o Novo Curso de Arquitectura**”²⁹⁹. Existe no processo de JFC no SNA uma convocatória para uma reunião, a 27 de Junho de 1959, daquela comissão [Doc. A 75] e um registo de presença numa reunião, em 24 de Julho do mesmo ano.

Pelo que pudémos constatar na secção deste trabalho em que focámos o seu percurso académico, JFC era bastante sensível a este assunto. Terá ainda sido um factor para a manutenção do seu interesse, o conhecimento que tinha da realidade do ensino da arquitectura por diariamente interagir profissionalmente com estudantes de arquitectura que integravam a equipa que dirigia³⁰⁰ no atelier de Porfírio Pardal Monteiro. No seguinte excerto, anterior à formação daquele grupo de trabalho no SNA, podemos observar a sua opinião a esse respeito:

(...) O arquitecto Jorge Chaves focou, mesmo, a necessidade de se conseguir a “Reforma do Ensino”, como meio indispensável para se atingir a dignificação da profissão, e só então se procurar resolver problemas que, por enquanto, considera secundários (...) (p. 46)³⁰¹

A questão dos **concursos públicos**, cuja realização era objecto de “enorme resistência por parte da administração pública”³⁰², estava claramente identificada como um importante problema que afectava a profissão. Ana Isabel Ribeiro refere que esta questão “parece, sem quaisquer dúvidas, poder ser considerada um dos vectores dominantes da acção do Sindicato”, já no período compreendido no seu inquérito [até 1953].³⁰³

Os casos de quatro concursos e a discussão de um Projecto de Bases Gerais para Concursos Públicos de Arquitectura ocuparam a maior parte das reuniões da Assembleia Geral, entre 1954 e 1959, mas deixarão de ser assunto a partir do caso do Concurso para a Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, que descreveremos mais à frente.

A respeito dos pontos de vista de JFC sobre esse assunto, apresentar-se-ão em seguida, alguns excertos de actas.

- Sobre o “**Concurso** aberto pela **Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho**”, para uma colónia de férias:

299 Reunião para “dar seguimento aos estudos de Programação para o Novo Curso de Arquitectura” em 27 de Junho de 1959. Convocatória de 22 de Junho de 1959. No processo individual de sócio do SNA de JFC.

300 Frederico Sant’Ana, Eduardo Goulart Medeiros e António Pardal Monteiro, entre outros.

301 Assembleia Geral do SNA, de 3-1-1955. Acta nº 101. Ordem da Noite: “A posição do Arquitecto perante a construção urbana - prosseguimento”.

302 TOUSSAINT, 1998, p. 129.

303 RIBEIRO, 2002, p. 378.

(...) O arquitecto Jorge Ferreira Chaves disse entender que, num concurso desta importância, uma atitude mole da parte da Classe pode ser-lhe prejudicial, pelo que este Sindicato deverá tomar uma atitude enérgica desde já, e não após um pedido de rectificação. (...) (p. 3)³⁰⁴

(...)

O arquitecto Jorge Chaves entende que tendo sido o Sindicato agravado até ao último ofício da Fundação, a atitude mais certa a tomar deverá ser: informar todos os arquitectos de que tendo sido deliberado em Assembleia Geral que a Classe não deve concorrer, o Sindicato tomará todas as medidas necessárias para castigar membros e não membros que persistam em fazê-lo. (...) (p. 14)³⁰⁵

- Sobre o **Concurso para o Pavilhão de Portugal na Exposição Universal e Internacional de Bruxelas:**

(...) O arquitecto Jorge Chaves, contrariamente à opinião do Presidente da Direcção, considerava não dever encerrar-se o assunto do Concurso de Bruxelas. Constatou que ninguém pusera em dúvida o mérito do trabalho premiado, nem a classificação feita, opinou, porém, que o Sindicato deveria manifestar-se em relação ao facto de o arquitecto Jorge de Almeida Segurado ter reconhecido como erradas as bases do concurso, parecendo-lhe útil torná-lo público.

Resumiu o seu pensamento dizendo:

um - os organizadores erraram na elaboração das bases;

dois - a Direcção errou, ao apreciar só a primeira parte daquelas;

três - os concorrentes erraram por não se terem manifestado contra as bases;

quatro - erraram os membros do júri por terem aceite julgar;

cinco - o Sindicato errou por não ter protestado contra o resultado final do concurso.

O presidente da Direcção afirmou não ver proveito, ou utilidade em dar publicidade ao caso, mas sim nas conclusões que do debate possam tirar-se para futuros concursos. (pp. 85, 86)

(...)

O arquitecto Jorge Chaves disse presumir que o problema do Concurso de Bruxelas não estava esgotado e manifestou o desejo de que outros colegas se pronunciassem. (...) (p. 88)³⁰⁶

- Sobre o **“Concurso de anteprojectos para um novo edifício da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa”:**

(...) Tomando a palavra, o arquitecto Ferreira Chaves chama a atenção da assembleia para a resolução de recomendar que não se deve tomar parte no Concurso para o Edifício da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Manifesta em seguida a opinião de que antes de tudo o Sindicato deveria ser consultado para analisar se o concurso teria ou não interesse para a classe e só depois se deveriam elaborar as bases. Assim, parece-lhe que se deveria ficar num conjunto de normas de moral pelas quais a entidade promotora do concurso verificaria se lhe interessava ou não realizar o concurso e encarando o problema deste modo

304 Assembleia Geral do SNA, de 5-7-1954. Acta nº 94. Ordem da Noite: “Concurso aberto pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho”.

305 Assembleia Geral do SNA, de 19-7-1954. Acta nº 95. Ordem da Noite: “Concurso aberto pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho”

306 Assembleia Geral do SNA, de 11-5-1956. Acta nº 107. Ordem da Noite: “Concurso de Anteprojectos para o Pavilhão de Portugal na Exposição Universal e Internacional de Bruxelas” e “Problema Geral dos Concursos Públicos”.

entende que as bases em questão não servem. As bases do concurso seriam pois elaboradas depois de verificar o seu interesse pelo sindicato. (...) (pp. 6, 7; rascunho de acta)³⁰⁷

- Sobre o **Concurso** para a sede da **Fundação Calouste Gulbenkian**:

“Este concurso cujos anteprojectos não vieram ao conhecimento público, provocou uma polémica sobre o método seguido pelos seu promotores, polémica esta que transbordou para a revista *Arquitectura*³⁰⁸ e foi sinal público de uma actuação mais agressiva da classe dos architectos, se bem que neste caso, a direcção do SNA não conseguiu demover nem a entidade promotora nem os architectos convidados, (...)”³⁰⁹

Tendo a Fundação Calouste Gulbenkian dado, ao SNA, a esperança de vir a realizar um concurso público, acabou por optar pela modalidade de concurso limitado, para o qual convidou inicialmente duas equipas compostas, cada uma, por três architectos de Lisboa³¹⁰, a que acrescentou posteriormente, por sugestão de Francisco Keil do Amaral, consultor convidado, uma terceira equipa que incluía um architecto do Porto³¹¹.

O caso suscitou longa discussão, que não coube na sessão de 4 de Maio de 1959 da assembleia, e teve de ser interrompida para ser continuada no dia seguinte. Foi sugerido pela assembleia, aos architectos convidados, que recusassem o convite pois isso transmitiria uma imagem de força e união por parte dos architectos. Sobre isso:

(...) O architecto Jorge Ferreira Chaves acha prematuro que os colegas convidados tomem qualquer decisão sem ser maduramente pensada. (p. 23)³¹²

Foi então proposta à assembleia, por um grupo de architectos, incluindo JFC, a seguinte moção que foi posta à votação e aprovada por maioria:

(...) Seguidamente é posta à votação a proposta número um tal como se apresenta, sendo aprovada por maioria (vinte e nove pontos contra vinte e três).

Assim o Presidente da Mesa diz julgar poder encerrar a sessão, depois de lida a proposta que é do seguinte teor:

«Os abaixo assinados requerem, com prioridade, a aprovação pela Assembleia da seguinte proposta, tomada no seu conjunto: Um - A Assembleia entende que o projecto da sede da Fundação Gulbenkian deve ser objecto de um concurso público. Dois - Decide apoiar a acção da Direcção no prolongamento dos esforços para que a Fundação Gulbenkian aceite a posição definida pela classe, em nome desta Assembleia. Três - Para se conseguir os objectivos expressos nas alíneas anteriores, esta Assembleia entende convidar os architectos que aceitaram o convite limitado a anularem a aceitação que deram em princípio. Lisboa, cinco/Maio/mil novecentos e cinquenta e nove.

307 Assembleia Geral do SNA, de 8-4-1957. Acta nº 115. Ordem da Noite: “Discussão do Projecto de Bases Gerais para Concursos Públicos de Arquitectura”.

308 S/A - *O caso da sede de Fundação Gulbenkian: documentos publicados na Circular nº26/26 do Sindicato Nacional dos Architectos. Arquitectura* nº 65 - Junho 1959. pp. 55, 57.

309 TOUSSAINT, 1998, p. 134.

310 Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy Athougua; Arnaldo Araújo, Frederico George e Manuel Cristóvão Laginha.

311 Arménio Losa, Luís Pádua Ramos e Sebastião Formosinho Sanchez.

312 Assembleia Geral do SNA, de 4-5-1959 (continuada em 5-5-1959). Acta nº 127. Ordem da Noite: “Concursos Públicos de Arquitectura” e “O Caso da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian”.

A.) Conceição Silva, Maurício de Vasconcelos, António Freitas, Rui Mendes Paula, Celestino de Castro, Coutinho Raposo, Bartolomeu Costa Cabral, António Guerra, Frederico Sant'Ana, Palma de Melo, Pires Martins, J. Ferreira Chaves, Fernando Torres, M. Tainha, Hernâni Gandra, José Rafael Botelho.» (p. 33)³¹³

Sobre o desfecho deste caso, refere J-A França, que “a decisão da assembleia geral extraordinária do Sindicato em 4 e 5 de Maio, não recebeu aprovação da Secção Regional do Porto, donde fora convidado um arquitecto de prestígio, Arménio Losa, (...)”.³¹⁴

Constatámos na leitura da revista *Arquitectura* nº 65 - que publicou toda a correspondência trocada entre o SNA e a FCG e entre as duas secções regionais do SNA - o facto de que Arménio Losa (1908-1988) era o próprio Presidente da Direcção daquela secção regional. A Direcção do SNA, em carta, acusa-o de não ter esclarecido convenientemente a Assembleia daquela Secção Regional, a qual não tinha aprovado a decisão da já referida Assembleia Geral extraordinária do SNA, de 4 e 5 de Maio:

“(...) lamentando que a referida Assembleia não tenha sido convenientemente esclarecida acerca de todo o passado da questão. (...) Em nosso entender, a Direcção da Secção Regional do Norte devia ter-se rodeado de todos os elementos indispensáveis para elucidar cabalmente a Assembleia: pois esta foi convocada a seu pedido para versar assunto já tratado na Assembleia da Sede de 4 e 5 de Maio p. p., e sobre cujas conclusões se iria afinal pronunciar.”³¹⁵

A realizar-se, o concurso ter-se-ia revestido de uma especial importância devido ao valor simbólico que possuía a FCG e que poderia ter servido de exemplo para futuras situações:

“(...) Um problema equacionado deste modo não pode conduzir ao melhor resultado. Se a Fundação Calouste Gulbenkian, instituição particular, sim, mas de utilidade pública geral, pretende efectivamente a consecução dos seus fins artísticos e educativos, tem que ter procedimento exemplar. Tenha-o, abrindo um concurso público de arquitectura para o anteprojecto das suas instalações. (...)”³¹⁶

Pelo contrário, o sucedido acabou por ter a virtude de quebrar a união que tinha existido entre os arquitectos portugueses, durante a década de 50 - entre as duas secções regionais e entre os arquitectos de Lisboa.

Jorge Ferreira Chaves participou ainda em discussões relativas a outros temas como:

- Em 1957, o **Projecto de Bases Gerais para Concursos Públicos de Arquitectura**, em que há registo em acta de ter discutido o artigo relativo à participação dos artistas plásticos:

³¹³ Ibidem.

³¹⁴ FRANÇA, 1984 [1974], p. 453.

³¹⁵ S/A - “O caso da sede de Fundação Gulbenkian: documentos publicados na Circular nº26/26 do Sindicato Nacional dos Arquitectos”. *Arquitectura* nº 65; Junho 1959. p. 57.

³¹⁶ Carta da Direcção do SNA, endereçada a José de Azeredo Perdigão, Presidente do Conselho de Administração da FCG; publicada em S/A - “O caso da sede de Fundação Gulbenkian: documentos publicados na Circular nº26/26 do Sindicato Nacional dos Arquitectos”. *Arquitectura* nº 65; Junho 1959. p. 57.

(...) IV. e.1 – Sobre este artigo falaram os arquitectos Rui Paula, Formozinho Sanches, Jorge Chaves, Álvaro Petersen, Hernâni Gandra, Manuel Alzina e concertou-se que a redacção deveria tomar uma forma menos exacta, sendo de desejar que a colaboração dos artistas plásticos seja encarada no único aspecto de não constituir surpresa para a entidade organizadora a inclusão de trabalhos de pintura e escultura. Também se deveria frizar no articulado que as equipas de colaboração escolhidas pelo arquitecto deverão ser totalmente respeitadas. (p. 2. Rascunho.)³¹⁷

- Em 1959, pronuncia-se sobre a questão dos **honorários** cobrados e **contratos** celebrados pelos arquitectos com os donos de obra:

(...) O arquitecto Jorge Chaves pede o cumprimento do Estatuto quanto à declaração dos trabalhos e contratos por parte dos arquitectos, sob pena de Conselho Disciplinar. Pede ainda a declaração de honorários acompanhada da especificação dos trabalhos. (...) (p. 72)³¹⁸

- Em 1960, a discussão da **hipótese da passagem do Sindicato a Ordem**.³¹⁹

(...) Pergunta o arquitecto Ferreira Chaves se, passando o Sindicato a Ordem haverá necessariamente de alterar toda a orgânica ou mesmo os Corpos Gerentes.

(...)

Sugere o arquitecto Ferreira Chaves que, não havendo qualquer notícia oficial da passagem do Sindicato a Ordem, se envie um ofício fazendo referência à promessa ministerial dessa passagem, propondo que a nova Direcção entrasse imediatamente em acção para preparar todo o trabalho necessário ao estabelecimento da Ordem. (...) (p. 82)³²⁰

4.11.2. Cargos exercidos nos Corpos Gerentes do SNA

No triénio de 1960-1962 desempenhou o cargo de Vogal Suplente do Conselho Disciplinar.

(...) Jorge Ferreira Chaves eleito Vogal Suplente do Conselho Disciplinar com vinte e cinco votos. (...) (pp. 78, 79)³²¹

- Tomada de posse do cargo para que foi eleito para os Corpos Gerentes do SNA para o Triénio 1960/1962, em 27 de Fevereiro de 1961.³²² Convocatória de 23 de Fevereiro de 1961. [Doc. A 77].

- Reunião do Conselho Disciplinar em 18 de Março de 1963. Convocatória de 12 de Março de 1963.

- Reunião do Conselho Disciplinar em 25 de Março de 1963. Convocatória de 19 de Março de 1963.

- Reunião conjunta dos actual e cessante Conselhos Disciplinares do SNA em 16 de Setembro de 1963. Convocatória de 4 de Setembro de 1963.³²³

317 Assembleia Geral do SNA, de 3-5-1957. Acta nº 120. Ordem da Noite: "Discussão do Projecto de Bases Gerais para Concursos Públicos de Arquitectura (continuação)".

318 Assembleia Geral do SNA, de 9-7-1959. Acta nº 129. Ordem da Noite: "Discussão dos Problemas do Imposto Profissional."

319 Em 1937 tinha já havido uma proposta da Direcção do SNA para a criação da "Ordem dos Arquitectos", que também mereceu aprovação do governo de então, porém igualmente sem consequência. (LOBO; DIAS, 1988, p. 6).

320 Assembleia Geral do SNA, de 31-10-1960. Acta nº 132. Ordem da Noite: "Posição actual dos Corpos Gerentes eleitos em Janeiro de 1960".

321 Assembleia Geral do SNA, de 29-1-1960. Acta nº 131. Ordem da Noite: "Apreciação e votação do Relatório de Contas do Triénio de 1957-1959" e "Eleição dos Corpos Gerentes para o Triénio de 1960-1962".

322 Corpos Gerentes do SNA eleitos em 29 de Janeiro de 1960 só foram sancionados um ano depois

No triénio de 1963-1965 desempenhou o cargo de Vogal da Comissão Revisora de Contas.

(...) JFC Eleito Vogal da Comissão Revisora de Contas com vinte e seis votos. (...) (pp. 170, 171)³²⁴

- Tomada de posse do cargo para que foi eleito para os Corpos Gerentes do SNA para o Triénio 1963/1965.

Em 22 de Julho de 1963. Convocatória de 18 de Julho de 1963. [Doc. A 79].

- Reunião conjunta com todos os membros dos Corpos Gerentes do SNA (tratar de assuntos de interesse imediato) em 9 de Março de 1964. Convocatória de 6 de Março de 1964.

- Reunião da Comissão Revisora de Contas em 4 de Abril de 1968. Convocatória de 2 de Abril de 1968.

4.12. Apoio a acções políticas; consequências na sua actividade profissional

4.12.1. Quatro representações que subscreveu

Ainda no contexto difícil do Estado Novo, subscreveu várias representações (abaixo-assinado) dos quais pelo menos quatro se encontram no seu processo do ficheiro da PIDE/DGS: um deles a favor da libertação dos presos políticos, em 1965, dois de solidariedade para com os estudantes universitários e contra a censura, durante a crise académica de 1962, e um de protesto contra a nomeação de Eduardo Malta (1900-1967) para director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, em 1959.³²⁵

Nos processos do arquivo da PIDE/DGS relativos a JFC, encontram-se documentos de várias espécies. Os mais relevantes, são os referidos **abaixo-assinados** que permitem constatar o seu envolvimento cívico, e os **pedidos de informação** que o Ministério das Corporações sistematicamente solicitava à PIDE para sancionar ou impedir tomadas de posse por parte dos membros do SNA eleitos para os corpos gerentes. Numa destas informações pode ler-se que JFC: "Não oferece garantias de cooperar na realização dos fins superiores do Estado".

- Em 1959, **Eduardo Malta** é nomeado Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, o que motivou um protesto de mais de 200 artistas e intelectuais³²⁶ de que JFC fazia parte.

Assinou uma representação [Doc. A 52], entregue em **1 de Julho de 1959** ao Ministério da Educação Nacional, exprimindo "a sua desaprovação à nomeação do Senhor Eduardo Malta para director do Museu Nacional de Arte Contemporânea" e sugerindo "a substituição do

³²³ Processo individual de sócio do SNA de Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. Base de dados da Ordem dos Arquitectos.

³²⁴ Assembleia Geral do SNA, de 31-1-1963. Acta nº 142. Ordem da Noite: "Apreciação e votação do Relatório de Contas do Triénio de 1960-1962" e "Eleição dos Corpos Gerentes para o Triénio de 1963-1965".

³²⁵ Teresa Ferreira Chaves recorda-se de quando JFC a informava que tinha assinado determinada representação, avisando-a de que, em função disso seria possível que sofresse algumas represálias. Para além das representações que são aqui referidas, tem memória de uma sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que não se encontra nos processos de JFC na PIDE, que foram disponibilizados.

³²⁶ PORTELA, 1982, p. 156; FRANÇA, 1984 [1974], p. 486; S/A - "Noticiário: Eduardo Malta". *Arquitectura* nº 65, Jun. 1959. p. 58.

referido director do Museu”.³²⁷ Segundo José-Augusto França, tratou-se de um facto extravagante, totalmente contrário aos interesses culturais do país que causou escândalo e motivou aquele protesto de “artistas e intelectuais de todas as tendências estéticas e políticas” que entendiam que “não podia merecer a confiança dos artistas portugueses” e “não lhe reconheciam, como pintor, o mérito que justificasse, por distinção, a nomeação para o cargo”.³²⁸ Este autor refere os nomes de cerca de 130 signatários, dos quais 22 são arquitectos, não figurando entre estes JFC.³²⁹ Em contrapartida, no processo de JFC no arquivo da PIDE relativo a esta representação, estão apenas referenciados os nomes de 11 arquitectos e arquitectos estagiários:

Jorge Ferreira Chaves, Bartolomeu Costa Cabral, Nuno Sampaio, Ignácio Perez Fernandes, Adérito Barros, João Carlos Silva Segurado, Jorge Cardoso da Silva, Álvaro Valladas Petersen, Fernando da Silva, José Bragança e Joaquim da Silva Teixeira.³³⁰

Apenas alguns destes são mencionados na lista de José-Augusto França.

Participou em duas acções surgidas no contexto da crise académica de 1962³³¹:

- Em **Abril de 1962** subscreve a representação: **“SOLIDARIEDADE PARA OS UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES”** a que aderiram 135 indivíduos, “escritores, jornalistas, artistas e outros elementos ligados à vida intelectual portuguesa”, entre os quais 16 arquitectos [Doc. A 53].³³² Manifestam-se contra:

- (...) a proibição, através da Censura, da divulgação de todos os factos que se estão a passar nas Universidades do país, incluindo a simples notícia da demissão do Reitor e directores das Faculdades da Universidade Clássica de Lisboa (...)
- o espancamento de estudantes no Estádio Universitário, no Campo Grande e no Campo de Santana, pela Polícia de Choque. (...)
- a publicação de notas oficiosas (na Imprensa, Rádio e Televisão) contendo as mais falsas acusações, que representam um desesperado mas vão esforço de justificar perante o país uma política de opressão e violência e de desprezo pelas (justas) reivindicações e desejos expressos pelos estudantes (...)

e afirmam “inteira solidariedade aos estudantes universitários pela sua luta desassombrada, justa, e de autêntico interesse nacional, pela autonomia da Universidade” e protestam “contra a acção nefasta da Censura na vida nacional” reclamando “a sua imediata abolição”.

327 Processo Individual N.º 27.070 - S. Inf. (PP 3869). Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.

328 FRANÇA, 1984 [1974], p. 486.

329 Idem, ibidem, p. 596 - nota 569.

330 Processo Individual N.º 27.070 - S. Inf. (PP 3869). Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.

331 Durante as comemorações do Dia do Estudante em 1961, vários estudantes tinham sido presos por se terem manifestado a favor de uma solução de paz para as colónias, onde as guerras da Independência tinham começado; em 1962 o governo proibiu as comemorações do Dia do Estudante (24 de Março) desse ano e houve várias cargas policiais. Os estudantes decretaram o “Luto académico” não se apresentando às aulas nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto.

332 Processo Individual N.º 3307/57. Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.

- Faz parte de uma lista de 97 arquitectos³³³ que, a propósito dos mesmos acontecimentos, relacionados com o **Dia do Estudante** e o **luto académico**, dirigem em **11 de Maio de 1962** um apelo [Doc. A 54]:

“(…) aos seus colegas docentes da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa para que contribuam para a satisfação das reclamações em aberto, cuja legitimidade já publicamente reconheceram, e à Direcção do Sindicato Nacional dos Arquitectos, que embora à margem das suas funções directivas, mas dada a confiança que nela depositam como representante habitual das aspirações dos arquitectos, torne cientes às autoridades responsáveis a gravidade dos acontecimentos” (…)

Com este documento conferem legitimidade à Direcção do SNA para tomar uma posição, considerando que:

“(…) as graves repercussões destes acontecimentos, especialmente na formação cívica e profissional dos futuros colegas - muitos dos quais votados a uma desesperada greve de fome, se encontram neste momento encarcerados, outros já com o ano lectivo total ou parcialmente perdido, os restantes num estado de espírito que impede o aproveitamento escolar.

(…) é condição essencial à solução do problema a satisfação das reivindicações apresentadas: comemoração do dia do estudante, reabertura das associações académicas, relevação das faltas, recondução das direcções demitidas, libertação de todos os estudantes presos (…)”

José Huertas Lobo e Francisco Silva Dias, numa cronologia das associações de arquitectos, referem para o ano de 1962: “Arquitectos reunidos no SNA apoiam lutas estudantis”³³⁴ e Fátima Coelho, embora não refira a fonte, faz também uma referência ao caso, confirmando que o documento foi enviado ao governo. Por esse meio terá sido encaminhado para os ficheiros da PIDE:

“A 11 de Maio de 1962, face aos graves acontecimentos ocorridos no seio da Universidade de Lisboa, alguns sócios reunidos no SNA (...) enviaram ao Ministro das Corporações e Previdência Social um documento a alertar para a gravidade das ocorrências, pedindo uma solução urgente.”³³⁵

- Em **20 de Abril de 1965**, subscreve [Doc. A 55], juntamente com 114 individualidades de entre as quais 9 arquitectos, o **“APELO NACIONAL PRÓ-AMNISTIA AOS PRESOS POLÍTICOS PORTUGUESES”** endereçado ao Presidente da República com o seguinte texto introdutório:

“Apelamos para que todos os portugueses sensíveis à violência e desumanidade do regime prisional a que estão submetidos os detidos políticos apoiem a presente exposição, levando assim aos que se encontram presos o calor da nossa simpatia e a esperança numa libertação próxima.”

Esta comissão integrava a poetisa Sofia de Mello Breyner Andresen, o professor Adelino da Palma Carlos, o professor Jaime Celestino da Costa, o escritor José Régio, o advogado Luís

³³³ Processo Individual N.º 3307/57. Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.

³³⁴ LOBO; DIAS, 1988. p. 7.

³³⁵ COELHO, Fátima - *Nuno Teotónio Pereira: Breve biografia*. Exposição Bibliográfica / Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - Selecção de obras existentes no acervo documental da Biblioteca Keil do Amaral. Lisboa. 2010. (acesso 6-1-2012)

Francisco Rebelo, o jornalista Raúl Rego e um grupo de familiares dos presos políticos, os quais a PIDE considerava como “simplesmente comunistas”.³³⁶

4.12.2. Informações nos boletins do processo pessoal de JFC na PIDE

Constam do seu processo na PIDE os **Boletins de Informação** N.º 276.538 [Doc. A 56], onde se podem constatar os resultados das investigações de que foi alvo, que chegam a incluir informação da secção de Cabo Verde daquela polícia. Neles podem ler-se as seguintes informações, assinadas por quatro agentes:

- 25-5-1960: No Proc. S. R. que vai ser anulado, nada consta.³³⁷
- Praia, 18/5/1963: Nesta província nada consta acêrca do seu comportamento moral e político.
- Lisboa, 20/5/1963: É arquitecto e tem atelier na Pr. Pasteur, 6-6º. Tem bom porte moral e, politicamente, nada se apurou em seu desabono. (pel'O Chefe de Brigada)
- 15/3/1963: Não oferece garantias de cooperar na realização dos fins superiores do Estado.³³⁸

4.12.3. Caso do projecto da Agência da Caixa Geral de Depósitos de Cascais

No livro *Discriminação política no emprego no Regime Fascista* encontra-se uma descrição da reacção do governo aos acontecimentos relacionados com a crise académica no que toca aos que apoiaram aquelas acções de solidariedade que anteriormente relatámos; para efeitos de retaliação, António Oliveira Salazar solicitou à PIDE, através do Ministério das Corporações, uma lista dos signatários dos abaixo-assinados, a que fizemos referência, que fossem funcionários públicos.³³⁹

Talvez se possa aqui encontrar a explicação para que, depois de ter sido indicado para a realização do projecto de uma futura agência da CGD em Cascais, JFC tenha sido preterido em favor de outro arquitecto.

Na sequência do bom resultado obtido na obra da agência da CGD que anteriormente projectara para S. Pedro do Sul, foi então proposta a sua contratação. O Engenheiro Director

³³⁶ Processo Individual N.º 3307/57. Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.

³³⁷ Esta informação resulta de um pedido de informação (Registo n.º 7710/26-3-60-I) por parte do Ministério das Corporações e Previdência Social - Serviços de Acção Social. Tratava-se de um procedimento habitual para todos os arquitectos que eram eleitos para os Corpos Gerentes do SNA para autorizar, ou não, a sua tomada de posse. JFC foi eleito em 1960. [Doc. A 56].

³³⁸ Estas três informações resultam de um pedido de informação (Registo n.º 6562/7-3-63-I [Pº 5042-g]) por parte do Ministério das Corporações e Previdência Social - Serviços de Acção Social. Este era o procedimento habitual, por ter sido eleito para os Corpos Gerentes do SNA em 1963. [Doc. A 56].

³³⁹ S/A - *Discriminação política no emprego no Regime Fascista*. Presidência do Conselho de Ministros - Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista. Lisboa: Outubro 1982. pp. 62, 68.

Delegado, José de Espregueira Mendes, a 12 de Janeiro de 1963, envia um ofício [Doc. A 36] ao Engenheiro Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nos seguintes termos:

“Por se tratar de um edifício com grandes condicionamentos e responsabilidades arquitectónicas, tenho a honra de propor a V. Ex^a. que fosse do mesmo encarregado um arquitecto já com longa prática de estudos e que tenha dado as suas condignas provas, permitindo-me sugerir a escolha do arquitecto Jorge Ribeiro Ferreira Chaves que ultimamente elaborou com tão perfeito agrado o projecto do edifício da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, de S. Pedro do Sul.”

De facto, em 29 de Abril, o engenheiro José de Espregueira Mendes escreve um novo ofício [Doc. A 37], idêntico em texto, propondo um outro arquitecto (que não assinou os documentos em causa). Não existe, no processo consultado, qualquer documento que possa explicar o facto mas, a última informação da PIDE tem uma data intercalada com os dois documentos que descrevemos. Sendo praticamente certo que JFC não recusaria um trabalho como este, esta será uma explicação plausível para o sucedido.

Verifica-se também que não voltaria a receber qualquer encomenda pública.

5. ACTIVIDADE PROFISSIONAL

5.1. Nota introdutória

Neste capítulo tentar-se-á dar uma panorâmica geral do que foi o percurso profissional do arquitecto Jorge Ferreira Chaves, entre 1941 e 1981, referindo sucintamente os seus projectos e obras de que há conhecimento; estes apenas serão enumerados, deixando para o segundo volume deste trabalho a informação mais detalhada sobre os mesmos, como datas e colaborações [vol. II, cap. 11].



Fig. 19 JFC no seu atelier, no final dos anos 60. Victor Sousa Figueiredo (à esq.) Mário Xavier Antunes (à dir) e desenhadores. Arquivo JFC.

JFC trabalhou geralmente com equipas relativamente reduzidas, por vezes nelas integrando outros arquitectos, estudantes, estagiários e desenhadores.

(...) Nunca foi o seu um grande atelier (...); era ele próprio que estudava as soluções e significando isso que o trabalho era intensivo e muito pessoal.³⁴⁰

Para apoiar esta afirmação de Madalena Cunha Matos vamos recorrer a alguns aspectos salientados por dois antigos colaboradores de JFC nos seus depoimentos, que podem contribuir para o caracterizar no exercício da profissão.

Eduardo Goulartt de Medeiros³⁴¹:

³⁴⁰ MATOS, 2007, p. 4.

³⁴¹ Dos seus depoimentos de 2005 e 2011.

“(…) ele só trabalhava: passava a vida nas obras e no atelier, dia e noite (...); desenhava excelentemente³⁴² (...); estudava cuidadosamente cada ligação, cada nó, desenhava imensas perspectivas à mão levantada. Se não ficasse satisfeito com os desenhos, fazia maquetes de estudo. (...) era capaz de ficar, por vezes, durante vários dias concentrado em encontrar a melhor solução para determinado problema em que se fixasse.(...)”

Jorge de Herédia salienta um facto curioso, também a propósito da qualidade do seu traço, o de que JFC desenhava usando as duas mãos indiferentemente.³⁴³



Fig. 20 Pastelaria Mexicana: dois dos objectos concebidos por JFC: A) Lavatório em pedra. 1993. Foto MPFC. B) Coluna escultórica. Anos 60. Foto António Santos Almeida.

Alguns dos seus principais projectos contêm obras plásticas conceptualmente integradas, algumas de sua autoria. Intervieram nas suas obras os artistas Jorge Vieira (1922-1998), José Escada (1934-1980), Martins Correia (1910-1999), Paulo Guilherme d'Eça Leal (1932-2010), Sena da Silva (1926-2001), Hein Semke (1899-1995), Querubim Lapa (n. 1925), Mário Costa (1903-1975), António Alfredo (1932-2000) e João Câmara Leme (1930-1984) [vol. II, cap. 12].

(...) A sua predisposição para a escultura tê-lo-á estimulado a colaborar com outros artistas plásticos, (...) se se encontra nestas colaborações a complementaridade para o seu trabalho de arquitecto, também ocorre em

³⁴² Referindo-se às perspectivas de apresentação do anteprojecto do Hotel Ritz.

³⁴³ Depoimento em 2011.

simultâneo, e por vezes no mesmo projecto, imprimir à sua obra um carácter vincadamente expressivo, contribuindo ele próprio para uma forte presença escultórica nesses trabalhos. (...) ³⁴⁴

Na opinião de Michel Toussaint, os trabalhos mais significativos de JFC são uma síntese resultante de um encontro bem conseguido entre a experimentação artística e a experimentação técnica, que implicou o domínio de ambas. ³⁴⁵

Importa portanto, além das referências ao seu talento e aos artistas plásticos que com ele colaboraram, realçar toda a experiência acumulada durante os primeiros anos de prática profissional e deixar uma menção, ainda que escassa, aos engenheiros de várias especialidades que, em algum grau, terão também contribuído para o sucesso das obras.

Será esse, então, um aspecto a ter em conta numa análise aprofundada da obra de JFC. Conseguimos apurar ³⁴⁶ a participação dos engenheiros: Alexandre Ribeiro Ferreira Chaves, Álvaro Augusto Veiga de Oliveira (1929-2006), António Davies Grancha (1930-2005), João Pedro Polónia, Alfredo Fernandes (Eng.º inscrito nº 102), Maria Amélia Ferreira Chaves (n. 1911) (Eng.ª inscrita nº 157), Raul Piá Costa Santos, Jaime Pereira Gomes (Eng.º inscrito nº 182), José Jaime Simões de Mendonça (Engº inscrito nº 848), José Sidónio Brasão Farinha, António de Vasconcelos Bellard Kopke (Eng.º inscrito Nº 47), Alberto Rôla (electricidade), José Vaz Saraiva Máximo (eng.º mecânico), António Calhau Rolim (Prefal) e António Martins (Mundus - Tecnatonium e Tregar).

Uma vez que obtive, durante os tempos de estudante, em anos anteriores à obtenção do diploma e já como arquitecto diplomado, uma experiência muito considerável com o trabalho que desenvolveu em ateliers de outros arquitectos, haverá lugar neste capítulo, a uma referência às suas colaborações nesses ateliers.

5.2. Os ateliers e os projectos

5.2.1. Actividade profissional enquanto estudante e até ao CODA

Podemos considerar que JFC terá começado a sua actividade profissional, durante a frequência do 4º ano do Curso Especial de Arquitectura, no ano lectivo de 1940/1941. Como já

³⁴⁴ MATOS, 2007, p. 4.

³⁴⁵ Opinião recolhida em 2011.

³⁴⁶ Por não ser um tema central no presente trabalho, a informação agora apresentada não é fruto de uma pesquisa exaustiva e os nomes dos engenheiros são mencionados praticamente sem dados adicionais. Estamos certos de que estarão a ser esquecidos os nomes de alguns engenheiros que até poderão ter tido papel de relevo.

vimos anteriormente [vol. I, cap. 3.3.], nesse ano lectivo não se inscreveu em duas cadeiras do respectivo curriculum, para poder ter disponibilidade para trabalhar num atelier de arquitectura. Em 1941, colaborou no atelier do arquitecto **Porfírio Pardal Monteiro** [Doc. A 41] que, segundo Ana Assis Pacheco, tinha nessa altura em mãos os projectos dos três edifícios da Universidade de Lisboa cujo desenvolvimento esteve suspenso até 1953, quando foram retomados.³⁴⁷ No ano de 1952, como veremos mais à frente, JFC voltaria a trabalhar naquele atelier. Como já vimos também, JFC foi forçado a interromper a actividade, ainda no ano de 1941, para cumprir o serviço militar.

Em 1944, no último dos três anos em que teve o curso interrompido por estar mobilizado em São Miguel, nos Açores, acabou por encontrar, aí, uma oportunidade para exercer actividade no atelier de um colega. Na carta [Doc. A 27], que em 18 de Janeiro de 1944 escreveu ao seu pai, relata essa actividade:

(...) Já deves saber que estou a trabalhar no atelier de um rapaz que é quasi arquitecto e que foi meu condiscípulo em Lisboa. Estou muito satisfeito com isto porque consigo, não só não perder o treino como também aprender muitas coisas que na Escola não se ensinam nem se aprendem.

Os trabalhos que temos realizado são muito interessantes e alguns de grande envergadura como sejam uma Escola agrícola, um enorme Asilo para raparigas, um Stadium para o Liceu, vários Postos Agrários, etc. São tudo obras que a Junta Geral já tem em execução. É tanto o trabalho que este rapaz tem, que, se não fosse eu dar-lhe uma grande ajuda, não sei como é que ele daria conta de tudo isto. Estamos agora a dar os últimos toques no Asilo para raparigas, para iniciarmos o projecto de um grande Hospital e um Stadium para a cidade. Como vês, aqui trabalha-se bastante. (...)

Nesta carta faz ainda referência a dois projectos que teria feito antes de ser mobilizado:

(...) A propósito, nunca cheguei a receber o dinheiro do projecto para a Padaria; assim é trabalhar para o "boneco". (...)

Manda-me fotografias de trabalhos teus e diz-me se se construiu aquela casita cujo projecto eu fiz quando estavas em Lisboa.(...)

Embora não exista a prova cabal, que seria a referência explícita ao seu nome, todas as evidências apontam para que o colega com quem trabalhou seja **Eduardo Read Teixeira**³⁴⁸, que era natural de Ponta Delgada. Além de JFC ter feito, numa outra carta, referência a um restaurante que habitualmente frequentava - que tinha sido projectado por aquele colega - em 1942 foi inaugurada a Estação Agrária de Ponta Delgada também projectada pelo mesmo, obviamente encomenda da mesma entidade para quem desenvolveram os projectos que são referidos na carta: Escola Agrícola e Postos Agrários. Verificou-se ainda que este tinha

³⁴⁷ PACHECO, 1998, Vol. I, p. 186.

³⁴⁸ Eduardo Read Henriques Teixeira (Ponta Delgada, 1914-1996). Terminou o Curso Superior de Architectura em 1946.

Foi autor da Estação Agrária de Ponta Delgada em 1942, não sendo por isso estranho que tivesse também a encomenda de Postos Agrários e uma Escola agrícola.

interrompido o Curso Superior em 1942, tendo-o retomado em 1944/1945³⁴⁹ coincidindo este período com aquele em que JFC refere ter exercido actividade em Ponta Delgada.

Após o seu regresso a Lisboa em 1944, JFC reingressou na EBAL. Completou o Curso Especial em 1945 ingressando nesse ano no Curso Superior, cuja parte escolar terminou em 1948.

Durante esse período colaborou com vários arquitectos e estabeleceu o seu próprio atelier.³⁵⁰ Trabalhou com **Alberto Soeiro**³⁵¹ e **Carlos Ramos**³⁵² nos projectos de um conjunto de seis moradias na Av. Gago Coutinho em Lisboa.³⁵³

Colaborou com **Joaquim Ferreira**³⁵⁴, em regime cujos detalhes não conseguimos reconstituir inteiramente. Segundo Teresa Ferreira Chaves, para JFC, terá sido a sua colaboração mais extensa no tempo e proveitosa, em termos de desenvolvimento e empatia profissional, mas da qual apenas reteve o relato da colaboração no projecto do restaurante/casa de chá Casa da Laura em Cascais;

Colaborou ainda com **Filipe Nobre de Figueiredo**³⁵⁵ durante um período que não foi determinado.

349 Além disso, Teresa Ferreira Chaves refere que entre os dois existia uma relação de amizade que, muito possivelmente, poderia advir do facto de terem trabalhado juntos.

350 Não foi possível determinar se estas colaborações de JFC em ateliers de outros arquitectos se prolongaram, coexistindo com a actividade no seu próprio atelier a partir de 1946, ou se ocorreram em dois momentos distintos.

351 Alberto Pires Florêncio Soeiro (Lisboa, 1 de Novembro de 1917-?). Diploma EBAP. Aprovado sócio do SNA em sessão de 7 de Fevereiro de 1946, com nº de inscrição 97. Fonte: ficha de proposta de sócio do SNA nº 97 - (nº 25196).

352 Carlos João Chambers Ramos (Porto, 15 de Janeiro de 1897-1969). Arquitecto, urbanista e pedagogo. "Em 1933 concorre ao lugar de professor da 4ª cadeira de arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa, juntamente com Paulino Montez, Cassiano Branco e Cristino da Silva. Fá-lo em nome dessa consciência e da determinação profunda em mudar o considerado obsoleto sistema de ensino. Perdida esta oportunidade para Cristino da Silva, Ramos transforma rapidamente o seu atelier em Lisboa numa escola prática para as novas gerações de arquitectos que, durante os anos 1930 e 1940, encontram no Largo de Santos um contraponto ao ensino academizante protagonizado pela Escola. No ateliê Ramos exerce um papel de extrema relevância na tomada de consciência das novas gerações que com ele convivem, trabalham e aprendem. (...) É neste período que se torna uma referência incontornável para as novas gerações "nem sempre atravez das suas obras em que foi, por vezes, forçado a transigências, mas sempre atravez de encorajamentos aos outros e da defesa inabalável do seu direito a quererem ser coerentes com o seu tempo". Fonte: AMARAL, Keil do - *Homenagem a Carlos Ramos*. Discurso proferido no Tivoli, 1967 (manuscrito - espólio Carlos Ramos); citado por COUTINHO, Bárbara - *Carlos Ramos. Figuras da Cultura Portuguesa* no website do Centro Virtual Camões do Instituto Camões. (Acesso 24-3-2011).

353 O conhecimento desta colaboração vem através de um registo em agenda, de muitos anos mais tarde, relativo a um projecto seu, que viria a ser realizado, por coincidência, para o mesmo terreno onde se localiza uma daquelas moradias. [Doc. A 28]; *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa* (p. 246); [CML] Processo nº 11514; obra 7962; Av. Alm. Gago Coutinho nº 90.

354 Joaquim Ferreira (Lisboa, 5 de Abril de 1911-1966). Diploma EBAP. Aprovado sócio do SNA em sessão de 29 de Novembro de 1943, com nº de inscrição 72. Fonte: ficha de proposta de sócio do SNA nº 72 - (nº 30075).

355 Filipe Nobre de Figueiredo (Cascais, 1913-1990). Diploma EBAP em 1943. Aprovado sócio do SNA em sessão de 6 de Março de 1944, com nº de inscrição 74. Fonte: ficha de proposta de sócio do SNA nº 74 - (nº 30156).

Todos estes arquitectos com quem trabalhou tinham algum grau de comprometimento com a tendência que estava a despontar em torno do ideário moderno, tendência que, mais em pleno, desenvolveriam após o Congresso de 48, vindo todos eles a produzir obras importantes desse período.



Fig. 21 A) JFC no seu primeiro atelier. Nas paredes: estudos para o Pavilhão de exposições na Guiné, depósitos de água e fábrica Cibra. Arquivo JFC. B) Um projecto dessa época: abrigo secundário da estação ferroviária de Caxias. Arquivo JFC.

Entre Agosto de 1946 e Março de 1947, teve uma estrutura de atelier partilhada com os colegas de curso, **Luís Coelho Borges**³⁵⁶ e **José Francisco de Melo Raposo**³⁵⁷. [Doc. A 31]. Localizado na R. Rodrigo da Fonseca, este foi o seu primeiro atelier em espaço exclusivamente alugado para o efeito. Durante o período em causa foram desenvolvidos os seguintes projectos:

Pavilhão de exposições Bissau. (N. const.);

Depósitos de água municipais Montemor-o-novo, Ovar, Aviz e Oliveira do Hospital;

Moradia Vaz Pereira Pataias;

Estação Elevatória e Fontanário Local não determinado;

Estação ferroviária de Caxias Abrigo secundário; Caxias;

³⁵⁶ Luís Augusto Botelho Coelho Borges (Lisboa, 31 de Maio de 1922-?). Ingressou no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1940/1941. Diploma EBAL nº 96, de 7 de Março de 1949. Aprovado sócio do SNA em sessão de 28 de Março de 1949, com nº de inscrição 126. Fonte: ficha de proposta de sócio do SNA nº 126 - (nº 41).

³⁵⁷ José Francisco de Melo Raposo (Oeiras 1919-?) Preparado para o exame de admissão à EBAL por Armando Figueiredo de Lucena. Ingressou no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1938/1939, o qual concluiu em Julho de 1945. Ingressou no Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1945/1946. Transferido para a EBAP em 1945/1946. Em 1947, pedido de transferência para a EBAL que não é autorizado. Não conseguimos apurar dados sobre a finalização do curso. Também não tem registo no SNA, supondo-se que possa não ter seguido a profissão. Fonte: Processo Individual de aluno da EBAL.

Fábrica CIBRA _Dois edifícios; Pataias;

Clube Recreativo Piedense _Interiores; Cova da Piedade.

Esta estrutura existiu durante o período referido; após a sua extinção JFC e Luís Coelho Borges ainda continuaram a partilhar espaços de atelier, na Av. António Augusto de Aguiar 27, 3º Dt.º e posteriormente na Pr. do Areeiro 2, R/C.



Fig. 22 Projecto para a Estação de Tratamento de Águas de Luanda. Perspectiva (pormenor). Arquivo JFC.

Uma vez que nenhum deles possuía ainda o diploma, a responsabilidade técnica dos projectos que realizavam, quando exigida, era assumida por engenheiros. Foram desenvolvidos nesse atelier os projectos:

Stand automóvel “Nash” _Lisboa;

Portão e muro de propriedade _Magoito;

Moradia Ruy Mayer _Local não determinado;

Estação de Tratamento de Águas de Luanda _Anteprojecto para concurso; Angola;

Loja Galeão _Sucursal; Lisboa;

Moradia Carlos Ferreira Chaves _Cacém.

O fim desta associação, em 1948, coincidiu sensivelmente com a finalização do curso, com o casamento de JFC e com o início da sua colaboração no atelier de **Miguel Jacobetty Rosa**³⁵⁸. Nessa altura, JFC passou o seu atelier para uma fracção semi independente³⁵⁹ da sua primeira residência depois de casado, na Av. Guerra Junqueiro nº 19, 5º Esq.º, onde trabalhou

de 1948 a 1950. Verifica-se que manteve sempre actividade como profissional liberal, em paralelo com a colaboração nos ateliers de outros arquitectos.

As casas que ocupou subsequentemente, foram escolhidas também de modo a poder afectar uma fracção a atelier. De 1950 a 1951 na Av. de Paris 22, 3º Esq.º e a partir de 1951 na Av. de Paris 14, 5º Dt.º, onde morou até falecer em 1981. Só em meados dos anos 50 passaria o atelier para um espaço expressamente dedicado a essa função.

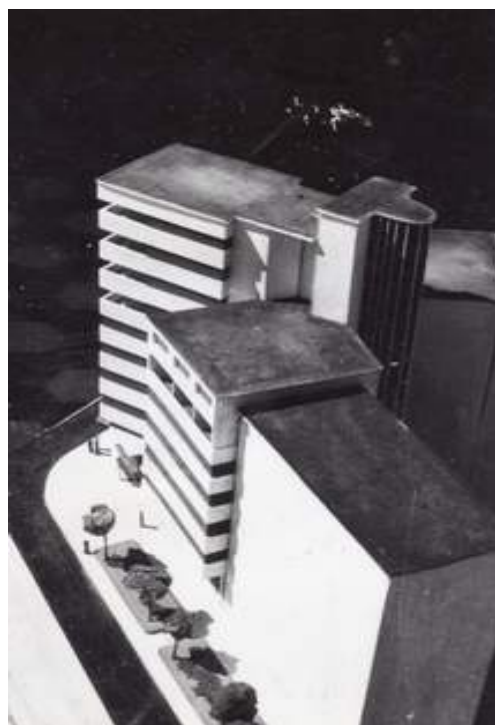


Fig. 23 A) Edifício dos Laboratórios Cannobio, na R. Damasceno Monteiro em Lisboa. Foto MPFC, 1995. B) Maquete de uma das versões do projecto para a R. Braancamp de Lisboa. Arquivo JFC.

Durante este período, até ter o diploma em 1953, realizou projectos e obras em nome próprio, mantendo-se a situação de não poder formalmente assumir a sua responsabilidade técnica, sendo esta assumida por engenheiros; as razões para a decisão do adiamento do CODA foram expostas no anterior capítulo sobre o período académico de JFC [vol. I cap. 3.5.].

No seu atelier trabalharam, por vezes, desenhadores³⁶⁰ e foi seu colaborador, pelo menos no projecto para a Rua Braancamp, Fernando Sá Reis³⁶¹, nessa época ainda estudante do Curso Especial. Entre 1948 e 1951 realizou os seguintes projectos em nome próprio:

358 Miguel Simões Jacobetty Rosa (Alcobaça, 24 de Fevereiro de 1901-1970). Diploma EBAL. Membro da Sociedade dos Arquitectos. Sócio fundador do SNA em Agosto de 1934. Fonte: processo de sócio do SNA.

359 Esta era uma solução relativamente comum; o atelier de Miguel Jacobetty Rosa, onde JFC trabalhou, funcionava nos mesmos moldes, na sua residência que também era na Av. Guerra Junqueiro.

360 Segundo Teresa Ferreira Chaves.

Morada no Rodízio _ Concurso. Rodízio (N. const.);
Morada Alfredo Mota _ Ampliação; Paiões;
Estábulo com moradia anexa _ Carnide, Lisboa;
Moradias para sócios do Montepio Geral _ Alvalade, Lisboa;
Estudos de urbanização _ Rio Maior;
Bomba de gasolina _ Rio Maior;
“Laboratórios Cannobio” _ Fábrica e escritório; Lisboa;
Imóvel misto _ (2 versões); R. Braancamp / R. Mousinho da Silveira, Lisboa (N. const.);
Câmara de Comércio de Bissau _ 1ª versão. 1º lugar em concurso, (N. const.);
Imóvel habitacional _ obras de conservação e alteração; Faro.

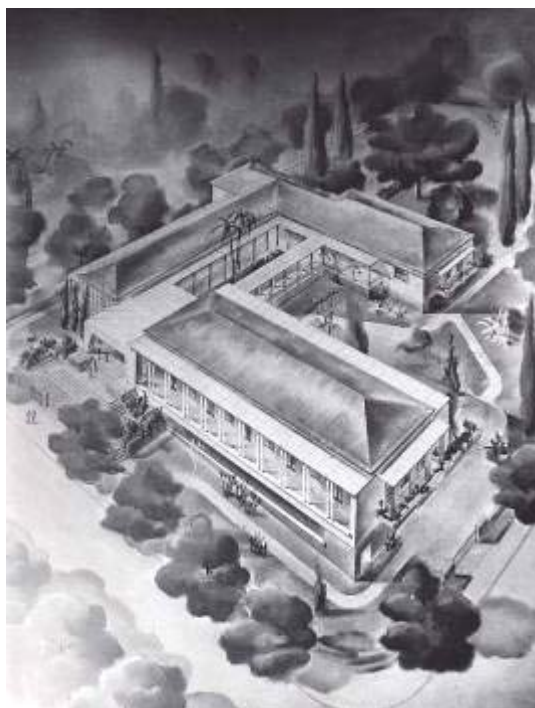


Fig. 24 Câmara de Comércio de Bissau: 1ª versão. 1º lugar em concurso. Arquivo JFC.

Também realizou alguns projectos e obras de parceria com **Álvaro Petersen**³⁶². A partir de 1950, quando este veio também colaborar no atelier de Miguel Jacobetty Rosa, iniciaram essa actividade, tendo realizado os seguintes projectos:

361 Fernando Sá Reis (Lisboa, 1925-?). Curso na EBAP até 1951. Transferido para a EBAL em 1952 (matricula-se em Urbanologia), conclui o Curso Superior de Arquitectura nesse ano. Tirocínio com José Almeida Segurado, de 1951 até 1953. CODA na EBAL em 1953. Diploma EBAL nº 147, de 10 de Agosto de 1953. Aprovado sócio do SNA em sessão de 25 de Setembro de 1953, com nº de inscrição 177.

Fontes: Processo Individual de aluno da EBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 177 - (nº 30215).

362 Álvaro Valladas Petersen (Lisboa, 1 de Julho de 1925-1961). Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1941/1942, o qual conclui em 13 de Setembro de 1946. Ingressa no Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1946/47 que conclui em 19 de Março de 1948. Tirocínio com Filipe Nobre de Figueiredo, de Abril de 1948 até 24 de Outubro de 1950. Diploma

Estação de serviço _ Castelo Branco;
Imóvel habitacional _ Vila Franca de Xira;
Fábrica de discos “Ibéria” _ Vila Franca de Xira;
Estúdios “Ibéria” _ Vila Franca de Xira (N. const.);
Dois imóveis habitacionais _ Castelo Branco.



Fig. 25 Três projectos de JFC e Álvaro Petersen: A) Imóvel habitacional em V. Franca de Xira. B) Fábrica de discos Ibéria. C) Imóvel habitacional em Castelo Branco. Arquivo JFC.

Durante o processo relativo ao projecto dos imóveis habitacionais para Castelo Branco, surgiu um diferendo com um dos membros da sociedade que o encomendou. JFC endereça ao cliente uma carta [Doc. A 42] em que, com frontalidade, defende a posição dos arquitectos e também a dignidade da profissão. É referido nesta carta um “pseudo-projecto” para o mesmo local, que alguém lhes havia anteriormente elaborado, mas que resolveram não submeter a aprovação, tendo então contratado os arquitectos.

Exm^o. Senhor Manuel Valente:

Apoz aquela inconcebível conversa havida entre mim e o seu Exm^o. Irmão, a que V^a. Ex^a. assistiu e apoz ter conversado com o meu colega Petersen, cumpre-me chamar a atenção de V^a. Ex^a. para os seguintes pontos que reputo importantes (...)

Parece-nos descabido e até injusto da nossa parte comparar esse pseudo-projecto, com os estudos que se encontram por nós elaborados, neste momento, embora reputemos como criminoso o mau exercício de uma profissão, da qual existem técnicos oficialmente diplomados.

Se é lícito a um sapateiro tocar rabecão, não nos parece admissível permitir a construção de edifícios dentro de cidades, que sejam projectados por curiosos, ou aventureiros da arquitectura.

A opinião do vosso Exm^o. Irmão, naturalmente tão versado em arquitectura como eu sou em química, que iniciou uma cerrada crítica ao nosso trabalho, chegando, ao fim e ao cabo à seguinte conclusão: as plantas estão bem estudadas - talvez por acaso. (...) o vosso irmão exprimiu o seu desagrado pela forma plástica como resolvemos o gaveto e sugeriu a sua modificação de forma a ficar melhor. Considera que aquelas zonas em que o perpianho fica à vista, resultam pesadas. As varandas ficariam melhores se não fossem

fechadas lateralmente e o pilar poderia desaparecer. No estabelecimento do gaveto também se poderia dar um jeito para ficar melhor.

Eu julgo que quando se procura um arquitecto para fazer um projecto é porque simultâneamente com o conhecimento da própria incapacidade de o fazer, existe ou deverá existir a convicção de que o arquitecto é aquele que mais apto está para o conseguir

O arquitecto não é nem por sonhos um desenhador a quem o cliente paga mais qualquer coisa do que pagaria aos outros desenhadores.

O arquitecto levou pelo menos tantos anos a estudar como o terá levado o médico ou o engenheiro químico.

Porque motivo nós não discutimos as receitas do médico ou os seus diagnósticos? Porque motivo qualquer leigo não terá a ousadia de dizer ao químico que a água não se consegue da síntese do oxigénio e do hidrogénio? Como reagiria o químico perante um cliente que lhe sugerisse obter a água não a partir de de O. e H., mas sim da união do enxofre com o sulfato de cobre embora em partes iguais?

Creio que qualquer químico cioso do seu tempo precioso, lhe responderia, pura e simplesmente: “Não vale a pena perder tempo porque isso não dá água! Eu que sou químico lho afirmo.”

Em 1951 ensaiaram uma associação com um terceiro colega, Júlio do Nascimento Cascais³⁶³, fazendo saber à CML que estariam disponíveis para dar resposta a eventuais encomendas de projectos. Para esse efeito enviaram ao Presidente da Câmara uma carta com o curriculum dos três [Doc. A 41], da qual se transcrevem excertos:

Sendo do nosso conhecimento que a Câmara Municipal de Lisboa, da digníssima Presidência de V. Ex^a. está encarregando alguns colegas nossos associados, da elaboração de projectos de blocos habitacionais a construir nesta cidade, muito gratos ficaríamos se para tal V. Ex^a. se dignasse considerar mais o seguinte grupo: (...)

Não obtendo resposta, ainda voltariam a insistir com uma nova carta, porém, não se encontraram indícios actividade projectual nesse contexto que, ou envolvesse Júlio do Nascimento Cascais ou de quaisquer projectos para Lisboa. Os projectos que JFC realizou em conjunto com Álvaro Petersen, de que se encontrou registo, foram todos realizados para locais fora de Lisboa.

Acresce ao interesse que possa ter aquela carta o facto de conter um registo de parte significativa da actividade profissional de JFC até esse momento, elaborado pelo próprio, que permite aferir alguns factos:

Jorge R. Ferreira Chaves - Não diplomado tendo concluído o curso há três anos - 31 anos.

363 Júlio do Nascimento Cascais (Ponta Delgada, 1912-?) Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1933/1934. Transferido para a EBAP em 1937/1938, que frequentou até ao ano lectivo de 1948/1949, quando foi novamente transferido para EBAL, tendo concluído o Curso Superior nesse ano. Tiocínio legal com Filipe Nobre de Figueiredo 1947-1950. Requereu diploma em 9 de Julho de 1951. A sua nota curricular de 1951, refere ter realizado algumas moradias e ter sido colaborador de Adelino Nunes de 1941 a 1943, de Filipe Nobre de Figueiredo de 1943 até 1951 e ainda ter realizado alguns trabalhos com Ruy Athougua. Fontes: Processo Individual de aluno da EBAL e nota curricular [Doc. A 41].

Colaborou desde 1941 com os arquitectos Pardal Monteiro, Filipe Nobre de Figueiredo, Joaquim Ferreira e actualmente com o arquitecto Miguel Jacobetty Rosa. Durante este longo tirocínio realizou alguns trabalhos particulares, entre os quais:

Edifício da Caixa Sindical do P. I. da Cerâmica (Rua Braancamp);

Laboratórios Canobbio;

Casas para sócios do Monte-Pio Geral;

Ante-projectos de uma Estação de tratamento de águas para Luanda e um Silo para o Lobito (encomendas de Construções Técnicas, Lda., para concurso).

Por razões que não descortinamos, vários trabalhos que já tinha nessa altura realizado por conta própria, bem como algumas colaborações em ateliers, não são mencionados nesta nota curricular.

Durante este tempo, entre 1948 e 1952, em paralelo com a actividade que desenvolveu no seu atelier, foi como já referimos, colaborador do arquitecto **Miguel Jacobetty Rosa** cujo atelier funcionava igualmente numa fracção da residência, também na Av. Guerra Junqueiro. Durante o período em que JFC foi colaborador, o atelier foi mudado para a Rua Frei Amador Arrais.³⁶⁴

Dado que ali trabalhou durante praticamente cinco anos, seria interessante conhecer o elenco dos trabalhos em que JFC esteve envolvido, mas tal não foi possível no âmbito do presente trabalho. Sabemos, no entanto, que lhe foi delegada responsabilidade desde o início da colaboração: atesta-o a legenda do projecto, de 1948, de uma moradia - Casa de férias Cardoso de Oliveira - assinada por Jacobetty mas especificando ter sido projectada por Jorge Ferreira Chaves [Doc. A 38]. Sabemos ainda, através de um testemunho de João Ferreira Chaves,³⁶⁵ que terá colaborado no projecto da moradia na Av. Almirante Gago Coutinho nº153.³⁶⁶ Através do testemunho de Rafael Máximo Miranda³⁶⁷, (o qual também trabalhou naquele atelier no período final da permanência de JFC, em 1952) apurámos que, nessa altura estavam, no atelier, a desenvolver um conjunto de moradias para o Funchal.

A relação de amizade que existia entre os dois arquitectos é atestada por algumas ofertas autografadas por Jacobetty, como sejam uma partitura para piano de uma valsa que compôs [Doc. A 40] e um exemplar de uma publicação sobre o Bairro de Alvalade [Doc. A 39].

Por razões que desconhecemos não existe declaração de tirocínio relativa a este período de colaboração.

Existe sim uma declaração de Hernâni Gandra (1914-1988) que afirma, em 11 de Agosto de 1953, que Jorge Ferreira Chaves: “fez tirocínio sob minha direcção desde Janeiro de 1951 até Janeiro de 1952, revelando sempre as melhores aptidões” [Doc. A 25]. O período referido

³⁶⁴ Depoimento em 2011.

³⁶⁵ Filho de JFC.

³⁶⁶ Foi consultado no arquivo da CML, no decurso deste trabalho, o respectivo processo, confirmando-se que a data do projecto coincide com o período em que JFC colaborou com Miguel Jacobetty Rosa.

³⁶⁷ Segundo Rafael Máximo Miranda. Depoimento em 2011.

sobrepõe-se ao tempo de colaboração com Jacobetty Rosa e não encontramos outras evidências de colaboração com Gandra. Não descartamos a possibilidade de que, pudesse, de facto, ter ocorrido alguma colaboração dado que eram amigos e o atelier se situava muito próximo³⁶⁸ do de Jacobetty. Uma vez que o trabalho no atelier de Miguel Jacobetty, em 1952, escasseou ao ponto de ter dispensado os três arquitectos que lá trabalhavam,³⁶⁹ existe a possibilidade de JFC ter de facto trabalhado com Gandra de forma intermitente com o primeiro. Deste período é também, pelo menos, um projecto de parceria com **Anselmo Fernandez Rodriguez**³⁷⁰.

Camisaria Moderna no Rossio Lisboa.

O bom relacionamento que tinham, que vinha dos primeiros tempos da escola e o facto de morarem muito próximo terá levado a que trabalhassem juntos. Também o facto de JFC ter o atelier em casa facilitava essa actividade que, dado ambos trabalharem com outros arquitectos, só podia ocorrer fora do horário de expediente desses ateliers.

5.2.2. CODA - Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto em 1953

Câmara de Comércio de Bissau 2ª versão; Bissau.

Em 31 de Março de 1953, tendo exercido o Tirocínio legal, requer a aprovação do programa do projecto para o CODA [Doc. A 22].

Sendo este grau académico obtido com a avaliação de um projecto completo, apresentado sob a forma de tese, submete o projecto (a 2ª versão) da “Câmara de Comércio de Bissau” a esse concurso, em que obtém a classificação de 19 valores.

Requer a passagem do diploma em 28 de Julho de 1953 [Doc. A 24], que é emitido com o nº 150 e com data de 12 de Agosto de 1953 [Doc. A 71].

A Câmara de Comércio de Bissau, sede da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné, é considerada “talvez a mais qualificada realização arquitectónica em Bissau”³⁷¹ do período colonial. Já referimos esta obra no capítulo do Estado da Arte, restando esclarecer

³⁶⁸ Na R. Fernão Álvares do Oriente 8, CV/Esq, no Bairro de São Miguel em Lisboa.

³⁶⁹ “Quando o Jacobetty dispensava alguém, convidava-o para jantar. Uma vez convidou-nos, aos três, para jantar...”. (Depoimento de Rafael Máximo Miranda em 2011).

³⁷⁰ Anselmo Fernandez Rodriguez (Lisboa, 21 de Agosto de 1918-2000). Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1934/1935, o qual finaliza em 1940/1941. Ingressa no Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1941/42. Em 1945 matricula-se em Urbanologia. Conclui o Curso Superior de Arquitectura da ESBAL em 1 de Março de 1973. Diploma em 1973 com avaliação de Curriculum Vitae. Aprovado sócio do SNA em sessão de 21 de Maio de 1973 com nº de inscrição 749.

Fontes: Processo Individual de aluno da EBAL e ficha de proposta de sócio do SNA nº 749 - (nº 639).

³⁷¹ MILHEIRO; DIAS, 2009, pp. 106-107.

que se trata de uma encomenda que resultou de JFC ter obtido o primeiro lugar num concurso de projectos³⁷². Tinha sido, entretanto, atribuído àquela associação um novo terreno para construção da sede, o que motivou a encomenda de um projecto completamente novo, desta feita com 2 pisos [Doc. A 61].



Fig. 26 Câmara de Comércio de Bissau: 2ª versão. Versão apresentada no CODA, a qual veio a ser construída. Arquivo JFC.

Foi este segundo projecto que JFC apresentou ao CODA. No seu desenvolvimento, teve a colaboração de Álvaro Petersen.

O pai de JFC, engenheiro civil, era um importante membro daquela associação³⁷³ e terá acompanhado a realização do empreendimento, o que poderá ajudar a explicar o excelente resultado obtido no que diz respeito à sua execução material.

A realização deste projecto ofereceu a oportunidade de uma viagem a Bissau. Na ida e volta JFC foi obrigado a escalas prolongadas, com permanência em Dakar, capital do Senegal. Aí efectuou registos fotográficos da arquitectura moderna construída naquele território, que era uma colónia francesa onde se registava um grau de desenvolvimento superior ao da Guiné Portuguesa, em matéria de arquitectura e construção.

A viagem realizou-se entre 26 de Novembro e 11 de Dezembro do ano de 1952. A 27 de Novembro aterrou em Dakar e só no dia seguinte chega a Bissau; de 9 a 11 de Dezembro, também permaneceu em Dakar.³⁷⁴

³⁷² RIBEIRO, 2002, p. 488.

³⁷³ Foi no seu mandato como presidente daquela associação e por sua iniciativa, que foi lançado o concurso. [Doc. A 60]

³⁷⁴ Passaporte 14/44/52, série e número AQ5182, emitido em Lisboa em 21 de Novembro de 1952, válido até 20 de Novembro de 1954.

5.2.3. Colaboração com Porfírio Pardal Monteiro, Hotel Ritz

Anselmo Fernandez era, há muito anos, colaborador de **Porfírio Pardal Monteiro**³⁷⁵ cujo atelier iria, em função da encomenda de vários projectos de grande vulto que aí viriam a ser desenvolvidos durante a década de 1950, readquirir “o ambiente produtivo de outrora”³⁷⁶.



Fig. 27 JFC com Anselmo Fernandez Rodriguez no atelier de Porfírio Pardal Monteiro, no Chiado. 1952 ou 1953 (data estimada). Arquivo JFC.

A já longa experiência profissional que JFC possuía e o seu passado académico, de que se destaca o empenho em praticar uma arquitectura coerente com o seu tempo, conferiam-lhe o perfil do colaborador procurado por Pardal Monteiro, pelo que Anselmo Fernandez³⁷⁷ sugeriu o seu nome. Isto coincidiu com o termo da colaboração com Miguel Jacobetty Rosa tendo então JFC, de imediato, entrado em funções naquele atelier, que se situava no Chiado.

Sobre este período da sua actividade, de 1952 a 1959, no atelier Pardal Monteiro (no Chiado) e no atelier de obra do Hotel Ritz (ao serviço da SODIM³⁷⁸), importará aprofundar a medida da

375 Porfírio Pardal Monteiro (Pero-Pinheiro, 16 de Fevereiro de 1897 - 16 de Dezembro de 1957). Ingressa no Curso Preparatório da EBAL em 1910 e no Curso de Arquitectura Civil da EBAL em 1912. Diploma EBAL nº 16 de 22 de Fevereiro de 1926. Membro da Sociedade dos Arquitectos. Sócio fundador do SNA em 1934 com o nº 14. Fonte: Ficha de inscrição no SNA nº 14 - (nº 30033).

376 CALDAS, 1993, p. 94.

377 Colaborador de longa data, continuou ligado ao atelier após o falecimento de Porfírio Pardal Monteiro, a trabalhar nos vários projectos a que estava ligado desde o início, como o do Hotel Tivoli, dos edifícios da Cidade Universitária ou da Biblioteca Nacional, cuja responsabilidade passou para António Pardal Monteiro, entretanto diplomado em 1957.

378 Por sugestão do governo, que desejava ter na capital um hotel de luxo com todos os requisitos da hotelaria moderna, foi constituída, especialmente para este efeito, a SODIM (Sociedade de Investimentos Imobiliários). Desta sociedade particular, que

importância que terá tido na realização das obras daquele atelier; bem como, no que em função dessa intensa solicitação, implicou, por um lado, na produção da mesma época do seu próprio atelier, que foi relativamente reduzida, mas que, por outro lado lhe granjeou mais experiência e um prestígio profissional que certamente teve peso no grande volume de encomendas que teve posteriormente, no fim dos anos 50 e início dos 60, especialmente na área do turismo.



Fig. 28 JFC no atelier de Porfírio Pardal Monteiro, trabalhando na execução de uma perspectiva. Arquivo JFC.

O primeiro ano em que ali trabalhou, foi ainda na categoria de arquitecto estagiário, sendo a 30 de Março de 1953 assinada por Porfírio Pardal Monteiro uma das duas declarações de tirocínio que apresentou na EBAL [Doc. A 23] como formalidade para se candidatar ao CODA, onde se pode ler:

(...) tem feito tirocínio profissional sob a minha direcção desde Fevereiro de 1952 até à presente data e colaborado tanto em estudos de projectos como na elaboração dos respectivos pormenores e na direcção e fiscalização das obras correspondentes e respeitantes a edifícios da minha autoria.

Em todos os projectos em que prestou a sua colaboração revelou sempre as melhores aptidões, executando com muita proficiência e saber profissional todos os trabalhos de que foi incumbido. (...)

Estarão entre os projectos a que faz referência, que se sabe decorriam então, e para a realização dos quais JFC terá dado o seu contributo:³⁷⁹ o da Biblioteca Nacional³⁸⁰ e o dos três

levou a cabo a construção do hotel, faziam parte, entre outros empresários portugueses, Manuel Queiroz Pereira e o banqueiro Ricardo Espírito Santo Silva (1900-1955). (CALDAS, 1993, p. 93).

379 Numa fotografia de JFC no atelier Porfírio Pardal Monteiro [Fig. 28], verifica-se – por ampliação digital - estar a trabalhar numa perspectiva que aparenta representar o complexo da "Companhia Industrial de Portugal e Colónias" na R. do Beato.

edifícios da Cidade Universitária de Lisboa (Reitoria, Faculdade de Direito e Faculdade de Letras), que estavam a ser desenvolvidos em 1941, quando JFC ali trabalhou pela primeira vez e foram retomados em 1953³⁸¹; o bloco de gaveto do edifício da Sorel em que, segundo João Vieira Caldas, “parece ter sido decisiva a colaboração do arq. Jorge Chaves”³⁸²; e a primeira versão do Hotel Florida, inicialmente denominado Palácio da Rotunda que segundo Ricardo Agarez é de co-autoria de Porfírio Pardal Monteiro, Anselmo Fernandez Rodriguez e Jorge Chaves em 1954³⁸³, passando estes últimos a ser os arquitectos responsáveis em 1958³⁸⁴ (quando este projecto foi retomado na sequência de alguns anos de impasse).



Fig. 29 Perspectiva do edifício Sorel de Porfírio Pardal Monteiro. Desenho provavelmente executado por JFC. Imagem publicada no livro *Pardal Monteiro* (Tostões; Vieira, 2009, p. 170).

Mas o principal motivo da contratação de JFC prendia-se com todo um investimento que “foi feito de princípio para o projecto e construção do Hotel Ritz que corresponde também, no percurso profissional de Porfírio Pardal Monteiro, a uma última tentativa, e conseguida, de actualização”³⁸⁵, tratando-se, segundo Helder Carita de:

“uma solução totalmente nova no contexto da sua longa obra e do seu tradicional discurso estético. As soluções de robustas volumetrias e grandes jogos de massa são abandonadas a favor duma maior abstracção

380 Segundo o website *Pardal Monteiro - Arquitectos: História*, “foi em Maio de 1953 que se fizeram os primeiros estudos para o novo edifício da Biblioteca Nacional”. (acesso 26-1-2012). Mas segundo Ana Assis Pacheco, o Estudo Prévio data de Dezembro de 1952 (PACHECO, 2004; p. 21).

381 PACHECO, 1998, Vol. I, p. 186.

382 CALDAS, 1993, p. 91.

383 AGAREZ, 2009, p. 279.

384 TEIXEIRA, 2003, p. 205.

385 CALDAS, 1993, p. 93.

e transparência, de clara afirmação modernista. No final da sua vida, Pardal Monteiro demonstra uma vontade intrépida de renovação estética e de busca de novas propostas perante a magnitude da obra³⁸⁶.

O hotel foi então concebido e desenvolvido com a colaboração de Jorge Ferreira Chaves que, posteriormente, durante a doença prolongada de Porfírio Pardal Monteiro e após o seu falecimento em 1957, assegurou a continuidade do projecto dirigindo a obra e chefiando o projecto de execução³⁸⁷ num atelier instalado no terreno onde decorria a obra.



Fig. 30 JFC (à direita) durante uma das visitas à obra do Hotel Ritz. A 5ª pessoa, a contar da direita, é Manuel Queirós Pereira. Arquivo JFC.

Segundo José Manuel Fernandes, o Hotel Ritz é uma “obra notável pela sabedoria estética e pela qualidade da execução material”³⁸⁸. A respeito da questão estética importa realçar uma afirmação de Eduardo Goulartt de Medeiros para quem “a escala acertada que os espaços do Hotel Ritz possuem, resultou muito da experiência que Pardal Monteiro tinha de projectar e construir espaços de grande dimensão”,³⁸⁹ mas também um aspecto já focado por vários autores, como Michel Toussaint, quando observa que “uma moderna solução geral indicia a influência de jovens colaboradores(...), já da geração Moderna”³⁹⁰, ou Ana Magalhães que, no seu trabalho de fundo sobre o Hotel Ritz, também destaca como fundamental o mesmo facto:³⁹¹

(...) Na realização deste projecto, foram fundamentais as colaborações dos arquitectos Jorge Chaves e Frederico Santana e de uma grande equipa de jovens arquitectos [nota 79], pertencentes à geração emergente do Congresso de 48 e que contribuiu certamente para a imagem moderna e actualizada [nota 80],

³⁸⁶ CARITA; ALMEIDA, 2000, p. 32.

³⁸⁷ CALDAS, 1993, p. 94; LAMEIRO, 2000a, p. 22.

³⁸⁸ FERNANDES, 1997, p. 206; FERNANDES, 1994, p. 79.

³⁸⁹ Depoimento de Eduardo Goulartt de Medeiros em 2011.

³⁹⁰ TOUSSAINT, 2009, p. 299.

³⁹¹ Embora esta seja a única referência a JFC existente nessa dissertação.

reportando, entre outras referências para a arquitectura latino-americana, nomeadamente brasileira e mexicana, muito divulgada na revista *Arquitectura* a que alguns deles pertenciam [nota 81]. (...) ³⁹²

Sobre estas afirmações parece, no entanto, oportuno, num trabalho sobre JFC, tecer algumas considerações, tendo em conta que aquelas comportam alguns anacronismos e generalizações. Ora, o único arquitecto a participar neste processo “pertencente à geração emergente do Congresso de 48” e que, como vimos, “pertencia” à revista *Arquitectura*, na época em que esta podia influenciar o partido estético adoptado para o projecto do hotel, foi JFC. Os restantes colaboradores eram estudantes de arquitectura que acabaram os cursos e se diplomaram em datas já muito próximas do fim da obra tendo sido, de resto, JFC quem passou as respectivas declarações de tirocínio no final dos anos 50 ³⁹³.

Sobre a “qualidade da execução material”, parece oportuno citar Carlos Lameiro (pai) quando caracteriza JFC como “um dos arquitectos mais perfeccionistas do nosso tempo” ³⁹⁴:

Todas as peças desenhadas do projecto, bem como a sua pormenorização continuaram a ser produzidas no atelier Pardal Monteiro, sob a chefia do arquitecto Jorge Ferreira Chaves, o qual teve papel preponderante no projecto do Ritz, técnico competentíssimo e muito perfeccionista (...) ³⁹⁵.

Em 1953, JFC acompanhou Porfírio Pardal Monteiro numa viagem de investigação sobre hotelaria, sobre a qual, aparentemente, pouco se sabe:

(...) No início da realização do projecto para a realização do Grande Hotel de Lisboa, o arquitecto Pardal Monteiro empreende uma viagem à Europa destinada a conhecer hotéis relativos à categoria desejada para esta infra-estrutura. Não havendo grande informação sobre a viagem realizada, sabe-se apenas pelo testemunho do próprio arquitecto que foram visitados velhos Palaces europeus e alguns hotéis de construção recente. (...) ³⁹⁶

Nessa viagem percorreram a Côte d’Azur, uma região especialmente frequentada por turistas ingleses ³⁹⁷, que era, segundo Eduardo Goulartt de Medeiros ³⁹⁸, a única zona da Europa onde, naquele tempo, se podiam encontrar unidades turísticas modernas bem como uma grande

392 MAGALHÃES, 2000, Vol. I, p. 75.

No excerto citado estão incluídas as notas 79 a 81 do texto original de Ana Magalhães; a primeira cita a Memória Descritiva de P. Monteiro para o ante-projecto, em que este refere os seus jovens “colaboradores” e não jovens arquitectos. Na última, clarifica serem Carlos Duarte e Frederico Sant’ana a quem faz referência como “pertencendo” à revista *Arquitectura*, particularizando o primeiro como estagiário da obra do Ritz; ora o facto é que ambos o foram, sendo o segundo também estagiário do atelier de JFC, onde ainda chegou a trabalhar já depois de formado. Ambos estiveram efectivamente ligados àquela revista, mas só na série do final dos anos 50 - Carlos Duarte (de quem a autora recolheu depoimento para o trabalho em causa) só trabalhou no atelier de obra do Ritz e Frederico Sant’ana ainda chegou a trabalhar, de facto, enquanto estudante, na fase do ante-projecto do hotel.

393 Estas declarações de tirocínio encontram-se nos respectivos processos individuais de estudante da EBAL.

394 LAMEIRO, 2000a, p. 22.

395 LAMEIRO, 2000b, p. 11.

396 MAGALHÃES, 2000, Vol. I, p. 109.

397 A pertinência de visitar aquele lugar, em pleno inverno, relaciona-se com o facto de nesta época manter intensa actividade, sobretudo pela frequência de turistas oriundos do norte da Europa, para quem o clima, é considerado ameno.

398 Depoimento de Eduardo Goulartt de Medeiros em 2011.

concentração de hotéis tipo “Palace”. Aterraram em Nice em 18 de Dezembro de 1953 e a partir daí ter-se-ão deslocado em carro de aluguer³⁹⁹. No dia 23 entraram em Espanha pela fronteira Le Perthus/La Junquera em direcção a Barcelona onde embarcaram, no aeroporto El Prat, num avião de regresso a Lisboa.

Esta reconstituição é feita a partir dos carimbos no passaporte⁴⁰⁰ de JFC, que informam apenas as passagens em alfândegas, e alguma iconografia recolhida durante a viagem. Não se pode por aí aferir com exactidão, o percurso que fizeram durante aqueles seis dias, sendo possível que se tenham deslocado um pouco para leste de Nice antes de rumar a Barcelona. Como certo estiveram, além de Nice, em Antibes no Hotel La Bonne Auberge.



Fig. 31 Jorge Ferreira Chaves com Porfírio Pardal Monteiro durante uma das viagens que realizaram. Arquivo JFC.

Pouco tempo depois, com a mesma motivação de estudar hotéis, foram a Madrid. Em 26 de Fevereiro de 1954 saíram de Lisboa no Lusitânia Expresso⁴⁰¹ chegando à capital espanhola no dia seguinte. Esta viagem terá estado provavelmente relacionada com o projecto do Palácio da Rotunda (Hotel Florida) cujos clientes eram donos de um hotel naquela cidade⁴⁰². Anselmo Fernandez poderá também ter participado nesta viagem, uma vez que estava igualmente ligado ao projecto do referido hotel. A 3 de Março regressaram a Lisboa.

399 O que, também segundo Eduardo Goulartt de Medeiros, era muito mais simplificado do que hoje em dia.

400 Passaporte 14/44/52, série e número AQ5182, emitido em Lisboa em 21-11-1952, válido até 20-11-1954. [Doc. A 51].

401 Ibidem.

402 Depoimento de Eduardo Goulartt de Medeiros em 2011.

Durante a fase de ante-projecto do Ritz, a pedido de JFC, foi integrado no gabinete para colaborar directamente consigo, Frederico Sant'Ana⁴⁰³, um estudante que havia recentemente ingressado no Curso Superior de Arquitectura na EBAL e que foi o seu colaborador mais directo⁴⁰⁴ em todo este processo e também em alguns dos seus trabalhos particulares da década de 50.

Na sala principal do atelier trabalhavam ainda, no desenvolvimento de outros projectos que decorriam, Anselmo Fernandez⁴⁰⁵, António Pardal Monteiro⁴⁰⁶ e Luiz Fernandes Pinto⁴⁰⁷, estudantes. Eduardo Goulartt de Medeiros⁴⁰⁸, segundo o próprio, não trabalhava nesta sala principal, mas sim numa sala secundária do atelier e só posteriormente esteve ligado ao projecto do Ritz.

O ante-projecto do Ritz dá entrada na CML em Dezembro de 1954 e o projecto (projecto de execução) foi desenvolvido ainda no atelier do Chiado até meados de 1955.

Nessa altura Porfírio Pardal Monteiro fez um acordo com a SODIM para a instalação de um atelier de obra no próprio terreno onde iria ser construído o hotel, ficando à responsabilidade de JFC a formação da respectiva equipa de trabalho⁴⁰⁹. A tarefa seria a compatibilização do

403 Joaquim Frederico Barroso de Sant'Ana (Lisboa, 25 de Novembro de 1921 - 17 de Julho de 1960). Termina o Curso dos Liceus em 17 de Julho de 1942. Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1946/1947 e no Curso Superior em 1951/52. Em 21 de Agosto de 1952 requer Certidão de Habilitações para o Professorado do Ensino Técnico-Profissional: 3º e 5º Grupo. Conclui o Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1956. Tirocínio com Jorge Ferreira Chaves, de 4 de Junho de 1956 até 30 de Setembro de 1958. CODA em 31 de Março de 1958 (inscrição). Diploma EBAL nº 311 de 2 de Outubro de 1958. Aprovado sócio do SNA em sessão de 13 de Outubro de 1958 com nº de inscrição 348; proposto por JFC.

Fontes: Processo individual de aluno da ESBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 348 - (nº 30007)]

404 "Braço direito", segundo o depoimento de Eduardo Goulartt Medeiros, em 2005.

405 Apesar de não ter naquela época ainda concluído o Curso Superior, Anselmo Fernandez possuía uma grande experiência profissional, da sua longa colaboração com Porfírio Pardal Monteiro.

406 António Pedro Batista Pardal Monteiro (n. Pero-Pinheiro, 31 de Dezembro de 1928). Conclui o Curso Especial de Arquitectura em 1949/1950. Ingressa no Curso Superior em 1950/1951. Diploma EBAL nº 249 de 27 de Maio de 1957. Aprovado sócio do SNA em sessão de 5 de Agosto de 1957 com nº de inscrição 284.

Fontes: Processo individual de aluno da ESBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 284 - (nº 154).

Sobrinho de Porfírio Pardal Monteiro.

407 Muito provavelmente o mesmo que trabalhava, em 1976, para a Arqitur, empresa promotora da construção do Hotel de S. João, no Funchal, projectado por JFC e a quem este endereça uma carta [Doc. A 67] de que, mais adiante, nesta secção, se transcrevem excertos.

408 Eduardo Augusto Alves Goulartt de Medeiros (n. Lisboa, 20 de Fevereiro de 1932). Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1950. Ingressa no Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1954 e conclui em 1957. Tirocínio com Jorge Ferreira Chaves, de Novembro de 1955 até 12 de Junho de 1959. Defendeu tese em Maio de 1957. Diploma ESBAL nº 333 de 18 de Junho de 1959. Aprovado sócio do SNA em sessão de 15 de Fevereiro de 1960 com nº de inscrição 382.

Fontes: Processo individual de aluno da ESBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 382 - (nº 241).

409 "A criação do atelier na obra foi muito vantajoso para Pardal Monteiro pois permitiu aligeirá-lo de despesas com uma grande equipe (que foram assumidas pela SODIM) e também de responsabilidade, que passou para o Jorge Ferreira Chaves." (Depoimento de Eduardo Goulartt de Medeiros em 2011)

projecto de execução com as especialidades envolvidas e a direcção da obra. Um excerto de uma carta [Doc. A 47] de JFC, endereçada à SODIM⁴¹⁰, ajudará a ilustrar a situação:

(...) É já sabido que em consequência de um comum acordo - SODIM - Arq. Pardal Monteiro e Eu, após 3 anos de colaboração que prestei ao Arq. P. M. exclusivamente, no projecto do Hotel, passei para o serviço directo junto da SODIM, com vista a um como que desdobramento da personalidade do Arq. P. M. no sentido de uma máxima coordenação de esforços com vista a levar a bom termo a realização da obra. (...)

Este atelier, onde laboravam profissionais de diversas especialidades, foi instalado num edifício provisório que passou a ser informalmente designado pelos que lá trabalhavam por “o barracão”, sendo esta uma designação frequentemente encontrada nos escritos sobre o tema.



Fig. 32 No atelier de obra do Hotel Ritz. Arquivo JFC. A) Da esquerda para a direita: Carlos Duarte, Mário Xavier Antunes, Eduardo Goulartt de Medeiros e JFC. B) JFC dentro do atelier.

Para a formação da equipa de arquitectura, JFC convidou Frederico Sant’Ana e Eduardo Goulartt de Medeiros a que se juntaram Mário Xavier Antunes⁴¹¹ e Carlos Duarte⁴¹², também

410 O dactiloscrito da carta não está datado, mas pelo seu conteúdo, estima-se que será de meados de 1956.

411 Mário Xavier Henriques Antunes (n. Lisboa, 20 de Agosto de 1926 - Julho 1988). Curso de Ciências Pedagógicas - Faculdade de Letras de Coimbra. Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1945. Transferência para o Curso Especial de Arquitectura da EBAP em 1950/1951. Transferência para o Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1951/1952. Ingressa no Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1953 e conclui em 1956. Tirocínio com Jorge Ferreira Chaves, de 4 de Junho de 1956 até 31 de Março de 1959. CODA em 27 de Julho de 1959. Diploma ESBAL nº 352 de 15 de Fevereiro de 1960. Aprovado sócio do SNA em sessão de 20 de Novembro de 1961 com nº de inscrição 458.

Fontes: Processo individual de aluno da ESBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 458 - (nº 30037).

412 Carlos dos Santos Duarte (Lisboa, 17 de Maio de 1926). Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1946/1947 e conclui em 1954/1955. Ingressa no Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1955/1956 e conclui em 1958. Tirocínio com Jorge Ferreira Chaves, de Novembro de 1955 até 12 de Junho de 1959. Diploma EBAL nº 356 de 7 de Junho de 1960. Aprovado sócio do SNA em sessão de 5 de Dezembro de 1960 com nº de inscrição 412.

Fontes: Processo individual de aluno da ESBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 412 - (nº 265).

estudantes, colegas de curso de Frederico Sant'Ana⁴¹³. Uma vez mais, o testemunho recolhido de Eduardo Goulartt de Medeiros ajudará a ilustrar a situação:

Entrei para o atelier de Pardal Monteiro a ganhar 2\$50 à hora, quando estava a estudar. A minha função inicial era essencialmente ligada à logística - afiar os lápis "wolf" e tirar cópias com chapas Ozalid. Quando o Chaves passou para o atelier de obra, ao serviço da SODIM, convidou-me para integrar a equipa que estava a formar, onde fui ganhar muito melhor. Pedi autorização ao Pardal Monteiro para deixar o seu atelier; ele concordou e assim participei, já a desenhar, na realização de partes do projecto de execução, sob orientação do Chaves.⁴¹⁴

Porfírio Pardal Monteiro, que ainda durante algum tempo seguiu o andamento dos trabalhos, visitando o atelier de obra enquanto o permitiu o seu estado de saúde, veio a falecer a 16 de Dezembro de 1957.

Para sua substituição na representação do projecto, em Janeiro de 1957, foram nomeados o arquitecto Leonardo Rey Colaço de Castro Freire (1917-1970), do SNI, e ainda António Pardal Monteiro (que obteve o diploma de arquitecto nesse ano) como representante do Atelier.⁴¹⁵ Castro Freire, que não trabalhou no projecto do edifício mas que com a sua equipa, da qual fazia parte o arquitecto Carlos Lameiro (1928-2000), fiscalizou os acabamentos e a qualidade dos materiais aplicados⁴¹⁶, veio a escolher e coordenar os vários decoradores que participaram.

Estes acontecimentos introduziram um certo grau de confusão no processo, já de si complexo, com ramificações nas posteriores descrições do mesmo.

Face ao desaparecimento de Porfírio Pardal Monteiro, Leonardo Castro Freire é nomeado como arquitecto responsável pela conclusão da obra. O atelier do Arq. Pardal Monteiro⁴¹⁷ continuará, no entanto, a realizar os desenhos de pormenor, assumindo o Arq. Jorge Chaves esta tarefa, embora debaixo da coordenação do novo arquitecto-chefe.⁴¹⁸

Numa carta de 12 de Janeiro de 1957, dirigida ao Conselho de Administração da SODIM, Jorge Ferreira Chaves pede a sua demissão.

Reiterada a confiança por parte da empresa, especialmente na pessoa do engenheiro José Carlos Arantes e Oliveira (1909-?)⁴¹⁹, acaba por manter-se no cargo mediante a renegociação das condições a que estava sujeita a sua colaboração, nomeadamente a garantia de manutenção da autoridade sobre o projecto e obra⁴²⁰.

413 Carlos Duarte e Frederico Sant'Ana moravam, ambos, na Rua de S. Félix, em Lisboa.

414 Depoimento de Eduardo Goulartt Medeiros em 2011.

415 A substituição só foi oficializada em 31 de Maio de 1958 [Doc. A 49].

416 LAMEIRO, 2000a, p. 22.

417 Entenda-se equipa do atelier Pardal Monteiro no atelier de obra.

418 CARITA; ALMEIDA, 2000, p.40.

419 Director da SODIM. Irmão de Eduardo Arantes e Oliveira (1907-1982), o Ministro das Obras Públicas de 1954 a 1967.

420 Testemunho de Teresa Ferreira Chaves.

A carta de demissão [Doc. A 48], aqui transcrita na íntegra, é um relevante testemunho para a avaliação das relações entre as partes envolvidas no processo e também para uma leitura dos acontecimentos do ponto de vista de JFC:

Ex. mos Senhores

Trabalho exaustivo foi aquele que se arrastou durante dois largos anos, sem interrupção, e durante os quais se foi concretizando no meio das maiores dificuldades e canseiras, aquele projecto que hoje a SODIM tem em construção para o futuro Hotel Ritz de Lisboa. Foram anos de duro trabalho e esgotamento, findos os quais me ficou só a satisfação do dever cumprido, numa colaboração estreita com o arquitecto Pardal Monteiro, na concretização desta obra a todos os títulos notável.

O meu esforço só não ficou esquecido na Memória Descritiva do projecto, em que em termos singelos mas bem claros o Arquitecto presta homenagem aos seus anónimos colaboradores.

A estes dois anos sucedem-se mais dezoito meses em que, já ao serviço directo da SODIM, a minha atenção se dedica agora a um trabalho de coordenação e conciliação de instalações técnicas e empreiteiros respectivamente. Trabalho inglório mas igualmente difícil e exaustivo, do qual me ficou também e só a satisfação de mais um dever cumprido, tendo sempre em vista, e só em vista, fazer quanto em minhas forças coubesse para que a obra chegasse ao seu termo tecnicamente certa, com honra e satisfação de todos que a ela emprestaram do seu saber, da sua técnica e do seu dinheiro.

Não quiz a fortuna que este largo tempo passasse sobre mim sem prejuízo para a minha saúde e para a minha economia. De dia para dia esta obra se torna mais e mais absorvente, e eu começo a sentir-me incapaz ou impotente para fazer frente aos novos problemas que todos os dias surgem, e até aos dissabores e desgostos que fatalmente surgiram e surgirão, e que impedem que eu me realize como arquitecto, à margem deste trabalho.

Tenho perguntado várias vezes a mim mesmo, em nome de quem ou de quê, tenho consumido estes anos, certamente os mais importantes para a minha carreira profissional, e a única resposta que obtenho, tem sido sempre e só a mesma: ao Arquitecto Pardal Monteiro e a esta sua obra.

Começa hoje a afigurar-se-me insatisfatória esta única resposta obtida, porquanto, se é certo que aquele grande homem mereceu a minha dedicação, não é menos certo que o meu esforço não conseguiu evitar que a fatalidade caísse sobre ele, exactamente sob a forma de um esgotamento físico, de que esta mesma obra é certamente a principal responsável.

Hoje impõe-se a necessidade e a obrigação mesmo, de começar a pensar no meu próprio nome e nos meus próprios problemas profissionais, e quero aproveitar exactamente a boa hora em que V. Excias tomaram a feliz iniciativa de designar o meu colega Leonardo de Castro Freire como continuador do Arquitecto Pardal Monteiro nesta obra, para apresentar o meu pedido de demissão dos serviços que presto a esta Sociedade.

De V.Excias. Respeitosamente.

JFC, que viveu intensamente o processo, terá defendido pontos de vista que foram relevantes para a consecução do projecto e da obra. É o que se poderá depreender, para além das demais evidências, também da memória descritiva de Porfírio Pardal Monteiro “em que em termos singelos mas bem claros o Arquitecto presta homenagem aos seus anónimos colaboradores”, note-se o teor dessa Memória Descritiva, da qual transcrevemos a parte final:

(...) Não ficaríamos, pois, de bem com a nossa consciência se não frisássemos desde já quanto devemos à boa e leal ajuda destes dedicados auxiliares, dos quais o país, a seu tempo, virá a receber o produto das próprias obras que o seu talento criará, então em plena liberdade, sob sua exclusiva responsabilidade e orientação.

Se ao cooperarem no estudo desta obra nem sempre terão podido realizar o que ao seu espírito seria talvez mais grato - e esse é o tributo da subordinação - as qualidades da disciplina e de respeito que souberam demonstrar pelas nossas concepções, interpretando-as, desenvolvendo-as e contribuindo muitas vezes com idéias próprias que melhoraram o resultado que pretendíamos, são provas de qualidades que muito apreciámos e nos é grato registar com o mais enternecido reconhecimento.

Se o destino nos não permitir levar até ao fim esta obra resta-nos a certeza de que ela não deixará de ser concluída com o mesmo espírito e o mesmo sentido que previmos, porque entre os nossos colaboradores estão os que nos poderão substituir em condições de garantir a unidade da concepção, pois a viveram tão intensamente como nós. Lisboa, Dezembro de 1954.⁴²¹

Não há grande margem para dúvidas de que teria tido a capacidade de “garantir a unidade da concepção”, se atendermos ao exemplo de coerência das obras que em nome próprio JFC projectou durante e após a construção do Hotel Ritz. Daí a apreensão com que observou a entrada do arquitecto que “substituiu” Porfírio Pardal Monteiro e dos muitos decoradores por ele convidados; e a dúvida, de se o espírito que presidiu inicialmente à concepção seria mantido.

Sobre o resultado final, e incisivamente a propósito do que tem sido exposto, transcrevem-se excertos de dois artigos de crítica publicados logo em 1960, na revista *Arquitectura*:

O Hotel Ritz, onde se despenderam com a colaboração de artes plásticas 5000 contos, (...) E, diga-se de passagem, não se trata de uma verba por aí além se nos lembrarmos da monumentalidade da referida obra e do elevado número de artistas convidados a colaborar. É possível que, lá fora, uma colaboração tão variada de pintores e escultores implicasse uma verba astronómica; cá dentro porém, ocupou, assaz razoavelmente, entre outros, um certo número de jovens artistas, o que deve considerar-se meritório e exemplar. (...)

(...) Mas o que esta justificada variedade de colaboradores requeria, era uma competentíssima orientação geral, unificadora do gosto da decoração. Quanto a orientação, porém, não há sombra dela, o que faz com que o famoso Ritz apareça, a olhos menos provincianos, ornamentado com retalhos; e como os retalhos são muitos, a manta tem bocadinhos vistosos e outros muito pobrezinhos.

Parece-me, com licença dos srs. Decoradores e das suas excelentíssimas famílias, que esta imagem é feliz.(...)

(...), uma sucessão muito feliz de espaços architectónicos que o ritmo notável da escada liga com o grande “salão de festas”. E neste, por ser de facto grande na sua escala, parece ter-se manifestado sem peias o tal gosto mesquinho de provinciano ricoço que aqui e além, se trai nos cantos do hotel.

Se o revestimento do tecto, na sua modéstia inconcebível, disparata com os lustres, riquíssimos, as tapeçarias de Pedro Leitão, uma das quais parece cortada à tesoura para se ajustar à porta, contrariam o bom senso e não lembrariam ao diabo; fica-se com a impressão de que os architectos não andaram ali à solta, como era jus, e que a decoração ignorou a arquitectura obscurecendo-lhe o sentido não inteiramente despido de grandeza.(...)

421 Excerto do final da Memória Descritiva do ante-projecto do Hotel Ritz. Processo CML 57036/1954, Folha 71. [Doc. A 44].

(...) Quanto à escultura que se encontra nos exteriores ressentem-se, particularmente, da ausência de um espírito de “equipe” e do evidente espírito do acaso que o substitui.(...)

(...) Enfim, em resumo, uma grande lição a extrair das misérias e grandezas do Ritz. Cada um que lhe extraia a moralidade, se estiver para isso.⁴²²

(...) Uma visita ao interior do Ritz confirma algumas das impressões trazidas do exterior. Sente-se que também aí, os autores do projecto se viram na necessidade de adaptar um conceito de modernidade às exigências de um público pouco inclinado a aceitá-lo. Compreende-se a dificuldade de criar uma arquitectura válida, nascida deste compromisso, e, se lhe atendermos, podemos considerar positivo o resultado conseguido pelos arquitectos que o projectaram.

Idênticas dificuldades se apresentaram naturalmente aos decoradores, e, se alguns a rodearam, recorrendo a estilos do passado, outros mais corajosos tentaram acompanhar os arquitectos no seu esforço de conciliação.

Mas perante esta tarefa, já de si pesada, a decoração não soube, ou não pôde, desenvolver de maneira coerente o tema que lhe foi proposto. Cabe de facto aos decoradores partir da arquitectura que os antecede – qualquer que seja o seu valor intrínseco - e procurar completá-la e enriquecê-la, e não, como neste caso se evidência, contrariá-la ou ignorar os seus objectivos.

São no Ritz muitas as desagradáveis consequências do esquecimento deste princípio básico, esquecimento que só se explica pela falta de um trabalho de “equipe” - se o houve foi ineficiente - supervisionado pelos autores do projecto. (...) ⁴²³



Fig. 33 Câmara de Comércio de Bissau. Arquivo JFC.

Vem a propósito da questão da decoração, a transcrição de uma carta [Doc. A 63], do início de 1958⁴²⁴, endereçada por JFC ao promotor da sua obra da Câmara de Comércio de Bissau que estava, também nessa época, em fase de acabamento e onde surgiu um caso semelhante:

⁴²² SKAPINAKIS, 1960, pp. 51, 52.

⁴²³ SANTA-RITA; SIMÕES, 1960, pp. 53, 55.

⁴²⁴ Trata-se de cópia não datada da resposta a uma carta de 22 de Janeiro de 1958, sendo provavelmente do mesmo mês.

(...) Não é no entanto sem algumas apreensões que vejo aproximar-se o final da obra, posto que, embora o projecto tenha sido amplamente detalhado, há em todas as obras pequenos pormenores de acabamento, escolha de materiais, côres, etc, que se não forem determinados criteriosamente, podem comprometer seriamente a categoria da obra projectada. (...)

Diz V. Exa. na parte final da carta em referência que há a pretensão de fazer ir à Guiné um “decorador especializado” para se encarregar destes problemas. Esta intenção dá-me mais a noção de quanta responsabilidade V. Exas. reconhecem no empreendimento que pretendem levar a bom termo. No entanto sinto-me no dever de esclarecer que na realidade não há entre nós “decoradores especializados” aos quais se possa entregar a concessão de uma obra de tal responsabilidade. Conheço bem a fauna dos chamados “decoradores especializados”, que só uma época de desorientação nos espíritos como aquela em que vivemos poderia fazer nascer e prosperar entre nós. Corre-se o risco de fazer nascer um “Palácio em estilo rústico, Queen Anne ou Luis XV ou o que é pior ainda, um estilo moderno” que por ser mal compreendido possa imprimir ao edifício o carácter de um pavilhão de feira.

Embora neste momento me encontre exclusiva e extremamente ocupado com a conclusão da obra do Hotel Ritz de Lisboa, proponho deslocar-me a essa província, por forma a dar-se a mais perfeita resolução aos problemas pendentes, podendo eu próprio encarregar-me daqueles que dizem respeito às minhas atribuições profissionais ou seja a decoração e o mobiliário (...)

Aparentemente, esta situação terá também, em alguma medida, fugido ao seu controle pois, também nos interiores deste edifício podem ser encontradas várias peças de mobiliário de “estilos antigos” variados [Fig. 34 F), G)]. Segundo Ana Vaz Milheiro, Luis Possolo (1924-1999) terá sido o responsável pela introdução dessas peças. No entanto, para esta autora, a obra “apesar da participação de Possolo, representa uma abordagem moderna à arquitectura tropical”,⁴²⁵ o que configura um caso com muitas semelhanças com o do Hotel Ritz em que, como vimos, se poderia ter obtido um objecto exemplar mas onde, embora o projecto geral tenha obtido críticas favoráveis, a caracterização de alguns dos espaços interiores resultou frágil.

Em carta endereçada a Raúl Pires Ferreira Chaves, a 12 de Fevereiro de 1958, [Doc. A 64] JFC completa a ilustração do seu ponto de vista:

(...) Julgo ter posto o problema da maneira mais honesta, porquanto os decoradores - que eu bem conheço - são pessoas sem qualquer espécie de formação profissional, não passando de uns aventureiros habilidosos (e extremamente comerciantes) que nasceram em consequência do aparecimento de toda uma classe de “novos ricos” que pretendem imitar nas suas casas de habitação ou locais de trabalho ambientes iguais àqueles que antigamente eram desfrutados pela nobreza dominante. (...)

O falecimento do Arquitecto Pardal Monteiro agravou extraordinariamente a minha missão nas obras do Hotel Ritz e de tal forma que a minha ida à Guiné nesta altura é bastante inoportuna... mas eu considero-a de facto indispensável. (...)

É perceptível, no entanto, na carta de resposta que a Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné lhe endereça em 22 do mesmo mês [Doc. A 65], uma mudança de tom relativamente à anterior correspondência. Verifica-se existirem um certo tipo de pressões, pois

425 MILHEIRO, 2011b, pp. 62,63.

nesta carta referem que: “(...) reunimos à nossa volta sócios porventura interessados nos fornecimentos (...)”; e falam agora, já não de decoradores profissionais, mas de: “consultar outros arquitectos que nos foram indicados”.



Fig. 34 Câmara de Comércio de Bissau. Interiores: A) B) Mobiliário em acordo ao projecto de 1953. Arquivo JFC. C) Idem. Arquivo Científico Tropical Digital Repository (ACTD). D) Idem. ACTD. E) Perspectiva incluída no projecto de 1953. AJFC. F) G) Mobiliário introduzido por Luís Possolo [ver também fotografia do Doc. A 45]. Arquivo JFC.

Alguns anos mais tarde, em 1973, idêntica situação viria a ocorrer durante a construção do Hotel de São João no Funchal, quando o promotor (Arquitur) põe como hipótese recorrer a

terceiros para resolver partes da caracterização dos interiores, como havia sucedido nos casos do Hotel Ritz e da Câmara de Comércio de Bissau .

É oportuno apresentar partes de uma carta que JFC endereçou à Arqitur, em 1973, e de uma outra carta, de 1976, endereçada a um arquitecto ligado à empresa construtora⁴²⁶, a quem o promotor teria convidado para tratar da “decoração”. Aqui, uma vez mais, demonstra o seu pensamento sobre esse tema, desta vez recorrendo ao caso do Ritz, como exemplo.

Vejamos a carta dirigida à Arqitur [Doc. A 66]:

(...) Devemos chamar a atenção de V. Exas. para o facto de o projecto geral de arquitectura ter sido levado a um extremo tal de pormenorização que nos enfiámos adentro da arquitectura de interiores, sempre na convicção de que este trabalho nos viria a ser cometido tal como já na minha proposta inicial definia, lastimando que nesta situação da obra ainda se esteja à procura de uma “orientação e decisão” a tomar. (...)

Aliás as dúvidas que se agora levantam quanto à maneira de resolver a arquitectura dos interiores do Hotel de S. João, não deixam de nos causar alguma surpresa e porque não dizer mesmo desagrado?

Não pode ficar-nos mal que sejamos francos. Até hoje todos os hotéis que fizemos foram inteiramente pensados por nós. Nunca foi preciso que pessoas estranhas tivessem sido chamadas em nosso auxílio para resolver os problemas da arquitectura dos interiores. Aliás sentimos a maior relutância em aceitar entre a espécie humana atitudes como a do cuco que põe os ovos nos ninhos dos outros.

Aliás a decoração interior de um edifício é um natural desenvolvimento da sua arquitectura exterior. Isto é, a arquitectura do exterior volta e meia resvala para dentro e as soluções surgem agarradas umas às outras, assegurando à obra a devida unidade e equilíbrio o que naturalmente redundará num equilíbrio financeiro global da obra.

Quando assim não é, corre-se o risco de cair-se no ridículo de o edifício ter uma expressão exterior que não condiz com os ambientes interiores como aconteceu com o Hotel Ritz cuja história bem conhecemos, o qual abriga algumas suites ditas “de luxo” com camas de “baldaquino” e “tremós com credência”, cómodas e cadeirões de vários estilos, numa agradável sinfonia de disparates; aí surgiu também um salão de festas e banquetes dito salão nobre, com as imprescindíveis cadeiras de estilo - mesinhas também em estilo qualquer coisa com os competentes candeieirinhos em cima, sem esquecer uma curiosa parede de vidrinhos em chapa de vidro ordinário imitando o espelho antigo ou velho, contando-se ainda com 3 magníficos mas ridículos lustres de cristal da Boémia (mas autênticos), escolhidos por catálogo e não de acordo com os desenhos feitos pelo arquitecto, os quais talvez fossem mais baratos mas... efectivamente não condiziam com o mobiliário. Recordo também que contra uma tapeçaria que o arquitecto tinha sugerido que fosse obra do Mestre Almada Negreiros e que certamente hoje valeria alguns milhares de contos, com cerca de 50 m2 e que seria certamente uma obra-prima, foi dada preferência a um pintor de 3ª ou 4ª ordem e que apenas tinha o mérito de ser protegido da Fundação Ricardo Espírito Santo a quem foi cometido o encargo de projectar e vender todo o mobiliário necessário para a concretização de semelhantes mafeitorias. Enquanto isto acontecia, o Arquitecto esforçava-se por seu lado para se enquadrar num orçamento coerente, por forma a

426 O arquitecto em causa chama-se Luiz Fernandes Pinto, o qual, tudo leva a crer, seja o mesmo que trabalhava, quando estudante, no atelier de Porfírio Pardal Monteiro e a quem já aludimos. Encontra-se na carta que lhe é endereçada, em 1976 [na página seguinte] [Doc. A 67], uma frase que indicia que aquele teria especial conhecimento do papel desempenhado por JFC no projecto do Hotel Ritz: “(...) Ele também sabia que eu tinha sido - como você também o sabe - o mais directo colaborador do Pardal Monteiro no Ritz (...)”.

sobrar algum dinheiro que acabou por ser positivamente esbanjado pelos decoradores em veludos, sedas, brocados e outras chinoiseries.

Gostariamos que o nosso H. S. João tivesse um ambiente interior com um carácter muito próprio que resultasse directamente da valorização dos espaços que a sua Arquitectura lhe criou, sem o recurso a artificialismos de gosto mais ou menos duvidoso que resulta sempre da intervenção de “decoradores” que resolvem os problemas ao sabor do gosto “pires” do momento ou da réplica de qualquer estilo do passado.

(...) Um hotel porém é uma instituição que tanto alberga o indivíduo “raffiné” e agarrado ao passado como o indivíduo também requintado civilizado sensato, mas actual (...).

De qualquer maneira só aquilo que estiver certo para hoje é que estará certo para amanhã e para daqui a alguns anos... per omnia secula seculorum... enquanto o H.S.J. tiver que ser o H.S.J..

(...)

Não podemos deixar de pensar - porque também não somos assim tão ingénuos - de que algum ninho se está fazendo atrás das nossas orelhas.

(...) Apenas nos sentimos na obrigação de esclarecer que ao concebermos um espaço quadrado ou hexagonal ou com outra qualquer forma mais ou menos irregular essa forma continha já em si a semente do seu tratamento espacial (paredes, tectos, pavimentos) - aberturas, tapamentos, envidraçados ou inter-penetração dos espaços.

(...)

Se estivessemos no lugar de Leonardo da Vinci e estivessemos a escrever ao Duque de Milão e não aos nossos Amigos do Funchal poderíamos oferecer os nossos préstimos acrescentando que também sabemos fazer decoração reles e cara.

Recordemos um provérbio, talvez espanhol, que dito neste idioma (que nós não sabemos dizer) exprime a seguinte idéia com toda a exactidão:

AINDA QUE A MACACA SE VISTA DE SEDA, MACACA FICA

Esperando que a nossa ideia possa ser bem compreendida o quanto não terá sido bem expressa, subscrevemo-nos com amizade e consideração.⁴²⁷

A carta endereçada ao arquitecto Luiz Fernandes Pinto [Doc. A 67]:

(...) Você não sabe, mas eu posso dar-lhe conta da minha grande surpresa e mágoa pela decisão da ARQUITUR de fazer-me substituir na procura das soluções dos arranjos interiores do Hotel, que mais não são do que um prolongamento do seu caracter exterior.

(...) Ainda era eu que estava em melhor posição para tentar (com algum êxito) resolver-lhes o problema e até com alguma economia, que é a condição que hoje a ARQUITUR tem que perseguir com maior afã.

2- Se aquele empreendimento tem agora alguns aspectos exorbitantes e insensatos, não se lance sobre mim a responsabilidade de os ter feito surgir, mas sim sobre quem beneficiava mais directamente e em maior escala, de soluções empoladas e exorbitantes ainda que insensatas. Esse alguém teria algo... e até talvez muito a ganhar. Eu só teria a perder - como Arquitecto que ainda muito me prezo - ao parir soluções empoladas, insensatas e exorbitantes... Talvez ganhasse algum dinheiro; mas perderia certamente muito do meu nome profissional que, - esse sim - alguma coisa vale para mim... até porque muito me custou a ganhar.

Tenho um passado profissional a defender (tanto quanto outros defendem o dinheiro) no qual - estou certo - não se poderá encontrar uma única solução com estas características de exorbitância e insensatez.

427 Carta de JFC, endereçada à Arquitur. Lisboa, 30 de Outubro de 1973. Arquivo de JFC. [Doc. A 66]

3 – No meu passado podem encontrar-se soluções como o Hotel da Baleeira (em Sagres) o Garbe (em Armação de Pera) o Globo (em Portimão) o Florida (em Lisboa) que podem ser apontados como tendo obtido os melhores resultados à custa de soluções e materiais de acabamento os mais modestos.

(...) Ele também sabia que eu tinha sido - como você também o sabe - o mais directo colaborador do Pardal Monteiro no Ritz, e posteriormente o autor de mais 6 ou 7 Hoteis e que por conseguinte, devia conhecer muito bem a gente do SNI e talvez do Fundo de Turismo.... no que se enganou. Sabia que eu conhecia muito bem, não só toda aquela gente do SNI e da D.G.S.U. onde o projecto teria que “passar”, e que conhecia também o nosso colega Botelho⁴²⁸, então na C.M. do Funchal que há muito recusava aceitar a localização de um hotel de grande volume no terreno em causa.

(...)

Foi porém muito difícil conseguir as necessárias aprovações na D.G.S.U. e na C.M. do Funchal. Desde o princípio que todos os sócios se mostraram muito ambiciosos com o número de quartos do hotel, o que condicionava o seu volume, que, por muito pequeno, era sempre grande para aquele terreno - na opinião do Botelho.

Mas, ao fim e ao cabo, tudo foi aprovado, na medida dos desejos de todos. Tudo lhes “consegui”. E digo “consegui” porque estou certo de que foi graças à minha luta junto destes dois Serviços e ainda do SNI que sucessivamente as aprovações foram caindo, tendo-nos sido levantados os maiores obstáculos às aspirações - cada vez mais empoladas - da ARQUITUR e da SATREL (...). Não pense porém que tenha havido quaisquer “jogos malabares” com os funcionários dos Serviços referidos. Não! Houve apenas soluções muito estudadas, bem encontradas e bem defendidas; digo mesmo afincadamente defendidas.

(...)⁴²⁹

Nestes trechos está presente uma postura representativa do pensar e do fazer, nas vertentes da ética e da estética, do arquitecto que nos propusemos a apresentar. Pela clareza dos argumentos apresentados, as cartas dispensam comentários.

Ainda sobre o Hotel Ritz, queremos referir os vários artistas plásticos que criaram obras integradas na “decoração” original, foram eles: Jorge Vieira, Martins Correia, Querubim Lapa, Hein Semke, Margarida Schimmelpfennig, João Farinha, Louro de Almeida, Estrela Faria, Almada Negreiros, Sarah Afonso, Lino António, Pedro Leitão, Carlos Calvet, António Duarte, Lagoa Henriques, Joaquim Correia, Barata Feyo, Carlos Botelho, António Soares, Luís Filipe, Jorge Barradas, Fred Kradolfer, Rolando Sá Nogueira, Bartolomeu Cid e Hansi Stael.⁴³⁰

Segundo Louro de Almeida⁴³¹, num relato indirecto que nos chega por via de Luís Augusto Costa Dias⁴³², com quem privou, teria sido JFC a sugerir o nome de alguns destes artistas; o que não é, de todo, estranho dado que vários deles tinham também participado nas Exposições Gerais de Artes Plásticas (cuja última edição tinha sido em 1956) [vol. I, cap. 4.3.].

⁴²⁸ Arquitecto José Rafael Botelho (n. 1923).

⁴²⁹ Carta de JFC endereçada ao arquitecto Luiz Fernandes Pinto. Lisboa, 8 de Junho de 1976. Arquivo de JFC. [Doc. A 67]

⁴³⁰ CARITA; ALMEIDA, 2000.

⁴³¹ Arnaldo Louro de Almeida, artista plástico.

⁴³² Historiador. Sobrinho de JFC.

Registe-se ainda o facto de que os quatro primeiros dos referidos artistas também colaboraram em obras de JFC: Martins Correia, Querubim Lapa e Hein Semke vieram a produzir obras plásticas integradas em obras que projectou durante os anos 60; Jorge Vieira já tinha executado uma escultura para a loja Palissy Galvani, uma obra do arquitecto, ainda dos anos 50.

Sobre as Galerias Ritz, existe também alguma omissão na informação que encontramos. Segundo Helder Carita:

Além do acabamento do edifício é ainda entregue ao Arq. Leonardo Castro Freire o projecto das Galerias Ritz, realizado na sequência da abertura do hotel. Em toda a morfologia e desenho deste novo projecto, Leonardo Castro Freire revela uma sábia adequação aos pressupostos do projecto inicial, garantindo a unidade do conjunto como se de um único projecto se tratasse.⁴³³

As Galerias, cuja construção, efectivamente, só foi iniciada posteriormente à inauguração do hotel em 1959, haviam sido projectadas anteriormente. O respectivo projecto de licenciamento camarário é de 2 de Outubro de 1958, e foi aprovado pelo SNI em 12 de Julho de 1959 [Doc. A 50], pelo que, não há admiração que se adaptasse “aos pressupostos do projecto inicial”. De acordo com Eduardo Goulartt de Medeiros, o projecto foi desenvolvido pela equipa de JFC no atelier de obra, na sequência das actividades que ali se desenvolviam,⁴³⁴ e segundo Teresa Ferreira Chaves, JFC ainda se deslocou com alguma frequência à obra das Galerias durante os anos 60.

Por fim, queremos ainda deixar referência a três publicações que, também nalguma medida, potenciam a inexatidão da informação que tem sido tomada como certa acerca de um assunto que, por fulcral que é na História da arquitectura portuguesa do período moderno, talvez devesse ser corrigido na sua formulação. São elas:

- a separata do nº 13, de Outubro de 1959, da revista *Binário* - com o título “Excertos da Memória Descritiva para o Hotel Ritz. Porfírio Pardal Monteiro e seus colaboradores” - onde, para além de Jorge Ferreira Chaves, também são creditados indiferenciadamente, a despeito das funções que desempenharam no projecto ou categoria profissional, Frederico Sant’Ana, Eduardo Goulartt de Medeiros, Anselmo Fernandez Rodriguez e António Pardal Monteiro. Esta publicação é póstuma e ocorre dois anos após o falecimento do autor do projecto, não tendo a informação sido fornecida por este [Doc. A 43].

- o livro *Biblioteca Nacional: exterior - interior*, de 2004, coordenado por Ana Tostões; no capítulo elaborado por Ana Assis Pacheco, pode ler-se a frase:

⁴³³ CARITA, ALMEIDA, 2000, pp. 44-45.

⁴³⁴ Eduardo Goulartt de Medeiros foi, inclusivamente, durante os anos 60, convidado para fazer um projecto para o Snack-bar do Hotel Ritz, em função de ter tido a seu cargo, no atelier de obra, o desenho da pormenorização dessa zona das Galerias Ritz. (Depoimento de Eduardo Goulartt de Medeiros em 2011)

“(...) o Hotel Ritz, que o arquitecto executou em 1954, com a colaboração dos arquitectos Jorge Ferreira Chaves e Frederico Santana (...)”,

mas na nota biográfica sobre António Pardal Monteiro, no fim do mesmo livro, é utilizada uma expressão ambígua:

Licenciou-se na ESBAL em 1957⁴³⁵. (...) tendo assumido a liderança dos vários processos do atelier a partir de Setembro de 1956 quando este [Porfírio Pardal Monteiro] ficou gravemente doente. Neste quadro colaborou e elaborou os projectos do Hotel Ritz, Biblioteca Nacional, [etc] (...)

- a dissertação de Mestrado, de 1998, *Porfírio Pardal Monteiro, 1897-1957: A Obra do Arquitecto*, também de Ana Assis Pacheco, na p. 184 do vol. I, refere que: “Os principais colaboradores do projecto [Hotel Ritz] foram arquitectos do seu atelier [de Porfírio Pardal Monteiro]: Jorge Ferreira Chaves (...) e Frederico Santana.” De acordo com o texto dessa dissertação, esta referência baseia-se na notícia da inauguração do hotel publicada no jornal *O Século*⁴³⁶, não assinada, e cuja informação foi, nitidamente, fornecida pela SODIM para propaganda do hotel, enfermando do mesmo anacronismo, que já expusemos, quanto ao facto de JFC ter sido o único arquitecto diplomado envolvido naquela colaboração.

5.2.4. Actividade como profissional liberal após 1953

Apesar de ter sido o projecto e obra do Hotel Ritz a sua actividade central entre 1952 e 1959, durante a década de 50 Jorge Ferreira Chaves mantém sempre atelier próprio, ao qual só se dedicará em exclusivo, após a inauguração do Hotel Ritz, em 1959.



Fig. 35 A) Interior da loja Palissy Galvani no Chiado, em Lisboa. Foto Marta Ferreira Chaves, 1995. B) Moradia Luiz Costa Dias em Albarraque. Arquivo JFC.

⁴³⁵ O website *Pardal Monteiro - Arquitectos* indica o ano de 1951. (acesso 26-1-2012).

⁴³⁶ *O Século*, 25 de Novembro de 1959, pp. 13-15. [Doc. A 45].

O atelier funcionou, até 1957, em parte da sua residência na Av. de Paris 14, 5º Dtº onde, como vimos, já tinha desenvolvido diversos projectos, e realizou ainda outros durante o período agora em causa:

Moradia Eduardo Costa Dias _Almoçageme. (N. const.);

Moradia Luiz Costa Dias _Almoçageme. (N. const.);

Hotel Ritz - Salão de Festas _Lisboa;

“Palissy Galvani” _Loja e escritório; Lisboa;

Caixa Geral de Depósitos _Agência bancária com habitação. Serpa;

Fábrica de tubos Mundus _Luanda;

Casa de Repouso dos Alfaiates _Albarraque. (N. const.);

Por volta de 1957,⁴³⁷ JFC passa o atelier para uma parte de um espaço vocacionado para esta função, já ocupado por dois arquitectos que, alguns anos mais tarde, convidará para se associarem na realização de alguns projectos. Esse atelier é na Praça Pasteur 6, 6º Dtº, mesmo em frente da sua residência, num conjunto de seis ateliers, em banda, que se situam nos últimos pisos de três edifícios daquela praca.⁴³⁸ Nessa altura veio a “Prefal”, uma empresa de engenharia que colaborou com JFC, instalar-se num desses ateliers, no prédio ao lado. Para facilitar a comunicação e as deslocações entre gabinetes, criaram uma passagem directa entre as varandas dos dois gabinetes.



Fig. 36 Hotel Garbe: Perspectiva. Arquivo JFC.

⁴³⁷ Data aproximada. Estimada a partir do confronto de vários documentos estudados durante o presente trabalho.

⁴³⁸ Mantém hoje em dia, um desses ateliers, o arquitecto Vasco Câmara Pestana.

Colaboraram em alguns projectos deste período, até aos primeiros anos da década de 60, Frederico Sant'Ana,⁴³⁹ Mário Xavier Antunes,⁴⁴⁰ Anselmo Fernandez,⁴⁴¹ Eduardo Goulartt de Medeiros⁴⁴² e Jorge de Herédia⁴⁴³.



Fig. 37 Hotel Garbe: A) Maquete da fase de Esboceto. Arquivo JFC. B) Posto de abastecimento de combustível. Arquivo JFC.

Neste atelier realiza os seguintes projectos:

Caixa Geral de Depósitos __ agência bancária com habitação. S. Pedro do Sul;

Arranjo urbanístico __ estudo preliminar de volumes; Faro. (N. const.);

Hotel Florida __ Lisboa;

Hotel Florida: Galeria comercial __ atravessamento de quarteirão. Lisboa;

Estalagem 4 estradas (Estalagem de S. Jorge) __ Areias de Pêra;

Arranjo urbanístico __ estudo preliminar de volumes. Faro; (N. const.);

Estacionamento subterrâneo e arranjo de jardim __ Lisboa;

Hotel Garbe __ Armação de Pêra;

Pastelaria Mexicana __ Lisboa;

Hotel da Baleeira __ Sagres;

Casino de Sagres __ casino, sala de cinema e motel. Sagres. (N. const.);

439 O seu principal colaborador deste período. Primeiro enquanto estudante e arquitecto estagiário e depois, já diplomado, durante mais de um ano.

440 Primeiro enquanto estagiário e depois, já diplomado. Durante os anos 60, colaborou no atelier intermitentemente.

441 No projecto do Hotel Florida.

442 Também no projecto do Hotel Florida e nos projectos para Olivais Sul.

443 Jorge de Herédia (n. S. Domingos de Rana, 1934) Ingressa no Curso Especial de Escultura da EBAL em 1954. Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1955. Conclui o Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1963. Tirocínio com Palma de Melo, de 1959 até 1964 e de 1964 a 1965. Diploma ESBAL nº 507 de 10 de Maio de 1965. Aprovado sócio do SNA em sessão de 5 de Agosto de 1965 com nº de inscrição 552. Fonte: Ficha de proposta de sócio do SNA nº 552 - (nº 393).

Colaborou com JFC, enquanto estagiário, nos projectos do Hotel Garbe e da CGD de S. Pedro do Sul.

Hotel Albufeira. (N. const.);

Colégio do Sagrado Coração de Maria: ampliação esboceto; Lisboa. (N. const.);

Imóvel habitacional R. Ilha do Príncipe, Lisboa;

Imóvel habitacional e de comércio R. da Penha de França, Lisboa;

Hotel Garbe: Posto de abastecimento de gasolina Armação de Pêra.

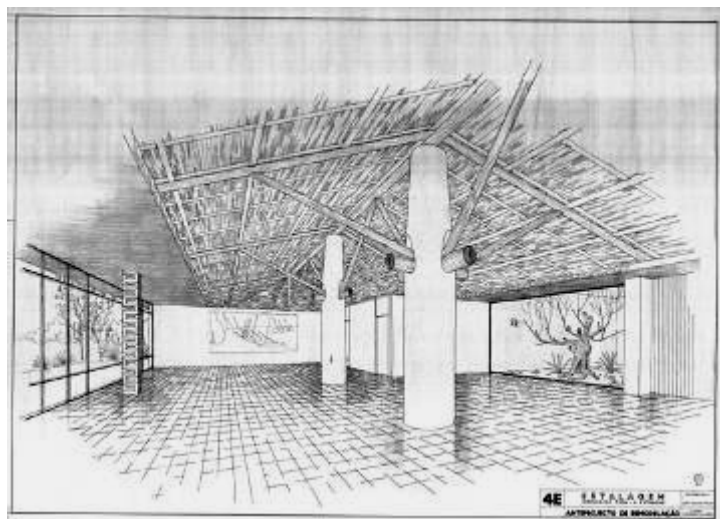


Fig. 38 Estalagem 4 estradas. Perspectiva do salão. Arquivo JFC. B) Vista do exterior. Foto MPFC, 2009.

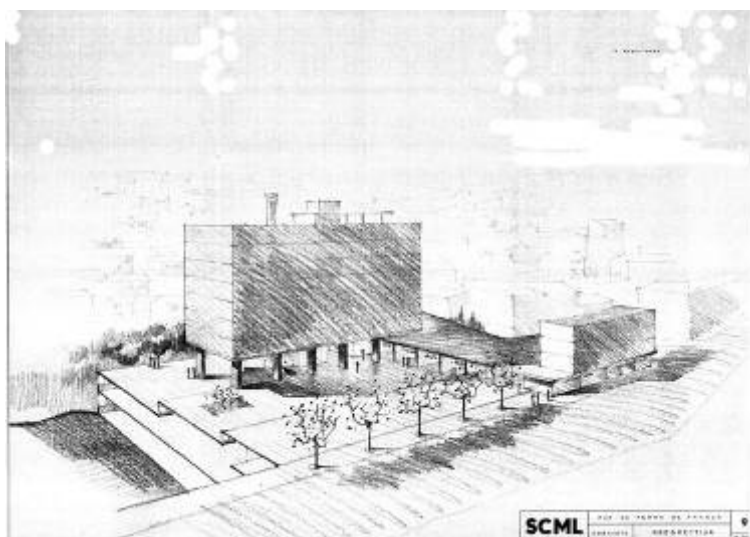


Fig. 39 A) Imóvel Habitacional da R. da Ilha do Príncipe. Foto (1995) e tratamento digital MPFC. B) Imóvel Habitacional da R. da Penha de França. Lisboa. Perspectiva da fase de Esboceto. Arquivo JFC.

Entre o fim de 1962 e 1966⁴⁴⁴, num período correspondente a um pico de encomenda, Jorge Ferreira Chaves forma sociedade com os arquitectos Artur Pires Martins⁴⁴⁵ e Cândido Palma

⁴⁴⁴ Data estimada.

⁴⁴⁵ Artur Pires Martins (Lisboa, 13 de Dezembro de 1914 - 1999). Curso preparatório na EBAL em 1931. Transferência para a EBAP em 1941. Conclui o Curso Superior de Arquitectura da EBAP em 1945. Reingressa na EBAL em 1945. (Em 1945 matricula-

de Melo⁴⁴⁶ com quem tinha até aí dividido o espaço do atelier. O projecto do imóvel habitacional e de comércio na R. da Penha de França e o projecto de águas e esgotos do imóvel habitacional da R. Ilha do Príncipe são acabados já com esta nova equipa⁴⁴⁷ e são iniciados outros projectos que entretanto lhe são encomendados:

Hotel do Vau Portimão. (N. const.);

Conjunto turístico “Dunas de Armação de Pêra” estudo. Armação de Pêra. (N. const.);

Moradia Dr. Joaquim Paiva Chaves Lisboa;

Urbanização turística do Cerro da Piedade estudo. Cerro da Piedade, Albufeira;

Hotel Globo Portimão.



Fig. 40 A) Hotel do Vau, na Praia do Vau. Maquete. Arquivo JFC. B) Hotel Globo, em Portimão. Foto MPFC, 2009.

Divergências de postura profissional e de disponibilidades terão estado na origem do termo dessa associação, pois os outros dois arquitectos repartiam a sua actividade entre a profissão liberal e um emprego que lhes retirava disponibilidade para as actividades do atelier e da assistência às obras, contrariamente a JFC, que estava vocacionado para exercer a profissão exclusivamente em regime liberal.⁴⁴⁸

se em Urbanologia). Diploma EBAP de 10 de Julho de 1947. Aprovado sócio do SNA em sessão de 7 de Janeiro de 1947, com nº de inscrição 114. Fontes: Processo Individual de aluno da EBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 114 - (nº 31).

446 Cândido Palma Teixeira de Melo (Setúbal, 24 de Junho de 1922 - 2003). Frequenta a EBAL como Bolseiro da Casa Pia. Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da EBAL em 1941. Ingressa no Curso Superior de Arquitectura da EBAL em 1945 que conclui em 1947. Tirocínio com Francisco Keil do Amaral, de 1944 até 1949. CODA em 9 de Outubro de 1950. Diploma EBAL nº 107 de 9 de Outubro de 1950. Aprovado sócio do SNA em sessão de 16 de Março de 1951, com nº de inscrição 142. Fontes: Processo Individual de aluno da EBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 142 - (nº 56).

447 “A fase de Esboceto, em séries desenvolvidas ao longo de 1961 (...), culmina na aprovação oficial, pela CML em Junho de 1962, da série «C», em que Jorge Chaves acabaria por eliminar o bloco menor e concentrar o programa habitacional num só edifício. O anteprojecto, dirigido por Jorge Chaves com a colaboração dos arquitectos Cândido Palma de Melo e Artur Pires Martins, aprovado (...) em Dezembro de 1962, desenvolve as grandes linhas estabelecidas naquela solução (...).”

Fonte: AGAREZ, 2010, pp. 84, 85.

448 Segundo Teresa Ferreira Chaves.

Teve ainda lugar neste período uma colaboração com o Gabinete Técnico de Habitação da CML,⁴⁴⁹ em que desenvolveu projectos para três edifícios de habitação em Olivais Sul.

As equipas de projectistas eram formadas por arquitectos exteriores ao GTH e, por regra, integravam um elemento que pertencia ao gabinete, que assegurava a coordenação. JFC formou equipa com Eduardo Goulartt de Medeiros, que entretanto passou a integrar aquele gabinete técnico. Projectaram:

Imóvel habitacional GTH, lote 19 Olivais Sul, Lisboa.

Imóvel habitacional GTH, lote 20 Olivais Sul, Lisboa.

Imóvel habitacional GTH, Lote 4 Olivais Sul, Lisboa.



Fig. 41 Imóveis habitacionais em Olivais Sul: A) Lote 19. Arquivo JFC. B) Lote 20. Foto MPFC (2006).

Em 1966 (data estimada), JFC alugou o atelier do 6º Esqº, do mesmo edifício da Praça Pasteur,⁴⁵⁰ pois em 1964 tinha iniciado uma colaboração regular com as empresas de construção Mundus e Tecnatomium⁴⁵¹. Estas empresas propunham-se inicialmente, a construir quatro edifícios em cada ano, o que fazia prever um período de muito trabalho. Tal não foi o que se verificou, sendo a encomenda que de facto ocorreu, bastante abaixo da expectativa criada. Para além de alguns projectos e obras, fez vários trabalhos para esta empresa relacionados com emissão de pareceres sobre aquisição de imóveis e terrenos. Entre estes, encontrámos registo, de que terá efectuado diligências em vários locais do país para viabilizar um empreendimento hoteleiro desta empresa em consórcio com uma empresa espanhola de turismo que detinha o Hotel Ciudad Blanca de Maiorca, bem como para construir em Portugal uma “cinecittà”, um cinema *drive-in* e uma sala de cinema, iniciativas do produtor de cinema António (Nicha) Vaz da Silva em 1972.

⁴⁴⁹ JFC aparece na fotografia de uma visita do Presidente da CML e da vereação, ao GTH, em 1964. (NUNES, João Pedro Silva, 2007, p. 162)

⁴⁵⁰ Este espaço tinha sido ocupado anteriormente por José Espinho e posteriormente pelo gabinete do engenheiro Humberto Paula Pinheiro, que o cedeu directamente a JFC.

⁴⁵¹ Um dos sócios destas empresas era o cunhado de JFC, Fernando Manuel de Sá Fialho de Oliveira.

Além dos projectos realizados para aquelas empresas, desta fase destacam-se vários projectos para imóveis de habitação colectiva, um plano de urbanização, a remodelação da Estação Ferroviária do Rossio, um hotel no Funchal e expansões dos hotéis que projectara anteriormente para o Algarve.

Colaboraram no atelier, neste período, o arquitecto estagiário Vítor Sousa Figueiredo,⁴⁵² Mário Xavier Antunes, Marco Paulo Ferreira Chaves,⁴⁵³ Carlos Sardinha⁴⁵⁴ e, entre outros, os desenhadores-projectistas Joaquim Moita Brites, Vítor Marques, Carlos Dinis e António Nascimento.⁴⁵⁵

Continuamos a listar os projectos realizados:

Hotel Marquês de Pombal _arquitectura de interiores; Lisboa. (N. const.);

Hotel da Baleeira: Ampliação e piscina _Sagres;

Imóvel de Apartamentos (Edifício Bloco do Cruzeiro) _Sesimbra;

Arranjo de espaço urbano adjacente ao Edifício Bloco do Cruzeiro _estudo. Sesimbra;

Hotel Florida - Snack-bar _Lisboa;

Quinta das Palmeiras _versão 1: Hotel. Lisboa (N. const.);

Quinta das Palmeiras _versão 2: habitação. (N. const.);

Quinta das Palmeiras _versão 3: Complexo habitação / centro comercial. (N. const.);

Fábrica "Industria Fosforeira Angolana" _Luanda;

"Pastelaria Mexicana": Salão de festas _Lisboa;

Habitação Unifamiliar _Armação de Pêra;

Imóvel habitacional _Armação de Pêra;

Imóvel habitacional _remodelação e ampliação. R. Fialho de Almeida, Lisboa. (N. const.);

Externato Cristóvão Colombo _adapt. do edifício do Lote 19; Olivais Sul, Lisboa. (N. constr.);

Imóvel habitacional _Av. Gago Coutinho, Lisboa. (N. const.);

Fábrica "Mundus" _anexo (estudo); Luanda. (N. const.);

Imóvel habitacional _Av. da República, Lisboa;

452 Vítor Manuel de Sousa Figueiredo (n. Moçâmedes, 18 de Fevereiro de 1936). Matrícula na ESBAL em 15 de Janeiro de 1958. Conclui a parte escolar do Curso Superior de Arquitectura da ESBAL em 1966. Estágios: com Arq. Eduardo Paulino de 1964 a 1965; assistência à obra da Fundação Calouste Gulbenkian em 1966; com Arq. Jorge Ferreira Chaves de 1966 até 1974. Diploma ESBAL em 2 de Outubro de 1974. Aprovado sócio da AAP em sessão de 15 de Fevereiro de 1977 com nº de inscrição 987. Fontes: Processo Individual de aluno da ESBAL e Ficha de proposta de sócio do SNA nº 987 - (nº 906).

453 Marco Paulo Fialho Ferreira Chaves (n. Lisboa, 3 de Abril de 1951). Ingressa no Curso de Arquitectura da ESBAL em 1971. Interrompe o curso no período após o 25 de Abril em que a ESBAL esteve encerrada. Diploma ESBAL em 2 de Novembro de 1981. Aprovado sócio da AAP em sessão de 25 de Janeiro de 1983 com nº de inscrição 1965. Fonte: Ficha de proposta de sócio do SNA nº 1965 - (nº 25211).

454 Carlos Filomeno dos Anjos de Sousa Sardinha (n. Silva Porto, 1935). Diploma ESBAL. Aprovado sócio do SNA em sessão de 16 de Agosto de 1971 com nº de inscrição 677. Fonte: Ficha de proposta de sócio do SNA nº 677 - (nº 545). Colaborou com JFC no projecto do Hotel de S. João.

455 Alguns destes desenhadores já colaboravam no atelier desde 1960.

Imóvel habitacional __ Av. Duque de Ávila, Lisboa.;

Escritório “Mundus” __ Mem-Martins;

Hotel da Meia Praia - Ampliação __ implantação de *bungalows* pré-fabricados⁴⁵⁶. Meia Praia;

Imóvel habitacional __ remodelação; Av. Elias Garcia, Lisboa;

Hotel S. João __ Funchal;

Hotel Garbe: Ampliação e piscina __ Armação de Pêra;

Centro Comercial e dois imóveis habitacionais __ Ribasor, Benavente (N. const.);

Paroquianos de Lisboa: Estúdios __ estudo. R. Coronel Bento Roma, Lisboa. (N. const.);

Urbanização “Ribasor” __ plano de urbanização; Benavente;

Dez Imóveis habitacionais em banda __ Urbanização Ribasor, Benavente;

Estação Ferroviária do Rossio __ remodelação; Lisboa;

Hotel Globo: ampliação __ Portimão;

Loja “Casa Londres” __ Lisboa;

Moradia __ recuperação; Linda-a-Pastora.;

“Pastelaria Mexicana”: alterações e tabacaria __ Lisboa;

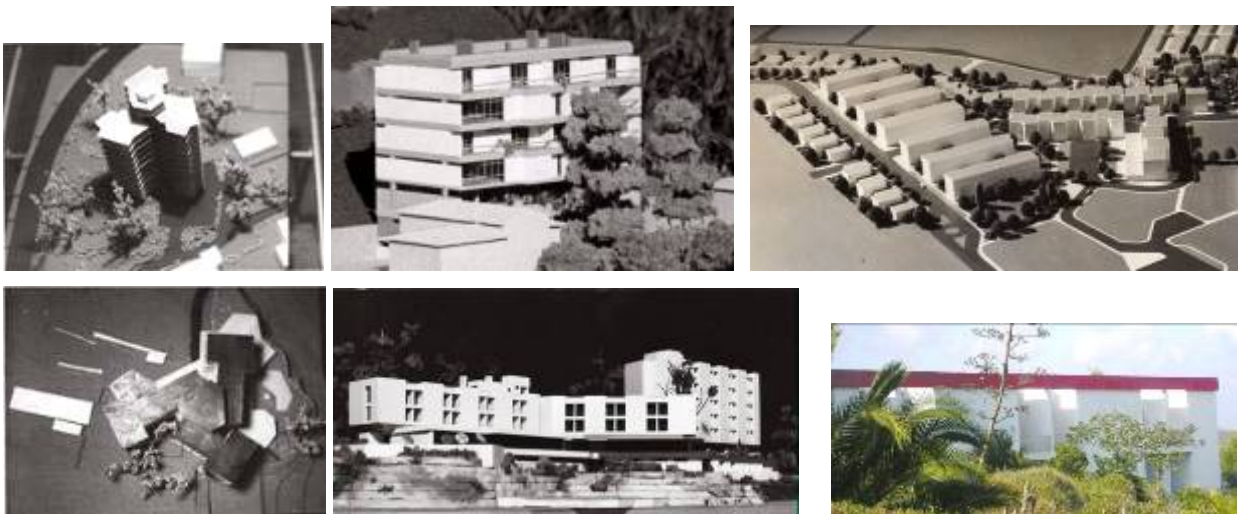


Fig. 42 A) Quinta das Palmeiras, Lisboa: Hotel. Maquete. Arquivo JFC. B) Imóvel Habitacional na Av. Gago Coutinho, Lisboa. Maquete. Foto José Manuel Costa Alves. Arquivo JFC. C) Urbanização Ribasor, Benavente. Maquete. Arquivo JFC. D) Hotel de S. João, Funchal. Maquete. Arquivo JFC. E) Hotel Garbe: ampliação. Maquete. Arquivo JFC. F) Hotel da Baleeira: Ampliação. Foto Marta Ferreira Chaves (2005).

Em 1974 é vítima de uma sucessão de acidentes vasculares cerebrais graves que praticamente o impedem de trabalhar durante cerca de três anos, uma vez que uma das complicações associadas foi a paralisia de um dos lados do corpo. A primeira manifestação de

⁴⁵⁶ "Blocos Pronto" com design de Eduardo Anahory (1917-1998), que estavam a ser desenvolvidos com o retorno, da experiência de uso, por parte de JFC. Aparentemente foram estes os únicos a ser produzidos. Esteve em hipótese a sua instalação também nos hotéis Garbe e da Baleeira quando a lotação inicialmente programada se revelou insuficiente.

complicações dessa ordem tinha ocorrido já em 1967, vindo desde aí o seu estado de saúde a agravar-se, culminando naqueles acidentes vasculares.

Teresa Ferreira Chaves representou o atelier durante esse período, nomeadamente em questões processuais e em vários contenciosos que surgiram nessa época, relativos a honorários de projectos e obras que ainda decorriam ou tinham questões pendentes - Hotel de S. João, Hotel da Baleeira, Quinta das Palmeiras e piscina do Hotel Garbe.

Em 1975, Nuno Teotónio Pereira contacta JFC propondo-lhe colaborar nas operações SAAL,⁴⁵⁷ o que, pelos referidos motivos de saúde, se viu impedido de fazer.⁴⁵⁸

No fim dos anos 70, projectou alterações na sala de entrada da Pastelaria Mexicana. Destaca-se neste projecto a criação de uma Tabacaria suspensa em uma das colunas da entrada.



Fig. 42 Tabacaria da Pastelaria Mexicana. Fotografia MPFC, 1993.

5.2.5. Actividade na DGEMN do Ministério das Obras Públicas e na empresa Tregar

Recupera capacidades e volta a trabalhar; agora, e pela primeira vez na sua vida, como funcionário do estado. Em 1978 é admitido, em concurso, na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Ministério das Obras Públicas, onde exerce actividade profissional até 22 de Agosto de 1981, data do seu falecimento.

⁴⁵⁷ Segundo Teresa Ferreira Chaves.

⁴⁵⁸ O seu filho Marco Paulo Ferreira Chaves e Vítor Sousa Figueiredo, seu principal colaborador dos últimos anos do atelier, estiveram envolvidos na operação de realojamento dos habitantes do Bairro do Tarujo e Casal do Sola, numa unidade projectada pelo arquitecto Raul Hestnes Ferreira na Quinta da Fonseca, perto do Hipódromo de Campo Grande, numa equipa coordenada pelo arquitecto Filipe Lopes.

Tomou posse do lugar de Arquitecto de 2ª classe do quadro permanente da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais em 21 de Março de 1978.⁴⁵⁹

Pertenceu à Direcção de Serviços de Conservação e à Divisão de Projectos da Direcção de Serviços Regional de Edifícios de Lisboa.

Aí realizou alguns projectos para intervenções em edifícios do estado, de que se destaca o estudo para ampliação da Pousada do Gerês-Caniçada, em que é reconhecível algum do vocabulário espacial/formal dos seus projectos dos anos 60.

Conseguimos identificar⁴⁶⁰ no Arquivo da ex-DGEMN, integrado no Arquivo SIPA, os seguintes projectos:

Pousada de Amares __ Santa Maria do Bouro; (N. constr.);

Pousada do Gerês-Caniçada __ estudo para ampliação. São Bento; (N. constr.);

Instituto Superior de Agronomia: Laboratórios __ recuperação e equipamento de um pavilhão. Lisboa.

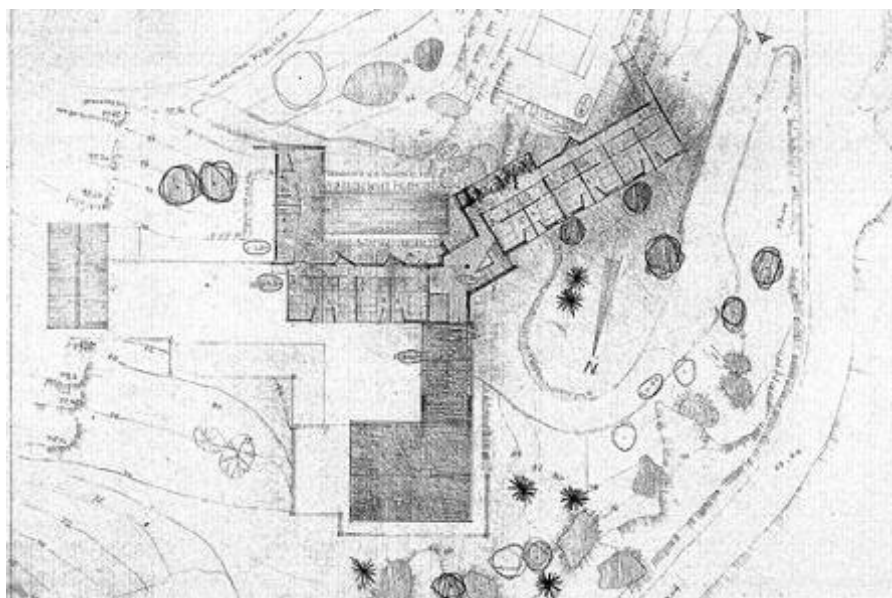


Fig. 43 Estudo de Ampliação da Pousada de S. Bento da Caniçada. Planta. Arquivo SIPA.

Paralelamente teve ainda actividade como assalariado na empresa Tregar, onde trabalhou no desenvolvimento de projectos para imóveis habitacionais a construir na área do Plano de Urbanização da Ribasor em Benavente, de que tinha sido autor nos anos 60.

⁴⁵⁹ Nota biográfica emitida pela Direcção de Serviços de Administração em 28 de Agosto de 1981.

⁴⁶⁰ Recorrendo, para esse efeito, a memórias de Teresa Ferreira Chaves, Marco Paulo Ferreira Chaves e do próprio autor desta monografia. JFC realizou partes destes estudos na sua casa.

5.3. Algumas obras de Jorge Ferreira Chaves e os textos da crítica

Como vimos ao longo deste trabalho, JFC andou sempre muito próximo do foco dos eventos associativos que, em Portugal, foram ajudando a moldar a prática profissional - nos anos 40, na EBAL e em torno das movimentações do ICAT, e durante os anos 50, no SNA - os quais Manuel Tainha ilustra:

As reuniões do ICAT, no fim dos anos 40, eram aquilo que gostaríamos que tivesse sido a Escola: colegas apresentavam os seus projectos, que eram discutidos e criticados pelo grupo. Foi como que o embrião da produção de alguma *teoria da arquitectura*, que era tão escassa em Lisboa, naquela época.

O Sindicato era uma extensão de tudo isso. Aí foi forjada uma ética profissional.

As reuniões, que acabavam obrigatoriamente à meia-noite, prolongavam-se sempre em cafés da zona, como a Smarta, onde se continuavam as discussões.⁴⁶¹

Verificámos que a par da intensa solicitação exercida pelos trabalhos que realizou - no seu e nos ateliers em que colaborou, em particular o atelier de obra do Hotel Ritz nos anos 50 - JFC sempre encontrou disponibilidade para as reuniões destas associações de que fez parte. O frequente contacto com os colegas, nestes contextos de âmbito associativo em que se discutiam modos de fazer, são um importante factor a considerar neste capítulo, porquanto essa disponibilidade, para além do contributo que deu para a dinâmica da profissão, terá influenciado e inspirado o seu próprio trabalho.

Verifica-se ainda que terá existido, da sua parte, nesta época, um grande investimento em investigação. Isso pode ser constatado na sua biblioteca⁴⁶², sobretudo na colecção de revistas internacionais, das quais uma parte muito significativa começou a ser adquirida em 1953. Vejamos os títulos de algumas dessas revistas e o período de duração das respectivas assinaturas:

- *Arts & Architecture* [EUA], de 1953 a 1955;
- *Habitat: Revista das Artes no Brasil*, de 1953 a 1955;
- *Architectural Design* [RU], de 1953 a 1956;
- *Domus. Architettura, Arredamento, Arte* [It], de 1953 a 1959;
- *Arts & Architecture* [EUA], de 1953 a 1954 ;
- *L'Architecture d'Aujourd'hui* [Fr], de 1953 a 1956 ;
- Alguns números da *Architectural Review* [RU] de 1954 e 1955 e da
- *Espacios: revista integral de arquitectura, planificacion y artes plasticas* [Méx].

⁴⁶¹ Depoimento em 2011.

⁴⁶² A biblioteca de JFC integra aproximadamente 300 revistas de arquitectura e aproximadamente 1000 livros de géneros como arquitectura, artes, engenharia, literatura portuguesa, literatura estrangeira, política, filosofia, história, ciência. De referir que tinha grande gosto em emprestar da sua biblioteca aos seus familiares, amigos e colaboradores.



Fig. 44 Imóvel habitacional na R. da Penha de França. Corpo de lojas. Arquivo Fotográfico de Lisboa.

De acordo com Ricardo Agarez,

(...) foi durante a década de 1960 que o arquitecto desenvolveu um traço específico, reconhecível nas obras da Misericórdia de Lisboa⁴⁶³. Traço presente no recurso a perfis de linha quebrada e [a] (...) ângulos não rectos, integrados brilhantemente no exemplo de «obra total» que foi a Mexicana e também no corpo de lojas que estende a Rua da Penha de França sob o edifício, com as sua coberturas zigzagueantes; ou na reinterpretação moderna de motivos da tradição vernácula portuguesa, de que o Hotel Garbe constitui sùmula exemplar (...) ⁴⁶⁴

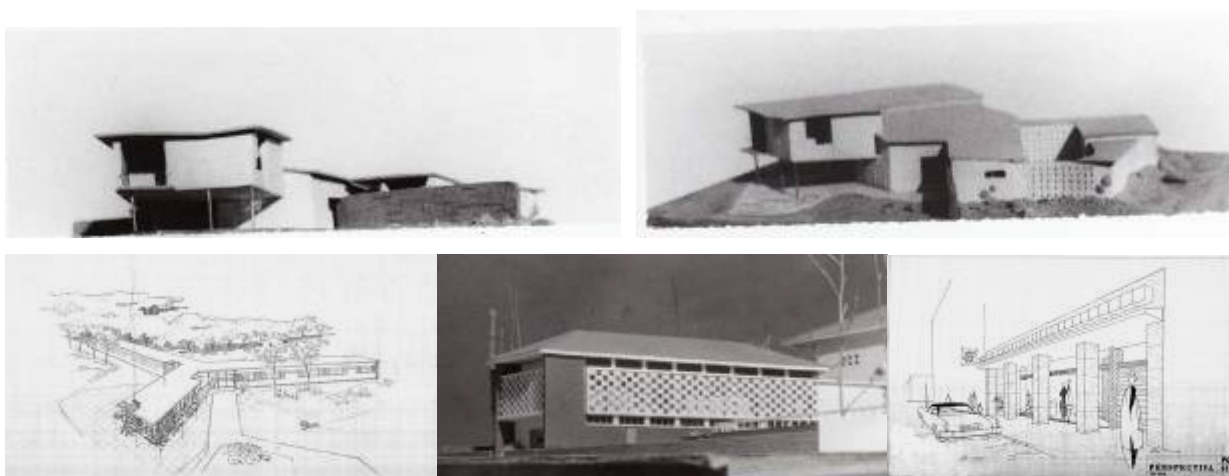


Fig. 45 Projectos de JFC, dos anos 50: A) e B) Moradia Eduardo Costa Dias, em Almoçageme. C) Casa de Repouso dos Alfaiates, em Albarraque. D) Câmara de Comércio de Bissau. E) Loja Palissy Galvani, no Chiado, em Lisboa. Arquivo JFC.

Terá sido, porém, na década de 50 que esse traço específico se foi potenciando. Detectam-se já nos projectos dessa década, especialmente na Câmara de Comércio de Bissau, nas duas moradias em Almoçageme, na loja Palissy Galvani, na agência da CGD de Serpa ou na Casa de Repouso dos Alfaiates, indícios de estar a trabalhar em consonância com a “discussão”

⁴⁶³ Edifícios das ruas da Penha de França e da Ilha do Príncipe.

então em curso na arquitectura portuguesa (e internacional), do que alguns autores designam por *revisão crítica do Movimento Moderno*.

Sobre o léxico formal patente no trabalho de JFC, citamos ainda o mesmo autor que refere, nesse sentido, elementos que se encontram nos projectos,

(...) o gosto por formas, ritmos e geometrias que, seguindo as bases lançadas pelo Movimento Moderno, as vão matizando com variações críticas ou simplesmente enriquecedoras do léxico moderno: por exemplo, a utilização de malhas não ortogonais e ângulos não rectos, presente tanto em planta como em corte e alçado, desde o perímetro de um vestíbulo até ao perfil de uma viga (...).⁴⁶⁵



Fig. 46 Pastelaria Mexicana. Foto António Santos Almeida (anos 60).

Nos excertos seguintes encontram-se duas sínteses, não totalmente convergentes mas complementares, elucidativas dessas tendências e influências na produção da arquitectura portuguesa nos anos 50 e 60 do século XX, que importará ter em conta para a contextualização do trabalho de JFC, não só quanto ao léxico formal utilizado, mas numa leitura abrangente de outras dimensões do acto de projectar.

⁴⁶⁴ AGAREZ, 2010, pp. 87, 88. Este autor destaca ainda, entre muitos projectos e obras de JFC, a Agência da CGD de S. Pedro do Sul e os edifícios de Olivais Sul.

⁴⁶⁵ AGAREZ, 2010, p. 87.

A primeira, de carácter geral, do artigo “Modernização e regionalismo” de Ana Tostões:

(...) o congelamento que caracteriza o desenvolvimento salazarista deu lugar a uma série de perversas compensações, já que teve o efeito de atrasar a aparição do consumismo em Portugal, distinguindo-o à partida dos outros países da Europa Ocidental e obrigando os arquitectos portugueses a uma efectiva adaptação e mesmo invenção no domínio das tecnologias. Daí a naturalidade com que foi possível passar ao equacionamento das premissas modernas, valorizando as questões do contexto, o significado do sítio, a importância dos materiais naturais e dos métodos artesanais.

(...) [os autores] demarcando-se em territórios aparentemente antagónicos, os modernos e os revisionistas, os racionalistas e os organicistas, os internacionalistas e os regionalistas, desta vez «críticos», definindo-se em consciência aquilo a que podemos chamar uma arquitectura de autor (...) ⁴⁶⁶

A segunda, sobre o mesmo assunto, no artigo “A Mexicana e o lado expressionista da Arquitectura moderna” de Michel Toussaint, para quem esta obra de JFC “coloca alguns problemas na apreciação crítica desse momento em Portugal”. ⁴⁶⁷

(...) O habitual é situar esses anos dentro de um certo debate entre as posturas de influência corbusiana / brasileira e as de influência italiana / nórdica, ou seja, entre uma ideia de continuidade do Movimento Moderno tal como tinha sido definido nos anos 20 pelas vanguardas reunidas em torno da Bauhaus, Le Corbusier, URSS e os CIAM com as suas tentativas normalizadoras, e uma necessidade de revisão crítica do percurso da Arquitectura Moderna no sentido de encontrar caminhos mais adequados aos vários contextos culturais e técnicos. Mas esta visão dicotómica tem muito de esquemático e acaba por não ser um bom instrumento de análise das complexidades quer portuguesas em si, quer dos contextos europeus / americanos (Norte / Sul) e das ligações que os arquitectos iam fazendo ao projectar e construir por cá.

(...) Depois da guerra, a universalidade do Movimento Moderno, a entrada de novas gerações e consequente alargamento do grupo de arquitectos que nele se reviam, em paralelo com o surgimento de atitudes críticas, trouxe um panorama muito mais diversificado. As escolas regionais, as diferenças de contexto e personalidades, até uma nova concepção de liberdade criativa, trouxe outras possibilidades expressivas.

Outra vez se coloca, pelo menos na prática, a problemática expressionista. ⁴⁶⁸

No mesmo artigo define aquela obra como um “notabilíssimo exemplo que levou aos limites, para a época e em Portugal, as tendências expressionistas criadas no interior do Movimento Moderno desde o princípio do século XX (...)” ⁴⁶⁹ e ainda realça:

(...) a grande aposta do arquitecto, num apagamento de barreiras que mostra, a quem entra, uma concepção espacial moderna, tal como Giedion a teorizou, que se prolonga por toda a MEXICANA acessível ao público.(...) É assim uma «promenade architecturale» no sentido corbusiano mas sem a estrutura regrada ortogonal do Le Corbusier dos anos 20. A MEXICANA desenvolve um sentido fenomenológico do conceber a arquitectura que atinge um ponto alto, até excepcional, na História da Arquitectura em Portugal. ⁴⁷⁰

⁴⁶⁶ TOSTÕES, 1998, p. 41.

⁴⁶⁷ TOUSSAINT, 1994, p. 21.

⁴⁶⁸ Idem, ibidem, p. 21.

⁴⁶⁹ Idem, ibidem, p. 24.

⁴⁷⁰ Idem, ibidem, p. 23.

Expressionismo, organicismo e regionalismo crítico são expressões ou conceitos que se podem encontrar em textos de crítica sobre o trabalho de Jorge Ferreira Chaves.

Também nas memórias descritivas de alguns dos seus projectos, estão patentes reflexões em que se apresentam ou de modo subliminar, ou mais explícito, aspectos associados àqueles conceitos.

Vamos mostrar como exemplo do que referimos, excertos de textos de autoria deste arquitecto produzidos no âmbito de dois projectos do fim da década de 50 e início da década seguinte - o Hotel Garbe em Armação de Pera e a agência da CGD de S. Pedro do Sul - enquadrados por textos de crítica sobre os mesmos.

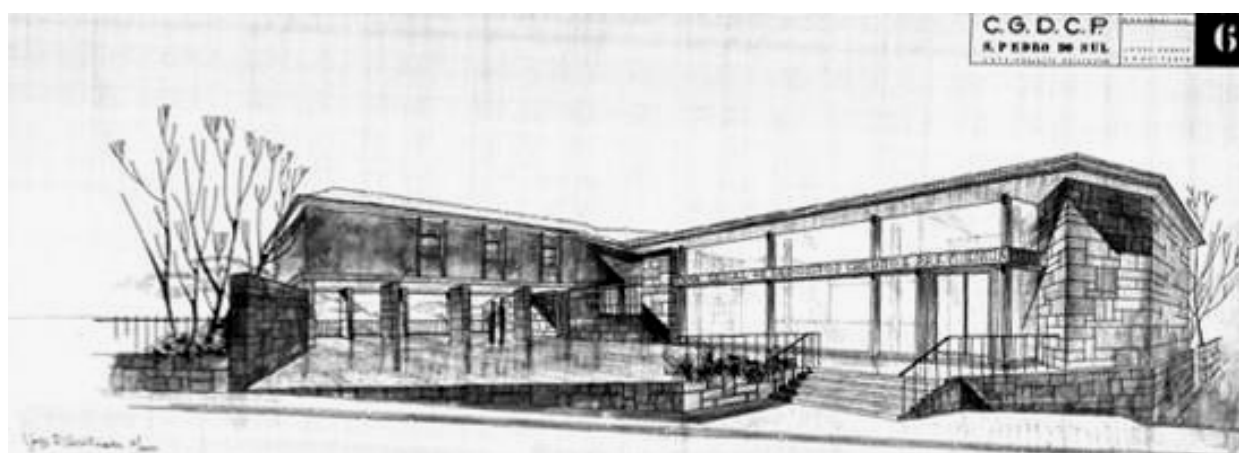


Fig. 47 Perspectiva da agência da CGD de S. Pedro do Sul. Desenho de JFC. Arquivo JFC.

José Manuel Fernandes, no artigo “Adeus Mexicana”,⁴⁷¹ ao referir como notável e “influenciada claramente pelo «Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal»” - a obra da Caixa Geral de Depósitos, em São Pedro do Sul, “com os panos de granito, as reixas de madeira nos vãos, os pilares suportando o volume do edifício e abrindo o espaço térreo à rua” - está a introduzir um outro aspecto que também importa ter em conta: a influência que teve o Inquérito na produção arquitectónica de grande parte dos arquitectos portugueses activos nesse tempo. A preocupação com o contexto em que as obras se inserem é então uma tendência crescente nas obras da época, importando realçar o facto de que JFC, por ter acompanhado de perto todo esse processo - tanto por causa da sua assiduidade nas actividades do SNA, onde certamente se discutia o *Inquérito*, como por dividir atelier com um dos colegas⁴⁷² que integrou uma das equipas que o realizou - se encontra na primeira linha da produção arquitectónica que ocorreu sob essa influência, sendo estas obras projectadas bastante tempo antes da publicação do *Inquérito*, em livro.

⁴⁷¹ FERNANDES, 1994, p. 79.

⁴⁷² Artur Pires Martins.

Vejamos então a reflexão sobre o *lugar*, patente na memória descritiva do projecto para a agência da Caixa Geral de Depósitos de São Pedro do Sul [Doc. A 57]:

A sabedoria patente nas soluções encontradas nos aglomerados urbanos que se expandiram livremente, alheios a formalismos académicos e a regulamentos disciplinadores, é sem dúvida merecedora de cuidadoso estudo e digna de respeito daqueles que de uma forma ou de outra irão contribuir para o seu desenvolvimento.

Pode observar-se no crescimento dos aglomerados provinciais que se operou através de maior ou menor número de séculos um fenómeno harmónico, sem soluções de continuidade, como se o arquitecto fosse o mesmo, como se o construtor fosse o mesmo, como se os materiais fossem os mesmos.

Na verdade o homem é e foi sempre o mesmo. O clima não se alterou, nem uma civilização descaracterizada aí penetrou.

Não será sem sérias apreensões que o homem de hoje profissionalmente como arquitecto, ou pela sua função pública, é chamado a acrescentar a esse aglomerado harmónico uma nova edificação.

Nesses aglomerados tudo parece estar certo e nos seus lugares; a escala humana foi sábiamente encontrada. Os arruamentos, as casas, os muros, os penedos, as árvores, o rio, a montanha, o céu, agarram-se, abraçam-se, confundem-se numa maravilhosa construção poética.

(...)

A natureza impõem-se à nossa solução volumétrica e espacial.

A dignidade do homem que fez S. Pedro do Sul impõe-se à nossa solução construtiva e arquitectónica. Ele exige pela obra que realizou, que a sua escala humana seja compreendida e respeitada.

Nós, homens da cidade, não podemos nem devemos ofendê-lo ou amesquinhá-lo com soluções formais, académicas ou pseudomonumentais, como fizemos já com aquelas formas abortivas e sem escala do novo edifício dos C.T.T. ou mesmo com o edifício existente da Caixa Geral de Depósitos.

Toda a dignidade da sua arquitectura espontânea vem da verdade com que os materiais são utilizados ou da sabedoria com que as construções se agarram à topografia ou às construções vizinhas. Principalmente, muito principalmente à “medida” do homem, tão sábiamente encontrada.

O edifício cujo esboceto agora se submete à apreciação da Comissão Administrativa das Obras da C.G.D.C.P. e mais tarde ao Digníssimo Ministério das Obras Públicas, procurará respeitar aquilo que verdadeiramente digno se encontra em S. Pedro do Sul: a natureza e o homem. A natureza não lhe voltando as costas, ou afastando-a do sítio onde ela já está; o homem, respeitando aquilo que já é dele; esta mesma natureza e o valor da sua arquitectura, que longe de necessitar da nossa sabedoria de técnicos, lá está com a sua lição de honestidade, carácter e bom senso.

Tais são os elementos que condicionaram e pretendemos que condicionem até final, o estudo que agora iniciamos.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1959

O ARQUITECTO



Fig. 48 Agência da CGD de S. Pedro do Sul, nos anos 60. Arquivo JFC.

Importa realçar que a argumentação encontrada nos textos de JFC se contextualiza também, de certa forma, num combate pela liberdade de expressão e autoridade dos arquitectos quanto ao partido estético a adoptar nas suas intervenções. Embora muito haja a dizer acerca desse tema, não restam dúvidas, até se nos recordarmos do que sucedeu aos projectos de JFC para Serpa e para a R. Braancamp de Lisboa [vol. I, cap. 4.6.1.], de que essa autoridade não era, de todo, um dado adquirido. Madalena Cunha Matos⁴⁷³, citando Nuno Portas⁴⁷⁴, contextualizou o período principal de exercício da profissão de JFC como inscrevendo-se “na abertura relativa do regime à arquitectura moderna que se seguiu à fase da resistência.”

De facto, se alguma da sua produção decorre em condições em que, aparentemente, aquela autoridade tinha sido conquistada, importa frisar que tanto o Hotel Garbe como a Agência da CGD de S. Pedro do Sul, cujas memórias descritivas aqui apresentamos, ainda estão a ser produzidos na vanguarda do difícil momento da transição para aquele período de relativa abertura do regime, e que terão estado entre os precedentes que o poder foi obrigado a abrir.

A aprovação do Hotel Garbe foi um processo muitíssimo problemático que se arrastou por algum tempo. Surge ainda durante o processo de acabamento do Hotel Ritz, o qual só conseguiu realizar-se, tal como foi concebido, por ter por detrás a figura de Porfírio Pardal Monteiro e como é sabido, acabou por constituir um engulho para algumas figuras do Estado Novo. A título de exemplo do que estamos a expôr, transcreve-se, da dissertação de Ana Assis Pacheco, uma citação de uma declaração do Ministro da Presidência:

O Dr. Pedro Teotónio Pereira, referiu que: o Ritz podia ter «linhas modernas» porque fora edificado numa parte nova da cidade, solução que não deveria ser escolhida para novos hotéis situados nos bairros velhos da cidade, assim como «em velhas povoações do interior ou litoral, na Beira como no Algarve» onde houvesse «carácter e beleza local, o papel dos artistas» era «interpretar as sugestões do ambiente, sentir e

⁴⁷³ MATOS, 2007, p. 4.

⁴⁷⁴ PORTAS, 1973, pp. 729-744.

amar esse espírito e dar-lhe maior expressão e continuidade através das sua próprias concepções», não devendo «reproduzir indiscriminadamente pequenos Ritzes».⁴⁷⁵

Embora seja evidente, nos seus textos, que JFC estava empenhado em respeitar o “carácter e beleza local”, e em “interpretar as sugestões do ambiente, sentir e amar esse espírito e dar-lhe maior expressão e continuidade através das sua próprias concepções” - é óbvio que, para ele, estas palavras têm uma interpretação muito diversa da do Ministro da Presidência.

Jorge de Herédia recorda-se do complicado processo em que, devido a um impasse nos serviços técnicos do SNI, o processo de aprovação do Hotel Garbe foi resolvido pelo próprio Presidente do Conselho. António Oliveira Salazar, declarando que achava o hotel “muito feio”, acabou por aprovar o projecto por reconhecer que era útil ao país a sua construção.⁴⁷⁶

Foi, de facto, um importante precedente cujos contornos exactos importará aprofundar (conhecendo o processo que está no Arquivo Histórico do SNI), pois o projecto do Hotel da Baleeira em Sagres, “irmão” do projecto do Garbe, que dá entrada no SNI logo após a aprovação deste, já não teve os mesmos problemas. Enquanto que o Garbe ainda ostentava na versão construída uma chaminé, formalmente estranha ao carácter do edifício que, ainda segundo Jorge de Herédia, é um vestígio de um conjunto de chaminés cenografadas, à pressa e um pouco em desespero de causa, acrescentadas na maquete que ia ser apreciada por Salazar;⁴⁷⁷ o hotel de Sagres já não passou por semelhante peripécia e apresentava, na versão construída, coerência em todo o edifício.⁴⁷⁸



475 PACHECO, 1998, Vol. 1, pp. 182,183: Citação de Pedro Teotónio Pereira - “O futuro demonstrará, firmemente o creio, que foi avisado dotar Lisboa com um hotel desta classe e dar tão bela realização a esta necessidade de uma grande capital”. In *Jornal O Século*, 25 November 1959, p. 7.

476 Depoimento de Jorge de Herédia em 2011.

477 Ibidem.

478 Curiosamente, na intervenção de que o hotel foi vítima, durante os anos 80, que apagou grande parte das subtilezas que o caracterizavam, foram implantadas indiscriminadamente, nas coberturas, um grande número de chaminés típicas algarvias.



Fig. 49 Hotel da Baleeira em Sagres: A) Pormenor da zona de entrada do hotel. B) Ala poente. Durante a obra. C) Maquete. Arquivo JFC.

Estas duas situações parecem inscrever-se nas descrições de Nuno Portas, segundo o qual, “com o rodar dos anos 50, era cada vez mais difícil ao regime reprimir o surto de obras de expressão actual, afirmativas de vários quadrantes culturais mas sempre rompendo com o estilo oficial”,⁴⁷⁹ e de Ana Tostões quando refere que o regime, “no quadro do processo de abertura”, “vai revelar a suficiente sagacidade política para compreender a utilidade da divulgação destes exemplos integrados em operações de propaganda internacional como uma maneira prestigiada de penetrar noutros países da Europa democrática”.⁴⁸⁰

O “regime”, claro, é composto por várias cabeças; nota-se, de facto, tratar-se de um momento charneira, em que um dos pontos de vista acaba por prevalecer⁴⁸¹, como evidencia e clarifica Ricardo Agarez:

(...) The encouragement provided by the highest tourism authority in Portugal [o SNI], occasionally countering the views of other government agencies, suggests that this formula [o Hotel Garbe] coincided with the vision for the Algarve hospitality industry. Or, to be more precise, that the correct balance between the economic potential of the Algarve's tourism industry and it's natural and human features was a concern of the office, and that the blend proposed by the Garbe designers may have been seen as one positive solution for the problem. (...)⁴⁸²

Será agora oportuna a transcrição de um texto de Inês Leite sobre o Hotel do Mar, em Sesimbra, obra de Francisco da Conceição Silva (1922-1982) que é sistematicamente,⁴⁸³ na historiografia e crítica da arquitectura ligada ao turismo, mencionada em paralelo com o Hotel Garbe.

(...) No rescaldo do Inquérito à Arquitectura Popular (1955 - 1961), o pequeno hotel [Hotel do Mar] (projecto 1960/1961 - construção 1962/1963) organicamente encaixado na encosta sobranceira ao mar constitui-se

⁴⁷⁹ PORTAS, 1973, p. 738.

⁴⁸⁰ TOSTÕES, 1998, p. 42.

⁴⁸¹ Terão desempenhado um papel decisivo na aceitação das propostas de JFC, os arquitectos do SNI, entre os quais Carlos Lameiro, que com ele tinha privado nos trabalhos do Hotel Ritz.

⁴⁸² AGAREZ, 2012, pp. 189, 190.

⁴⁸³ Com algumas excepções, como notámos no capítulo dedicado ao Estado da Arte.

como uma das mais qualificadas obras de revisão do movimento moderno em Portugal, conciliando princípios racionalistas com referências da arquitectura vernacular, nomeadamente mediterrânica. É aliás o primeiro hotel verdadeiramente organicista, testemunhando inclusivamente uma nova metodologia de aproximação ao projecto baseada nas pesquisas ao contexto e já não em opções formais. (...) Este corpo é rematado a poente pelo torreão de inspiração da arquitectura nórdica - referências que o arquitecto terá observado de perto na mostra de arquitectura finlandesa que se realiza na SNBA em 1960 - estrutura de madeira equilibrada sobre alvenaria de pedra. A influência da arquitectura escandinava é ainda evidente na escala humana que imprime ao espaço, na sensibilidade à paisagem e no delicado desenho de mobiliário que valoriza as qualidades da madeira.⁴⁸⁴

Neste texto a autora já não refere o Hotel Garbe e avança com a ideia de que o Hotel do Mar teve um papel pioneiro, nos termos em que é referido. É de notar que, salvo aquela passagem sobre o “torreão de inspiração da arquitectura nórdica”, e tendo em conta o que já foi escrito sobre o Hotel Garbe, esta caracterização que trancrevemos bem poderia corresponder-lhe.

Ficamos, no entanto, informados que o projecto tem início em 1960, quando o do Garbe teve início em 1959. Isso torna provável que o precedente aberto pela aprovação do Hotel Garbe e os sobressaltos por que passou o seu projecto, tenha facilitado, no SNI, a aprovação daquele hotel de Sesimbra.



Fig. 50 Hotel Garbe: A) Zona da entrada principal. B) Um dos alçados sobre a rua. Arquivo JFC.

Sobre o Hotel Garbe, trancrevem-se agora partes de textos de Madalena Cunha Matos, Ricardo Agarez, David Wainwright⁴⁸⁵ (um jornalista que, tendo estado alojado no hotel, dirige a JFC uma carta pedindo esclarecimentos sobre o seu projecto), a resposta de JFC às questões colocadas pelo jornalista, e um excerto da memória descritiva de JFC para o projecto do hotel.

“(...) A invenção de uma linguagem contemporânea em sintonia com a arquitectura algarvia preexistente foi um repto que os primeiros arquitectos a actuar nessa província encontraram intacto e desafiador. No Hotel

⁴⁸⁴ LEITE, 2007, pp. 26,27.

⁴⁸⁵ Jornalista britânico da área da arquitectura ligado ao *The Guardian*, encarregado dos serviços de imprensa e divulgação do British Council of Industrial Design.

Garbe, Jorge Chaves produziu uns volumes simples quebrados, uma leitura de alçado modularizado, com fortes contrastes luz-sombra, uma composição de alçado sobre a rua de grande liberdade e fantasia na distribuição e definição dos vãos, uma reinvenção dos “muxarabis” acolhendo uns diminutos jardins de inverno, uma construção desenvolva e de sentido moderno de vigota e abobadilha; mas foi sobretudo por meio de uma admirável textura de reboco que ele criou um objecto memorável na redescoberta província.”⁴⁸⁶

(...) By 1959, Chaves was increasingly integrating the lexicon of post-war international modernism with Portuguese regional materials, techniques and formal solutions, and developing a strong personal vocabulary. This was Chaves’s first large-scale commission in the Algarve, and a good opportunity to realise his version of the region’s ‘true’ traditional features. (...) ⁴⁸⁷

I should perhaps explain that I write free-lance journalism in England, mainly for the “Guardian”, but occasionally also for the architecture press. I am also in charge of the press and the promotion services of the British Council of Industrial Design (...). So naturally I was delighted to find myself staying in a building which so brilliantly combines the indigenous materials of your country with an uncompromising modernity.

I assume from the fact that there are few retaining walls on the seaward side of the hotel that it was not necessary to excavate deep foundations. Am I correct in supposing that the lines of the building were dictated primarily by the contour of the site? ⁴⁸⁸

Quanto às perguntas que me dirige, sobre o Hotel Garbe, devo-lhe as seguintes explicações:

As formas e volumes do edifício foram, não só ditadas pela topografia do terreno, como também resultantes do objectivo de obter uma riqueza plástica convergente com a necessidade de resolução de alguns problemas de exposição e defesa contra a excessiva incidência solar, que como sabe, no Algarve é muito importante. Julgo que a leitura de alguns trechos da Memória Descritiva do projecto, que junto, o poderá elucidar melhor a este respeito. ⁴⁸⁹

(...) Na distribuição das massa construtivas do edifício, tivemos a preocupação de que estas não dominassem sobre o elemento natural recortado e sinuoso desta falésia rochosa ao ser esta observada da praia que lhes fica aos pés, antes pelo contrário, procurámos valorizar o seu recorte sobre o céu azul, criando-lhe um novo perfil mais puro e nítido, resultante das massas de construção chapadas de cal, aquela mesma cal que desde há séculos vem cobrindo os telhados, os terraços, as paredes, os pavimentos e os degraus, esborratando-se mesmo sobre o solo.

Todo o nosso estudo foi orientado por um conceito espacial-dinâmico que oferece a cada posição do espectador novos aspectos ricos e diversificados, dada a riqueza volumétrica das massas de construção resultantes do seu próprio movimento interior, proporcionando um «claro-escuro» num movimentar de sombras projectadas que se formam sobre as várias partes do edifício, crescem e morrem, resultantes do movimento diurno do Sol.

486 MATOS, 2003, p. 179.

487 AGAREZ, 2012, p. 188.

488 Carta de David Wainwright, de 1 de Outubro de 1963, endereçada a JFC. [Doc. A 58].

489 Carta de Jorge Ferreira Chaves, de 2 de Novembro de 1963, endereçada a David Wainwright, em resposta à anterior carta de 1 de Outubro de 1963. [Doc. A 59].

Foi nossa principal preocupação projectar um edifício que, como já se disse constituísse um elemento de enriquecimento do local, integrado no ambiente geográfico e humano do Algarve, um edifício que não constituísse uma surpresa para quem chega a Armação de Pera, ferindo a sensibilidade por ser grande, magestoso ou exótico: antes pelo contrário um edifício que antes de ser visto, já tenha sido pressentido, por ser igual em espírito a outras massas construtivas encontradas aqui e ali, um pouco por todo o Algarve, onde espontaneamente o homem fez surgir uma arquitectura que é orgânica, que é viva, porque brotou do solo e do espírito humano, agarrado ao terreno, perfeitamente «aclimatado» e de tal maneira que daqui a 100 anos o edifício continue vivo e mereça aquele interesse e respeito que hoje nos impõem algumas daquelas edificações que já fizeram 100 anos.

Para isso nada mais é preciso do que saber compreender e sentir aquilo que há de verdadeiro nas construções do homem do Algarve, isto é, compreender e respeitar a sabedoria que o «arquitecto» do Algarve patenteia ao estabelecer uma escala humana para dimensionar, um carácter para modelar os seus edifícios, que vem da lógica da aplicação dos seus materiais e principalmente do seu próprio conceito de habitar, que ele sente na massa do seu sangue. (...) ⁴⁹⁰

No diálogo entre o jornalista e o arquitecto, são usadas expressões que aproximam esta obra do conceito de “organicismo”, quando se fala da adaptação das “linhas do edifício” ou das suas “formas e volumes” à topografia do local e é posto em evidência que praticamente não foram efectuadas escavações.

O texto de Madalena Cunha Matos é uma síntese de elementos de análise do objecto em que perpassam subliminarmente conceitos associados ao de “revisão crítica do movimento moderno”, em várias das suas vertentes: a abordagem “regionalista crítica” quando refere “a invenção de uma linguagem contemporânea em sintonia com a arquitectura algarvia preexistente”; e a abordagem “expressionista” quando refere como aspectos relevantes daquele objecto, os “fortes contrastes luz-sombra”, e a “composição de alçado sobre a rua de grande liberdade e fantasia”. Esta análise é concomitante com aspectos encontrados nos textos de JFC apresentados, em passagens como aquela em que explica que, todo o estudo “foi orientado por um conceito espacial-dinâmico”. ⁴⁹¹

“Um objecto memorável” é a expressão aplicada por Madalena Cunha Matos para definir o Hotel Garbe e que, de certa forma, condensa as qualidades que vários autores já atribuíram ao objecto. Aparentemente passível de causar alguma perplexidade, será a leitura do último trecho da carta de JFC em que este demonstra um grau de exigência extremamente alto, se comparado com a opinião consensual que existe acerca daquela sua obra:

“Mais uma vez muito obrigado pelas suas amáveis palavras, das quais eu posso aceitar como sincera a sua «real admiração», mas não aceito - com desgosto - o poder chamar-se àquilo, um «excepcional edifício» ⁴⁹²”.

490 Jorge Ferreira Chaves - Excerto da Memória Descritiva do Esboceto do Hotel Garbe, 1959.

491 Idem, Ibidem

492 Carta de Jorge Ferreira Chaves, de 2 de Novembro de 1963, endereçada a David Wainwright, em resposta à anterior carta de 1 de Outubro de 1963. [Doc. A 59]. «most successful building» foi a expressão original utilizada por David Wainwright.



Fig. 51 Hotel Garbe: A) Vista de Nascente. B) Entrada do hotel. Tratamento digital MPFC. C) Salão. Arquivo JFC.

Pensamos que esta observação poderá estar ligada aos factos que já referimos, relativos ao constrangimento em que terá decorrido a projectação do hotel, causado pela relação com as entidades que condicionaram a aprovação do projecto.

Michel Toussaint, no ensaio de detecção de “linhas de força para a compreensão da Mexicana e a sua importância na história recente da Arquitectura em Portugal” escreveu:

Como é evidente há que esclarecer à partida que um projecto de interiores, como é habitual classificar este tipo de arquitectura, desenvolve-se seguindo certas premissas algo diferentes, relativamente ao projecto de um edifício ou de um plano de urbanização.

Aqui admitia-se e admite-se mais uma vontade exploratória e experimental, uma marca mais personalizada e diferenciada, onde os vectores de escala são outros, na íntima relação entre o ser humano e o espaço/forma numa materialização próxima dos sentidos, em que texturas, cores e inter-relações são apreendidos mais finamente.

De facto, aparentemente na Mexicana a arquitecto terá gozado de uma “liberdade criativa” de que não gozou em pleno ao realizar o projecto do hotel e aqui fazem todo o sentido as afirmações que acabámos de citar.

Mas é então possível acreditar que JFC se julgasse capaz de ir mais longe, se atendermos ao resultado que atingiu, por exemplo, na obra da Mexicana e que poderia ter atingido, como deixava prever, no projecto, de 1962, para o Casino de Sagres, que acabou por não ser construído por falta de financiamento. Este projecto sucedeu aos dos hotéis Garbe e Baleeira e da referida pastelaria denotando uma vontade exploratória e experimental à escala do edifício, livre de constrangimentos.

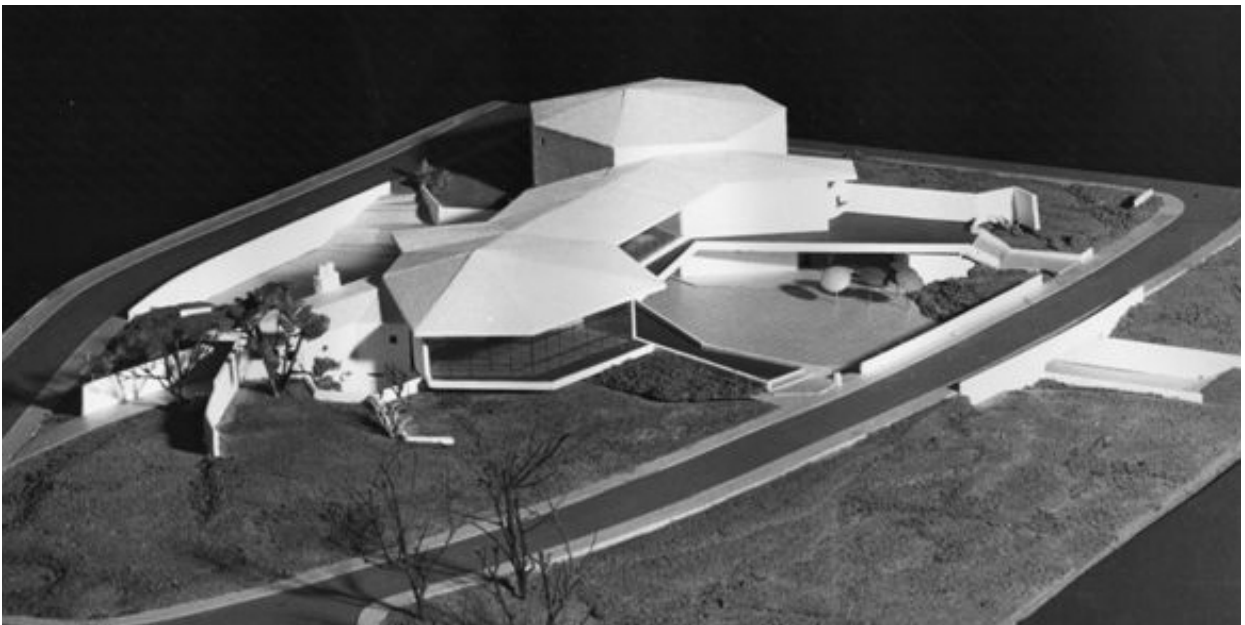
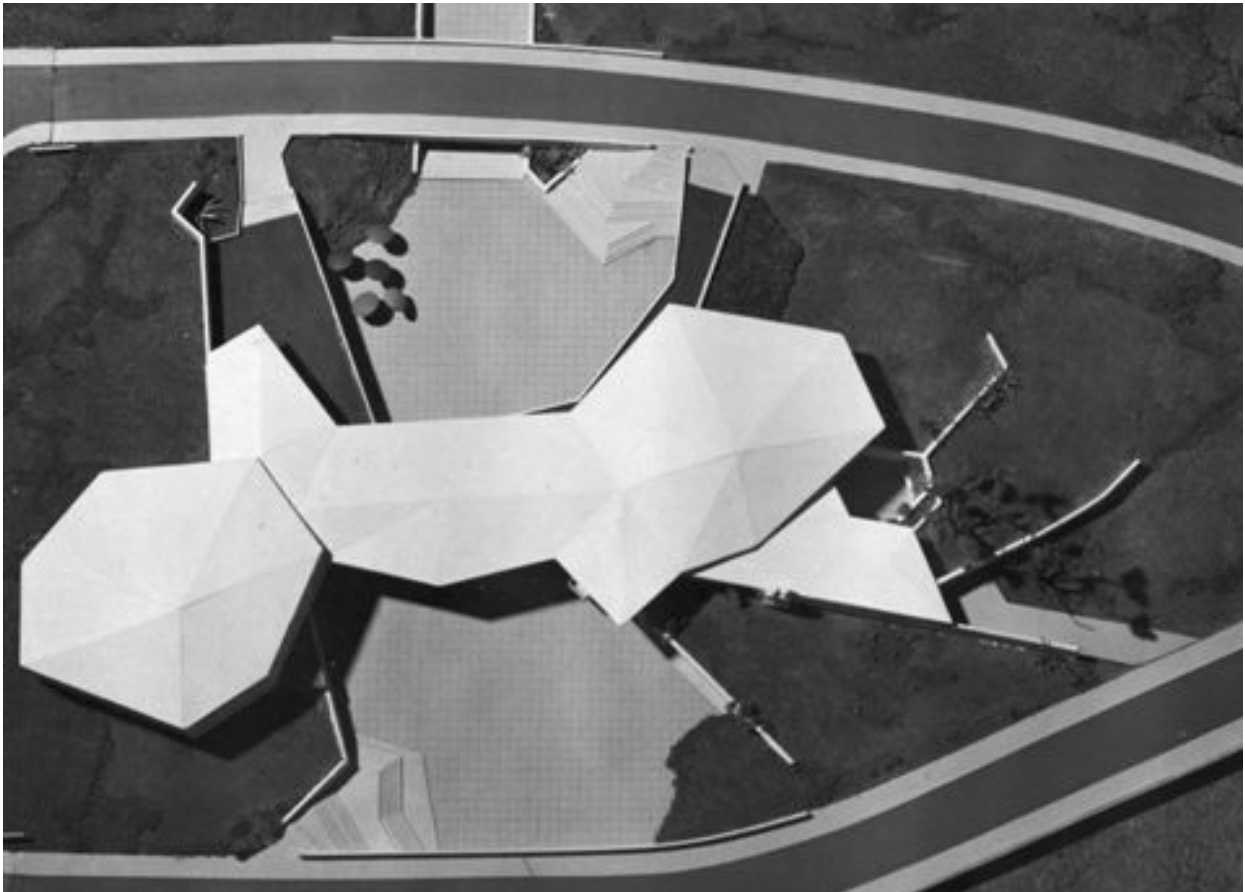


Fig. 52 Casino de Sagres. Maquete. Arquivo JFC.

6. CONCLUSÃO

Sendo um dado adquirido que Jorge Ferreira Chaves é um dos “arquitectos surgidos na segunda metade dos anos 40, responsáveis pela fixação do Movimento Moderno em Portugal”⁴⁹³, verifica-se na presente monografia que, tendo a cronologia do seu percurso académico/profissional início num período anterior a esse fenómeno, se torna pertinente o estudo de acontecimentos a montante.

Efectivamente demonstrou-se relevante o estudo, tanto do seu percurso escolar e académico e até, do seu contexto familiar, como das actividades de âmbito associativo e cívico a que esteve ligado, por o que esse estudo pôde contribuir para um melhor entendimento dos resultados apresentados no aspecto mais estritamente profissional.

Para além do seu contributo a montante, nos acontecimentos que, de algum modo criaram condições para a “fixação do Movimento Moderno”, protagonizou o acontecimento de grande relevância para o momento de transição que foi a concretização do projecto do Hotel Ritz.

Constata-se, porém, que a contribuição a jusante, na vanguarda do fenómeno identificado como revisão crítica do Movimento Moderno, poderá ser, na realidade, o aspecto de maior relevância. Produziu em nome próprio uma certa quantidade de obras, reconhecidas pelos seus pares e por vários autores de crítica como exemplares, e a que se atribui um “carácter premonitório”⁴⁹⁴ e “surpreendentemente contemporâneo”.⁴⁹⁵

Verifica-se ser possível ler a história dos acontecimentos mais relevantes da Arquitectura Moderna Portuguesa, através da história da vida e da obra de Jorge Ferreira Chaves, que esteve activamente presente em grande parte desses momentos.

Com tudo o que tem de consequências funestas para a cultura e identidade do nosso país, e até mesmo europeia, a Arquitectura Portuguesa bem como a sua História são mais pobres “pelo descaso de um dos maiores projectistas dos anos 40, 50 e 60”⁴⁹⁶, que tem levado à adulteração e demolição de grande parte da sua obra construída.

⁴⁹³ TOUSSAINT, 1994, (p. 20)

⁴⁹⁴ MATOS, 2007, (p. 3).

⁴⁹⁵ Idem, Ibidem, (p. 4).

⁴⁹⁶ Idem, ibidem, (p. 4).

Importaria, por conseguinte, a realização de estudos que pudessem investigar e aprofundar o conhecimento tanto dos seus projectos e obras já publicados como dos que ainda o não foram, dando-lhes divulgação. Ganharia com isso, também, o ensino da arquitectura.

Uma vez que o seu arquivo não manteve a integridade, seria importante proceder à recolha sistemática de elementos sobre os projectos, em outros arquivos, a fim de, na medida do possível, colmatar algumas lacunas existentes.

7. BIBLIOGRAFIA

7.1. Documentos impressos

AA.VV. - *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Editorial Enciclopédia, limitada.

AA.VV. - *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses; **1987**.

AA.VV. - *IAP XX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Ordem dos arquitectos; **2006**.

AA.VV. - *Um Tempo e Um Lugar, dos Anos Quarenta aos Anos Sessenta, Dez Exposições Gerais de Artes Plásticas*. Edição do Museu do Neo-Realismo; Setembro de **2005**.

AA.VV. – “Um caso digno de menção” [carta a Artur Andrade]. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*; 2.^a série, ano XX, n.º 17/18, Jul./Ago. **1947**.

AGAREZ, Ricardo - *O Moderno revisitado: Habitação multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. CML; Lisboa: arquitectura e urbanismo; **2009**.

----- - “De regra, renda e desenho: arquitectura para a Misericórdia de Lisboa c. 1960”. In AA.VV. - *Património Arquitectónico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Vol. 2. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia; Tomo I; **2010**.

----- - “Local Inspiration for the Leisure of Travellers: Early Tourism Infrastructure in the Algarve (South Portugal), c. 1940-1965”. Paper apresentado no Architecture for Leisure in Post-war Europe International Seminar. Department of Architecture, Urbanism and Planning (ASRO), K.U. Leuven, Belgium. In GOSSEYE, Janina (ed.); HEYNEN, Hilde (ed.) -

Architecture for leisure in post-war Europe, 1945-1989. Leuven: Katholieke

Universiteit; **2012**.

AGUIAR, Armando de - *Guiné Minha Terra*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar; **1964**.

ALMEIDA, Pedro Vieira de - “Carlos Ramos - Uma estratégia de intervenção”. In AA.VV. - *Carlos Ramos: exposição retrospectiva da sua obra*. Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa: **1986**.

ANDRADE, Artur - “Uma carta”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, 2.^a série, ano XX, n.º 21, Mar. **1948**.

BECKER, Annette; **TOSTÕES**, Ana; **WANG**, Wilfried (org.) – “Hotel Ritz”. In *Arquitectura do século XX: Portugal*. Frankfurt: Prestel, Deutsches Architektur-Museum, 1997-1998. Lisboa: Centro Cultural de Belém, **1998**.

CALDAS, João Vieira - *Porfírio Pardal Monteiro: Arquitecto*. Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses; **1997**.

CARITA, Hélder; **ALMEIDA**, Lourenço de (col.) - *Ritz, quatro décadas de Lisboa*. Lisboa: edição Hotel Ritz, SA; **2000**.

CATROGA, Fernando - "Teoria da história dos historiadores". In *Trajeto. Revista de história*, Vol. 3, n.º 6, **2005**, pp. 11-42.

----- - *Os passos do homem como restolho do tempo. Memória e fim do fim da história*. Coimbra: Edições Almedina; **2009**.

CHAVES, Agostinho Ferreira - *A Rir: Album de Anecdotas e Bons Ditos coleccionados por Agostinho Ferreira Chaves*, almanaque distribuido no Algarve entre 15 de Janeiro de **1891** e 30 de Maio de **1893**.

CHAVES, João Ferreira - *Processo da viagem de curso do Estado Maior na região do Algarve / Coronel Ferreira Chaves*. Lisboa: Escola Central de Oficiais. **1936**.

CHAVES, Manuel Pedro Ferreira; **SILVA**, Nuno da - "Projectos de autoria e colaboração de Jorge Ferreira Chaves". In *J-A Jornal Arquitectos* nº 132; Fevereiro **1993**.

CHAVES, Olímpio Ferreira - *Noções elementares de Aviação*. Lisboa: Papelaria, Livraria e Tipografia Fernandes; **1918**.

COHEN, Adrienne Keith - "Turn left at Sagres". In *The Guardian*, 28 December **1968**. (p. 5)

DIAS, Augusto da Costa - *Literatura e Luta de Classes: Soeiro Pereira Gomes*. Editorial Estampa, Lda; **1975**.

DIAS, Francisco Silva - "Celestino de Castro (1920-2007). Memória". In *Arquitectos* (Boletim da Ordem dos Arquitectos), ano XV nº 176; Set. **2007**.

DIAS, Pedro Silva; **BARBAS**, Patrícia; **COLAÇO**, Margarida - *Anos 60, anos de Ruptura: arquitectura portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94 e Livros Horizonte; **1994**.

DUARTE, Carlos - "A Arquitectura Portuguesa - Dos Anos 30 à Actualidade". In *Tendências da Arquitectura Portuguesa* (catálogo de exposição). S. MNE - SEC de Portugal; **1988**.

FERNANDES, Inácio Peres (IPF) - "Porto: Intercâmbio profissional". In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*. nº 19, Jan. **1948**.

FERNANDES, José Manuel - "Adeus Mexicana". In *Expresso Revista*; 5 Fev. **1994**.

----- - "Que viva a Mexicana! (ou A batalha da Mexicana)". In **FERNANDES**, José Manuel - *Lisboa em obra(s)*. Livros horizonte; **1997a**.

----- - "A Pastelaria Mexicana". In *Arquitectura do Movimento Moderno: inventário Docomomo ibérico: 1925/1965*. Associação dos Arquitectos Portugueses; Fundação Mies van der Rohe; Docomomo Ibérico; Setembro **1997b**.

- (coord.) - *Luís Cristino da Silva Arquitecto* (catálogo de exposição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; **1998**.
- - *Geração africana: arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925/1975*. Livros horizonte; **2002a**.
- - “A obra de Querubim”. In *Expresso Revista*; nº 1541, 11 Maio **2002b**.
- ; **JANEIRO**, Ana - *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*. Faro: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve; **2005**.
- - *Arquitectos do Século XX: Da tradição à modernidade*. Caleidoscópio; **2006**.
- - “Antiga Associação Comercial, Industrial e Agrícola ou Câmara de Comércio”. In MATTOSO, José; CUNHA, Mafalda Soares da (Dir.); BARATA, Filipe Themudo; FERNANDES, José Manuel (coord. Vol.) - *Património de origem portuguesa no mundo: Arquitectura e Urbanismo*. Volume: *África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico. Parte 2 - África Subsaariana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; **2010**.
- - *A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40. Do 'Modernismo' ao 'Estado Novo': Heranças, Conflitos, Contextos*. Universidade Autónoma de Lisboa.
- FERREIRA**, Fátima Cordeiro (coord.) - *Mestre José Luiz Monteiro na arquitectura da transição do século: Monografia*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses; **1990**.
- FERREIRA**, Cristina - “Ordem para avançar com obras na Mexicana: IPPAR desbloqueia impasse”. In *Jornal Público*, Quarta-feira, 29 de Novembro de **1995**.
- FRANÇA**, José-Augusto - *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*. Venda Nova: Bertrand Editora; [1974] 2ª edição revista; **1984**.
- LEITE**, Inês - “Atelier Conceição Silva. Território e turismo”. In *J-A Jornal Arquitectos* nº 227, Abr/Jun **2007**.
- FREITAS**, Lima de; **PALMA**, Cândido - “V Exposição Geral de Artes Plásticas”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, nº 35; **1950**.
- GALLO**, Fernández - “Sagres, bahia del silencio”. In *Revista España Hostelera*, Madrid: ano XXI, nº 138, Diciembre **1962**.
- GTH** - “Lote 4 e lote 19”. In *Boletim do GTH Lisboa*; nº 30/33, Vol. 5; **1976/1977**.
- - “Olivais Sul: Habitações categoria IV”. In *Boletim do GTH Lisboa*; nº 50/51, Vol. 7; **1986**.
- - *Olivais-Sul*. Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa. **Sem data**
- HENRIQUES**, Paulo (coord.); **BALTÉ**, Teresa - *Hein Semke 1899-1995: escultura*. Ministério da Cultura; Instituto Português de Museus; Museu José Malhoa. Caldas da Rainha; Julho de **1997**.

LAMEIRO, Carlos - *Histórias que tenho para contar: A importância do turismo na minha vida*. Peregrinação Publications USA Inc.; **2000a**.

----- - *Hotel Ritz - Lisboa: Na comemoração do seu Quadragésimo aniversário, 1959 / 1999*. Os meus cadernos 5; Centro editorial da FAUTL; **2000b**.

LEATHERBEE, Mary - "Europe's best travel bargain". In revista *Life*; Vol. 57 Nº 17, October 23, **1964**

LIMA, Fernando Lobo D'Ávila - "Trabalhos Manuais". In *Pel' A Escola, Separata do Boletim do Liceu Normal de Lisboa* (Pedro Nunes) nº4; 1932.

LIMA, Fernando Lobo D'Ávila; **SOUSA**, Clementino Moniz de - *O trabalho manual pedagógico*; **1944**.

LISBOA, Maria Helena - *As Academias e Escolas de Belas Artes e o ensino artístico: 1836-1910*. Lisboa: Edições Colibri; **2007**.

LOBO, José Huertas; **DIAS**, Francisco Silva - "Associações de Arquitectos em Portugal (1602-1988)". In *Revista Arquitectos*; nº 0, Outubro **1988**.

LOUREIRO, João - *Postais antigos da Guiné*. Lisboa: João Loureiro e Associados Lda; **2000**.

LOURENÇO, Dionilde - "Cuidado com ela". In *O Independente*, 22/12/**1995**.

MAGALHÃES, Ana - "Francisco Keil do Amaral (1910-1975)". In *Revista Arquitectos*; nº 2, Maio /Junho **1989**.

MAGALHÃES, Ana - *Intemporalidade, Continuidade e Presença dos Valores do Movimento Moderno: O Caso do Hotel Ritz no Contexto da Arquitectura Portuguesa do Século XX*, tese de mestrado (texto policopiado), Lisboa: Universidade Lusíada; **2000**.

MARTINS, João Paulo; **SPENCER**, Jorge; **NEVES**, José; **RAVARA**, Pedro Belo - "Experiencing the Modern in Lisbon". In HEUVEL, Dirk van den - *The challenge of change: dealing with the legacy of the modern movement*. International Working - Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement. **2008**.

MATOS, Madalena Cunha - "Face ao oceano. Arquitectura portuguesa nos hotéis atlânticos dos anos 50 e 60". In Fundação Docomomo Ibérico (ed.) / *Arquitectura Moderna e Turismo, 1925-1965*; Actas IV. Congresso Docomomo Ibérico; Valencia, Ed. Docomomo Ibérico; **2003**.

----- - *Coluna Polar: projecto de estudo e publicação da obra lisboeta do arquitecto Jorge Ferreira Chaves*. Candidatura nº PP07-279 ao programa de apoio a projectos pontuais para 2007, do Instituto das Artes; **2007**.

----- - "Hotel Architecture in Portugal". In Oom de Seabra Pereira, M. (Ed.) - *A Portrait of State-of-the-Art Research at the Technical University of Lisbon, Part IX - Urbanism, Transports, Architecture and Design*; Dordrecht, Springer; **2007**.

----- et al - "The First Moderns. Hotels overlooking the sea". *Paper* apresentado na ATLAS Annual Conference 2008. In *Selling or Telling? Paradoxes in Tourism, Culture and Heritage*. Association for Tourism and Leisure Education, University of Brighton, United Kingdom; **2008a**.

----- - "Contemporary Portuguese Architecture". In HERRLE, Peter; WEGERHOFF, Erik - *Architecture and identity*. Technische Universität Berlin. Habitat Unit. Lit Verlag; Dr. W. Hopf Berlin; **2008b**.

MATOS, Madalena Cunha; **RAMOS**, Tânia Beisl - "Uma leitura da recepção da Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal". [2005] In *Artitextos* 04. Julho **2007**. pp. 193-212.

MIGUEL, João Dias - "Abaixo assinado contra obras na Mexicana". In *Público*, Quarta-feira 27/7/1994.

MILHEIRO, Ana Vaz - "A produção arquitectónica da regiões ultramarinas nas revistas *Arquitectura e Binário*". In MESQUITA, Marieta Dá (coord.) - *Revistas de Arquitectura: Arquivo(s) da Modernidade*. Casal de Cambra: Caleidoscópio; **2011a**.

----- - "O Gabinete de Urbanização Colonial e a Arquitectura de promoção pública na Guiné Bissau durante o Estado Novo" (*Paper* apresentado na Conferência Internacional de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa em 27 de Janeiro de 2011). In FERNANDES, José Manuel - *África: arquitectura e urbanismo de matriz portuguesa*. Caleidoscópio; UAL. Casal de Cambra: Dez. **2011b**.

MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto - *O Ensino Moderno da Arquitectura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. (Dissertação de Doutoramento em Arquitectura) Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra), Julho **2011**.

MONTEIRO, Porfírio Pardal; **CHAVES**, Jorge Ferreira et al - "Excertos da Memória Descritiva para o Hotel Ritz". In *Binário*; nº 13, Outubro **1959**.

NEVES, José Manuel das - *Cadeiras Portuguesas Contemporâneas*. Edições Asa; **2003**.

MORAIS, João Sousa - *Mindelo: Património Urbano e Arquitectónico / Assentamento Urbano e os seus protagonistas*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, Julho **2010**.

NUNES, João Pedro Silva - *À escala humana: planeamento urbano e arquitectura de habitação em Olivais Sul (Lisboa, 1959-1969)*. CML; Lisboa: arquitectura e urbanismo; **2007**.

NUNES, Pedro Noronha - "Depoimento do arquitecto Celestino de Castro" (Entrevista de Pedro Noronha Nunes a Celestino de Castro conduzida na sua residência, rua Fernão Álvares Oriente nº 6 - 1º Esq., nos dias 6 de Janeiro e 28 de Março de 2007). In *A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa*; n.º 5. Porto: Out. **2007**.

OLIVEIRA, Luísa Soares de - *Jorge Vieira: O escultor solar*. Colecção Caminhos da Arte Portuguesa no Século XX. Editorial Caminho. **2007**.

PACHECO, Ana Assis - *Porfírio Pardal Monteiro, 1897-1957: A Obra do Arquitecto*. Tese de mestrado em História da Arte Contemporânea (texto policopiado); Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; **1998**.

----- - "A última obra de Porfírio Pardal Monteiro, o arquitecto de Lisboa". In TOSTÕES, Ana (coord.) - *Biblioteca Nacional: exterior - interior*. Lisboa: BN; **2004**.

PAGO, Ana - "Memórias de voo: A mulher-falcão". In *Notícias Magazine*; 27 Março **2005**.

PAULA, Rui Mendes - "Hotel do Garbe". In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*; nº 83, Setembro **1964**.

PARRADO, Marta - "Entrevista: Maria Amélia Chaves - A Primeira Engenheira Portuguesa". In *Revista Ingenium* N.º 96, Novembro/Dezembro de **2006**.

PEDREIRINHO, José Manuel - *Dicionário dos Arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*. Porto: Edições Afrontamento; **1994**.

PEREIRA, Nuno Teotónio - "Arquitectura do Estado Novo". In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, Ano III, 4ª série, nº 142, Jul. **1981**.

----- - "Cristino, Mestre de uma geração rebelde". In FERNANDES, José Manuel - *Luís Cristino da Silva (arquitecto)*. Fundação Calouste Gulbenkian; **1998**.

POMAR, Júlio da Silva - *Da necessidade duma Exposição de Arte Moderna*. In *Horizonte*. Lisboa: Ano I, nº 8, 2ª série, 13-6-**1942**.

PORTAS, Nuno - "A evolução da Arquitectura Moderna: Uma interpretação". In ZEVI, Bruno - *História da Arquitectura Moderna*, Vol. II. Lisboa: Editora Arcádia; **1973**.

PORTELA, Artur - *Salazarismo e artes plásticas*. Biblioteca Breve, Volume 68. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação e das Universidades; **1982**.

RAPOSO, Francisco Hipólito - "Pode ser que já seja irremediável salvar-se a Pastelaria Mexicana de uma intervenção pouco feliz". In *Vida: Revista do semanário O Independente*, 18 de Fevereiro de **1994**.

RAMOS, Carlos - "Concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio: Relatório do júri pelo arquitecto Carlos Ramos". In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, 2.ª série, ano XX, n.º 23-24, Maio-Junho de **1948**.

RAMOS, Carlos Manuel - "Biografia de Carlos Ramos". In AAVV. - *Carlos Ramos: exposição retrospectiva da sua obra* (catálogo de exposição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; **1986**.

RIBEIRO, Ana Isabel - *arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa, 1863-1953*. Porto: FAUP; **2002**.

RIBEIRO, Ana Isabel (Coord.); **CANELAS**, Alexandra (Colab.) - *Francisco Silva Dias: 50 anos de Arquitectura e Urbanismo em Portugal*. Almada: Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, Câmara Municipal de Almada; Janeiro **2006**.

- RODRIGUES**, Francisco Castro; **DIONÍSIO**, Eduarda - *Um cesto de cerejas: conversas, memórias, uma vida*. Lisboa: edição Casa da Achada - Centro Mário Dionísio; **2009**.
- ROSA**, Edite Maria Figueiredo e - *ODAM: Valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*. Tesis Doctoral dirigida por Dr. Teresa Rovira Llobera, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona; **2005**.
- ROSAS**, Fernando; **BRITO**, J.M. Brandão de - *Dicionário do Estado Novo*. Bertrand Editora; **1996**.
- RUELA**, Rosa - "Conta-me como era o Algarve...: Algarve yé-yé". In *Visão*; nº 906, Julho **2010**.
- SANTA RITA**, José Daniel; **SIMÕES**, Duarte Nuno - "A decoração do Hotel Ritz. O Sempiterno Problema da Conjugação das Artes". In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*; nº 67; **1960**.
- SANTOS**, Rui Afonso - "A cadeira contemporânea em Portugal; Os anos 60 e 70: a cadeira perante a utopia do design industrial". In NEVES, José Manuel das - *Cadeiras Portuguesas Contemporâneas*. Edições Asa; **2003**.
- SARAIVA**, Tiago Mota - "Celestino de Castro (1920-2007)". In *Arquitectos (Boletim da Ordem dos Arquitectos)*, ano XV nº 176; Set. **2007**.
- SERRÃO**, Joel; **MARQUES**, A.H. de Oliveira (Dir.); **ROSAS**, Fernando (coord.) - *Nova História de Portugal: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Editorial Presença, 1ª edição; **1992**.
- SKAPINAKIS**, Nikias - "O Sempiterno Problema da Conjugação das Artes; A propósito do Hotel Ritz. A decoração do Hotel Ritz". In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*; nº 67; **1960**.
- TEIXEIRA**, José de Monterroso - "Rotunda do Marquês: 'a cidade em si não cabia já' ou a monumentalidade (im)possível". In *Camões: revista de letras e culturas lusófonas*, número 15-16, Janeiro/Junho 2003. Lisboa: Instituto Camões. **2003**.
- TOSTÕES**, Ana - *Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP Publicações; [dissertação de mestrado em 1994] **1997**.
- - "Modernização e Regionalismo, 1948-1961". In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried (org.) - *Arquitectura do século XX: Portugal*. Prestel. Deutsches Architektur Museum; **1998**.
- (coord.) - *Biblioteca Nacional: exterior - interior*. Lisboa: BN; **2004a**.
- - "Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos". In TOSTÕES, Ana (ed.) - *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. Lisboa, IPPAR; **2004b**.
- - "Sob o Signo do Inquérito". In AA. VV. - *IAP XX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Ordem dos arquitectos; **2006**.

----- - “O final de 50 e o anúncio dos anos 60, tendência e moda de autor”. In PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*. X volume. Círculo de Leitores e Autores; [Reimpressão da 1ª edição em 3 volumes; 1995/1997] **2008a**.

----- - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. Edição do Clube do Coleccionador dos Correios. CTT Correios de Portugal; Maio de **2008b**.

TOSTÕES, Ana; **VIEIRA**, Joaquim (dir.) - *Pardal Monteiro*. Col. Fotobiografias do Século XX. Lisboa: Círculo de Leitores; Outubro de **2009**.

TOUSSAINT, Michel - “O Arquitecto”. In SILVA, João Pedro da Conceição (org); SILVA, Francisco Manuel da Conceição (org.) - *Francisco da Conceição Silva, Arquitecto; Propostas, projectos, Obras* (catálogo de exposição). Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes e Associação dos Arquitectos Portugueses; Maio de **1987**.

TOUSSAINT, Michel - “A Pastelaria Mexicana e o lado expressionista da arquitectura moderna”. In *J-A Jornal Arquitectos* nº 132, Fevereiro **1994a**.

----- - “Pastelaria Mexicana”. In *Guia de Arquitectura Lisboa 94*; Lisboa: edição Associação dos Arquitectos Portugueses, Sociedade Lisboa 94 e F.A.U.T.L.; **1994b**.

----- - “A Pastelaria Mexicana e o lado expressionista da arquitectura moderna”: Texto de Fundamentação para o pedido de Classificação da Pastelaria Mexicana como Imóvel de Interesse Público. In IPAAR, Processo 1/31 (94). **1994c**.

----- - *Texto do Abaixo-assinado em defesa da Pastelaria Mexicana*, dirigido ao IPPAR; 1994. In *Informação Arquitectos* nº 17, Agosto **1994d**.

----- - “Os Concursos de Arquitectura como Debate Disciplinar: Os três primeiros Quartos do Século XX”. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried (org.) - *Arquitectura do século XX: Portugal* (catálogo de exposição). Prestel. Deutsches Architektur Museum; **1998**.

----- (PEREIRA, Michel Toussaint Alves) - *Da arquitectura à teoria e o universo da teoria da arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX*. (Dissertação de Doutoramento em Teoria da Arquitectura, Orientador: Doutor Augusto Pereira Brandão). Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa; **2009**.

-----; **ALMEIDA**, Patrícia Bento de - *Guia de Arquitectura de Lisboa*. Lisboa: Livraria A+A [no prelo]. **2012**.

TRIGUEIROS, Luís Forjaz - “IX Exposição Geral de Artes Plásticas”. In *Brotéria: Revista contemporânea de cultura*, Volume LX, nº1. Lisboa: **1955**.

VALADÃO, Ramiro - “X Exposição Geral de Artes Plásticas”. In *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Edição do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo; nº 3, III Série, Setembro **1956**.

S/A - “A urbanização do Largo General Carmona”. In *Concelho de Rio Maior*, nº 223, ano 13º, Quinta feira, 1 Abril **1948**.

S/A - “Concurso para uma Casa de Férias no Alto Rodízio”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* nº 23/24, Maio/Junho **1948**.

S/A - “Obra 154”. In *Catálogo da I Exposição Geral de Artes Plásticas*; **1946**.

S/A - “Obras 142 e 143”. In *Catálogo da V Exposição Geral de Artes Plásticas*; **1950**.

S/A - “Obra 81”. In *Catálogo da IX Exposição Geral de Artes Plásticas*; **1955**.

S/A - “Obra 124: Projecto para a nova sede da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné, a construir em Bissau”. In *Catálogo da X Exposição Geral de Artes Plásticas 1956 - Dez anos de Exposição Geral de Artes Plásticas 1945-1956*; Sociedade Nacional de Belas-Artes. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia; **1956**.

S/A - *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio-Junho de 1948. Relatório da Comissão Executiva. Teses, Conclusões e Votos do Congresso*. Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa: **1948**.

S/A - “Exposição dos arquitectos do Porto ao Presidente da Câmara Municipal àcerca da imposição de um estilo às novas edificações”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, 2.ª série, ano XXII, n.º 32, Ago./Set. **1949**.

S/A - “Concurso Lusalite: resultados”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, 2.ª série, ano XXIV, n.º 38/39, Maio. **1951**.

S/A - *Troisième Congrès de L'Union Internationale des Architectes: Rapport Final*. Librairie Portugal, Lisbonne, UIA Portugal; **1953**.

S/A - “A propósito do novo hotel de Lisboa”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*; 2ª série, nº 47, Junho **1953**.

S.A. - “Opulento de grandeza, o Hotel Ritz”. In *O Século*; 25 Novembro **1959**.

S/A - “Noticiário: Eduardo Malta”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* nº 65, Junho **1959**.

S/A - “O caso da sede de Fundação Gulbenkian: documentos publicados na Circular nº26/26 do Sindicato Nacional dos Arquitectos”. In *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* nº 65, Junho **1959**.

S/A - “A «batalha do turismo» documentada no S.N.I. numa exposição de maquetas do novo equipamento hoteleiro”. In *Diário de Lisboa*; Segunda-Feira, 17 de Agosto de **1964**.

S.A. - *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento da Cidade do Mindelo*. Cabo Verde, Praia: Edição do Fundo de Desenvolvimento Nacional - Ministério da Economia e das Finanças, publicação do Ministério da Habitação e Obras Públicas, **1980**.

S/A - *Discriminação política no emprego no Regime Fascista*. Presidência do Conselho de Ministros - Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista. Lisboa: Outubro **1982**.

S/A - “Mexicana renasce com obra de 100 mil contos [entrevista com o arquitecto Eduardo Capinha Lopes]”. In *Correio da Manhã*, 7 de Maio de **1996**.

S/A - “Um invento português”. In *A Verdade*; 31 de Outubro de **1936**.

S/A - “Novos Livros: Noções elementares de aviação”. In *A Capital* nº 2910; 9º ano; Lisboa: Domingo, 27 de Outubro de **1918**.

S/A - “Ainda a defesa da Pátria”. In *Ilustração Portuguesa* nº 336; Lisboa: 29 de Julho de **1912**.

7.2. Websites

AMARAL, Keil do - “Homenagem a Carlos Ramos”. Discurso proferido no Tivoli, **1967** (manuscrito - espólio Carlos Ramos); citado por COUTINHO, Bárbara - “Carlos Ramos. Figuras da Cultura Portuguesa”. In Website do *Centro Virtual Camões do Instituto Camões*.

[<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1403-carlos-ramos.html>] (acesso 24-3-2011).

CASSONI, Ana Carolina - “António Gedeão - Professor, pedagogo, poeta, investigador, historiador, escritor...” . In Website *António é o meu nome. Rómulo de Carvalho*. **2007**.

[<http://www.romulodecarvalho.net/>] (acesso 18-9-2011).

COELHO, Fátima - “Nuno Teotónio Pereira: Breve biografia”. In Exposição Bibliográfica / Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - Selecção de obras existentes no acervo documental da Biblioteca Keil do Amaral. Lisboa. **2010**. (acesso 6-1-2012).

[http://oasrs.org/media/files/NTP_Cat%C3%A1logo_Exposi%C3%A7%C3%A3o.pdf]

COUTINHO, Júlia - “José Dias Coelho: breve cronologia pessoal e afluentes”. **2005**.

In website *Estudos sobre o comunismo. Os movimentos radicais da esquerda e a oposição ao estado novo*.

[<http://estudossobrecomunismo2.wordpress.com/2005/07/15/julia-coutinho-jose-dias-coelho-breve-cronologia-pessoal-e-afluentes/>] (acesso 30-1-2012).

CRATO, Nuno - “Rómulo de Carvalho, pedagogo. Cronologia de Rómulo de Carvalho”. **2006**.

In website da *Biblioteca Nacional*. [<http://purl.pt/12157/1/index.html>] (acesso 18-9-2011).

ESTRELA, Alexandre - Website *Márgenes*.

[http://www.margenesfestival.com/videoastas_eng.html] (acesso 17-11-2011).

LOPES, Irina Alexandra - “Novo contributo para o estudo da Obra de Armando Figueiredo de Lucena”. In cm-mafra.pt/publicações, *Boletim Cultural* **2006**. (p. 362-401). (acesso 28-3-2011).

[http://www.cm-mafra.pt/publicacoes/Boletim_Cultural_2006/271045_CM_018.pdf]

MESQUITA, José Carlos Vilhena – “O primeiro jornal diário de Faro”. In blog: *Algarve - História e Cultura*. [<http://algarvehistoriacultura.blogspot.com/2009/08/o-primeiro-jornal-diario-de-faro.html>] (acesso 17-11-2011).

MILHEIRO, Ana Vaz; **DIAS**, Eduardo Costa - "Arquitectura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974)". In usjt.br / *arq.urb: Revista electrónica de arquitectura e urbanismo* nº 02; **2009**.

[http://www.usjt.br/arq.urb/numero_02/artigo_ana.pdf] (acesso 13-5-2010).

NUNES, Pedro Noronha - "Depoimento do arquitecto Celestino de Castro" (entrevista de Pedro Noronha Nunes a Celestino de Castro conduzida na sua residência, rua Fernão Álvares Oriente nº 6 - 1º Esq., nos dias 6 de Janeiro e 28 de Março de 2007). In *A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa*; **2007**.

[<http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/771/1/9-20Pages%20from%20aObraNasce05.pdf>] (acesso 27-11-2011).

RÊGO, Manuela; **LOPES**, Fátima - "António é o meu nome - Rómulo de Carvalho". In website: *Biblioteca Nacional*.

[<http://www.bnportugal.pt/agenda/romulo/catalogo-romulo-vr.pdf>] (acesso 18-9-2011).

SANTOS, David - "O sentido da hora e o amor do mundo: Júlio Pomar e a promessa humanista do neo-realismo". In website: *Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*.

[http://www.cm-vfxira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=47665] (acesso 26-12-2011).

SIPA -

"Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Bissau". Número IPA: GW910301000021.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32716] (acesso 3-2-2012)

"Edifício CGD, de São Pedro do Sul". Número IPA: PT021816140154.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22096] (acesso 3-2-2012)

"Edifício CGD, de Serpa". Número IPA: PT040213050057.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22249] (acesso 5-2-2012)

"Edifício na Rua da Ilha do Príncipe, nº 7". Número IPA: PT031106061633.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29707] (acesso 3-2-2012)

"Pastelaria, Café e Restaurante A Mexicana". Número IPA: PT031106430319.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5958] (acesso 3-2-2012)

"Hotel Ritz". Número IPA: PT031106500559.

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7781] (acesso 3-2-2012)

"Hotel Garbe" Número IPA: PT050813030061

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24770] (acesso 3-2-2012)

"Hotel Globo" Número IPA: PT050811030056

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=33445] (acesso 3-2-2012)

"Hotel da Baleeira" Número IPA: PT050815040036

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=33444] (acesso 3-2-2012)

"Estalagem 4 estradas / Estalagem de São Jorge" Número IPA: PT050813040073

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=33443] (acesso 3-2-2012)

“Hotel Flórida” Número IPA: PT031106141649

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=33464] (acesso 3-2-2012)

“Estação Ferroviária de Caxias” Número IPA: PT031110110126

[http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=33465] (acesso 3-2-2012)

SOARES, Mário - “O tempo e a memória: um incansável trabalhador”. In Textos de Mário Soares; Fundação Mário Soares. **2008**. Website: *Fundação Mário Soares*.

[http://www.fmsoares.pt/mario_soares/textos_ms/002/103.pdf] (acesso 6-10-2011).

S/A - Website IAP XX: [<http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>] (ac 16-1-2012).

S/A - “Concelho de Faro”. In website: *A Imprensa Regional Algarvia*. (p. 7)

[<http://www.prof2000.pt/users/jotabe/faro08.htm>] (acesso 17-11-2011).

S/A - “Professores do Liceu Central Infante Dom Henrique”. In website: *Na esquina do tempo; magazine cultural online*.

[<http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/132408.html?thread=234296>] (acesso 29-7-2011).

S/A - “Cruz, Ivo”. In website: *Centro de Investigação & informação da Música Portuguesa*.

[http://www.mic.pt/dispatcher?where=0&what=2&show=0&peessoa_id=152] (11-12-2011).

S/A - “Presos políticos II”. In website: *Centenário da Republica*. (acesso 30-10-2011).

[<http://www.centenariodarepublica.org/centenario/2008/07/16/presos-politicos-ii/>]

S/A - “Pintura”. In website: *Segurança e higiene industrial*.

[<http://www.oocities.org/thetropics/island/3673/armandolucena.html>] (acesso 17-11-2011).

S/A - “Vieira da Silva”. In website: *Artelection*.

[http://www.artelection.com/artistas_detalhe.php?cd_artista=204] (acesso 17-11-2011).

S/A - “Cristino da Silva (1896 - 1976)”. In website: *Assembleia da Republica*.

[<http://www.parlamento.pt/VisitaVirtual/Paginas/BiogCristinodaSilva.aspx>] (acesso 23-3-2011).

S/A - “Legado Arquitecto Mateus Júnior”. In website: *Cinemateca Portuguesa-Museu Do Cinema*.

[<http://www.cinemateca.pt/CinematecaSite/media/Documentos/Microsoft-Word---Legado-Arq-Mateus-Junior.pdf>] (acesso 24-11-2011).

S/A - Website: *Associação Naval de Lisboa*.

[http://www.clubenavaldelisboa.pt/index.php?text_id=2] (acesso 24-11-2011).

S/A - “História”. In website: *Pardal Monteiro - Arquitectos*.

[<http://www.pardalmonteiro.com/historia.htm>] (acesso em 26-1-2012).

S/A - “Presidentes anteriores”. In website: *OA*.

[<http://www.arquitectos.pt/index.htm?no=101068,295>] (acesso 11-8-2011).

7.3. Documentos manuscritos e dactiloscritos inéditos

7.3.1. Correspondência particular e profissional de Jorge Ferreira Chaves

- Carta de Maria Helena Ferreira Chaves [irmã de JFC], endereçada a JFC. Lisboa, 5 de Dezembro de **1942**.
- Carta de Elvira Ferreira Chaves [mãe de JFC], endereçada a JFC. Lisboa, 22 de Janeiro de **1943**.
- Carta de JFC, endereçada a Raúl Pires Ferreira Chaves [pai de JFC]. Ponta Delgada, 18 de Janeiro de **1944**.
- Carta de JFC, Álvaro Petersen e Júlio do Nascimento Cascais, endereçada ao Presidente da CML. Lisboa, **1951**.
- Carta de JFC endereçada a Manuel Valente [sócio da firma J. Valente & Irmãos Lda.]. Lisboa, 18 de Julho de **1952**.
- Carta de JFC, endereçada ao Conselho de Administração da Sodim. Lisboa, **1956**.
- Carta de JFC, endereçada ao Conselho de Administração da Sodim. Lisboa, 12 de Janeiro de **1957**.
- Carta da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné (ACIAG), endereçada a JFC. Bissau, 19 de Dezembro de **1951**.
- Carta da ACIAG, endereçada a JFC. Bissau, 22 de Janeiro de **1958**.
- Carta de JFC, endereçada à ACIAG. Lisboa, [sem data]; resposta a carta de 22 de Janeiro de **1958**.
- Carta de JFC, endereçada a Raúl Pires Ferreira Chaves [pai de JFC]. Lisboa, 12 de Fevereiro de **1958**.
- Carta da ACIAG, endereçada a JFC. Bissau, 22 de Fevereiro de **1958**.
- Carta de David Wainwright, endereçada a JFC. Londres, 1 de Outubro de **1963**.
- Carta de JFC, endereçada a David Wainwright, [resposta à anterior carta de 1 de Outubro de 1963]. Lisboa, 2 de Novembro de **1963**.
- Carta de JFC, endereçada à Arquitur. Lisboa, 30 de Outubro de **1973**.
- Carta de JFC endereçada ao arquitecto Luiz Fernandes Pinto. Lisboa, 8 de Junho de **1976**.

7.3.2. Agenda Profissional de Jorge Ferreira Chaves

- Ficha da Agenda Profissional de JFC, de 27 de Maio de **1969**. Arquivo JFC.

7.3.3. Documentos de identificação de Jorge Ferreira Chaves

- Passaporte 14/44/52, série e número AQ5182, emitido em Lisboa em 21 de Novembro de **1952**, válido até 20 de Novembro de **1954**.
- Passaporte 1446/60, série e número CG8765, emitido em Lisboa em 29 de Fevereiro de **1960**, válido até 28 de Fevereiro de **1962**.
- Passaporte 18235/74, série e número D-643676, emitido em Lisboa em 15 de Maio de **1974**, válido até 15 de Maio de **1979**.
- Carta de condução de automóveis ligeiros L-175559 de 13 de Setembro de **1958**.

7.3.4. Processos da PIDE – processos de Jorge Ferreira Chaves

- Processo Individual N.º 27.070 - S. Inf. (PP 3869). Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.
- Processo Individual N.º 3307/57. Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.
- Boletins de informação N.º 276.538. Arquivo da PIDE; Arquivo Nacional Torre do Tombo.

7.3.5. Arquivo do Sindicato Nacional dos Arquitectos

Livros de registos do SNA

- Livro de inscrições no SNA;
- Livro dos Autos de Posse dos Corpos Gerentes do SNA;
- Livro de Presenças da Assembleia Geral do SNA;
- Livro de presenças nas sessões de grupos de trabalho do SNA;
- Livro de Actas da Assembleia Geral do SNA. Actas nº 94 a nº 113. De 5 de Julho de **1954** a 18 de Março de **1957**. [120 páginas utilizadas, de 200]. [Livro 4];
- Rascunhos das actas nº 114 a 124 [que deveriam estar inscritas no Livro 4, e das quais estavam em falta as actas nº 117, 118, 122 e 123];
- Livro de Actas da Assembleia Geral do SNA. Actas nº 125 a 146. De 18 de Novembro de **1957** a 16 de Março de **1964**. 200 páginas utilizadas [de 200]. [Livro 5].

Processos de sócios do Sindicato Nacional dos Arquitectos

Processos existentes na Base de Dados da OA, dos arquitectos:

Álvaro Valladas Petersen, Anselmo Fernandez Rodriguez, António Pedro Batista Pardal Monteiro, Artur Pires Martins, Cândido Palma Teixeira de Melo, Carlos dos Santos Duarte, Carlos Filomeno dos Anjos de Sousa Sardinha, Eduardo Augusto Alves Goulartt de Medeiros, Fernando Sá Reis, Filipe Nobre de Figueiredo, Joaquim Ferreira, Joaquim Frederico Barroso, Sant'ana, Jorge de Herédia, Luís Augusto Botelho Coelho Borges, Marco Paulo Ferreira Chaves, Mário Xavier Henriques Antunes, Miguel Simões Jacobetty Rosa, Porfírio Pardal Monteiro, Vítor Manuel de Sousa Figueiredo.

Correspondência relativa ao concurso para a sede da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné

Cartas existentes no Espólio do SNA, à guarda da Biblioteca da SRS/Ordem dos Arquitectos:

- Carta de Raúl Pires Ferreira Chaves (Presidente da Direcção da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné - ACIAG), endereçada ao Presidente do SNA. Bissau, 18 de Novembro de **1949**.
- Carta de Inácio Peres Fernandes (Secretário do SNA), endereçada ao Presidente da Direcção da ACIAG. Lisboa, 19 de Dezembro de **1949**.
- Carta de Augusto Custódio Gouveia (Presidente da Direcção da ACIAG), endereçada ao Presidente do SNA. Bissau, 14 de Janeiro de **1950**.
- Carta de Inácio Peres Fernandes (Secretário do SNA), endereçada ao Presidente da Direcção da ACIAG. Lisboa, 4 de Março de **1950**.
- Carta de Inácio Peres Fernandes (Secretário do SNA), endereçada ao Dr. Manuel da Cunha e Costa Marques Mano (Presidente do Júri do concurso para a sede da ACIAG). Lisboa, 4 de Março de **1950**.
- Carta de Francisco Velloso (Secretário Geral da Associação Comercial de Lisboa), endereçada ao Presidente do SNA. Lisboa, 23 de Outubro de **1951**.
- Carta de Francisco Velloso (Secretário Geral da Associação Comercial de Lisboa), endereçada ao Presidente do SNA. Lisboa, 9 de Novembro de **1951**.

7.3.6. Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos

Caso da CGD de Serpa

- Carta do Presidente da Câmara Municipal de Serpa endereçada à Administração da CGD. Serpa, 1 de Outubro de **1962**.
- Carta do Presidente da CMS endereçada ao Eng. Director da Comissão Administrativa das Obras da CGD. Serpa, 30 de Julho de **1963**.

- Carta do Eng. Director da Comissão Administrativa das Obras da CGD (José A. De Figueiredo e Castro), endereçada ao Presidente da CMS. Lisboa, 21 de Agosto de **1963**.

Caso da CGD de Cascais

- Ofício nº 25, do Engenheiro Director Delegado da Comissão Administrativa das Obras da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência (José de Espregueira Mendes) enviado ao Engenheiro Director dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Lisboa, 12 de Janeiro de **1963**.
- Ofício nº 287, do Engenheiro Director Delegado da Comissão Administrativa das Obras da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência (José de Espregueira Mendes) enviado ao Engenheiro Director dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Lisboa, 29 de Abril de **1963**.

7.3.7. Processos camarários relativos a projectos

Foram consultados no Arquivo Intermédio Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa os seguintes processos:

- Av. Almirante Gago Coutinho 153-153A (lotes 61 e 62). Proc. 50388/69.
- Av. Almirante Gago Coutinho 82, 84, 86, 88, 90 (proc. 11214; obra nº 7962) e 92.
- Av. Júlio Dinis nº 6, 23 e 27.
- R. Rodrigues Sampaio 50-50B. Proc. 14680 (1947) e 22352 (1947); obra nº 51486.
- Av. Manuel da Maia 2-2A. Proc. 42256 (1963); obra nº 11104.
- R. Castilho 77-77A. Obra n.º 27777 (1954).

7.3.8. Processos de alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa

Arquivo da FAUTL. Processos de alunos da EBAL:

- Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. Aluno nº 2080, Proc. 11, caixa 53;
- Álvaro Valladas Petersen, Anselmo Fernandez Rodriguez, Artur Pires Martins, Cândido Palma Teixeira de Melo, Carlos dos Santos Duarte, Eduardo Augusto Alves Goulartt Medeiros, Fernando Sá Reis, Joaquim Frederico Barroso Sant'ana, Jorge de Herédia, José Francisco Melo Raposo, Mário Xavier Henriques Antunes, Júlio do Nascimento Cascais.

7.3.9. Cadastro de alunos Liceu Normal de Pedro Nunes

Registos do aluno Jorge Ribeiro Ferreira Chaves. Anos lectivos de 1931/1932 a 1934/1935.

DECLARAÇÃO

A dissertação ***Vida e Obra do Arquitecto Jorge Ferreira Chaves: Cronologia*** foi escrita utilizando sessenta e duas mil e dezasete palavras escritas em 167 páginas.

Manuel Pedro Fialho Ferreira Chaves

